



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIODIVERSIDADE
E BIOTECNOLOGIA DA REDE BIONORTE**

**CONHECIMENTO E USO DA BIODIVERSIDADE DE PLANTAS NO
DISTRITO DE MIMOSO (SANTO ANTÔNIO DE LEVERGER), MATO
GROSSO, BRASIL - RESERVA DA BIOSFERA DO PANTANAL**

MARGÔ DE DAVID

**Cáceres – MT
Outubro/2022**

MARGÔ DE DAVID

**CONHECIMENTO E USO DA BIODIVERSIDADE DE PLANTAS NO
DISTRITO DE MIMOSO (SANTO ANTÔNIO DE LEVERGER), MATO
GROSSO, BRASIL - RESERVA DA BIOSFERA DO PANTANAL**

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Biotecnologia - Rede BIONORTE, na Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutor em Biodiversidade e Biotecnologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Carolina Joana da Silva

**Cáceres – MT
Outubro/2022**

FICHA CATALOGRÁFICA

De David, Margô

Conhecimento e uso da biodiversidade de plantas no Distrito de Mimoso (Santo Antônio de Leverger), Mato Grosso, Brasil - Reserva da Biosfera do Pantanal / Margô De David – Cáceres: MT, 2023.

164 f.: il.

Orientadora: Carolina Joana da Silva

Tese (Doutorado) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Biotecnologia – Rede BIONORTE, 2022.

CDU xxx

MARGÔ DE DAVID

**CONHECIMENTO E USO DA BIODIVERSIDADE DE PLANTAS NO
DISTRITO DE MIMOSO (SANTO ANTÔNIO DE LEVERGER), MATO
GROSSO, BRASIL - RESERVA DA BIOSFERA DO PANTANAL**

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Biotecnologia - Rede BIONORTE, na Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutor em Biodiversidade e Biotecnologia.

Aprovada em: 22 de novembro de 2022.

Banca examinadora

Documento assinado digitalmente
 CAROLINA JOANA DA SILVA NOGUEIRA
Data: 21/12/2022 16:48:25-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof.^a Dra. Carolina Joana da Silva (Orientadora)
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

Documento assinado digitalmente
 ANA APARECIDA BANDINI ROSSI
Data: 19/12/2022 11:10:50-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof.^a Dra. Ana Aparecida Bandini Rossi
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)



Documento assinado digitalmente

MARIA CORETTE PASA

Data: 19/12/2022 23:03:41-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof.^a Dra. Maria Corette Pasa
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)



Documento assinado digitalmente

LAURA JANE GISLOTI

Data: 21/12/2022 09:51:37-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof.^a Dra. Laura Jane Gisloti
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)



Documento assinado digitalmente

REINALDO FARIAS PAIVA DE LUCENA

Data: 21/12/2022 10:06:17-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Reinaldo Farias Paiva de Lucena
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

DEDICO

Ao meu esposo Luis e aos meus filhos Gustavo e Marcela, pelo amor, carinho e compreensão recebidos e pela motivação em realizar este trabalho, que certamente contribuiu para meu crescimento pessoal, espiritual e profissional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e pela proteção em todos os momentos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Biotecnologia da Rede Bionorte, Universidade do Estado de Mato Grosso (Pós-Graduação Bionorte/UNEMAT/UFMT) pela oportunidade na realização dessa pesquisa.

Em especial, à minha orientadora Prof.^a Dra. Carolina Joana da Silva, por me proporcionar o conhecimento da Etnobiologia. Sua orientação, apoio e ensinamentos foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Ao coordenador do curso Prof. Dr. Domingos Tabajara de Oliveira Martins e aos professores do programa, pelo apoio e ensinamentos.

Agradeço carinhosamente à amiga Prof.^a Dra. Maria Corette Pasa, pelo incentivo, pelas oportunidades e por me conduzir na iniciação à pesquisa.

Sou grata aos membros da Banca de Qualificação, Prof.^a Dra. Ana Aparecida Bandini Rossi, Prof. Dr. Joari Costa de Arruda, Prof.^a Dra. Joana Aparecida Fernandes Silva pelas sugestões.

Aos membros da Banca de Defesa, Prof.^a Dra. Ana Aparecida Bandini Rossi, Prof.^a Dra. Maria Corette Pasa, Prof.^a Dra. Laura Jane Gisloti, Prof. Dr. Reinaldo Farias Paiva de Lucena por aceitar e doar seu precioso tempo para avaliar este trabalho.

À minha família, especialmente ao meu esposo Luis, pelo amor, apoio e companhia, em todos os momentos. Aos meus filhos amados, Marcela pela parceria nos registros de imagens e Gustavo pelo incentivo e à querida nora Natália, obrigada pelo carinho, atenção e amor de todos vocês. Aos meus pais Elli e Ademir, pelo amor incondicional e por acreditar em mim.

Aos colegas de curso pela amizade, carinho e convivência na trajetória acadêmica.

Meu agradecimento aos moradores da Comunidade Tradicional Mimoso. Obrigada a todas as pessoas que me receberam em suas casas e aceitaram participar dessa pesquisa, doando

seu tempo, compartilhando seus conhecimentos, suas histórias de vida. Gratidão à Dona Deuzita por todos os momentos e longas conversas mesmo em tempo de pandemia, à sua filha Evaldina (*in memorian*) pela receptividade, à Dona Darení pelo acolhimento em sua casa e por compartilhar seus saberes, ao Seu Anibal pelos ensinamentos, ao Seu Vadinho pela generosidade, à Dona Tónica por partilhar tanta sabedoria, ao Seu Hugo (*in memorian*) pelo carinho e sorriso sincero, ao Seu Leleu e Dona Maria pelo acolhimento, ao Seu Oropa e Dona Erondina pela atenção, à Dona Diinha e Dona Joanil pelas histórias das festas de santo, à Dona Gonçalina pela simpatia e pelos relatos de seu poderoso xarope de jatobá, ao Seu Adão e sua filha Creuzane pela disponibilidade em me receber, e tantos outros mimoseanos meus mais sinceros agradecimentos.

Agradeço à equipe gestora da Escola Estadual Santa Claudina, pela acolhida e pelo consentimento na realização dessa pesquisa. Aos professores, pela permissão em adentrar nas salas durante suas aulas, aos demais funcionários da Escola pela receptividade e, em especial aos estudantes pela participação, atenção e carinho.

Obrigada por me ensinar tanto e ao mesmo tempo me fazer uma pessoa melhor

RESUMO GERAL

DE DAVID, Margô. **Conhecimento e uso da biodiversidade de plantas no Distrito de Mimoso (Santo Antônio de Leverger), Mato Grosso, Brasil - Reserva da Biosfera do Pantanal**. 2022. 164 f. Tese (Doutorado em Biodiversidade e Biotecnologia) - Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres-MT, 2022.

O pantanal mato-grossense é constituído de uma grande biodiversidade e sociodiversidade. Nele convivem povos diversificados, indígenas, populações tradicionais, ribeirinhos, pescadores, em seus múltiplos macrohabitats. Apesar dessa abundância sociocultural, são poucos os estudos a respeito da transmissão do conhecimento tradicional, também denominado etnoconhecimento. O presente trabalho aborda a etnografia da Comunidade Tradicional Mimoso, com foco nas relações dessa população com a natureza local. O objetivo principal é investigar os processos de transmissão do conhecimento tradicional, adquirido ao longo de suas trajetórias de vida, a respeito da biodiversidade de plantas e de seu uso para a garantia e permanência no Pantanal. Para buscar o conhecimento tradicional presente nessa comunidade utilizamos as Etnociências, que surgem como excelente instrumento metodológico para o estudo das interações entre as populações humanas e a natureza, com destaque nos aspectos culturais. Este estudo segue as abordagens qualitativa e quantitativa. Com a finalidade de contemplar os objetivos propostos utilizamos na metodologia a pesquisa de campo com os métodos bola de neve, entrevista semiestruturada, questionário, observação participante e história de vida. Na análise dos dados utilizamos estatística descritiva, escalonamento multidimensional (MDS) para medir a similaridade do uso da biodiversidade de plantas e análise de cluster para agrupar as categorias de usos das plantas. A partir desse enfoque procuramos responder os seguintes questionamentos: *i)* Como permeia as interações culturais e o conhecimento ecológico tradicional de plantas na Comunidade Mimoso? *ii)* Nesta comunidade qual o acervo da biodiversidade de plantas na Morraria são conhecidas, manejadas e usadas? Nesta comunidade está ocorrendo a manutenção temporal do conhecimento e uso da biodiversidade de plantas? *iii)* Existe transmissão intergeracional a respeito do conhecimento e uso da biodiversidade de plantas? *vi)* Quais aspectos culturais emergem e são valorizados na Comunidade Mimoso? Os interlocutores da pesquisa são mimoseanos (maioria) e jovens estudantes da Escola Santa Claudina. No Capítulo 1 descrevemos quem são os moradores da Comunidade Mimoso, o tempo que estão no sistema, suas atividades

diárias, os aspectos econômicos e socioculturais. No Capítulo 2 comparamos o uso das plantas do macrohabitat Morraria em dois períodos (ano 2000 e ano 2020) e concluímos que a maioria das espécies continuam sendo utilizadas pelos mimoseanos, algumas espécies utilizadas no passado não fazem parte do uso atual e outras passaram a ser utilizadas atualmente. No Capítulo 3 verificamos que o conhecimento tradicional está presente na comunidade, principalmente entre a população mais experiente (adultos), e a transmissão desse conhecimento para os adolescentes e jovens (estudantes) pode diminuir, à medida que parte desses jovens migram para o meio urbano em busca de trabalho ou de completar os estudos. No Capítulo 4 apresentamos os aspectos religiosos dos mimoseanos, destacamos a devoção aos santos, principalmente à Santo Antônio, o padroeiro da comunidade. Descrevemos a observação participante realizada na Festa de Santo Antônio, desde seus preparativos até a sua materialização.

Palavras-chave: Comunidade tradicional; Etnoconhecimento; Pantanal mato-grossense; Sociodiversidade.

ABSTRACT

DE DAVID, Margô. **Knowledge and use of plant biodiversity in the Mimoso District (Santo Antônio de Leverger), Mato Grosso, Brazil - Pantanal Biosphere Reserve.** 2022. 164 f. Tese (Doutorado em Biodiversidade e Biotecnologia da Rede Bionorte) - Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres-MT, 2022.

The Pantanal of Mato Grosso is made up of great biodiversity and socio-diversity. In it coexist diversified peoples, indigenous, traditional populations, riverside people, fishermen, in their multiple macrohabitats. Despite this sociocultural abundance, there are few studies on the transmission of traditional knowledge, also known as ethnoknowledge. The present work deals with the ethnography of the Mimoso Traditional Community, focusing on the relations of this population with the local nature. The main objective is to investigate the transmission processes of traditional knowledge, acquired throughout their life trajectories, regarding plant biodiversity and its use to guarantee and permanence in the Pantanal. In order to seek the traditional knowledge present in this community, we used Ethnoscience, which appear as an excellent methodological instrument for the study of interactions between human populations and nature, with emphasis on cultural aspects. This study follows both qualitative and quantitative approaches. In order to contemplate the proposed objectives, we used in the methodology the field research with the snowball methods, semi-structured interview, questionnaire, participant observation and life story. In the data analysis we used descriptive statistics, multidimensional scaling (MDS) to measure the similarity of use of plant biodiversity and cluster analysis to group categories of plant uses. Based on this focus, we seek to answer the following questions: i) How does cultural interactions and traditional ecological knowledge of plants permeate in the Mimoso Community? ii) In this community, which collection of plant biodiversity in Morraria are known, managed and used? Is the temporal maintenance of knowledge and use of plant biodiversity taking place in this community? iii) Is there intergenerational transmission regarding the knowledge and use of plant biodiversity? vi) What cultural aspects emerge and are valued in the Mimoso Community? The research interlocutors are mimosoans (most) and young students from Escola Santa Claudina. In Chapter 1 we describe who the residents of the Mimoso Community are, how long they have been in the system, their daily activities, economic and socio-cultural aspects. In Chapter 2 we compare the use of plants from the

Morraria macrohabitat in two periods (year 2000 and year 2020) and we conclude that most species continue to be used by mimoseans, some species used in the past are not part of current use and others have become currently used. In Chapter 3, we verified that traditional knowledge is present in the community, mainly among the more experienced population (adults), and the transmission of this knowledge to adolescents and young people (students) may decrease, as part of these young people migrate to the urban environment. looking for work or to complete their studies. In Chapter 4 we present the religious aspects of the mimoseans, highlighting the devotion to the saints, mainly Saint Anthony, the patron saint of the community. We describe the participant observation carried out at the Festa de Santo Antônio, from its preparations to its materialization.

Keywords: Traditional community; Ethnoknowledge; Pantanal in Mato Grosso; Sociodiversity.

LISTA DE FIGURAS

CAPÍTULO 1. A comunidade tradicional pantaneira de mimoso na reserva da biosfera do pantanal

- Figura 1.** Área de estudo: Comunidade Mimoso, Santo Antônio de Leverger – MT, 2022. **32**
- Figura 2.** Arquitetura das casas mimoseanas, Santo Antônio de Leverger – MT, 2022. **40**
- Figura 3.** Nuvem de palavras gerada das narrativas dos mimoseanos como resposta da vivência na comunidade. Santo Antônio de Leverger – MT. **41**
- Figura 4.** Produtos bioculturais da Comunidade Mimoso, Santo Antônio de Leverger - MT. **45**

CAPÍTULO 2. Estudo comparativo sobre o conhecimento e uso da biodiversidade de plantas no Distrito de Mimoso (Santo Antônio de Leverger), Mato Grosso, Brasil - Reserva da Biosfera do Pantanal

- Figura 1.** Área de estudo: Comunidade Mimoso, Santo Antônio de Leverger – MT, 2022. **61**
- Figura 2.** Principais famílias botânicas das etnoespécies utilizadas da morraria Mimoso. **74**
- Figura 3.** Categorias de usos de etnoespécies dos anos 2000 e 2020. **74**
- Figura 4.** Diagrama de Escalonamento Multidimensional - MDS, agrupamento de categorias de uso das plantas em estudos realizados em 2000 e 2020. **75**
- Figura 5.** Cluster de similaridade de categorias de uso das plantas da morraria Mimoso em 2000 e 2020. **76**

CAPÍTULO 3. Transmissão de conhecimento entre gerações na Comunidade Tradicional Mimoso, Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso – Reserva da Biosfera do Pantanal

- Figura 1.** Comunidade Tradicional Mimoso, Santo Antônio de Leverger - MT. 2022. **103**
- Figura 2.** Vista aérea da Comunidade Tradicional Mimoso, Santo Antônio de Leverger – MT. 2022. **104**
- Figura 3.** Escola Estadual Santa Claudina, Comunidade Tradicional Mimoso, Santo Antônio de Leverger - MT. 2022. **104**
- Figura 4.** Atividades realizadas pelos estudantes da Escola Santa Claudina. **107**
- Figura 5.** Nuvem de palavras gerada das narrativas dos estudantes da Escola Santa Claudina. **109**

Figura 6. Comparação do conhecimento e uso das categorias de plantas do macrohabitat Morraria.	111
Figura 7. Comparação do conhecimento e uso das categorias de planta do macrohabitat Sopé.	113
Figura 8. Comparação do conhecimento e uso das categorias de planta do macrohabitat Pantanal.	115
Figura 9. Cluster de similaridade do conhecimento das plantas presentes nos macrohabitats da Comunidade Tradicional Mimoso.	116
Figura 10. Cluster de similaridade do conhecimento das plantas nativas presentes nos macrohabitats da Comunidade Tradicional Mimoso.	117
Figura 11. Cluster de similaridade do conhecimento das plantas cultivadas presentes nos macrohabitats da Comunidade Tradicional Mimoso.	119
Figura 12. Diagrama de Escalonamento Multidimensional – MDS - Agrupamento do conhecimento das plantas presentes nos macrohabitats da Comunidade Tradicional Mimoso.	120
Figura 13. Diagrama de Escalonamento Multidimensional – MDS - Agrupamento do conhecimento das plantas nativas presentes nos macrohabitats da Comunidade Tradicional Mimoso.	121
Figura 14. Diagrama de Escalonamento Multidimensional-MDS-Agrupamento do conhecimento das plantas cultivadas presentes nos macrohabitats da Comunidade Tradicional Mimoso.	122
CAPÍTULO 4. Devoção dos pantaneiros e a Festa de Santo Antônio na Comunidade Tradicional Mimoso, Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso	
Figura 1. Comunidade Tradicional Mimoso, Santo Antônio de Leverger - MT. 2022.	141
Figura 2. Nichos religiosos nas residências da Comunidade Tradicional Mimoso.	144
Figura 3. Linha do tempo dos preparativos para a Festa de Santo Antônio.	147
Figura 4. Cronograma de atividades da Festa de Santo Antônio.	149
Figura 5. Festa de Santo Antônio.	152

LISTA DE TABELAS**CAPÍTULO 2. Estudo comparativo sobre o conhecimento e uso da biodiversidade de Plantas no Distrito de Mimoso (Santo Antônio de Leverger), Mato Grosso, Brasil - Reserva da Biosfera do Pantanal**

Tabela 1. Espécies vegetais da morraria de Mimoso utilizadas pelos moradores nos períodos 2000 e 2020 e as principais categorias de usos. **68**

CAPÍTULO 3. Transmissão de conhecimento entre gerações na Comunidade Tradicional Mimoso, Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso – Reserva da Biosfera do Pantanal

Tabela 1. Narrativas de adultos e jovens estudantes de plantas do macrohabitat Morraria **112**

CAPÍTULO 4. Devoção dos pantaneiros e a Festa de Santo Antônio na Comunidade Tradicional Mimoso, Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso

Tabela 1. Festas de Santo realizadas no Distrito de Mimoso. **145**

SUMÁRIO

RESUMO GERAL	v
ABSTRACT	vii
LISTA DE FIGURAS	ix
LISTA DE TABELAS	xi
1. INTRODUÇÃO GERAL	15
2. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23
3. CAPÍTULO 1. A Comunidade Tradicional Pantaneira de Mimoso na Reserva da Biosfera do Pantanal	28
3.1 Resumo.....	29
3.2 Introdução.....	30
3.3 Metodologia.....	32
3.3.1 O <i>locus</i> da pesquisa.....	32
3.3.2 Os caminhos percorridos nesta pesquisa.....	34
3.4 Resultados e discussão.....	35
3.4.1 “Aqui tem tudo, bicho, pássaro e flor... daqui tiro meu sustento”	35
3.4.2 “Nosso jeito de ser e viver em Mimoso”	37
3.5 Conclusão.....	47
3.6 Agradecimentos.....	47
3.7 Referências bibliográficas.....	47
4. CAPÍTULO 2. Estudo comparativo sobre conhecimento e uso da biodiversidade de plantas no Distrito de Mimoso (Santo Antônio de Leverger), Mato Grosso, Brasil - Reserva da Biosfera Pantanal	56
4.1 Resumo.....	57
4.2 Introdução.....	58
4.3 Metodologia.....	60
4.3.1 Área de estudo.....	60
4.3.2 Métodos.....	62
4.3.3 Análise de dados.....	63
4.4 Resultados.....	63
4.4.1 A etnobotânica da Morraria.....	63

4.5	Discussão.....	76
4.6	Conclusão.....	85
4.7	Agradecimentos.....	86
4.8	Referências bibliográficas.....	86
5	CAPÍTULO 3. Transmissão de conhecimento entre gerações na Comunidade Tradicional Mimoso, Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso – Reserva da Biosfera do Pantanal.....	97
5.1	Resumo.....	98
5.2	Introdução.....	99
5.3	Métodos.....	102
5.3.1	Área de estudo.....	102
5.3.2	Metodologia.....	104
5.3.3	Análise de dados.....	105
5.4	Resultados.....	106
5.4.1	Os estudantes da Escola Santa Claudina.....	106
5.4.3	Conhecendo as plantas de Mimoso.....	110
5.5	Discussão.....	122
5.6	Conclusão.....	127
5.7	Agradecimentos.....	128
5.8	Referências bibliográficas.....	128
6	CAPÍTULO 4. Devoção dos pantaneiros e a Festa de Santo Antônio na Comunidade Tradicional Mimoso, Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso	137
6.1	Resumo.....	138
6.2	Introdução.....	139
6.3	Métodos.....	141
6.3.1	Área de estudo.....	141
6.3.2	Metodologia.....	142
6.4	Resultados e discussão.....	143
6.4.1	Religiosidade, devoção e as festas de santo na comunidade tradicional de Mimoso.....	143
6.4.2	Viva Santo Antônio! Viva!!.....	146
6.5	Conclusão.....	156

6.6	Agradecimentos.....	157
6.7	Referências bibliográficas.....	157
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	161
	Referências Bibliográficas	163
	ANEXOS	164

1 INTRODUÇÃO GERAL

Desde o princípio de sua existência as populações humanas utilizam os recursos da natureza para sua sobrevivência. Entre esses recursos está a biodiversidade, que constitui a variabilidade de seres vivos de todas as origens e dos mais variados ecossistemas: terrestres, aquáticos e os complexos ecológicos dos quais fazem parte (CONVENÇÃO SOBRE A DIVERSIDADE BIOLÓGICA, 1992).

Entretanto, a biodiversidade não é simplesmente um produto da natureza, mas em muitas circunstâncias é produto da ação das sociedades e culturas humanas, principalmente, das populações indígenas e comunidades tradicionais. Desse modo, ela é também uma construção cultural e social. As espécies de plantas e animais são objetos de conhecimento, de domesticação e uso, fonte de inspiração para mitos e rituais desses grupos sociais, mercadoria nas sociedades modernas (DIEGUES, 2000).

O Brasil é o país com a maior biodiversidade do mundo, difundida pelos seis biomas terrestres e três ecossistemas marinhos. Essa variedade de vida abriga mais de 20% do total de espécies do mundo, presentes em terra e água. A rica biodiversidade brasileira é fonte de recursos para o País, tanto pelos serviços ecossistêmicos providos, quanto pelas oportunidades que representam sua conservação, sustentabilidade e patrimônio genético (BRASIL, 2022).

Nesse contexto, está a Amazônia Legal que apresenta uma área de 5.015.067,86 km², correspondendo a cerca de 58,93% do território brasileiro e contempla nove estados, Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins (IBGE, 2021). O Estado de Mato Grosso possui em seu território três biomas Cerrado, Pantanal e Amazônia de extrema importância para as populações humanas e a biodiversidade aí existente. Nele convivem cerca de 42 etnias que falam 45 línguas (FUNAI, 2013) e comunidades tradicionais, além de outras populações rurais e urbanas.

O Pantanal Mato-grossense representa a maior área úmida do planeta, estende-se no território brasileiro com aproximadamente 140.000 km² o que corresponde a cerca de 80% desse bioma e o restante encontra-se no Paraguai e Bolívia. Esse bioma é destacado no âmbito nacional e internacional pelo seu reconhecimento pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como Patrimônio da Humanidade e Reserva da Biosfera e Sítios Ramsar. Essas áreas são instrumentos de gestão e manejo sustentável integrados que permanecem sob a competência dos países nos quais estão localizadas. A Constituição Federal Brasileira de 1988, no artigo 225, § 4º, reconhece o Pantanal Mato-

grossense como Patrimônio Nacional e limita sua utilização às condições que assegurem a preservação ambiental, incluindo o uso dos recursos naturais (BRASIL, 1988).

O Pantanal contempla uma rica diversidade cultural e ambiental, onde diferentes povos, e culturas convivem com a natureza. Esse bioma engloba um mosaico de unidades de paisagem, compreendendo uma heterogeneidade de habitats, os quais sustentam uma exuberante biota aquática e terrestre (DA SILVA e SILVA, 1995). De acordo com as autoras, nesses ambientes os pantaneiros reproduzem culturalmente estratégias de vida baseadas no conhecimento ecológico tradicional, que lhes possibilita viver da pesca, da pecuária de pequena escala e da agricultura de subsistência, em ambientes mantidos pelo pulso de inundação.

O bioma pantaneiro foi ocupado há aproximadamente 8,4 mil anos por diversos povos indígenas que formaram um mosaico cultural na região. No período colonial alguns povos foram estabelecendo-se nas margens dos rios e lagoas, e próximos às matas. Com o passar do tempo esses povos começaram a incorporar a cerâmica e a agricultura em sua cultura, fixando-se em diferentes locais ao longo do Pantanal e iniciando assim, a formação de uma identidade sociocultural na região (SOS PANTANAL, 2021). Atualmente, vivem nesse bioma os povos Gauikuru, Guató, Kadiwéu, Camba, Bororo, Umutina, Ofayé (RIBEIRO, 2006), Terena, Laiana e Kinikinao (EREMITES DE OLIVEIRA, 2012; MARTINS, 2002).

No pantanal de Mato Grosso encontra-se o município de Santo Antônio de Leverger, antiga Santo Antônio do Rio Abaixo, considerado o berço do Pantanal Mato-grossense. É uma cidade centenária, seu início foi marcado com a necessidade de abastecer os moradores com produtos agrícolas e pescados para os moradores das minas de ouro do rio Cuiabá e da Vila do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, porém alcançou o status de vila em 1890. As pessoas que abriam as fazendas para realizar a criação de gado e o cultivo na terra ao longo do rio Cuiabá Abaixo, se reuniam no pequeno povoado para as festas de santo que ocorriam no período de estiagem. Nesse município estão as comunidades tradicionais de Pedra Branca, Bocaininha, Morro Grande, Barreirinho, Vereda, Praia do Poço, Barranco Alto, Barra do Aricá, Porto de Fora e Mimoso (SILVA, 2011).

O Distrito de Mimoso, foi criado pela lei nº 1.178 em 1958, seu território compreende, aproximadamente, 70% da área do município de Santo Antônio de Leverger (CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANTÔNIO DE LEVERGER, 2020). Entretanto, a história de Mimoso teve início no começo do século XIX, quando o local era uma sesmaria denominada Sesmaria do Morro Redondo, em referência a região de morros que lá existem (SILVA, 1998; DA SILVA e SILVA, 1995). A denominação atual é uma referência ao capim mimoso, espécie

de gramínea que cobre o largo, macrohabitat alagável da região. Dessa sesmaria, também fazem parte as comunidades, Ximbuva, Mata Verde e Barreiro Grande,

A Comunidade Tradicional Mimoso possui características singulares e um modo de vida adaptado ao ritmo das águas com enchentes, cheias, vazantes e estiagens que influenciam as relações sociais entre os moradores e o manejo de seus ambientes alagáveis.

Mimoso foi estudado por diversos autores: Batata (2022) investigou a geologia procurando entender o papel das rochas vulcânicas da região; Joseph e Rossetto (2021) analisaram o perfil socioeconômico dos agricultores familiares; Leite (2011) destacou o encantamento das águas da baía Chacororé no imaginário popular pantaneiro; Gomes (2008) buscou as interações das relações ecológicas com o meio cultural; Schwenk e Da Silva (2000) pesquisaram as plantas presentes na morraria e seus respectivos usos pelos moradores; Silva (1998) estudou as relações estabelecidas pela população mimoseana com o meio físico em que vive, sob a perspectiva do tempo e do espaço; Da Silva e Silva (1995) pesquisaram os princípios entre a natureza e a cultura da comunidade.

Para conhecer as interações entre as sociedades humanas e a natureza na região buscamos o campo das Etnociências, considerado por Marques (2001) um excelente instrumento metodológico para o estudo das relações entre o ser humano e os recursos naturais, mediado pelos aspectos culturais. As Etnociências fundamentam-se no encontro entre as Ciências Humanas e as Ciências Naturais, representadas pela Antropologia e pela Biologia (SILVA, 2003). O termo Etnociências foi utilizado pela primeira vez na década de 50, no livro *The Outline of Cultural Materials*, escrito por George Peter Murdock (1897-1985) e seus colaboradores Clellan, Ford, Hudson, Kennedy, Simmons e Whiting (CLÉMENT, 1998). Um dos antropólogos que principiaram os estudos das Etnociências foi Lévi-Strauss (1962), ao avaliar os sistemas de classificação populares.

No campo das Etnociências destacam-se: *i) Etnobiologia* - estuda as conceituações desenvolvidas por grupos culturais distintos com relação à biologia, buscando entender o papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação desses grupos em determinados ambientes socioculturais (POSEY, 1987); *ii) Etnoecologia* - refere-se a um campo da pesquisa científica transdisciplinar que estuda os pensamentos, conhecimentos, crenças, sentimentos e comportamentos, que entremeiam as interações entre as populações e o ambiente (MARQUES, 1995). A Etnoecologia pesquisa as relações humanas com o seu meio natural, onde a espécie humana é parte integrante do meio, que experimenta, o modifica e aprende; *iii) Etnobotânica* - estuda as plantas e suas interações entre populações humanas, assim como investiga novos recursos vegetais (CABALLERO, 1979). Segundo o autor, a Etnobotânica desponta como o

campo interdisciplinar que compreende o estudo e a interpretação do conhecimento que o ser humano possui da significação cultural, manejo e usos tradicionais dos elementos da flora.

As populações humanas sempre tiveram uma estreita relação com as plantas, a exemplo do seu cultivo para obtenção de alimento, remédio e ornamentação de seus espaços, bem como da cosmologia que embasa a estrutura social à qual está associada. Nesse sentido, Barbieri et al. (2015) citam a dependência humana da agrobiodiversidade para a alimentação (hortaliças, tubérculos, condimentos, frutas, cereais, leguminosas, panes), a saúde (plantas medicinais, antibióticos, controles biológicos), as vestimentas (linho, algodão lã, couros), bem-estar (beleza das paisagens, identidade territorial, moradia). Pasa (2007) afirma que as pessoas identificam as plantas conforme a utilidade de suas partes. Segundo a autora, as comunidades de saber local investem seus conhecimentos, por meio de manejos sustentáveis, valorizando o número de indivíduos da espécie, como forma de conservar as plantas enquanto recurso de uso para sua subsistência.

A expressão “comunidade tradicional” está no centro de debates e sua implicação transcende a procura pela teorização, envolvendo uma série de problemáticas relacionadas às políticas ambientais, territoriais e tecnológicas, uma vez que os diversos organismos multilaterais que atuam em torno deste assunto apresentam divergências na tentativa de indicar uma definição aceita universalmente, o que facilitaria a proteção dos conhecimentos tradicionais difundidos pela tradição oral dessas comunidades (PEREIRA e DIEGUES, 2010).

Neste sentido, um componente importante na relação entre comunidades tradicionais e natureza é a afinidade com seu território, um espaço sobre o qual uma sociedade reivindica e garante a seus membros, direitos estáveis de acesso, controle ou uso dos recursos naturais ali existentes que ele deseja ou é capaz de utilizar (GODELIER, 1984). Segundo o autor, esse espaço fornece, a natureza do ser humano como espécie, os meios de subsistência, trabalho e produção e os meios de produzir os aspectos materiais das relações sociais.

Cunha e Almeida (2009) defendem que os grupos sociais denominados povos e comunidades tradicionais sejam designados “populações tradicionais”. Na definição dos autores essas populações constituem grupos que conquistaram ou lutam para conquistar uma identidade conservacionista que aplicam de técnicas ambientais de baixo impacto, formas equitativas de organização social, presenças de instituições com legitimidade para fazer cumprir as leis, liderança local e, traços culturais que são seletivamente reafirmados e reelaborados.

Os sistemas tradicionais de manejo dessas populações revelam a existência de um complexo de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais experientes, dessa forma não são somente formas de exploração econômica dos recursos naturais. A transmissão

desse conhecimento ocorre por intermédio de mitos e símbolos que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais. (DIEGUES, 1993).

As comunidades tradicionais possuem um modelo de organização socioeconômica com escasso acúmulo de capital. Seus membros são produtores independentes, geralmente envolvidos com atividades econômicas de pequena escala e combinadas entre si, sendo o extrativismo, a pesca, a coleta, a caça, o artesanato e a agricultura seus principais afazeres. Portanto, economicamente, dependem dos recursos naturais renováveis.

Diante desta realidade, as relações existentes entre sociodiversidade e biodiversidade em comunidades tradicionais incluem “... as possibilidades de proteger a biodiversidade *in situ*, de incorporar o saber local ao conhecimento acadêmico, de preservar o patrimônio cultural de populações tradicionais, de incorporar conhecimento tradicional do ambiente a estratégias de manejo, e de garantir direitos das populações tradicionais” (HANAZAKI et al., 2010).

Entre algumas características dos povos tradicionais estão a combinação de várias atividades econômicas, a baixa interferência no ambiente, a reutilização dos dejetos, o baixo nível de poluição, o limitado desenvolvimento tecnológico e padrões de consumo simples (DIEGUES, 1992). De acordo com o autor, “a conservação dos recursos naturais é parte integrante de sua cultura, uma ideia expressa no Brasil pela palavra 'respeito' que se aplica não somente à natureza como também aos outros membros da comunidade” (p.142).

Nessas comunidades, o conhecimento é repassado ao longo das gerações, habitualmente, de forma oral e gestual, constituindo assim, um meio importante para a conservação desses recursos (DIEGUES, 2000). Para Arruda e Diegues (2001) o “conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural é transmitido oralmente, de geração em geração”.

Porém, é preciso atentar ao fato de que muito do que será transmitido no futuro está sendo fundamentado e testado de forma empírica atualmente. Assim, estudos que permeiam a temática das plantas utilizadas deveriam amparar-se na dualidade entre flora e cultura, sendo necessários projetos que visem a conservação da flora e da vida tradicional dessas populações (GUARIM NETO et al., 2011).

As comunidades tradicionais lidam com a biodiversidade como um conjunto de seres vivos que têm um valor de uso e um valor simbólico integrados numa complexa cosmologia. Elas convivem com a biodiversidade, nomeiam e classificam as espécies vivas segundo suas próprias categorias e nomes (JARDIM et al., 2006; DIEGUES, 2000). Nesse contexto, no Pantanal Mato-grossense, uma paisagem culturalmente desenhada, a conectividade biocultural

será permanente com os usos e a consequente valorização e conservação da biodiversidade presente no sistema (DA SILVA, 2020).

Diante disso, a motivação em realizar essa pesquisa é a ausência de conhecimento sistematizado a respeito de “como os saberes e tradições passados entre as gerações e apreendidos com a vida cotidiana e a interação com o meio que os cerca, são transmitidos dentro do núcleo comunitário familiar e escolar”.

Desse modo surgem alguns questionamentos: *i)* Como permeia as interações culturais e o conhecimento ecológico tradicional de plantas na Comunidade Mimoso? *ii)* Nesta comunidade qual o acervo da biodiversidade de plantas na Morraria são conhecida, manejada e usada? Nesta comunidade está ocorrendo a manutenção temporal do conhecimento e uso da biodiversidade de plantas? *iii)* Existe transmissão intergeracional a respeito do conhecimento e uso da biodiversidade de plantas? *vi)* Quais aspectos culturais emergem e são valorizados na Comunidade Mimoso?

Para responder a essas questões, foi realizado uma pesquisa no âmbito do Programa de Pós-Graduação da Rede de Biodiversidade e Biotecnologia da Amazônia Legal - PPG/BIONORTE, na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, e do Projeto de Pesquisa Ecológica de Longa Duração (Peld), intitulado Dinâmicas do Pulso de Inundação no Sistema Ecológico e Sociocultural do Rio Paraguai, no contexto da Reserva da Biosfera do Pantanal.

Esta Tese, intitulada Conhecimento e Uso da Biodiversidade de Plantas no Distrito de Mimoso (Santo Antônio de Leverger), Mato Grosso, Brasil - Reserva da Biosfera do Pantanal, aborda a vivência dos mimoseanos na comunidade, destaca suas relações e interações com a biodiversidade, suas manifestações culturais e a ocorrência da transmissão do conhecimento tradicional.

Nesse contexto, as comunidades tradicionais encontram reconhecimento no decreto n.º 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, Artigo 3, como:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007, p. 316).

No Pantanal esses agrupamentos humanos ainda são invisíveis do ponto de vista econômico, social e cultural. Nesse sentido, a inserção destes no território da Reserva da Biosfera do Pantanal possibilita dar oportunidades de sua valorização como um dos grupos sociais que formam a base da paisagem cultural do Pantanal.

O objetivo geral da pesquisa, foi investigar o conhecimento etnobotânico da biodiversidade de plantas, acumulado ao longo de suas trajetórias de vida e a sua transmissão, para a garantia e permanência no sistema ecológico e sociocultural da Comunidade Tradicional Mimoso, no Pantanal.

Para alcançar o objetivo geral, estabeleceram-se os objetivos específicos que indicam os caminhos da pesquisa: 1) examinar a relação da comunidade com a biodiversidade por meio das práticas e tradições; 2) comparar o conhecimento e uso da biodiversidade de plantas nos anos 2000 e 2020 na Comunidade Mimoso; 3) analisar a transmissão de conhecimento intergeracional na Comunidade Mimoso; 4) caracterizar as manifestações socioculturais em Mimoso.

Nessa perspectiva, pelas inúmeras possibilidades de pesquisa que o campo das Etnociências e o Pantanal oferecem e, na busca de compreender o conhecimento acumulado e de que maneira ocorre sua transmissão no contexto sociocultural, adentramos nessa comunidade para aprender com os mimoseanos.

Os resultados da pesquisa estão organizados em uma introdução geral seguida por quatro capítulos (artigos) e concluídos com considerações finais. Dos quatro capítulos, um está publicado, outro está aceito e aguardando a publicação e, outros dois serão submetidos para publicação após a defesa da Tese.

A introdução geral tratou da apresentação do tema estudado, abordou as interações entre as comunidades tradicionais e o uso da biodiversidade e situou a área de estudo dentro de um panorama de um nível mais amplo, país, região, estado e bioma, até chegar a um nível mais restrito, o município. Posteriormente, trouxe conceitos específicos relacionados a temática citando diversos autores. Na sequência, abordou a motivação que levou a realização dessa pesquisa e os objetivos geral e específicos.

No primeiro capítulo (aceito para publicação na revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais, em 19/07/2022), intitulado “A Comunidade Tradicional Pantaneira de Mimoso na Reserva da Biosfera do Pantanal”, apresentamos ao leitor o perfil da comunidade e seus aspectos socioculturais. Buscamos compreender as relações sociais, ambientais e as manifestações culturais estabelecidas no espaço de vivência dos mimoseanos.

No segundo capítulo (publicado na revista Research, Society and Development em 25/07/2022), denominado “Estudo comparativo sobre o conhecimento e uso da biodiversidade de plantas no Distrito de Mimoso (Santo Antônio de Leverger), Mato Grosso, Brasil - Reserva da Biosfera do Pantanal”, comparamos o uso das plantas presentes no macrohabitat Morraria em dois períodos distintos, anos 2000 e 2020.

O terceiro capítulo, “Transmissão de conhecimento intergeracional na Comunidade Tradicional Mimoso, Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso – Reserva da Biosfera do Pantanal”, investigamos o conhecimento que os moradores (adultos) e jovens (estudantes) possuem a respeito da biodiversidade de plantas presentes nos macrohabitats Morraria, Sopé do morro e Pantanal. Nesse sentido, buscamos compreender a ocorrência da transmissão do conhecimento entre as gerações e a necessidade de apreender os anseios dos interlocutores para garantir a permanência dos jovens na região.

O quarto e último capítulo, “Devoção dos pantaneiros e a Festa de Santo Antônio na Comunidade Tradicional Mimoso, Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso”, aborda os aspectos religiosos dos mimoseanos e as práticas em devoção ao santo padroeiro da comunidade, onde foi demonstrado a importância sociocultural manifestada de forma simbólica e identitária dessas festas.

Nas considerações finais buscamos integrar os capítulos para uma compreensão mais abrangente da Comunidade Tradicional Mimoso.

2 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, R. S. V.; DIEGUES, A. C. *Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil*. Brasília/São Paulo: Ministério do Meio Ambiente/USP, 2001.

BARBIERI, R. L.; BUSTAMANTE, P. G.; SANTILI, J. Agrobiodiversidade e suas múltiplas dimensões. In: SANTILI, J.; BUSTAMANTE, P. G.; BARBIERI, R. L. *Agrobiodiversidade*. Brasília, DF: EMBRAPA, 2015, p. 20-26.

BATATA, M. E. F. *Petrologia das Vulcânicas de Mimoso – Santo Antônio de Leverger (MT)*. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Mineralogia e Petrologia) - Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, 2022. p. 211.

BERKES, F.; COLDING, J.; FOLKE, C. (Eds.). *Navigating Social-Ecological Systems: Building Resilience for Complexity and Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. doi:10.1017/CBO9780511541957

BRASIL. Constituição da República de 1988. Planalto. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm > Acesso em: 2. jan. 2020.

BRASIL. *Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007*. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília: DOU, 2007.

CABALLERO, J. La Etnobotânica. In: BARRERA, A. (Ed.). *La Etnobotânica: três pontos de vista y uma perspectiva*. INIREB, Xalapa. 1979. p. 27-30.

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANTÔNIO DE LEVERGER, MATO GROSSO. Disponível em <http://www.camaraleverger.mt.gov.br/index.php?page=materia&id=134>

CLÉMENT, D. The historical foundations of ethnobiology (1860-1899). *Journal of Ethnobiology*, v. 18, n. 2, p 161-187, 1998.

CONVENÇÃO SOBRE DIVERSIDADE BIOLÓGICA E LEGISLAÇÃO CORRELATA. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2008. p. 87.

CUNHA, M. C.; ALMEIDA, M. W. B. Populações tradicionais e conservação ambiental. In: CUNHA, M. C. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo, CosacNayf. 2009. p. 277-300.

DA SILVA, C. J. Povos e comunidades tradicionais e locais no pantanal. In: Da Silva, C. J., & Guarim Neto, G. (Orgs.). *Comunidades tradicionais do pantanal*. Cuiabá: Entrelinhas; Cáceres: Editora Unemat, p. 21-37, 2020.

DA SILVA, C. J.; SILVA, J. A. F. *No ritmo das águas do Pantanal*. São Paulo: NUPAUB, 1995. p. 210.

DIEGUES, A. C. *Etnoconservação: Novos Rumos Para a Proteção da Natureza nos Trópicos*. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 290.

Diegues A. C. *Realidades e falácias sobre pescadores artesanais CEMAR-USP*. São Paulo. Série documentos e relatórios de Pesquisa, nº 7. 1993. p. 15.

DIEGUES, A. C. "Sustainable Development and People's Participation in Wetland Ecosystem Conservation in Brazil: Two Comparative Studies". In: GHAI, D. & VIVIAM, J. (eds.). *Grassroots Environmental Action*. N. York and London: Routledge. 1992.

EREMITES DE OLIVEIRA, J. A história indígena no Brasil e em Mato Grosso do Sul. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 178-218, 2012.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI). Grupos Indígenas. 2013. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/povos-indigenas>. Acesso em: 23 set. 2022.

GODELIER, M. *L'idéal et le matériel*. Paris, Fayard. 1984. p. 350.

GOMES, J. C. *Construindo caminhos educativos para a interpretação do ambiente pantaneiro*. 2008. Tese (Doutorado em Ciências) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP, 2008.

GUARIM NETO, G.; AMARAL, C. N. Aspectos etnobotânicos de quintais tradicionais dos moradores de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. *México: Polibotánica*, n. 29, p. 191-212, 2010.

GUARIM NETO, G.; GUARIM, V. L. M. S.; MACEDO, M.; NASCIMENTO, N. P. Recursos Vegetais no Pantanal e Conservação. In: GUARIM NETO, G.; CARVALHO, J. V. F. (Org.). *Biodiversidade mato-grossense: as plantas e suas potencialidades*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2011. p. 41-46.

HANAZAKI, N.; GANDOLFO, E.S.; BENDER, M.G.; GIRALDI, M.; Moura, E.A.; SOUZA, C.S.; PRINTES, R.; DENARDI, M.; KUBO, R.R. Conservação biológica e valorização

sociocultural: explorando conexões entre a biodiversidade e a sociodiversidade. In: ALVES, A. G. C.; SOUTO, F. J. B.; PERONI, N. *Etnoecologia em perspectiva: natureza, cultura e conservação*. Recife: NUPEEA, 2010. p. 1-12.

<https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade> Acesso em: 12 de junho de 2022.

<https://www.sospantanal.org.br/conheca-um-pouco-sobre-a-historia-indigena-do-pantanal/>

Acesso em: 04/10/2022.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15819-amazonia-legal.html?=&t=acesso-ao-produto> Acesso em: 20 de julho de 2022.

JARDIM, A. C. S.; AMÂNCIO, R.; GOMES, M. A. O. Racionalidade ambiental por parte de produtores rurais situados na região da nascente do Rio Grande. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, Lavras, v. 8, n. 1, p. 105-116, 2006.

JOSEPH, L. A.; ROSSETO, O. C. Perfil socioeconômico dos agricultores familiares do distrito pantaneiro de Mimoso - Santo Antônio de Leverger – Mato Grosso. *Revista eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros - seção Três Lagoas*, v. 1, n. 33, 2021.

LEITE, M. C. S. Poéticas d'água: na oralidade e no imaginário popular brasileiro. *Cadernos de Estudos Culturais*. UFMS, Campo Grande, 2011. p. 97-112.

MARQUES, J. G. W. *Pescando pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica*. 2 ed. NUPAUB/Fundação Ford, São Paulo. 2001. p. 258.

MARQUES, J. G. W. *Pescando pescadores: etnoecologia abrangente no baixo São Francisco alagoano*. NUPAUB-USP, São Paulo. 1995. p. 304.

MARTINS, G. R. *Breve painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul*. 2.ed. Campo Grande: UFMS, 2002. p. 100.

PASA, M. C. *Um olhar etnobotânico sobre as comunidades do Bambá*. Cuiabá: Entrelinhas: EdUFMT, 2007. p. 143.

PEREIRA, B. E.; DIEGUES, A. C. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 22, p. 37-50, 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v22i0.16054>

POSEY, D. Introdução à etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, D. (Ed.). *Suma Etnobiológica Brasileira*. V. 1. Vozes, Petrópolis, 1987. p. 15-25.

RIBEIRO, E. R. Macro-Jê. In: BROWN, K. (Ed.) *Encyclopedia of language & linguistics*. 2.ed. Oxford: Elsevier, 2006. p. 422-6.

SILVA, J. A F. *Aqui tudo é parente! Um estudo das práticas e ideias em relação ao tempo e ao espaço entre camponeses do Pantanal de Mimoso*. 1998. 178 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 1998.

SILVA, S. M. P. Etnobiologia e Etnoecologia: introdução aos conceitos e metodologias. In: COELHO, M. F. B., JÚNIOR, P. C., DOMBROSKI, J. L. D. *Diversos olhares em Etnobiologia, etnoecologia e plantas medicinais*. Seminário Mato-grossense de Etnobiologia e Etnoecologia, 1. Seminário Centro-Oeste de Plantas Medicinais, 2. Cuiabá: Unicem. Anais 2003, p. 250.

SCHWENK, L. M.; DA SILVA, C. J. A Etnobotânica da Morraria Mimoso no Pantanal de Mato Grosso. III Simpósio sobre Recursos Naturais e Socioeconômicos do Pantanal – *Os Desafios do Novo Milênio*. Corumbá-MS. 2000.



Mimoseana em seu quintal relatando os múltiplos usos da *Attalea speciosa* Mart. ex Spreng (Babaçu).

3 CAPÍTULO 1

A Comunidade Tradicional Pantaneira de Mimoso na Reserva da Biosfera do Pantanal

Artigo aceito para publicação: Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais (Q B1)

Normas para publicação: <https://sustenere.co/index.php/rica/about/submissions>

Margô De David

Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso/PPG/Bionorte

Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/7776481802967213>

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-8610-4465>

E-mail: margodedavid@hotmail.com

Carolina Joana da Silva

Instituição: Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/5253872582067659>

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3875-7319>

E-mail: ecopanta@terra.com.br

A Comunidade Tradicional Pantaneira de Mimoso na Reserva da Biosfera do Pantanal

Resumo

A comunidade tradicional pantaneira de Mimoso, localizada no Pantanal Mato-grossense é detentora de saberes e práticas herdadas e acumuladas de seus ancestrais indígenas e não indígenas. A vivência no mundo com o domínio das águas, como o pantanal, possibilita experiências singulares presente nessa comunidade que pode revelar o cotidiano, o modo de vida, o trabalho, as crenças, os mitos e as interrelações que expressam o encontro da natureza e sociedade. Neste estudo buscamos compreender as relações sociais, ambientais e as manifestações culturais estabelecidas no seu espaço de vivência. A investigação foi qualitativa e a seleção das pessoas foi baseada no método bola de neve, onde 29 interlocutores participaram de entrevistas semiestruturadas entre os meses de fevereiro de 2019 e março de 2020. A observação participante foi realizada na moradia de cinco famílias, onde foi vivenciado seu cotidiano e as narrativas de suas histórias de vida, e, em outros ambientes de socialização como rodas de conversa e feira de produtos bioculturais. Deste modo, foi possível conhecer como vivem, quais os costumes e práticas dessa população. A comunidade apresentou saberes e práticas tradicionais no seu cotidiano identificados por meio de produtos bioculturais e de valores e sentimentos de pertencimento que os levou a se autodenominarem mimoseanos.

Palavras-chave: Bioculturalidade; Conhecimento ecológico tradicional; Mato Grosso; Mimoseanos; Uso das plantas.

The Traditional Pantanian Community of Mimoso in the Reserve of Pantanal Biosphere

Abstract

The traditional Pantanal community of Mimoso, located in the Pantanal of Mato Grosso, holds knowledge and practices inherited and accumulated from their indigenous and non-indigenous ancestors. The experience in the world with the domain of waters, such as the swamp, allows unique experiences present in this community that can reveal the daily life, the way of life, work, beliefs, myths, and the interrelationships that express the meeting of nature and society. In this study we seek to understand the social and environmental relationships and cultural manifestations established in their living space. The investigation was qualitative, and the selection of people was based on the snowball method, where 29 interlocutors participated in

semi-structured interviews between the months of February 2019 and March 2020. The participant observation was carried out in the homes of five families, where it was experienced their daily lives and the narratives of their life stories, and in other socialization environments such as conversation circles and biocultural products fair. In this way, it was possible to know how they live, what the customs and practices of this population are. The community presented traditional knowledge and practices in their daily lives identified through biocultural products and values and feelings of belonging that led them to call themselves mimoseans.

Keywords: Bioculturality; Traditional ecological knowledge; Mato Grosso; Mimoseanos; Use of plants.

1 INTRODUÇÃO

O Pantanal Mato-grossense é habitado por diversos povos, dentre eles as comunidades tradicionais, caracterizadas pela simplicidade de estilo de vida e por serem portadoras de saberes e fazeres herdados e acumulados pela tradição. Essas comunidades desenvolveram estratégias de ocupação e manejo de território regido pela dinâmica das águas, e assim reconhecem a importância do regime das cheias para a renovação e preservação da vida e dos ecossistemas pantaneiros (DA SILVA et al., 1995)

Para Amorozo (1996) essas comunidades tiveram ao longo da história uma estreita e dependente relação com o seu habitat e vem assim acumulando um vasto conhecimento sobre o meio ambiente. Segundo Diegues (1983) as comunidades tradicionais visam a reprodução cultural e social, bem como a compreensão em relação ao mundo natural caracterizada pela ideia de associação com a natureza e a conexão de seus ciclos.

Diegues (1999) acrescenta que essas comunidades se caracterizam pelo modo de vida, pela transmissão do conhecimento por meio da oralidade entre as gerações, pelo tempo de moradia, pela importância das atividades de subsistência sem visar a capitalização, pela valorização das relações familiares e de compadrio, pela importância dos símbolos, mitos e rituais relacionados a atividades de caça, pesca e extrativismo, pelo baixo impacto ao meio ambiente e pelo pertencimento a uma cultura distinta das outras sociedades.

De acordo com o Decreto 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, povos e comunidades tradicionais são definidos como

... grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007, p. 316).

Gomes (2008) caracteriza as comunidades tradicionais pantaneiras como populações biorregionais, as quais dependem da interação ecológica com o ecossistema como forma de assegurar sua sobrevivência. Segundo o autor, essas populações são dinâmicas, ou seja, estão em constante transformação, porém, em harmonia com as modificações que ocorrem na região, preservando os valores com a natureza e a cultura pantaneira que fazem a essência de sua tradição. Grün (2002) se refere a essas populações como um meio de estabelecer a conexão entre comunidade humana e comunidade biótica de uma área geográfica.

Hill et al. (2019) definem as relações estabelecidas entre as comunidades tradicionais e a biodiversidade envolvendo aspectos de sobrevivência, cultura e religiosidade como diversidade biocultural. Essas populações retiram de seus ambientes recursos utilizados na alimentação, artesanato, construção, combustível, medicina tradicional, e ritualístico, constituindo produtos bioculturais. Segundo Vieira Filho et al. (2018) além da importância biológica, os recursos da biodiversidade têm grande importância biocultural.

Associada a essas e outras características está a comunidade que vive no Distrito de Mimoso, foco do presente estudo e detentora de saberes e práticas construídas nas interações com os elementos presentes no bioma pantaneiro. Esses saberes, também denominados conhecimentos tradicionais é descrito por Ferreira et al. (2020) como “a forma mais antiga de produção de teorias, experiências, regras e conceitos, isto é, a mais ancestral forma de produzir a ciência”.

Berkes et al. (1998) definem os saberes tradicionais como conhecimento ecológico tradicional (TEK), como o corpo cumulativo de conhecimento, práticas e crenças nas relações entre os seres vivos e ambiente. Galdino et al. (2009) descrevem o TEK no contato direto entre pantaneiros ribeirinhos do rio Cuiabá e os recursos naturais.

A vivência no mundo com o domínio das águas, como o pantanal, possibilita experiências singulares presente nessa comunidade que pode revelar o cotidiano, o modo de vida, o trabalho, e as interações que expressam o encontro da natureza e sociedade. Desta forma, esta pesquisa teve como objetivo compreender as relações sociais e ambientais vivenciadas pelos mimoseanos.

2 METODOLOGIA

2.1 O *locus* da pesquisa

O estudo foi desenvolvido na Comunidade Tradicional de Mimoso (Figura 1) situada no município de Santo Antônio de Leverger, Estado de Mato Grosso. A localidade pertence à Mesorregião Centro-Sul Mato-grossense, à Microrregião de Cuiabá e à Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá, entre as coordenadas geográficas 15° 51' 17" latitude Sul e 56° 4' 13" longitude Oeste (IBGE, 2010).

Santo Antônio de Leverger, antigo Santo Antônio do Rio Abaixo é considerado o berço do Pantanal Mato-grossense. Situa-se na Baixada Cuiabana, nas margens do rio Cuiabá e distante 27 km da capital. Possui uma população estimada de 16.999 habitantes e Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,666 (SCHEUER et al., 2018). Ocupa uma área territorial de 11.283 km² com 4.393 km² no planalto e 6.890 km² no pantanal, inserida nos biomas Cerrado e Pantanal (ROSSETTO et al., 2012). É o terceiro município mais inundável (61%) do Estado de Mato Grosso, depois de Barão de Melgaço (99,2%) e Poconé (80,3%).

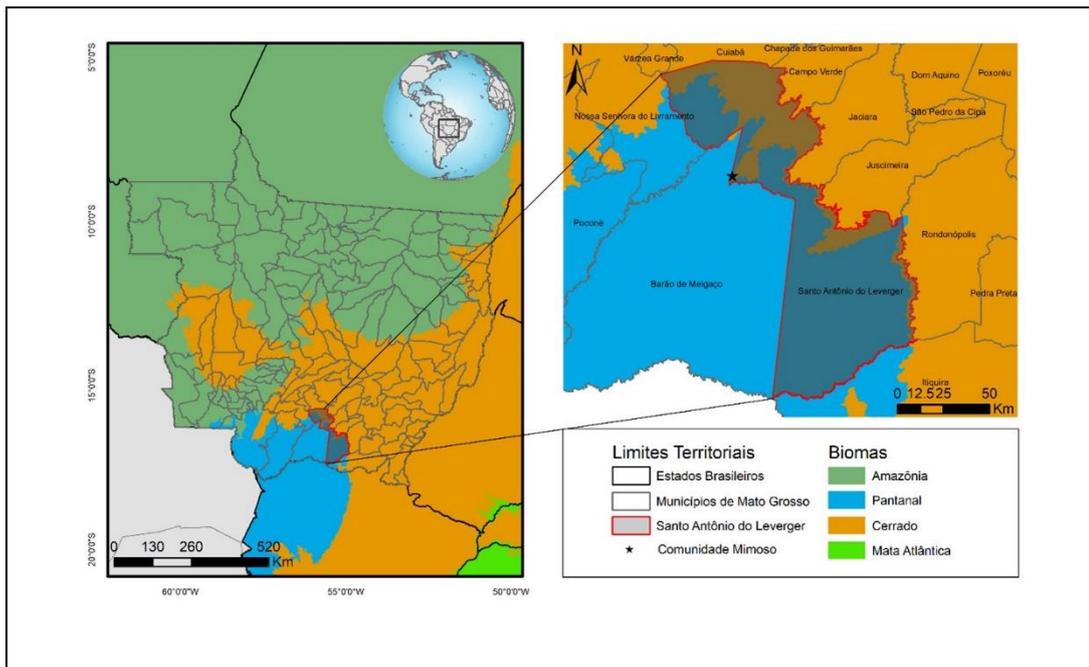


Figura 1. Área de estudo: Comunidade Mimoso, Santo Antônio de Leverger – MT, 2022. Fonte: Acervo das autoras.

O clima é do tipo Aw (KÖPPEN, 1931), apresenta duas estações bem definidas, uma chuvosa (outubro a março) e outra seca (abril a setembro), as precipitações médias anuais ficam

em torno de 1.500 a 1.700 mm (ALVARENGA et al., 1984) e temperatura média de aproximadamente 26,5°C (MAITELLI, 1994). A formação vegetal predominante é o cerrado (desde campo limpo até cerradão), apresentando floresta decídua na encosta dos morros e floresta de galeria ao longo dos rios, além de, em alguns trechos, vegetação típica de áreas alagadas (SCHWENK et al., 2000).

A economia do município baseia-se no turismo, pesca e agropecuária com agricultura de subsistência e pecuária de cria, recria, corte e leiteira. Atualmente, Santo Antônio de Leverger constitui-se da sede e dos distritos de Caité, Engenho Velho, Varginha e Mimoso, local onde realizou esse estudo.

O Distrito de Mimoso foi criado pela Lei Estadual nº 1.178, de 17 de dezembro de 1958 e seus limites foram alterados pela Lei Estadual nº 4.362, de 19 de outubro de 1981, vigente até os dias atuais (CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANTÔNIO DE LEVERGER, 2020).

A comunidade tradicional de Mimoso está situada no Pantanal, às margens da área inundável da Baía de Chacororé (DA SILVA et al., 1995). Dessa forma, a comunidade sempre coexistiu em um ecossistema dominado pela água, caracterizado pelas autoras “no ritmo das águas”. A região se destaca pela diversidade socioambiental constituída por uma comunidade tradicional de características econômicas e diversidade cultural específicas, resultante da miscigenação entre os povos indígenas e não indígenas.

Até meados do século passado, a comunidade era desprovida de estradas, energia elétrica e telefonia, o deslocamento era feito a cavalo no período de estiagem e de barco durante as chuvas. Atualmente os mimoseanos estão concentrados entre a Morraria e a Baía de Chacororé, local considerado a sede do distrito (DA SILVA et al., 1995).

O relevo da região é formado por três macrohabitats, a morraria, o sopé do morro e a área inundável da Baía Chacororé. A morraria é constituída de cristas simétricas e assimétricas de topo contínuo predominantemente plano com alguns trechos aguçados. Caracteriza-se por ser coberta pela floresta estacional decidual submontana, com transição para os cerrados (SCHWENK et al., 2000).

No sopé do morro encontra-se a maioria das casas, rodeadas por quintais, com algumas espécies de árvores nativas da morraria e outras cultivadas pelos mimoseanos. Na área inundável da baía Chacororé, estão as pastagens naturais, predominando o capim-mimoso (*Axonopus purpusii* (Mez) Chase), planta nativa que cobre o ‘largo ou o campo’ e deu origem ao nome do lugar. No campo, criam o gado e cavalos, em convivência com anfíbios, aves, répteis e capivaras. Essa região sofre alterações anualmente de acordo com o regime das chuvas (DA SILVA et al., 1995).

2.2 Os caminhos percorridos nesta pesquisa

As primeiras viagens de estudo aconteceram entre os meses de dezembro de 2018 e fevereiro de 2019. Neste período foi realizado o Pré-teste, que consistiu em conhecer a área e dialogar com algumas pessoas da comunidade. Desta forma, foi possível selecionar alguns participantes, estabelecer um cronograma de visitas e ajustar a melhor metodologia, as técnicas e as ferramentas para obtenção dos dados.

O envolvimento dos participantes na pesquisa ocorreu por amostragem não probabilística utilizando a técnica Bola de Neve (VINUTO, 2014; BAILEY, 1982), onde os interlocutores, ao término da entrevista, indicaram outras pessoas detentoras do conhecimento relacionado aos aspectos culturais, sociais e ambientais da comunidade para participarem da pesquisa (ARRUDA et al., 2018; ALMEIDA et al., 2012; GALDINO et al., 2009). Portanto, não é possível determinar a probabilidade de escolha dos participantes, neste caso os interlocutores colaboram com o pesquisador a iniciar seus contatos e explorar o grupo pesquisado, mediado com o tema da pesquisa.

Neste sentido, a pergunta norteadora para indicação dos detentores do conhecimento foi: Quem você indica como conhecedoras da história da comunidade e dos ambientes de Mimoso para que eu possa realizar esta mesma entrevista?

As entrevistas iniciaram após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso (CEP/UNEMAT), conforme Parecer nº 2.832.217 de 20 de agosto de 2018 e, ocorreu entre os meses de fevereiro de 2019 e março de 2020. As entrevistas foram realizadas, posteriormente, a explanação do objetivo da pesquisa para os participantes e mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), respeitando-se, assim, as especificações da ética em pesquisa, como determina as exigências da resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 Conselho Nacional de Saúde (CNS).

O universo dos entrevistados foi de 29 pessoas, sendo 15 homens e 14 mulheres, com idade variando entre 37 e 90 anos. As entrevistas do tipo semiestruturada seguiram um roteiro com questões previamente elaboradas, combinando questões fechadas e algumas abertas, permitindo ao pesquisador um controle maior sobre o que pretende saber e, simultaneamente, concedendo espaço a uma reflexão livre do interlocutor sobre os temas apontados (MINAYO et al., 2018; VIERTLER, 2002).

Outra técnica utilizada foi a observação participante (GEERTZ, 1989; MALINOWSKI, 1978), nesse caso o pesquisador se entrega à rotina e a participação nas atividades de interesse

dos pesquisados (VIERTLER, 2002). Por meio da observação participante foram registrados de que forma o etnoconhecimento é transmitido na comunidade, o comportamento e as atividades diárias, o preparo das refeições, de doces e de remédios (chá e xarope), a limpeza de peixes, as falas em conversas informais.

Durante as entrevistas e na observação participante, algumas pessoas relataram sua história de vida, narraram suas alegrias, vivências, expectativas, saudades e sofrimentos. Segundo Viertler (2002) essas falas, opiniões e histórias dos interlocutores fornecem dados êmicos que podem ser usados pelo pesquisador em termos de ideias, hipóteses, conceitos e concepções, ou seja, por meio de uma abordagem ética.

Nesta etapa foram utilizados como instrumentos de trabalho o diário de campo e a câmera fotográfica, objetivando realizar os registros pertinentes à pesquisa. Segundo Viertler (2002) no diário são registrados desde observações até impressões subjetivas do pesquisador relacionados aos fatos ocorridos na comunidade. Para Minayo (2012) o diário de campo constitui um meio em que o pesquisador dispõe para organizar seus dados, sejam eles, acontecimentos, percepções ou sentimentos. Por meio da câmera fotográfica foram registradas imagens de plantas, animais, pessoas, unidades de paisagens, residências, escola, momentos de entrevistas e eventos culturais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 “Aqui tem tudo, bicho, pássaro e flor... daqui tiro meu sustento”

Mimoso tem sua origem atribuída a uma herança de 13 mil hectares de terras que constituía a Sesmaria de Morro Redondo, requerida pelos antepassados de Marechal Rondon (Cândido Mariano da Silva), e posteriormente, dividida entre seus parentes mimoseanos (VIVEIROS, 1969).

A localidade é conhecida por sua importância histórica e cultural para Mato Grosso, pois ali nasceu o Patrono das Comunicações, Marechal Cândido Rondon (1865-1958), e vive uma das principais comunidades tradicionais pantaneiras do Estado. Atualmente, uma importante referência do local é o Memorial Rondon, obra arquitetônica construída em homenagem ao Marechal e que abriga a sala de memória onde retrata sua convivência com a comunidade.

Esse lugar já foi apresentado por outros autores em diferentes perspectivas. Do encontro entre a Ecologia e a Antropologia trazida por Da Silva et al. (1995) foi destacado os princípios entre natureza e cultura; na Etnobotânica, Schwenk e Da Silva (2000) enfatizam as espécies utilizadas da morraria; na Educação Ambiental, Cruz (2002) estuda a práxis educativa e a problemática do lixo; Gomes (2008) ressalta as interações das relações da Ecologia Humana com o meio cultural; Leite (2011) destaca o encantamento das águas no imaginário popular pantaneiro; no campo das Ciências da Saúde, Santos (2015) traz a experiência dos laços familiares e o sentimento de pertencimento para além do espaço geográfico.

A comunidade mimoseana desfruta de uma belíssima paisagem caracterizada por uma dinâmica espacial de terras altas, dos macrohabitats morraria, entremeadas com terras baixas e secas, sopé do morro (firme), e alagáveis, área inundável da Baía de Chacororé.

Da morraria os mimoseanos utilizavam e ainda utilizam a madeira de inúmeras etnoespécies, para construção de cerca, curral, casas e utensílios, lenha, artesanato, além de folhas, casca e raiz para uso medicinal. Percebe-se nas narrativas dos interlocutores a importância que dão à flora local. Segundo Pasa (2007) “a relação de coexistência entre os habitantes das comunidades e as matas da região transcende o caráter econômico, que é altamente determinante para sua sobrevivência, indo alcançar o caráter social e cultural, mágico e religioso”. Nesse ambiente a coloração da vegetação se altera de acordo com a sazonalidade, variando entre o verde, o roxo da florescência dos ipês e o marrom no período de estiagem.

No sopé do morro estão a maioria das casas, rodeadas por quintais com diversas árvores frutíferas, plantas medicinais e ornamentais, hortas suspensas ou no solo protegidas por tela, e ao fundo pequenas roças, que se estendem até o início do morro, onde são cultivados produtos para subsistência familiar. As práticas de plantio e colheita nas roças seguem um calendário agrícola anual e um calendário lunar que tende favorecer tanto a qualidade da produção quanto a durabilidade (DA SILVA et al., 1995).

Nos quintais é comum a realização de festejos de santo, rezas, reuniões familiares e muitas vezes são utilizados como ambiente de trabalho. São verdadeiros espaços de produção familiar, gerenciados pelas mulheres e considerados ambientes femininos que funcionam como fonte para produção de alimentos (GOMES, 2008). Nesses espaços também há a criação de galinhas, porcos e outros animais domésticos como cães e gatos. Os porcos representam uma importante contribuição na alimentação das famílias, pois nem todas tem acesso a carne bovina, algumas possuem somente vaca para ordenha (GOMES, 2008).

O largo ou campo compreende a área inundável da baía, nele é possível observar a criação de gado e cavalos, porém em períodos de cheia a criação é conduzida para lugares mais

altos, geralmente no sopé do morro. Além dos bois e cavalos, nesse ambiente é comum a presença de anfíbios, aves, répteis e alguns mamíferos como as capivaras.

Entre as inúmeras baías pantaneiras, a mais próxima de Mimoso é a baía de Chacororé, que se destaca pela importância social, econômica e cultural para a população. Dela provém parte da proteína utilizada na alimentação, sua beleza cênica é um atrativo para turistas, além da importância reprodutiva e nutricional para os peixes. Além de sua importância natural para o ecossistema, ela é morada de seres imaginários, nos seus universos similares ao humano, sob as águas encantadas (LEITE, 2003).

Atualmente, devido a redução das chuvas o nível de água da baía está abaixo do normal e, segundo alguns órgãos governamentais outros problemas vem agravando esta situação, como a obstrução de cursos de água e o desmoronamento de barragens provocados, tanto pela ação humana quanto pelo tempo. Da Silva et al. (2021) complementam que as ações antropogênicas local e regional são os principais fatores que contribuem para a seca das baías de Chacororé e de Sinhá Mariana.

Mimoso possui uma estrutura constituída de um pequeno comércio de mercearia, supermercado, restaurante, farmácia, posto de gasolina, oficina mecânica e hotel. Diversos estabelecimentos prestam serviços para a comunidade, alguns com construções de importância histórica, como a Escola Santa Claudina, a Capela Santo Antônio e o posto do Correio. Outros são mais recentes e/ou modernos, unidade básica de saúde, igreja evangélica, centro cultural e espaço multiuso (sede da Associação de Moradores do Distrito de Mimoso) e Memorial Rondon.

3.2 “Nosso jeito de ser e viver em Mimoso”

Desde o ‘ritmo das águas’ o povo mimoseano vem despertando interesse por diversos estudiosos que buscam nos seus diferentes aspectos, o olhar desse povo, traduzir seu jeito de ser, sua cultura, seu cotidiano e suas origens. Os mimoseanos mostram as características culturais por meio de hábitos, linguagem, organização social e fenotípicas de seus antepassados (DA SILVA, 2020).

A população que forma o Distrito de Mimoso, é composta por 134 famílias e, aproximadamente, 650 pessoas. Alguns moradores atribuem a descendência de sua família a Marechal Cândido Rondon (GOMES, 2008), entre eles Dona T. (90 anos) afirmou que seu pai, Emílio Mariano da Silva, era primo de Rondon. Segundo Da Silva et al. (1995) famílias de grande prestígio político em Mimoso, os Lucas Evangelista e os Gonçalves de Queiroz reivindicam a descendência de Rondon.

Em Mimoso é comum a relação de compadrio entre os moradores da comunidade, fato observado durante as entrevistas em que uma pessoa se refere a outra proferindo a expressão “compadre...” ou “comadre...” seguido do primeiro nome próprio. Esse hábito respeitado nas comunidades tradicionais é uma herança da cultura portuguesa (DA SILVA, 2020). Existe diferentes tipos de compadrio, porém, a principal regra é o respeito mútuo, caracterizado por Silva (2017) como “irmandade de respeito”, pois essa relação propõe a construção de alteridade e parentesco e a proibição de determinadas práticas. Na perspectiva de Conceição (2015) as relações estabelecidas pelo compadrio podem ser verticais ou horizontais. O primeiro caso ocorre entre pessoas de status socioeconômico diferentes, por exemplo, patrão e trabalhador. O segundo tipo, se dá a partir do relacionamento entre pessoas socialmente semelhantes, prevalecendo laços de amizade, afetividade e consanguíneo.

Evidenciamos elevado grau de parentesco traduzido nas falas dos moradores pela expressão “...*aqui nós é tudo parente!*” Essa frase resultou no título de uma tese de doutorado (Aqui tudo é parente: um estudo das práticas e ideias em relação ao tempo e ao espaço entre camponeses em Mimoso) publicada em 1998 pela pesquisadora Joana Aparecida Fernandes Silva.

Segundo Lakatos et al. (1990) o sistema de parentesco compreende, além da família nuclear, composta de pais e filhos, a afinidade com o cônjuge e seus familiares, a consanguinidade através da relação entre pais e filhos, e os fictícios ou pseudoparentes, envolvendo filhos adotivos, compadrio e escravos. Este último também denominado parentesco social, pois corresponde a um conjunto de laços que revelam formas de aliança ou apoio social (AMARO, 2014).

A organização familiar dos mimoseanos, com idade mais avançada, se dá através de famílias com maior número de filhos, entretanto para os casais mais novos, o tamanho da família é reduzido e em alguns casos não possuem filhos. Pode-se observar tanto a patrilocalidade, após o casamento os cônjuges vão morar com a família do marido, quanto a matrilocidade, após o casamento os cônjuges vão morar com a família da esposa, essa característica explica a existência de mais de uma casa na mesma propriedade. A prática de estar associado à família do pai é uma herança ancestral dos indígenas da etnia guató (OLIVEIRA, 2003), enquanto a associação à família da mãe refere-se aos bororo, nessa etnia após o casamento o homem passa a pertencer à família da esposa, transferindo sua moradia para a casa da mãe dela (GRUBITS et al., 2005; NOVAES, 1986).

Além das residências patrilocal e matrilocidade, Batalha (1995) descreve a ambilocal, quando alguns casais passam a viver com a família do marido, enquanto outros vão viver com

a família da mulher; a neolocal, quando o casal estabelece sua residência independente das residências das famílias; avuncolocal, quando o casal passa a viver com o tio materno do marido. O autor acrescenta:

As circunstâncias da adaptação humana aos ecossistemas são provavelmente a principal explicação para a forma como as sociedades humanas se organizam em termos de família e residência, mas as representações coletivas de natureza êmica não podem ser ignoradas e não existe garantia absoluta de que elas reflitam os padrões de organização social e política mais adaptativos em cada sociedade (BATALHA, 1995, p. 161).

Em Mimoso é comum a saída de uma parte dos filhos de algumas famílias para estudar ou trabalhar na cidade, principalmente, em Cuiabá, porém não é considerada uma migração definitiva, pois quando essas pessoas ficam com a idade mais avançada fazem o processo inverso e retornam ao seu local de origem. Os mimoseanos que residem fora mantêm o contato familiar, geralmente, aos finais de semana, em festas de Santo ou em datas comemorativas. Um exemplo é o caso da família de Seu A. (83 anos) e Dona O. (74 anos), que possuem oito filhos, destes, três moram em Cuiabá, dois moram em comunidades próximas e os outros três construíram suas casas na propriedade do pai.

Outro exemplo é relatado por Da Silva e Silva (1995), em que os sete filhos de Seu Moreno e esposa vivem independentemente em suas casas, contudo ao redor da casa paterna, e dividindo pastos e a criação de gado. Nesses dois casos, é evidenciado a similaridade nas famílias mimoseanas, que apesar da diferença do período em que foram realizadas as pesquisas, essa característica é preservada na comunidade.

A maioria das casas é de alvenaria (Figura 2), foram construídas no século passado e a arquitetura presente é uma transição entre o rural e o urbano, geralmente com a frente voltada para a área alagável, o campo, de onde as mulheres observam o trabalho dos maridos com o gado. A madeira utilizada na construção das casas (caibro, ripa, esteio, tábua) e das cercas e porteiros (mourão), que separam as propriedades é proveniente, principalmente, da murraria situada aos fundos das propriedades. No entanto, o uso da biodiversidade nas casas pantaneiras, aos poucos, vem sendo substituído por materiais industrializados. As pessoas com mais recursos dão preferência por casas de alvenaria, tanto pela durabilidade quanto pela beleza (GALDINO et al., 2009).

Durante as entrevistas foi possível observar duas casas com cobertura e paredes de palhas de babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng), estas com durabilidade inferior, sendo necessário fazer a substituição das palhas, como relato de Dona J.: “... a minha casa é coberta de palha, mas tem que tirá na lua... na minguante dura mais tempo, de cinco a seis anos...”

depois tem que fazê outra cobertura...”. Em algumas propriedades há uma cozinha externa ou varanda com cobertura de palha, e, em outra foi observado a conservação da antiga moradia de palha, servindo como depósito de utensílios (paiol) após a edificação da nova moradia.

Em outras regiões do pantanal também foi identificado o uso de palmeiras na cobertura de casas como nos estudos de Galdino e Da Silva (2009) em comunidade ribeirinha de Barão de Melgaço, de Carniello (2007) na fronteira Brasil-Bolívia e de Arruda et al. (2014).



Figura 2. Arquitetura das casas mimoseanas, Santo Antônio de Leverger – MT, 2022. Fonte: Acervo das autoras e do projeto PELD DARP Pantanal.

De acordo com o perfil socioeconômico, dos 29 interlocutores (15 homens e 14 mulheres) a maior parte possui mais de 60 anos. Percebe-se que existe uma forte relação entre a indicação dos interlocutores e a idade deles, pois, geralmente, as pessoas com idade mais avançada são detentoras dos saberes tradicionais, uma vez que o tempo de permanência no sistema é maior. Essas pessoas são reconhecidas como autoridades enquanto guardiãs da memória local. Ferreira e da Silva (2020) classificam os interlocutores em “experientes”, aqueles que vivenciaram a história da comunidade; “atuantes”, pessoas representativas na comunidade; e “vindouros” futuros líderes da comunidade.

Quanto a naturalidade, a maioria (86,2%) nasceu no distrito de Mimoso (Santo Antônio de Leverger), e segundo relatos nasceram de parto natural, sendo essa prática muito comum em épocas passadas na região. Algumas pessoas nasceram em municípios próximos e um morador é natural de Corumbá, região pantaneira de Mato Grosso do Sul.

Com relação ao tempo de permanência no sistema houve uma variação de sete a 90 anos. Aqueles que residem no local há mais tempo nasceram na própria comunidade, já os que moram há menos tempo, têm como principal motivo da vinda para Mimoso o casamento com algum morador local. Essa permanência de longa duração no sistema, juntamente com as relações estabelecidas no grupo social da comunidade possibilita o enfrentamento às dificuldades e maior capacidade de superação caracterizando a resiliência.

Quando perguntado “Como é viver em Mimoso”, responderam por unanimidade que gostam muito de viver no local e sentem orgulho de serem mimoseanos e pantaneiros. Dessa forma, pode-se perceber os sentimentos e a veracidade de cada resposta nas narrativas dos interlocutores. As palavras com maior expressividade foram agrupadas e organizadas graficamente por meio da construção da nuvem de palavras (Figura 3). O termo ‘pertencimento’ ganha relevância, pois trata da identidade e da vivência dos moradores na comunidade, sempre demonstrada com emoção e nas lembranças ainda vivas do passado.



Figura 3. Nuvem de palavras gerada das narrativas dos mimoseanos como resposta da vivência na comunidade. Santo Antônio de Leverger - MT. Fonte: Elaborada pelas autoras (2022).

A maior parte dos interlocutores são aposentados, mesmo assim exercem outras atividades para complementar a renda, como a criação de gado, a agricultura de subsistência e a apicultura. Algumas pessoas, embora tenham um número reduzido de gado ou uma pequena roça, não se declaram como pecuaristas ou agricultores. A quantidade e o tipo de criação variam entre os moradores, alguns possuem somente bovino, outros possuem bovino, equino e suíno.

Esses animais são utilizados na dieta alimentar (carne), na produção de leite e no trabalho (cavalo).

Dentre os cultivos da agricultura de subsistência estão mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum* L.), banana (*Musa* sp.), batata-doce (*Ipomoea batatas* (L.) Lam.), abóbora (*Cucurbita* sp.) e milho (*Zea mays* L.). A força do trabalho é a mão-de-obra familiar. Nas comunidades tradicionais, as pessoas aprendem cultivar e cuidar das plantas durante a infância, ao acompanhar os pais na roça, essa prática envolve dedicação, afetividade e, permanece na pessoa por toda sua existência (AMOROZO, 2002). Esse tipo de agricultura é praticado em comunidades ribeirinhas pantaneiras em diversas localidades do rio Cuiabá (DA SILVA, 2020). A mandioca, um dos principais cultivos, possui importância histórica e cultural por compor a base do sustento das pessoas durante a colonização brasileira e dos povos antigos (JOSEPH et al., 2021). Nessa atividade nota-se a presença de alguns dos princípios da segurança alimentar (GRISA et al., 2010), como a produção de alimentos para autoconsumo e a qualidade nutricional por meio dos insumos utilizados.

Os apicultores retiram o mel das caixas onde as abelhas, principalmente nativas, são criadas ou diretamente da colmeia formada no cambará (*Vochysia divergens* Pohl.), frequente nas matas ripárias do Pantanal, constituindo populações homogêneas denominadas cambarazais (LORENZI, 2008; POTT et al., 2011). A esse agrupamento de plantas onde há uma predominância de uma espécie sobre outras é denominado de espécie monodominante (SANDER et al., 2017). Embora a apicultura não seja a única atividade, todos comercializam a produção. Nas comunidades da baixada cuiabana a apicultura, geralmente, não se caracteriza como renda principal dos empreendedores e sim como complemento (LONGO et al., 2019). A qualidade dos produtos apícolas produzidos no pantanal mato-grossense é semelhante aos comercializados em outros países (FRANZ et al., 2018), suas propriedades antioxidante, antimicrobiana, antiviral e anticarcinogênica contribuem com a saúde humana na prevenção de doenças (KÜÇÜK et al., 2007).

O melhor período para a retirada do mel é o mês de agosto, principalmente quando o tempo está quente, pois se ocorrer friagem as abelhas acabam se alimentando do próprio mel. Utilizam técnicas tradicionais para a extração, como a fumaça e vestimentas comuns, além de conservação de parte do mel na colmeia para a manutenção da atividade. Seu J. relata sua experiência com a extração de mel:

Não crio abelha, acho a colmeia no campo (região alagável), ela faz o mel com a flor do cambará. No morro (morraria) faz pouco enxame, porque não tem água. Uso a fumaça pras abelha saí, mais quando a abelha pica, não pode corrê, se não elas atacam,

aí eu passo mel mesmo. Tiro o mel na vasilha e apuro, espremo na peneira... deixo um pouco pras abelha voltá, se tirá tudo elas vão embora. Tiro em média 20 litro, mais já cheguei a tirá 70. Meu filho leva e vende em Cuiabá e outra parte vendo aqui também. Desde criança faço isso, fui tomando prática e faço até hoje... também ensino pros jovem que querem aprendê. (Seu J., 74 anos)

A comunidade apresenta divisão de trabalho entre homens e mulheres. As mulheres, que cuidam da casa ou aquelas que trabalham fora, agregam a renda familiar com o feitiço de doces de frutas, licores, xaropes e trabalhos artesanais. Esses produtos são comercializados por elas em suas casas e no Memorial Rondon, que aos finais de semana e feriados recebe a visita de moradores de comunidades vizinhas e de turistas.

O trabalho de serviços gerais é braçal, feito com foice (roçar), machado (cortar lenha) ou enxada (capinar) e na construção de cerca e curral. Todos, independente da atividade que exercem têm histórias para contar, sejam elas vivenciadas ou transmitidas, oralmente, pelos seus antepassados.

Embora não sejam pescadores, os mimoseanos possuem conhecimento a respeito das melhores iscas para cada tipo de peixe, dos melhores locais e períodos para pegar os peixes, além das percepções das alterações ambientais provocadas pela espécie humana. Segundo Leite (2011) a população pantaneira que vive às margens dos rios ou lagoas, desenvolve uma percepção ambiental intimamente relacionada com a água.

Os principais alimentos consumidos pelas famílias mimoseanas provém da própria comunidade. A base proteica é constituída de carne de gado ou de porco, frango (criados pelos moradores) e peixe (pescado na região). Os vegetais utilizados no preparo das refeições são cultivados, principalmente na roça (mandioca, banana, batata, abóbora e milho) e em pequenas hortas (temperos). A mandioca é uma cultura comum no município de Santo Antônio de Leverger, de acordo com Amorozo (2002) na região existe, aproximadamente, 60 variedades. A autora acrescenta que "... em ambientes de agricultura de subsistência, a segurança alimentar constitui uma das mais importantes motivações para a manutenção de cultivares...". No estado de Mato Grosso foram produzidas 281.962 toneladas de mandioca em área equivalente a 19.093 hectares (EMBRAPA, 2018).

Alguns moradores conservam os hábitos tradicionais e tem como primeira refeição do dia o 'quebra-torto', comida típica da cultura mato-grossense, geralmente feita com carne frita, arroz, farinha de mandioca e ovo. Essa tradição é comum no pantanal, está vinculada aos trabalhos pesados, por isso é servido antes de iniciar os mesmos, frequentemente, acompanhado de café, chá-mate ou leite (GUARIM NETO et al., 2012). Nas fazendas pantaneiras é servido de madrugada, quando a peonada parte para a lida no campo, sem hora certa para voltar. Em

comunidade ribeirinha de Estirão Comprido, o 'quebra-torto', é a refeição realizada no café da manhã, antes dos pescadores saírem para o trabalho (MORAIS et al., 2009).

Outros iniciam o dia tomando guaraná (*Paullinia cupana* Kunth.), comprado em pó ou em bastão e ralado na grosa. Os mimoseanos tem todo um ritual para preparar a bebida, o pó é misturado com açúcar refinado (no passado utilizavam açúcar era em torrão, feito de modo artesanal) e um pouco de água, mexe-se bem e, em seguida acrescenta-se mais água, sempre mexendo, alguns adicionam raiz de carapiá (*Dorstenia cayapia* Vellozo) ou folha de figo (*Ficus carica* L.). Os interlocutores relatam os benefícios da bebida: “faz bem; dá vigor; tira a fome”. Esse hábito antigo e tradicional é originário dos povos indígenas da Amazônia e muito consumido no pantanal e em diversas localidades da baixada cuiabana. O guaraná (*P. cupana*), foi descoberto e domesticado pelos indígenas da etnia Sateré-Mawé, habitantes da Amazônia, com o primeiro registro de ocorrência no século XVII na região interfluvial Madeira-Tapajós pelos missionários jesuítas, e posteriormente, transformado e comercializado dentro e fora do país (FIGUEROA, 2016).

Nas demais refeições é comum preparar a carne com alguma mistura (banana verde, abóbora, maxixe ou mandioca) para comer com arroz sem sal; carne com arroz; farofa; feijoada; galinha com arroz; e peixe. As refeições são preparadas em diferentes tipos de fogões, a gás, a lenha ou em tacuru. Esse último é observado em diversas moradias, constitui uma herança indígena, sua estrutura é feita de pedra ou de cupinzeiro o que possibilita assentar panelas para cozinhar os alimentos (DA SILVA e SILVA, 1995). Estudos antropológicos, como os de Mintz (2001) e Maciel (2005), mostram a conexão entre a alimentação e os aspectos culturais. Assim como Arruda et al. (2018) apontam a questão cultural da pesca na alimentação em comunidades quilombolas de Mato Grosso.

As mulheres de mais idade fazem pão, bolo, biscoitos, doces etc. No entanto, com a instalação de padaria e supermercado alguns mimoseanos estão incorporando novos hábitos, pois encontram alimentos prontos nesses estabelecimentos. De acordo com Nascimento e Barros (2019) essa prática ocorre, principalmente, com os mais jovens, apesar disso a presença de comidas tradicionais nessas comunidades é frequente. Segundo os autores, mesmo que as tradições são praticadas e transmitidas, algumas são misturadas com valores, significados e novas práticas alimentares. Contudo, os mimoseanos respeitam as datas religiosas comendo somente o que é permitido no período, como acontece durante a Semana Santa.

Em Mimoso, além do manejo das roças, da criação do gado, da pesca, da extração do mel, e da culinária tradicional, outros saberes e fazeres caracterizam a identidade da comunidade (Figura 4). Também fazem parte das vivências dessa população outros produtos

bioculturais, por exemplo a medicina tradicional, a produção de sabão dicuada, o feito de doces e os processos artesanais na madeira (viola-de-cocho, pilão e canoa), alguns desses descritos a seguir.



Figura 4. Produtos bioculturais da Comunidade Mimoso, Santo Antônio de Leverger – MT, 2022. Fonte: Acervo das autoras.

Um dos remédios tradicionais produzidos pelas mimoseanas é o xarope, feito a partir do jatobá (*Hymenaea stigonocarpa* Mart. ex Hayne) e indicado como anti-inflamatório, no tratamento de tosse, bronquite, asma e outros problemas pulmonares. Outro uso tradicional da espécie é na forma de licor, denominado por alguns interlocutores de ‘viagra pantaneiro’. A produção do xarope é realizada por mulheres, porém os homens também estão envolvidos, principalmente, nos momentos de coleta das cascas, desta forma os afazeres com os produtos da sociobiodiversidade, muitas vezes, envolve todo o núcleo familiar. Guarim Neto (2006) destaca o jatobá (*H. stigonocarpa*) para diversas indicações de usos na medicina tradicional do pantanal, a exemplo da sinusite, dor de estômago, do peito e das costas, machucaduras e fraturas.

Atualmente a fabricação da canoa (de um pau só ou de tábua) é reduzida e fica restrita a poucos mimoseanos. Seu feito passa pela escolha adequada da árvore, o melhor período para

ser derrubada, as ferramentas utilizadas e o modo de acabamento, pois a durabilidade, a facilidade para ser talhada e a leveza para conduzir são critérios importantes na escolha da madeira.

Para os mestres canoieiros de comunidades pantaneiras uma das madeiras utilizadas é o cambará (*V. divergens*), e a melhor lua para o corte é a fase crescente, acreditam que nesse período a madeira apresenta maiores durabilidade e sustentabilidade (QUADROS, 2013). O autor afirma que algumas pessoas fazem canoas, exclusivamente, para uso familiar, e dessa forma guardam o saber fazer desta embarcação. De acordo com os interlocutores, herdaram esse conhecimento de familiares e pessoas mais velhas da região, como relatado pelo Seu M., 45 anos: “Meu avô fazia muita canoa de um pau só, usava pau de chimbuva, piúva, cambará e guanandi... aprendi fazê com ele... a canoa chega até mesmo onde outra embarcação não consegue chegá, é leve e rápida”. Na literatura científica essas plantas são denominadas, respectivamente, *Enterolobium contortisiliquum* (Vell.) Morong, *Handroanthus serratifolius* (Vahl) S.Grose, *Vochysia divergens* Pohl, *Calophyllum brasiliense* Cambess. Dessa forma, a partir da abordagemêmica os elementos empíricos são compreendidos, enquanto na abordagem ética utiliza-se ferramentas para interpretá-los.

O cambará (*V. divergens*) possui madeira moderadamente pesada, macia e fácil de trabalhar, além do feitiço de canoas é utilizada na confecção de cochos e brinquedos, porém apresenta baixa resistência mecânica. Provavelmente é a mais importante espécie madeireira que pode ser aproveitada racionalmente no pantanal através do manejo florestal (POTT et al., 1994; LORENZI, 2008). Essa espécie tem sido estudada no pantanal pelos autores Fernandez Castrillon et al. (2014); Arieira et al. (2011); Nunes da Cunha et al. (2006).

O sabão dicuada é preparado a partir do “pau de babaçu” e gordura animal, e utilizado, principalmente, na higiene pessoal. Dona D. relata que esses saberes vieram de seus antepassados, aprendeu a fazer com sua mãe, sendo que esta aprendeu com sua avó. Explica que depois de coletar o babaçu (*A. speciosa*) na morraria ele é colocado no fogo para queimar até se transformar em cinzas, estas não são diretamente usadas no preparo do sabão, mas para obter a dicuada.

Schwenk et al. (2000) descrevem o uso das cinzas de outras espécies vegetais para a produção de sabão. Segundo Pinheiro e Giordan (2010) as mulheres detentoras de saberes tradicionais produzem o sabão diquada com cinzas resultantes da queima das palhas de café, de feijão e do caule de assa-peixe, e afirmam que a transmissão do conhecimento sobre esse tipo de sabão ao longo das gerações, bem como sua conservação cultural, evidencia tratar-se de um bem de valor presente em diversas comunidades.

4 CONCLUSÃO

Os mimoseanos são pessoas simples e dispostas a compartilhar seus saberes e práticas tradicionais presentes no cotidiano, identificados por meio de produtos bioculturais, de valores e sentimentos de pertencimento ao lugar.

O patrimônio biocultural é conservado e os costumes tradicionais são repassados entre as gerações por meio do convívio familiar, a esses costumes são incorporados novos hábitos introduzidos na comunidade e que constituem a dinâmica cultural.

Os vínculos de amizade, reciprocidade, compadrio e parentesco estão presentes na comunidade podendo ser observado em momentos que se entrelaçam as dimensões social e cultural.

Apresentam uma estreita relação com o ambiente, nomeiam e classificam em macrohabitats, nele realizam suas práticas ecológicas e culturais e dele retiram produtos para sua subsistência.

5 AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos moradores da Comunidade Tradicional Mimoso, município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, pela generosidade, receptividade e por fornecer informações para a construção desse trabalho.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. A.; DA SILVA, C. J. As Comunidades tradicionais pantaneiras Barra de São Lourenço e Amolar, Pantanal, Brasil. *História e Diversidade*. Cáceres, v.1, p. 10-31, 2012.

ALVARENGA, S. M.; BRASIL, A. E.; PINHEIRO, R.; KUX, H. J. H. *Estudo geomorfológico aplicado à bacia do Alto Rio Paraguai e Pantanaís Mato-grossenses*. Projeto Radambrasil, p. 89-183, 1984. (Boletim técnico - Série Geomorfologia).

AMARO, F. *Sociologia da família*. 1 ed. Lisboa: Pactor, 2014. p. 224.

AMOROZO, M. C. M. Agricultura tradicional, espaços de resistência e o prazer de plantar. In: ALBUQUERQUE, U. P. ALVES, A. G. C.; BORGES, A. C. L.; SILVA, V. A. (Orgs.). *Atualidades em etnobiologia e etnoecologia*. Recife: SBEE, 2002. p.p. 123-131.

ARIEIRA, J.; KARSSENBERG, D.; DE JONG, S. M.; ADDINK, E. A.; COUTO, E. G.; NUNES DA CUNHA, C.; SKØIEN, J. O. Integrating field sampling, geostatistics and remote sensing to map wetland vegetation in the Pantanal, Brazil. *Biogeosciences*, v. 8, p. 667-686, 2011. DOI: <https://doi:10.5194/bg-8-667-2011>

ARRUDA, J. C., DA SILVA, C. J.; SANDER, N. L. Conhecimento e uso do babaçu (*Attalea speciosa* Mart.) por quilombolas em Mato Grosso. *Fragmentos de Cultura*. Goiânia, v. 24, n. 2, p. 239-252, 2014.

ARRUDA, J. C.; SILVA, C. J.; SANDER, N. L.; PULIDO, M. T. Conhecimento ecológico tradicional da ictiofauna pelos quilombolas no Alto Guaporé, Mato Grosso, Amazônia meridional, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, v. 13, n. 2, p. 315-329, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981.81222018000200004>

BATALHA, L. Breve Análise sobre o Parentesco como Forma de Organização Social. In *Estudos de Homenagem ao Professor Adriano Moreira*. Lisboa: ISCSP/UTL, v. II, p. 749-62. 1995.

BAYLEY, K. D. *Methods of social research*. New York: Free Press, 1982. p. 553.

BERKES, F. & FOLKE, C. *Linking Social and Ecological Systems - Management Practices and Social Mechanisms for Building Resiliense*. New York: Cambridge University Press, 1998.

BRASIL. *Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007*. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília: DOU, 2007.

CARNIELLO M. A. *Estudo etnobotânico nas comunidades de Porto Limão, Porto Alambrado e Campo Alegre, na fronteira Brasil-Bolívia, Mato Grosso, Brasil*. 2007. Tese (Doutorado em Biologia Vegetal) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro – SP, 2007.

CONCEIÇÃO, L. P. Cor, compadrio e parentesco nos registros de batismo e casamento da freguesia de São Felipe – Recôncavo sul da Bahia (1889-1920). In: X ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DE HISTÓRIA ORAL – história oral, educação e mídias. *Anais*. Salvador, BA, 2015.

CRUZ, L. E. M. B. *Práxis educativa e a problemática do lixo em uma comunidade pantaneira - Mimoso/MT*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá – MT. 2002.

DA SILVA, C. J. *Análise de alterações hidrológicas das baías de Chacororé e Sinhá Mariana (Pantanal Mato-grossense) e recomendações para recuperação*. DA SILVA, C. J.; FIGUEIREDO, D. M.; VACCHIANO, M. A. (Orgs.) – Cáceres: Editora Unemat, 2021.

DA SILVA, C. J.; SILVA, J. A. F. *No ritmo das águas do Pantanal*. São Paulo: NUPAUB, 1995. p. 210.

DA SILVA, C. J. Povos e comunidades tradicionais e locais no pantanal. In: DA SILVA, C. J.; GUARIM NETO, G. (Orgs.). *Comunidades tradicionais do pantanal*. Cuiabá: Entrelinhas; Cáceres: Editora Unemat, 2020. p.p. 21-37.

DIEGUES, A. C. Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil. In: DIEGUES, A. C. (Org.). *Biodiversidade e Comunidades Tradicionais no Brasil*. NUPAUB-USP – PROBIO-MMA-CNPQ, São Paulo, 1999. p. 189.

DIEGUES, A. C. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983. p. 287.

EMBRAPA. Mandioca em números. *Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*. Disponível em <https://www.embrapa.br/congresso-de-mandioca-2018/mandioca-em-numeros>

FERNANDEZ CASTRILLON, J. R.; ANDRADE, S. C. J. G.; ALBUQUERQUE, M. C. F. E.; IKEDA-CASTRILLON, S. K.; MORAIS, F. F. Produção de mudas de cambará (*Vochysia divergens* Pohl) em diferentes substratos e tolerância à inundação no Pantanal Mato-grossense. *Brazilian Journal of Ecology*, v. 1, p. 51-59, 2014.

FERREIRA, M. S. F. D.; DA SILVA, C. J. Lugar, recursos e saberes dos ribeirinhos do médio rio Cuiabá, Mato Grosso. In: DA SILVA, C. J.; GUARIM NETO, G. (Orgs.); *Comunidades tradicionais do pantanal*. Cuiabá: Entrelinhas; Cáceres: Editora Unemat, 2020. p.p. 47-56.

FIGUEROA, A. L. G. Guaraná, a máquina do tempo dos Sateré-Mawé. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 11, n. 1, p. 55-85, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981.81222016000100005>

FRANZ, G.M.; FERREIRA, J.O.; LONGO, L.; LOUREIRO, E. M.; MENDONÇA, J. D. C.; BÁRBARA, K.G.; GALBIATI, C. Análise polínica e compostos fenólicos de mel e própolis do Pantanal, Mato Grosso, Brasil. *Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais*. v. 9, n. 1, p. 13–25, 2018. DOI: <https://doi.org/10.6008/SPC2179-6858.2018.001.0002>

GALDINO, Y.; DA SILVA, C. J. *Casa e Paisagem pantaneira: conhecimento e práticas tradicionais*. 1 ed. Cuiabá: Carlini Caniato Editorial, 2009. p. 96.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 323.

GOMES, J. C. *Construindo caminhos educativos para a interpretação do ambiente pantaneiro*. 2008. Tese (Doutorado em Ciências) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP, 2008.

GRISA, C.; GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. A produção invisível na agricultura familiar: autoconsumo, segurança alimentar e políticas públicas de desenvolvimento rural. *Agroalimentaria*, Mérida, v. 16, n. 31, p. 65-79, 2010.

GRÜN, M. Hermenêutica, biorregionalismo e educação ambiental. In: SAUVÉ, L.; ORELLANA, I; SATO, M. (Orgs.). *Textos escolhidos em Educação Ambiental: de uma América à outra*. Québec: Lês Publications ERE-UQAN, 2002. Tomo I. p.p. 91-99.

GUARIM NETO, G. O saber tradicional pantaneiro: as plantas medicinais e a educação ambiental. *Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient*, v.17, 2006. p. 71-89.

GUARIM NETO, G.; GUARIM, V. L. M. S.; CARNIELLO, M. A.; FIGUEIREDO, Z. N. Espaços pantaneiros - relato sobre o cotidiano em uma fazenda tradicional na região da fronteira Brasil-Bolívia: elos com a educação não-escolarizada. *FLOVET*, n. 4. p. 1-10, 2012.

GRUBITS, S.; HARRIS, I. D.; PEDROSO, M. Mulheres indígenas: poder e tradição. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 3, p. 363-372, 2005. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000300004>

HILL, R.; NATES-PARRA, G.; QUEZADA-EUÁN, J. J. G.; BUCHORI, D.; LEBUHN, G.; MAUÉS, M. M.; PERT, P. L.; KWAPONG, P. K.; SAEED, S.; BRESLOW, S. J.; CARNEIRO DA CUNHA, M.; DICKS, L. V.; GALETTO, L.; GIKUNGU, M. G.; HOWLETT, B. G.; IMPERATRIZ-FONSECA, V. L.; LYVER, P. O.B.; MARTÍN-LÓPEZ, B.; OTEROS-ROZAS, E.; POTTS, S. G.; ROUÉ, M. Biocultural approaches to pollinator conservation. *Nature Sustainability*, p. 214-222, 2019. DOI: <https://doi10.1038/s41893-019-0244-z>

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. *Cidades e Estados*. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>

JOSEPH, L. A.; ROSSETO, O. C. Agricultura familiar no Distrito de Mimoso – Município de Santo Antônio de Leverger-MT. In: ROSSETTO, O. C.; SILVA, J. M. R. (Orgs.). *Mimoso:*

Comunidade tradicional do Pantanal Mato-grossense. 1 ed., Curitiba: Apris, 2021. p.p. 95-124.

KÖPPEN, W. *Grundriss der Klimakunde*: Outline of climate science. Berlin: Walter de Gruyter, 1931.

KÜÇÜK, M.; KOLAYL, S.; KARAOĞLU, S.; ULUSOY, E.; BALTAC, C.; CANDAN, F. Biological activities and chemical composition of three honeys of different types from Anatolia. *Food Chemistry*, v. 100, p. 526-534, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.foodchem.2005.10.010>

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Sociologia Geral*. São Paulo: Atlas, 1990.

LEITE, M. C. S. *Águas encantadas de Chacororé*: natureza, cultura, paisagens e mitos do Pantanal. 1 ed. Cuiabá: Catedral Unicen, 2003.

LEITE, M. C. S. Poéticas d'água: na oralidade e no imaginário popular brasileiro. *Cadernos de Estudos Culturais*. UFMS, Campo Grande, 2011. p. 97-112.

LONGO, L.; GALBIATI, C.; SOUZA, C. A. Pantanal Mato-grossense: aspectos socioeconômicos da apicultura e seu avanço em seis municípios na baixada cuiabana. *Revista Equador* (UFPI), v. 8, n. 3, p. 101-118, 2019. DOI: <https://doi:10.26694/equador.v8i3.9381>

LORENZI, H. *Árvores Brasileiras: manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil*. Nova Odessa: Instituto Plantarum. 2002. p. 368.

MACIEL, M. E. Identidade cultural e alimentação. In: CANESQUI, A. M.; GARCIA, R. W. D. (Orgs.). *Antropologia e Nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p.p. 49-55.

MAITELLI, G. T. *Uma abordagem tridimensional de clima urbano em área tropical continental: o exemplo de Cuiabá/MT*. 1994. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1994.

MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural. Coleção Os Pensadores, 1978.

MINAYO, M. C. S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p.p. 61-77.

MINAYO, M. C. S.; COSTA, A. P. Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, v. 40, n. 40, p. 139-153, 2018.

MINTZ, S. W. Comida e Antropologia: uma breve revisão. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, [SI] v. 16, n. 47, p. 32-42, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092001000300002>

MORAIS, F. F.; MORAIS, R. F.; DA SILVA, C. J. Conhecimento ecológico tradicional sobre plantas cultivadas pelos pescadores da comunidade Estirão Comprido, Pantanal mato-grossense, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi*, Belém, v. 4, n. 2, p. 277-294, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-81222009000200005>

NASCIMENTO, A. S.; BARROS, F. B. Entre mangues, rios e igarapés: pesca, comida e cultura no Quilombo de Mangueiras (Ilha do Marajó, Pará). *Revista Etnobiología*, México, v. 17, n. 3, p. 78-98, 2019.

NOVAES, S. C. *Mulheres, homens e heróis: dinâmica e permanência através da vida Bororo*. São Paulo: FFLCH/USP, 1986. p. 274.

NUNES DA CUNHA, C.; JUNK, W. J. Year-to-year changes in water level drive the invasion of *Vochysia divergens* in Pantanal grasslands. *Applied Vegetation Science*, n. 7, p. 103-110, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1654-109X.2004.tb00600>

OLIVEIRA, J. E. Da pré-história a história indígena: (Re) pensando a arqueologia e os povos canoeiros do pantanal. *Revista Arqueologia*, v. 16, n. 1, p. 71-86, 2003. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v16i1.180>

PASA, M. C. *Um olhar etnobotânico sobre as comunidades do Bambá, Cuiabá - Mato Grosso*. Cuiabá: Entrelinhas: EdUFMT, 2007. p. 143.

PINHEIRO, P. C.; GIORDAN, M. O preparo do sabão de cinzas em Minas Gerais, Brasil: do status de etnociência à sua mediação para a sala de aula utilizando um sistema hipermídia etnográfico. *Investigações em Ensino de Ciências* - v. 15, n. 2, p. 355-383, 2010.

POTT, A.; OLIVEIRA, A. K. M.; DAMASCENO-JUNIOR, G.A.; SILVA, J. S. V. Plant diversity of the Pantanal wetland. *Brazilian Journal of Biology*, São Carlos, v. 71, n. 1, p. 265-273, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1519-69842011000200005>

POTT, A.; POTT, V. J. *Plantas do Pantanal*. Brasília: Embrapa-SPI, 1994. p. 320.

QUADROS, I. P. *Palavras científicas sonhantes em um território úmido feito à mão: a arte popular da canoa pantaneira*. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá - MT. 2013.

PROENÇA, A. C. *Pantanal: Gente, Tradição e História*. 1 ed. Campo Grande: UFMS, 1992.

ROSSETTO, O. C.; GIRARDI, E. P. Dinâmica agrária e sustentabilidade socioambiental no Pantanal brasileiro. *Revista Nera*, n. 21, p. 135-161, 2012. DOI: <https://doi.org/10.47946/rnera.v0i21.2115>

SANTOS, P. R. M. *Experiência familiar de vida e cuidado: laços e pertencimento*. 2015. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá - MT. 2015.

SANDER, N. L.; RIBEIRO, R. S.; SILVA, D. R.; NETO, A. M. O.; LOPES, C. R. A. S.; ARRUDA, J. C.; PULIDO, M. T.; DA SILVA, C. J. Floristic, Phytosociology and Spatial Distribution of a monodominant *Mauritia flexuosa* L.f. forest in an Southern Amazon in the Arc of Deforestation. In: SOARES, M. A.; JARDIM, M. A. G. (Orgs). *Natural resources in wetlands: From Pantanal to Amazonia*. Belém: MPEG, 2017. p.p. 162-182.

SANTO ANTÔNIO DE LEVERGER. Câmara Municipal. *A história*. Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, 2020.

SCHWENK, L. M.; DA SILVA, C. J. A Etnobotânica da Morraria Mimoso no Pantanal de Mato Grosso. In: III SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SOCIOECONÔMICOS DO PANTANAL – os desafios do novo milênio III. 2001, Corumbá. *Anais...* Corumbá: Embrapa-Pantanal, 2001.

SCHEUER, J. M.; NEVES, S. M. A.; GALVANIN, E. A. S.; NEVES, R. J. (*In memoriam*). Desenvolvimento Humano dos Municípios de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul Contidos no Bioma Pantanal. *Editora Unijuí - Desenvolvimento em Questão*, n. 45, 2018. p. 82-96, 2018. DOI: <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2018.45.82-96>

SILVA, V. C. Fazendo compadre: relações de compadrio entre o povo indígena Chiquitano. *Etnográfica*. v. 21, n. 3, p. 599-612, 2017. DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.5067>

VIEIRA FILHO, M. A. M.; ALVES DE SIQUEIRA, J. I.; DA SILVA SOUSA, R.; LEMOS, J.R. Diversidad biocultural asociada al uso actual de plantas medicinales en una comunidad rural en el litoral piauiense (Nordeste de Brasil). *Ethnoscintia - Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology*, v. 3, p. 1-13, 2018. <https://doi:10.18542/ethnoscintia.v3i0.10204>

VIERTLER, R. B. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em Etnobiologia e Etnoecologia. In: AMOROZO, M. C.; MING, L. C.; SILVA, S. P. (Orgs.) *Seminário de etnologia e etnoecologia do Sudeste, 2001*. Rio Claro: UNESP/CNPQ, 2002. p.p. 11-29.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa. *Temáticas*, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. DOI: <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>

VIVEIROS, E. D. *Rondon conta sua história*. Rio de Janeiro: Cooperativa Cultural dos Esperantistas, 1969.



Vista parcial da Morraria Mimoso.

4 CAPÍTULO 2

Estudo comparativo sobre o conhecimento e uso da biodiversidade de plantas no Distrito de Mimoso (Santo Antônio de Leverger), Mato Grosso, Brasil – Reserva da Biosfera do Pantanal

Artigo publicado: Research, Society and Development (Q A3)

Normas para publicação: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd>

Margô De David

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8610-4465>

Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil

E-mail: margodedavid@hotmail.com.br

Joari Costa de Arruda

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8813-983X>

Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil

E-mail: arruda.joari@unemat.br

Carolina Joana da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3875-7319>

Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil

E-mail: ecopanta@terra.com.br

**Estudo comparativo sobre o conhecimento e uso da biodiversidade de plantas no
Distrito de Mimoso (Santo Antônio de Leverger), Mato Grosso, Brasil –
Reserva da Biosfera do Pantanal**

Resumo

O estudo foi realizado com moradores da Comunidade Mimoso, no município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, com o objetivo de investigar o conhecimento etnobotânico e comparar uso das plantas do macrohabitat morraria entre os anos de 2000 e 2020. Em 2000 foram entrevistadas 30 pessoas, escolhidas ao acaso e em 2020 participaram 29 pessoas, selecionadas por meio do método bola de neve. As informações foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas. Em 2000, os interlocutores citaram 91 etnoespécies e em 2020, citaram 83, das quais 56 são compartilhadas nos dois estudos. As categorias de usos com maior número de citações foram, respectivamente, em 2000 e 2020 assim distribuídas: medicinal 49 e 42, construção 41 e 46 e utensílio 36 e 26. Ainda que a diferença numérica, entre os dois períodos, não tenha sido expressiva a similaridade no uso das etnoespécies foi baixa (4%). Tal resultado pode ser explicado pela substituição de produtos encontrados no atual comércio local para as plantas alimentícias e medicinais, pela diminuição de alguns indivíduos na flora da morraria e pela proibição da sua exploração para espécies madeireiras. Os saberes tradicionais a respeito do uso das plantas estão em risco devido a diminuição do seu uso, pois o que era comumente utilizado pode deixar de ser nas gerações vindouras, e para que ocorra a transmissão do conhecimento é necessário práticas de usos no cotidiano.

Palavras-chave: Morraria; Plantas; Saberes tradicionais; Usos.

Abstract

The study was carried out with residents of the Mimoso Community, in the municipality of Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, with the objective of investigating ethnobotanical knowledge and comparing the use of plants from the morraria macrohabitat between the years 2000 and 2020. In 2000, they were interviewed 30 people, chosen at random and in 2020 29 people participated, selected through the snowball method. Information was collected through semi-structured interviews. In 2000, the interlocutors cited 91 ethnospecies and in 2020, they cited 83, of which 56 are shared in the two studies. The categories of uses with the highest number of citations were, respectively, in 2000 and 2020, distributed as follows: medicinal 49

and 42, construction 41 and 46 and utensil 36 and 26. Although the numerical difference between the two periods was not significant the similarity in the use of ethnospices was low (4%). This result can be explained by the substitution of products found in the current local commerce for food and medicinal plants, the decrease of some individuals in the flora of the hills and the prohibition of their exploitation for timber species. Traditional knowledge about the use of plants is at risk due to the decrease in its use because what was commonly used may no longer be in future generations, and for the transmission of knowledge to occur, practices of daily use are necessary.

Keywords: Morraria; Plants; Traditional knowledge; Uses.

1 INTRODUÇÃO

A relação existente entre populações humanas e plantas é estudada pela Etnobotânica, uma ciência que permite compreender as formas pelas quais as populações classificam, nomeiam e utilizam as espécies. Trata-se de uma área interdisciplinar que abrange o estudo e a interpretação do saber, a significação cultural, o manejo e os usos tradicionais da flora (CABALLERO, 1979; AMOROZO, 1996; 2008; ALBUQUERQUE e HANAZAKI, 2009; RITTER et al., 2015). Conforme Gandolfo e Hanazaki (2011), cultura e paisagem são dinâmicas, bem como, as condições para produção de etnoconhecimento. As autoras acrescentam que os estudos etnobotânicos contribuem para a conservação de áreas naturais, manutenção da qualidade de vida e identificação dos diferentes grupos culturais.

As populações tradicionais, ao utilizarem a biodiversidade de plantas, desenvolveram formas próprias de manejo, priorizando um modo de exploração que permite a reprodução cultural e social de seu povo e a recuperação das espécies. O conhecimento dessas populações revela a existência de um conjunto de saberes obtidos pela tradição e transmitido ao longo das gerações (FERNANDES e FERNANDES, 2015; PEREIRA e DIEGUES, 2010; DIEGUES, 1999).

No Brasil, esses povos e comunidades tradicionais encontram reconhecimento no decreto n.º 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, Artigo 3, onde são designados como:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

De acordo com Begossi (2004) o conhecimento tradicional é revelado no contato direto com os elementos da natureza, na observação e dependência econômica dos recursos, que representam relações ecológicas em seu sentido estrito. A autor acrescenta que o manejo desses recursos deve ser baseado tanto nas características ecológicas do sistema quanto dentro da realidade social das populações.

Pereira e Diegues (2010) descrevem que as interações dessas populações com o meio natural promovem o desenvolvimento de sistemas tradicionais de manejo, mantendo uma relação de respeito, gratidão, medo e cumplicidade com a natureza. Segundo Cunha (1992), homem e natureza são indissociáveis, visto que o meio ambiente compreende “o meio essencial de sua sobrevivência social, fonte de sua vida e de sua identidade cultural e, por conseguinte, significa a possibilidade de continuarem vivendo na história”.

No Estado de Mato Grosso convivem diversos povos detentores de conhecimento tradicional, a exemplo dos povos indígenas e das comunidades tradicionais quilombolas, ribeirinhas e pantaneiras. Segundo Da Silva (2020), nos municípios pantaneiros da Bacia do Alto Paraguai, formados desde o período colonial, convivem povos e comunidades tradicionais, entre eles o município de Santo Antônio de Leverger onde localiza-se o Distrito de Mimoso, que abriga uma comunidade tradicional pantaneira, lócus dessa pesquisa.

No Pantanal, os macrohabitats sofrem ameaças socioambientais que atingem a flora, a fauna e a população humana. Algumas ameaças são procedentes da alteração do planalto em seu entorno, como a expansão da atividade agropecuária, a mineração e a construção e exploração de recursos hídricos para geração de energia (CALHEIROS et al., 2018; IKEDA CASTRILLON et al., 2015). Outras, porém, são internas como a modificação da hidrologia, a exploração indevida dos recursos naturais (JUNK, 2017), e mais recente, no ano 2020, os incêndios florestais que atingiram cerca de 40% do bioma (MARENGO et al., 2021; GARCIA et al., 2021; SILGUEIRO et al., 2021; ICV, 2020).

As fortes pressões provocadas por grandes projetos têm provocado a perda ou a fragmentação de macro habitats, ameaçando a permanência de comunidades tradicionais e de seus saberes, já que dependem diretamente da biodiversidade para seu sustento e sua identidade cultural (HANAZAKI et al., 2018). Nessa perspectiva torna-se imprescindível a implementação de ações para registrar, valorizar e apoiar a perpetuação do conhecimento tradicional relacionado, principalmente, ao uso de plantas (OLIVEIRA-MELO et al., 2019).

Neste contexto, analisamos o conhecimento e uso da biodiversidade de plantas por moradores da comunidade tradicional Mimoso, e na perspectiva de uma abordagem de pesquisa

de longa duração, comparamos com o estudo realizado por Schwenk e Da Silva (2000). Perante as mudanças socioambientais que o país e o estado enfrentaram nas últimas décadas, essa comparação é uma oportunidade para averiguar como essas alterações afetaram o conhecimento e uso das plantas, uma das condições que demonstra a transmissão do conhecimento tradicional.

2 METODOLOGIA

2.1 Área de estudo

O estudo foi desenvolvido na Comunidade Tradicional Mimoso, no Município de Santo Antônio de Leverger, localizado a margem esquerda do rio Cuiabá, distante 27 km da capital. A localidade tem como via de acesso a Estrada Parque, rodovia MT 040, que liga Cuiabá, passando pela sede do município de Santo Antônio de Leverger, Porto de Fora, o Distrito de Mimoso, até alcançar a BR 364 perto de São Vicente. Segundo Rosseto e Girardi (2012) ocupa uma área territorial de 11.283 km² com 4.393 km² no planalto e 6.890 km² no pantanal, inserida nos biomas Cerrado e Pantanal.

O clima do município é do tipo Aw (KÖPPEN, 1931), apresenta duas estações, uma chuvosa (outubro a março) e outra seca (abril a setembro) e as precipitações médias anuais ficam em torno de 1.500 a 1.700 mm (Alvarenga et al., 1984). A temperatura tem variado entre a máxima de 39,5°C e mínima de 7,5°C. Essa alternância de meses secos e chuvosos encontra-se atualmente em transição, pois conforme Debortoli et al. (2015), a região enfrenta deslocamento temporal das chuvas, as quais estão começando mais tarde e terminando mais cedo. Segundo Rossetto (2015) Santo Antônio de Leverger é o terceiro município mais inundável (61%) do Pantanal, no Estado de Mato Grosso, ficando depois de Poconé (80,3%) e Barão de Melgaço (99,2%).

A economia baseia-se no turismo, pesca e agropecuária com agricultura de subsistência e pecuária de cria, recria, corte e leiteira. Atualmente, o município constitui-se da sede e dos distritos de Caité, Engenho Velho, Varginha e Mimoso, local onde realizou esse estudo.

Mimoso está situado no Pantanal, às margens da área inundável pelo sistema de baías Chacororé – Sinhá Mariana, segundo Da Silva e Silva (1995), município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso (Figura 1) e área ocupacional de 13 mil hectares. A comunidade sempre coexistiu num locus dominado pela água, caracterizado pelas autoras como uma vida “no ritmo das águas do Pantanal”. A região se destaca pela paisagem onde alternam-se a morraria e a planície alagável, habitado por uma comunidade tradicional de características econômicas e

diversidade cultural, resultante da miscigenação entre os povos indígenas e não indígenas.

Os pantaneiros de Mimoso, os mimoseanos, tem suas casas construídas entre a Morraria e a Baía de Chacororé, no sopé do morro, local considerado a sede do distrito (DA SILVA e SILVA, 1995).

O relevo da região é formado por três macro habitats, a morraria, o sopé do morro e a área inundável da Baía de Chacororé. A morraria é constituída de cristas simétricas e assimétricas de topo contínuo predominantemente plano com alguns trechos aguçados. A altitude varia entre 280 e 360 metros, com elevações que atingem até 394 metros e caracteriza-se por ser coberta pela floresta estacional decidual submontana, com transição para os cerrados (SCHWENK e DA SILVA, 2000).

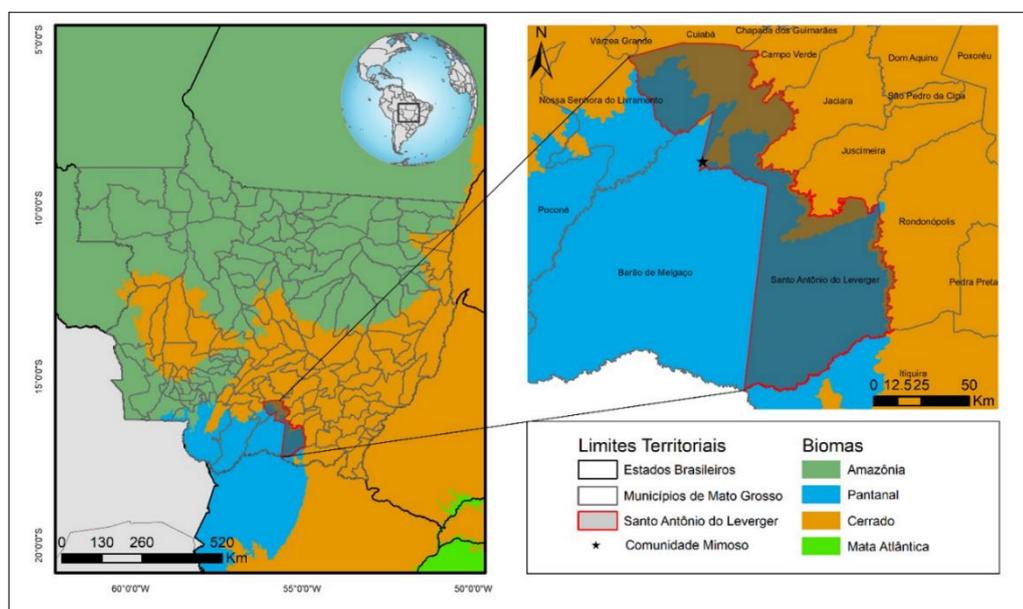


Figura 1. Área de estudo: Comunidade Mimoso, Santo Antônio de Leverger – MT, 2022. Fonte: Acervo dos autores.

No sopé da morraria encontra-se a maioria das casas, rodeadas por quintais, com algumas espécies de árvores nativas da morraria e outras cultivadas pelos mimoseanos. Na área inundável da baía Chacororé, estão as pastagens naturais, predominando o capim-mimoso (*Axonopus purpusii* (Mez) Chase), planta nativa que cobre o ‘largo ou o campo’ e deu origem ao nome do lugar. No campo, criam o gado e cavalos, em convivência com anfíbios, aves, répteis e capivaras. Essa região sofre alterações anualmente de acordo com o regime das chuvas (DA SILVA e SILVA, 1995).

2.2 Métodos

2.2.1 Entrevista semiestruturada - Para identificar o uso da biodiversidade de plantas da morraria em Mimoso, foi realizado entrevistas semiestruturadas (ALBUQUERQUE et al., 2014; BERNARD, 2006), por meio de um formulário, com questões abertas e fechadas, permitindo ao pesquisador um controle maior sobre o que pretende saber e, simultaneamente, concedendo espaço a uma reflexão livre do entrevistado sobre os temas apontados (MINAYO e COSTA, 2018; VIERTLER, 2002). As entrevistas iniciaram após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso (CEP/UNEMAT), conforme Parecer nº 2.832.217 de 20 de agosto de 2018 e mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), respeitando-se, assim, as especificações da ética em pesquisa, como determina as exigências da resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 Conselho Nacional de Saúde (CNS). As questões abordaram características socioeconômicas (idade, sexo, escolaridade, atividade que exerce, tempo de permanência na comunidade), conhecimento e uso de plantas da morraria (finalidades de usos, partes utilizadas, manejo), modo de transmissão do etnoconhecimento e as manifestações culturais presentes na comunidade.

No estudo realizado em 2000 foram entrevistadas 30 pessoas, escolhidas ao acaso, entre elas: cinco crianças (oito a treze anos), cinco adolescentes e jovens (catorze a dezoito anos) de ambos os sexos, dez mulheres e treze homens adultos. Foram considerados os mimoseanos nascidos ou que residiam na comunidade pelo menos há 20 anos, entre eles: lavradores, donas de casa, pescadores, criadores de gado, raizeiro ou curandeiro, professores e estudantes (SCHWENK e DA SILVA, 2000).

No presente estudo foram entrevistadas 29 pessoas, quinze homens e quatorze mulheres com idade entre 37 e 90 anos. Dentre as atividades desenvolvidas pelos interlocutores estão donas de casa, diarista, pecuaristas, lavradores, professores, técnico em saúde, serviços gerais, marceneiro, apicultores, artesãos, comerciante e pescador.

2.2.2 Bola de neve - Para a coleta de dados utilizou-se o método snowball “bola de neve” (VINUTO, 2014; ALBUQUERQUE, 2009; BAILEY, 1982) onde ao término de cada entrevista o informante indica outras pessoas, detentoras de conhecimento semelhante ou próximo ao seu, sobre o objeto do estudo, com a finalidade de participarem da pesquisa. Uma vantagem desse método é por ser mais fácil um membro da comunidade estudada conhecer outro membro do que o pesquisador descobrir os mesmos (Albuquerque, 2009). Esse método demonstrou ser

eficiente nos trabalhos de Etnobiologia utilizados nos biomas amazônico (ALBERNAZ-SILVEIRA e DA SILVA, 2020; 2018; ARRUDA et al., 2018; 2014), e pantanal (ARRUDA et al., 2020; MORAIS e DA SILVA, 2010; GALDINO e DA SILVA, 2009; MORAIS et al., 2009).

2.3 Análise de dados

2.3.1 Escalonamento multidimensional (MDS) - Para medir a similaridade do uso da biodiversidade de plantas, foi utilizado o Escalonamento Multidimensional (MDS). Esse agrupamento é baseado na frequência (quantas vezes a categoria foi indicada) e similaridade do uso. Nessa análise, os objetos mais semelhantes ficam próximos, localizados no centro da imagem e os menos semelhantes ficam afastados, dispostos na periferia (ROMNEY et al., 1986). Esse método proporciona uma representação gráfica dos padrões de similaridade ou dissimilaridade entre o grupo de objetos estudados. O MDS foi calculado por meio do programa estatístico PAST versão 1.79 (HAMMER et al., 2001).

2.3.2 Análise de Cluster - A análise de aglomeração foi utilizada para agrupar as categorias de usos das plantas citadas pelos mimoseanos nos anos 2000 e 2020 e, assim formar conglomerados homogêneos. Consiste em uma técnica de classificação com a finalidade de agrupar dados de acordo com as similaridades, dessa maneira agrupa um conjunto de dados heterogêneos em grupos com homogeneidade (BEM et al., 2015). Segundo os autores, inicia com cada objeto em uma classe por si só e, gradativamente, os diferentes objetos se agrupam formando nós que dispõem de características semelhantes, e à medida que se agrupam em aglomerados, passam a conter elementos cada vez mais diferenciados.

3 RESULTADOS

3.1 A etnobotânica da Morrharia

Os mimoseanos mantêm estreita relação de saberes e usos sobre os recursos naturais, principalmente de sua biodiversidade de plantas, pois transformam esses recursos e utilizam em diversas categorias. Na análise dos dados obtidos nas entrevistas, verifica-se que 100% dos interlocutores utilizam as plantas em seu cotidiano.

As etnoespécies citadas foram reunidas em uma tabela (Tabela 1), conforme os dados coletados em 2000 e 2020. Dessa forma, as plantas foram organizadas por categorias de usos e

assinaladas de acordo com a presença ou a ausência em cada período correspondente. Em 2000 foram citadas 91 etnoespécies e em 2020 totalizou 83, dessas 56 são compartilhadas nos dois estudos.

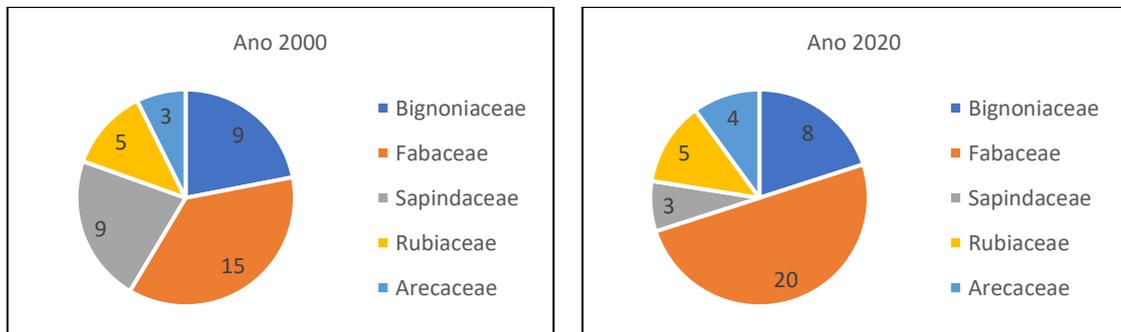
<i>Peltogyne confertiflora</i> (Mart. ex Hayne) Benth.	Coração-de-negro	Ar	X	X			X	X								X	X
<i>Piptadenia gonoacantha</i> (Mart.) J. F. Macbr.	Angico-jacaré	Ar	X	X				X						X	X		
<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.	Vinhático	Ar		X				X									
<i>Platypodium elegans</i> Vogel	Jacarandá	Ar	X				X									X	
<i>Senegalia tenuifolia</i> (L.) Britton & Rose	Angiquinho	Ab	X	X					X					X	X		
<i>Stryphnodendron adstringsens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	Ar		X					X								
Lamiaceae																	
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	Cordão-de-frade	He	X		X				X								
<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Tapera-velha	Ab	X						X								
<i>Vitex cymosa</i> Bertero ex Spreng.	Tarumeiro	Ar		X				X									
Lecythidaceae																	
<i>Cariniana rubra</i> Gardner ex Miers	Jequitibá	Ar		X						X							
Lythraceae																	
<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	Mangava-brava	Ar		X						X							
<i>Physocalymma scaberrimum</i> Pohl	Aricá	Ar		X				X									
Malpighiaceae																	
<i>Dicella macroptera</i> A. Juss.	Cipó-roxo	Li	X	X							X	X					
<i>Heteropterys tomentosa</i> A. Juss.	Nó-de-cachorro	He		X						X							
Malvaceae																	
<i>Chorisia pubiflora</i> (A. St.-Hil.) G. Dawson	Paineira; maminha-de-porca	Ar		X				X									
<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam	Chico-magro	Ar	X	X	X	X			X	X				X		X	
<i>Pseudobombax tomentosum</i> (Mart.) A. Robyns	Imbiruçu	Ar	X											X		X	
<i>Sterculia striata</i> A. St.-Hil. & Naudin	Manduvi	Ar	X	X	X	X	X	X	X	X							
Meliaceae																	
<i>Cedrella fissilis</i> Vell.	Cedro-rosa	Ar	X	X			X	X	X	X						X	X
Moraceae																	
<i>Brosimum lactescens</i> (S. Moore) C.C. Berg	Leiteiro	Ab	X				X							X			

<i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam.	Caiapiá; carapiá			X		X												
<i>Ficus benjamina</i> L.	Figueira	Ar		X				X										
<i>Maclura tinctoria</i> (L.) D. Don ex Steud.	Taiuva; Moreira	Ar	X	X			X	X	X	X					X	X	X	X
Myrtaceae																		
<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	Orvalheira	Ar	X		X		X								X			
<i>Eugenia sp.</i>	Mate-bravo	Ar	X		X													
<i>Psidium sp.</i>	Araçá; Goiabinha	Ar	X		X													
Nictaginaceae																		
<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Amarra-pinto	He		X						X								
<i>Neea hermafrodita</i> S. Moore	Pau-de-sal	Ar	X				X				X				X			
Poaceae																		
<i>Brachiaria decumbens</i> Stapf	Capim-braquiária	He	X		X													
<i>Panicum sp.</i>	Capim	He	X		X													
<i>Setaria sp.</i>	Capim	He	X		X													
Phyllanthaceae																		
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra	He	X	X						X	X							
Polygonaceae																		
<i>Triplaris americana</i> L.	Formigueiro; Novateiro	Ar	X	X			X	X										X
Rhamnaceae																		
<i>Rhamnidium elaeocarpum</i> Reissek	Cabriteiro	Ar	X	X	X		X	X	X	X					X	X		
Rubiaceae																		
<i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A. Rich.	Marmelada-bola	Ar	X	X	X	X												
<i>Alibertia sessilis</i> (Vell.) K. Schum.	Marmelada-preta	Ar	X	X	X	X												
<i>Duroia saccifera</i> (Mart.) Hook. f. ex K. Schum.	Pururuca-amarela	Ar	X	X			X								X	X		
<i>Guettarda sp.</i>	Chichica-de-galinha	Ar	X				X								X			
<i>Randia ferox</i> (Cham. & Schltdl.) DC.	Limão-do-mato	Ab		X				X										
<i>Uncaria tomentosa</i> (Willd. ex Roem. & Schult.) DC.	Unha-de-gato	Ar	X	X						X							X	X
Rutaceae																		

<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	Mamica-de-porca	Ar	X				X		X		X				X		X	
Salicaceae																		
<i>Casearia decandra</i> Jacq.	Pururuca	Ar	X	X			X	X							X	X		
<i>Casearia gossypiosperma</i> Briq.	Pururuca-branca	Ar	X	X	X		X	X							X	X	X	
Sapindaceae																		
<i>Cardiospermum grandiflorum</i> Sw.	Cinco-folhas	Li	X						X									
<i>Dilodendron bipinnatum</i> Radlk.	Mulher-pobre	Ar	X	X			X	X	X						X	X		
<i>Magonia pubescens</i> A. St.-Hil.	Timbó	Ar	X	X			X								X	X		
<i>Serjania caracasana</i> (Jacq.) Willd.	Nove-folhas	Li	X														X	
<i>Serjania membranacea</i> Splitg.	Cipó-timbó; Tingui	Li	X														X	
<i>Serjania grandiflora</i> Cambess.	Cinco-folhas	Li	X						X								X	
<i>Serjania glabrata</i> Kunth	Cinco-folhas	Li	X						X								X	
<i>Serjania</i> sp.	Cipó-três-quinas	Li	X						X								X	
<i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hil.) Radlk.	Pitombeira	Ar	X	X	X	X	X	X	X	X					X	X		
Simaroubaceae																		
<i>Quassia amara</i> L.	Quina	Ab	X	X	X		X	X		X								
<i>Simaba ferruginea</i> A. St.-Hil.	Calunga	Ar		X				X		X								
Siparunaceae																		
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Negramina	Ar		X						X								
Smilacaceae																		
<i>Smilax japicanga</i> Griseb.	Salsaparrilha	Li	X						X									
Urticaceae																		
<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Embaúba	Ar	X						X									
<i>Urera aurantiaca</i> Wedd.	Urtiga-de-pacu	Ab	X						X									
Vitaceae																		
<i>Cissus gongylodes</i> (Burch. ex Baker) Planch.	Cipó-de-arraia	Li	X	X					X	X								
Vochysiaceae																		
<i>Callistene fasciculata</i> Mart.	Carvão-branco	Ar		X				X								X		X
TOTAL			91	83	28	17	41	46	49	42	9	8	3	3	27	21	36	26

Essas etnoespécies foram distribuídas em 34 famílias botânicas, no ano 2000 e em 38 famílias, em 2020, com predominância de cinco famílias: Bignoniaceae, Sapindaceae, Rubiaceae, Arecaceae e Fabaceae. Entre os dois anos de estudos, o uso de etnoespécies das famílias Sapindaceae e Bignoniaceae reduziu, da família Rubiaceae, permaneceu estável, das famílias Arecacea e Fabaceae, aumentou (Figura 2).

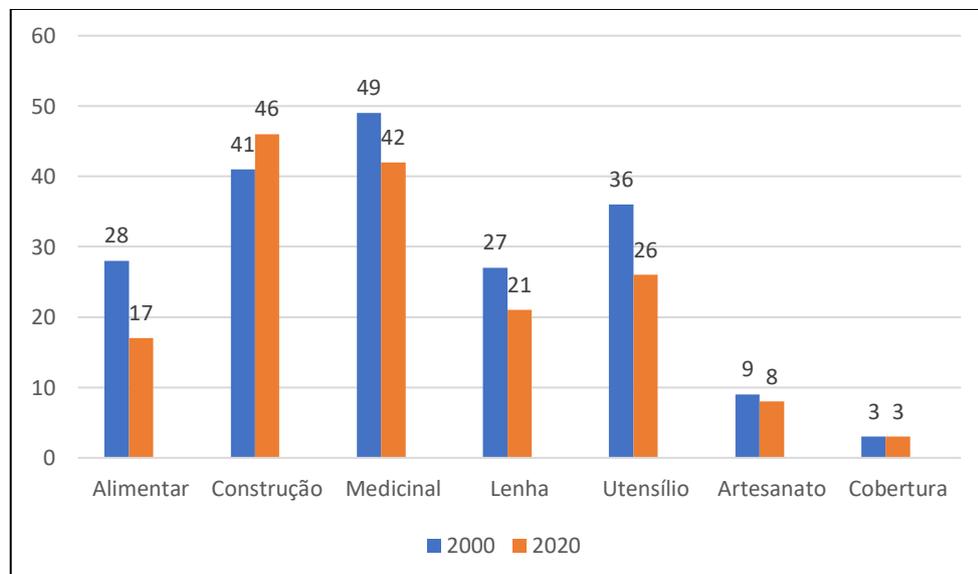
Figura 2. Principais famílias botânicas das etnoespécies utilizadas da morraria de Mimoso.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Quanto as categorias de usos as etnoespécies foram classificadas nos anos 2000 e 2020 em sete: medicinal, construção, utensílio, alimentar, lenha, artesanato e cobertura. Nestes anos foi verificado a diminuição no uso de etnoespécies em cinco categorias, aumento na categoria de construção e sem alteração na categoria cobertura (Figura 3).

Figura 3. Categorias de usos de etnoespécies entre os anos 2000 e 2020.

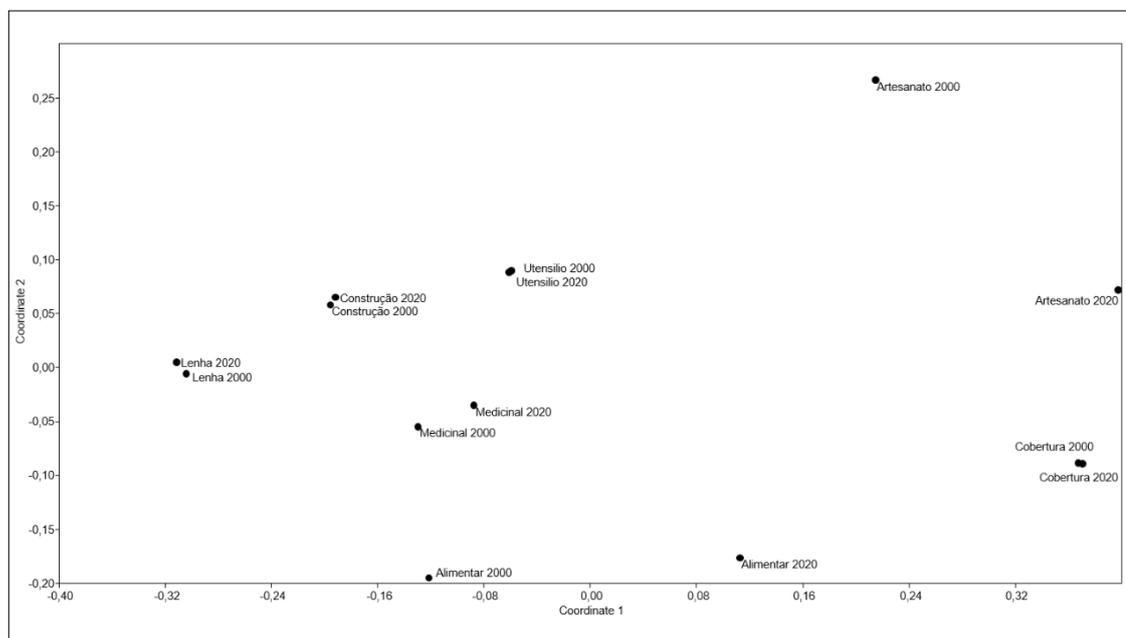


Fonte: Elaborado pelos autores.

A maioria das etnoespécies utilizadas apresentam hábito arbóreo, contudo também são encontradas plantas arbustivas, herbáceas, lianas e palmeiras. As partes das plantas utilizadas variam conforme a espécie, algumas madeiras empregadas na construção, também possuem uso atribuído como medicinal, além de suas cascas, folhas e raízes, e alguns frutos servem de alimento para pessoas e animais.

Com o método Escalonamento Multidimensional - MDS (Figura 4), foi possível analisar a posição e a proximidade das etnoespécies. As categorias que apresentam maior índice de semelhança estão no centro da figura. Dessa forma, observa-se as categorias utensílio, construção e medicinal, localizadas na região central; lenha, na região intermediária; alimentar, artesanato e cobertura, na periferia. As maiores proximidades encontram-se nas categorias cobertura, utensílios, construção, lenha e medicinal, enquanto as menores estão no artesanato e alimentar.

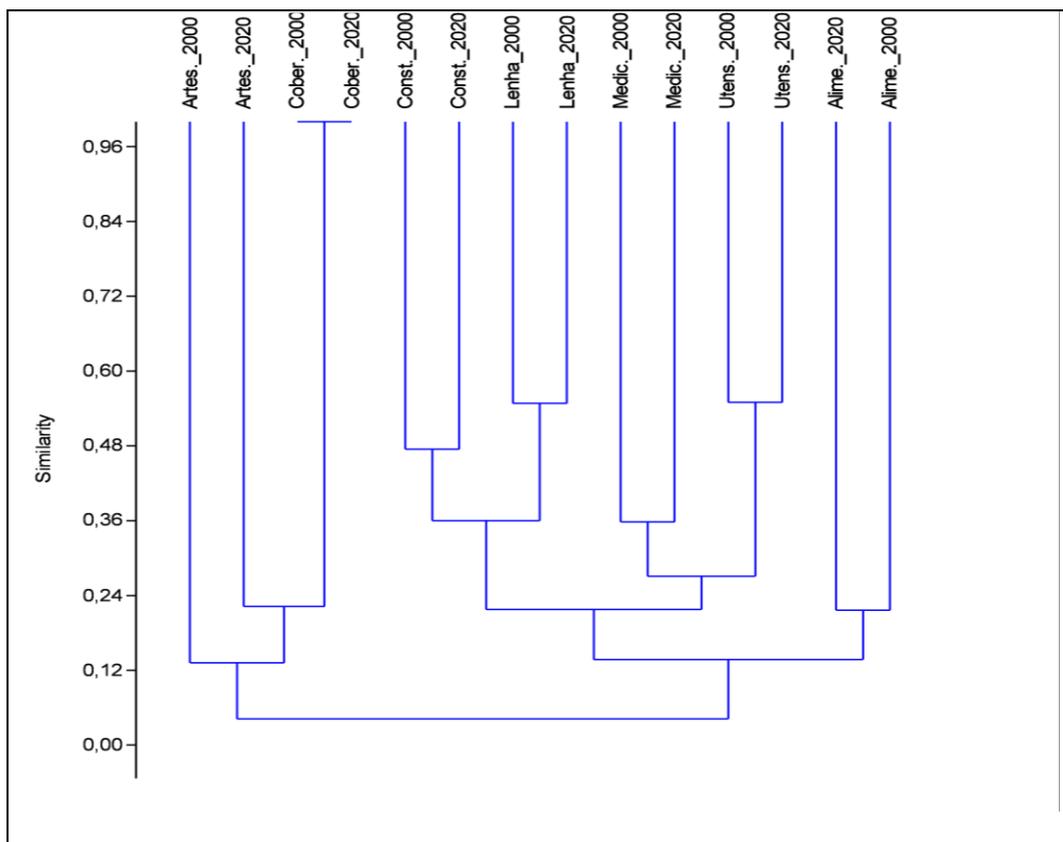
Figura 4. Diagrama de Escalonamento Multidimensional - MDS, agrupamento de categorias de uso das plantas em estudos realizados em 2000 e 2020.



Fonte: Elaborado pelos autores.

A aplicação da Análise de Cluster ou agrupamentos por similaridades das categorias derivou o resultado na forma gráfica de dendrograma. Nela estão contidas as diversas categorias de usos, mostrando a maior similaridade na categoria cobertura. Contudo, a análise de cluster indicou a existência de similaridade geral baixa na comparação entre os usos das plantas em 2000 e 2020 (Figura 5).

Figura 5. Cluster de similaridade de categorias de uso das plantas da morraria Mimoso em 2000 e 2020. Legenda: Artes: artesanato; Cober: cobertura; Const: construção; Lenha: lenha; Medic: medicinal; Utens: utensílio; Alime: alimentar.



Fonte: Elaborado pelos autores.

4 DISCUSSÃO

A origem dos mimoseanos provém dos povos indígenas e não indígenas, que no decorrer da história da ocupação do interior do Brasil fixaram-se e adaptaram-se no ambiente pantaneiro. Mimoso é considerado a terra natal do “Patrono das Comunicações”, Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, do qual muitos moradores afirmam seu parentesco. Segundo Da Silva e Silva (1995) são as famílias de grande prestígio político que reivindicam essa descendência.

A população é constituída, principalmente, de pessoas adultas e com idade mais avançada, adolescentes e crianças, pois grande parte dos jovens vive em Cuiabá, em busca de novas oportunidades de estudo e trabalho. A ligação dos mimoseanos com a capital vem de décadas passadas, vale lembrar a trajetória de Marechal Rondon, quando saiu de Mimoso por um desejo de seu pai, para que tivesse um futuro melhor (DA SILVA e SILVA, 1995).

De acordo com os relatos dos interlocutores o conhecimento que possuem sobre as plantas da morraria foi transmitido de forma oral e gestual, principalmente, por meio da

vivência com seus pais e avós. Isso demonstra a importância das pessoas mais velhas na transmissão do conhecimento (GIRALDI e HANAZAKI, 2010), sendo fortalecido pelo contato com os elementos da natureza como no exemplo descrito por Srithi et al. (2009) onde os mais jovens aprendem sobre plantas medicinais ao acompanharem seus pais e avós na coleta destes recursos.

As cinco famílias botânicas com maior representatividade nos anos 2000 e 2020 foram Fabaceae, Bignoniaceae, Sapindaceae, Rubiaceae e Arecaceae. Essas famílias também foram encontradas em estudos de fragmentos florestais do cerrado (PEREIRA et al, 2021). A família Fabaceae obteve uma alteração positiva no estudo do ano 2020 gerando benefícios em diversas categorias, representada por *Senegalia tenuifolia* (L.) Britton & Rose (Angiquinho) no uso medicinal; *Anadenanthera sp* (Espinheiro) na construção; *Bowdichia virgilioides* Kunth (Sucupira) nos usos construção e medicinal; *Diptychandra aurantiaca* Tul. (Carvão-vermelho) para lenha; *Enterolobium contortilisiquum* (Vell.) Morong (Ximbuva) na construção; *Hymenaea courbaril* L. (Jatobá-mirim) com usos na construção, medicinal, lenha e utensílio; *Hymenaea stigonocarpa* Mart. ex Hayne (Jatobá) com usos alimentar, construção, medicinal e utensílio; *Inga alba* (Sw.) Willd. (Ingá) para uso alimentar e construção; *Piptadenia gonoacantha* (Mart.) J. F. Macbr. (Angico-jacaré) na construção; *Plathymenia reticulata* Benth (Vinhático) na construção; *Stryphnodendron adstrinsgens* (Mart.) Coville (Barbatimão) para uso medicinal.

Outros estudos destacam os usos de espécies da família Fabaceae, a exemplo de Souza et al. (2018) com espécies do cerrado para uso medicinal, econômico, alimentar; Gonçalves et al. (2018) com espécies medicinais utilizadas pelos moradores do povoado Ferro Velho, Maranhão; Zepeda Gómez et al. (2017) com espécies nativas da Reserva Natural Sierra de Nanchititla, México para uso alimentar, construção, forrageira, lenha, medicinal, ornamental, produtora de tinta e sombra; Megersa et al. (2013) com espécies da vegetação natural e dos quintais do distrito de Wayu Tuka, oeste da Etiópia, com uso medicinal.

Essa família abrange várias etnoespécies de plantas de hábito herbáceo, arbustivo, arbóreo e trepadeira. Considerada a família mais expressiva da flora brasileira, corresponde a um importante componente de todos os tipos de vegetação (SOUZA et al., 2018). Segundo os autores, algumas espécies se destacam por apresentarem presença dominante na paisagem, ampla distribuição e uso econômico, como o caso da *Copaifera langsdorffii* (Copaíba), ocorrente tanto no cerrado como no cerradão. Outro exemplo referido pelos autores e típico dessa vegetação é a *Hymenaea stigonocarpa* (Jatobá), essas espécies, presentes na morraria Mimoso, estão descritas mais a frente neste trabalho.

A família Arecaceae apresentou aumento de uso em 2020, nas categorias alimentar e artesanato, representadas pelas palmeiras *Attalea barreirensis* Glassman (Idaiá), *Attalea phalerata* Mart. Ex Spreng. (Acuri) e *Bactris setosa* Mart. (Tucum) e medicinal (Acuri). As palmeiras são etnoespécies amplamente utilizadas por diversas culturas no Brasil, principalmente, na alimentação, cobertura de casas, confecção de biojoias e ornamentação, impactando positivamente a economia e geração de renda dessas populações (ALBERNAZ-SILVEIRA e DA SILVA, 2018; GALDINO e DA SILVA, 2009). Estudos visando os aspectos ecológicos e socioculturais dessa família botânica também foram desenvolvidos no bioma amazônico por diversos pesquisadores (SANDER et al., 2018; DA SILVA et al., 2018; ARRUDA et al., 2014).

A família Rubiaceae, constituída por ervas, subarbustos, arbustos e árvores, permaneceu com uso estável nos dois períodos do estudo para as categorias alimentar, representada pelas etnoespécies *Alibertia edulis* (Rich.) A. Rich. (Marmelada-bola) e *Alibertia sessilis* (Vell.) K. Schum. (Marmelada-preta); lenha, representada por *Duroia saccifera* (Mart.) Hook.f. ex K. Schum. (Pururuca-amarela) e utensílio, representada por *Uncaria tomentosa* (Willd. ex Roem. & Schult.) DC. (Unha-de-gato). Outros autores fazem referência à *Alibertia sp*, como fruteira usada para pesca em comunidade ribeirinha (MORAIS e DA SILVA, 2010) e como medicinal em comunidade rural (MAMEDE e PASA, 2019).

Na família Bignoniaceae, uma das principais famílias do cerrado, houve redução do uso de etnoespécies, afetando as categorias construção, medicinal, lenha, artesanato e utensílio. Essa família abrange cerca de 33 gêneros e 417 espécies (FLORA DO BRASIL, 2020). Compreende árvores, arbustos e lianas, essa última mais conhecida na comunidade por cipó. As etnoespécies *Cybistax antisyphilitica* (Mart.) Mart. (Pé-de-anta) para uso medicinal; *Jacaranda cuspidifolia* Mart. (Jacarandá) para construção e lenha; *Tabebuia roseoalba* (Ridl.) Sandwith (Ipê-branco) com uso na construção e medicinal; *Pestonia cf. Arrabidaea* (Cipó-de-macaco) usada como medicinal, artesanato e utensílio não apresentam o uso conservado em 2020. Estudos etnobotânicos e farmacológicos destacam o gênero *Tabebuia* em países da América Latina (JIMÉNEZ-GONZÁLEZ et al., 2013).

Os ipês, *Handroanthus heptaphyllus* (Vell.) Mattos (Ipê-roxo), *Handroanthus impetiginosus* (Mart. ex DC.) Mattos (Ipê-rosa), *Tabebuia aurea* (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S. Moore (Paratudo) e *Handroanthus serratifolius* (Vahl) S. Grose (Piúva-amarela), são denominados pelos mimoseanos de piúva e paratudo. São utilizados na arborização urbana, principalmente pela beleza de sua floração. Essas plantas possuem folhagem decídua na época da floração, geralmente no período de estiagem, quando a maioria das outras árvores está com suas folhas secas, o que dá um aspecto arroxeadado na morraria, contrastando com as demais

árvores. Segundo Souza et al. (2018) as espécies *Anemopaegma arvense* (Vell.) Stellfeld ex de Souza (Catuba), utilizada como afrodisíaca, e os ipês, com ação anti-inflamatória, encontram-se ameaçadas devido a extração e comercialização de suas partes, raiz e casca, respectivamente. As etnoespécies *Fridericia chica* (Bonpl.) L.G. Lohmann (Cipó-de-balaio-verde) e *Dolichandra quadrivalvis* (Jacq.) L.G. Lohmann (Unha-de-gato) mantem o uso para o artesanato na confecção de balaios, peneiras e para amarração.

A família Sapindaceae sofreu redução no uso, impactando as categorias medicinal e utensílio. Constituída, principalmente, de arbustos, árvores e trepadeiras, é a terceira família botânica mais expressiva do estudo realizado no ano 2000. Alguns de seus representantes são *Serjania glabrata* Kunth (Cinco-folhas), *Serjania grandiflora* Cambess. (Cinco-folhas), *Serjania caracasana* (Jacq.) Willd. (Nove-folhas), *Serjania membranacea* Splitg. (Cipó-timbó), utilizados para amarrar cerca, confecção de artesanato, utensílios e como remédio. O gênero de trepadeiras (*Serjania*) exibe diversas espécies e ocorre, especialmente, na borda de regiões florestais (SOUZA et al., 2018).

Nas entrevistas recentes os interlocutores relataram que algumas etnoespécies foram utilizadas intensamente no passado, quando não havia disponibilidade de outros materiais que fizessem a função de amarração. Atualmente, essa família não apresenta a mesma expressividade, porém o uso da etnoespécie *Dilodendron bipinnatum* Radlk. (Mulher-pobre) para as categorias construção e lenha, e *Talisia esculenta* (A. St.-Hil.) Radlk. (Pitomba) como alimentar, construção, medicinal e lenha estão presentes nos anos 2000 e 2020.

A categoria medicinal apresentou redução no número de etnoespécies utilizadas, de 49 (2000) para 42 (2020). Dessas, 23 são comuns aos dois períodos, entre elas a *Astronium urundeuva* (M. Allemão) Engl. (Aroeira), *Aristolochia esperanzae* Kuntze (Calunga), *Protium heptaphyllum* (Aubl.) Marchand (Amescla), *Costus spicatus* (Jacq.) Sw (Cana-de-macaco) e *Momordica charantia* L. (Melão-de-são-caetano). Essas plantas estão presentes na flora local e são utilizadas de modo variado, a exemplo do melote, chá, xarope, compressa e garrafada. Espécies semelhantes foram encontradas por Bieski e Guarim Neto (2020) em comunidade quilombola de Mato Grosso.

O uso de plantas medicinais permanece na comunidade ao mesmo tempo que os moradores têm acesso a medicamentos industrializados, adquiridos no posto médico ou na farmácia, constituindo uma possível causa para a redução no uso de algumas etnoespécies. Na localidade há um posto de saúde com atendimento médico, porém alguns interlocutores relataram que dependendo da enfermidade, buscam tratamento na capital. Gandolfo e Hanazaki (2011), em estudo etnobotânico com nativos do Distrito de Campeche (SC) descrevem a

persistência do uso de plantas medicinais paralelamente aos medicamentos convencionais, e ressaltam a inserção dessas plantas e a presença de um horto no posto de saúde local.

A etnoespécie *Astronium urundeuva* possui ampla utilização. Sua casca é utilizada para fazer uma pasta, denominada pelos mimoseanos de melote, indicada para o tratamento de machucadura e quebradura, tanto para pessoas quanto para animais, além disso, é indicada como anti-inflamatório e utilizada junto com outras plantas no preparo de garrafada, e recomendada no tratamento de diversos tipos de enfermidades.

Algumas narrativas expressam a importância dessa planta para a comunidade:

Mamãe fazia o melado da casca de aroeira pra quebradura. Colocava ripa de taquara, o melado, enfaixava o braço quebrado. Só tá bom quando descola, quando o melado desprega. (Dona D., 70 anos)

A garrafada faz com vinho branco, raiz e casca... cura até cisto no ovário. A pasta de aroeira é pra colá quebradura... Faz a pasta, enrola e cicatriza. (Dona G., 52 anos)

Fazia o melado de aroeira... Cozinhava a casca até engrossar, coava e colocava num pano e pregava onde a rês tava machucada... ficava até sarar. Faz chá e melado pra machucadura, é cicatrizante e pra inflamação. (Dona T., 90 anos)

Ferve a casca de aroeira até virá melado... enfaixa... quando froxa fica sãozinho... é progado e pra gente... coloca a tala de taquara pra firmá. (Seu V., 85 anos)

A etnoespécie *Aristolochia esperanzae* é preparada deixando a casca de molho na água, na pinga ou no vinho branco, com indicação de uso para problemas estomacais, mordedura de cobra e diabete. A casca da *Protium heptaphyllum* é utilizada para fazer o chá, indicado para dor e para fazer o melote, utilizado em casos de quebradura. *Costus spicatus* é uma planta muito usada para tratar as enfermidades do sistema urinário. O chá feito com folhas e raiz, é usado como diurético e no tratamento de cálculo renal. As folhas da etnoespécie *Momordica charantia* são utilizadas no preparo de chá, banho e na extração do sumo, indicados no tratamento de dengue, gripe e outras viroses, bem como, seus sinais e sintomas, a exemplo de dor de cabeça, febre, dor de estômago, diarreia, além de ser um excelente vermífugo.

A etnoespécie *Hymenaea stigonocarpa* não teve seu uso citado no ano 2000, porém, atualmente, é utilizada pelos mimoseanos na produção de xarope e licor. Esses produtos são feitos com a casca do jatobá e comercializados na comunidade, tanto para pessoas que passam pela região quanto para turistas vindos de diversas localidades. Assim, a etnoespécie se destaca no aspecto socioeconômico contribuindo no empoderamento das mulheres e no incremento da geração de renda. O xarope é indicado como anti-inflamatório, no tratamento de tosse e problemas pulmonares. O licor é uma bebida típica consumida nas festas tradicionais da comunidade. Estudos em diferentes áreas evidenciam a importância do jatobá, como exemplo, o uso do fruto por mulheres na produção de alimentos (BORTOLOTTO et al., 2021), a ação

antioxidante do fruto (ARAKI et al., 2016), os efeitos anti-inflamatório e antioxidante do fruto e da casca do caule (ORSI et al., 2014).

A categoria construção obteve 41 etnoespécies no ano 2000 e 46 em 2020. Dentre essas plantas, 28 são comuns aos dois períodos, como exemplo a *Astronium fraxinifolium* Schott (Gonçaleiro), *Annona squamosa* L. (Ateira), *Aspidosperma cylindrocarpon* Müll.Arg. (Peroba-rosa), *Handroanthus heptaphyllus*, *Protium heptaphyllum*, *Cordia glabrata* (Mart.) A.DC (Louro-branco) e *Albizia niopoides* (Spruce ex Benth.) Burkart (Angico-branco).

A madeira proveniente da murraria é utilizada, principalmente, na construção e empregada na edificação de casas, fabricação de móveis e em benfeitorias como currais, cercas, postes, mourões e palanques. Outra utilidade da madeira é como lenha para fogão, tacuru, forno e churrasqueira, onde são preparados os alimentos para as festas tradicionais da comunidade e no uso cotidiano e familiar. A maioria dos moradores usa lenha diariamente, e afirmam que aproveitam, principalmente, os “paus” e galhos que já estão secos.

A etnoespécie *Astronium urundeuva* obteve várias citações em 2000 e 2020, tanto para construção quanto na medicina tradicional, no entanto, os interlocutores relatam que por ter sido amplamente explorada e utilizada no passado, atualmente é mais difícil encontrar árvores dessa espécie na murraria, além do mais, não é permitida a sua retirada. Essa espécie tem o corte e exploração proibidos em florestas primárias desde o ano 1991, conforme Portaria do Ibama nº 83 (ARRUDA, 2018) regida pela Lei n.º 7.735, de 22 de fevereiro de 1989.

Algumas árvores são encontradas no sopé da murraria, macro habitat em que estão as moradias, quintais, criação de animais e pequenas roças. Esses exemplares germinaram das sementes que foram transportadas pelas águas e que são conservadas e protegidas por moradores (SCHWENK e DA SILVA, 2000).

As pessoas se referem a *Astronium urundeuva* como uma madeira nobre e de qualidade, algumas mostram as benfeitorias em sua propriedade feitas com essa etnoespécie. Dentre os principais usos da aroeira está a construção, a exemplo do mourão, esteio, poste, cerca, palanque, verga de casa, mesa e banco. Esses usos são atribuídos por se tratar de uma madeira muito resistente e de grande durabilidade, conforme narrativas dos interlocutores:

A aroeira é mais durável, mas hoje não pode mais tirá... Está acabando. (Seu. M., 37 anos)

Fazia cerca, mourão, madeira pra casa... Agora é proibido... É a madeira mais resistente. Antigamente tirava do morro. (Dona J., 65 anos)

Aqui a cerca e o curral é de aroeira... até a lenha usava de aroeira. (Dona T., 90 anos)

A aroeira era a melhor madeira, hoje é proibido tirá... é madeira de lei. (Dona C., 51 anos)

Com a aroeira faz verga de casa, esteio, fiz mourão pra cerca, banco, mesa.... ela é madeira de lei. (Seu A., 83 anos)

Algumas etnoespécies possuem uma multiplicidade de usos, entre elas, *Copaifera langsdorffii* (Copaíba), *Dipteryx alata* Vogel (Cumbaru), *Sterculia striata* A.St.-Hil. & Naudin (Manduvi), *Protium heptaphyllum* (Amescla), e *Talisia esculenta*, utilizadas como alimentar, construção e medicinal. Segundo Schwenk e Da Silva (2000) quando uma espécie pertence a diversas categorias, a comunidade beneficia-se, gratuitamente, dos recursos oferecidos pela natureza.

Um exemplo é a *Copaifera langsdorffii*, utilizada nos anos 2000 e 2020 nas categorias construção, medicinal e utensílio. Dentre as partes utilizadas dessa espécie está a madeira proveniente do caule, um valioso recurso e importante matéria-prima empregada para prover as necessidades dos mimoseanos na construção de casas, currais, cercas, bancos, mesas e artefatos como a canoa, a viola de cocho e o pilão. Dela é extraído o óleo-de-copaíba com ampla aplicação na medicina popular (PASA, 2007; 2010), combustível para lamparina e calafetação de embarcações ribeirinhas (CAVALCANTE et al., 2017). As copaibeiras podem atingir de 10 a 40 metros de altura (LORENZI, 2002), em regiões mais abertas a espécie é encontrada na forma de arbusto ou pequena árvore e em áreas mais fechadas compõe um dos elementos dominantes do dossel (SOUZA et al., 2018).

Outro exemplo de etnoespécie com multiplicidade de uso em 2000 e 2020 é a *Dipteryx alata*, utilizada nas categorias alimentar (humana e animal), construção (casa, viga, mourão, poste, cerca), medicinal (inflamação de garganta, ferida, diabete e colesterol), lenha e utensílio (pilão). As narrativas a seguir confirmam a importância dessa planta na comunidade:

Aqui faz o pilão de cumbaru. Usava muito o pilão... colocava o arroz... nós plantava arroz, colhia e depois pilava, assim tirava a casca. O milho também pilava prá tirá o fubá... molhava e depois ia pro pilão. (Seu B., 61 anos)

A casca do cumbaru é remédio, faz chá prá muita coisa... dele também faz pilão... meu filho faz pilão... usa prá socá pra fazê paçoca, fubá pra bolo, bolo de arroz. (Seu. A., 83 anos)

A árvore do cumbaru produz frutos contendo amêndoas comestíveis e com alto valor nutricional. A extração dos frutos possibilita o aproveitamento da castanha e a fabricação de subprodutos como farinha, pães, doces, geleias e licores, e na produção de óleos (CANDIL, 2004). Assim, a coleta, o manejo e a utilização dos frutos contribuem para a subsistência de populações tradicionais. O extrativismo dos frutos do cumbaru pode responder às demandas atuais de conservação, uma vez que, quem utiliza esses recursos, geralmente, evita a derrubada das árvores (SILVA e JESUS, 2010).

A categoria utensílio apresentou redução no número de etnoespécies. Em 2000 foram citadas 36 etnoespécies e em 2020 foram 26, com 22 etnoespécies utilizadas nos dois períodos. Os utensílios confeccionados com a flora da morraria estão presentes nas moradias dos mimoseanos, entretanto alguns podem ser adquiridos no comércio da comunidade ou substituídos por outros, motivo que provocou a redução do uso de algumas plantas.

Algumas etnoespécies utilizadas na confecção de utensílios em 2000 e 2020 são *Aspidosperma cylindrocarpon* para cabo de ferramentas, *Aspidosperma subincanum* Mart. (Guatambu) para cabo de ferramentas e canoa, *Handroanthus serratifolius* para colher de pau e cabo de ferramentas, *Handroanthus heptaphyllus* para canoa e cocho, e *Maclura tinctoria* (L.) D. Don ex Steud. (Taiuva) para pilão e canoa. Dentre as etnoespécies que foram citadas em 2000 e não foram em 2020 estão *Pseudobombax tomentosum* (Mart.) A. Robyns (Imbiruçu) para fazer travesseiro e corda, *Guazuma ulmifolia* Lam (Chico-magro) para corda, *Dolichandra quadrivalvis* para amarração de cerca e *Fridericia chica* para amarração de cerca, pá e peneira.

Na categoria lenha também ocorreu uma redução no uso de plantas, provavelmente motivado pela aquisição de outro tipo de fogão e disponibilidade de gás no comércio local. No ano 2000 foram citadas 27 etnoespécies e no ano 2020 foram 21, dessas 17 etnoespécies têm o uso atribuído nos dois períodos. Dentre as plantas citadas estão *Annona squamosa*, *Senegalia tenuifolia* (L.) Britton & Rose (Angiquinho), *Anadenanthera colubrina*, *Dipteryx alata*, *Rhamnidium elaeocarpum* Reissek (Cabriteiro) e *Casearia decandra* Jacq. (Pururuca). Espécies semelhantes foram encontradas por Moraes e Da Silva (2011) na comunidade ribeirinha Estirão Comprido.

Nessa categoria o conhecimento se refere às espécies que possuem as melhores características para o uso em fogões, tacurus, fornos e churrasqueiras, onde são preparados os alimentos no cotidiano da comunidade e nas festas tradicionais. Apesar da redução do número de etnoespécies, os moradores usam lenha diariamente, e afirmam que aproveitam, principalmente, os “paus” e galhos que já estão secos. Gandolfo e Hanazaki (2011) citam o uso de madeira seca, restos de poda e gravetos para combustível de fogão à lenha.

A categoria alimentar sofreu redução do uso, das 28 etnoespécies citadas em 2000 diminuiu para 17 em 2020, dessas oito etnoespécies apresentam o uso comum nos dois períodos. Os frutos são utilizados na alimentação humana e animal complementando a nutrição, além de servir de isca para pesca, entretanto a principal fonte nutricional dos mimoseanos provém do cultivo das roças, hortas e quintais. Os frutos da *Annona squamosa* e *Talisia esculenta* são utilizadas *in natura* e da *Attalea speciosa* Mart. Ex Spreng. (Babaçu) são usados na produção de doces, na extração do óleo e na alimentação animal em períodos de escassez, do caule é

utilizado o palmito. Arruda et al. (2014) descrevem a importância do babaçu para comunidade quilombola, e citam como subprodutos a farinha, o leite de coco e o óleo.

A categoria cobertura permaneceu com uso de três etnoespécies em 2000 e 2020. Essas plantas são denominadas pelos mimoseanos de palhas e compreendem as etnoespécies *Attalea speciosa*, *Attalea phalerata* e *Attalea barreirensis*. Atualmente, a maioria das residências da comunidade é coberta de telhas, porém o uso dessas plantas é conservado e pode ser verificado na cobertura de algumas casas, varandas que servem de cozinhas e espaço para dança nas festas de santo e chapéus de palha (quiosques). Esse tipo de edificação utilizado nas festas é denominado pelos mimoseanos de empalizado, é construído com esteios de madeira e coberto com palha de babaçu (DA SILVA e SILVA, 1995).

Na categoria artesanato houve redução do uso, no ano 2000 foram citadas nove etnoespécies e em 2020 foram oito, dessas citações duas etnoespécies são comuns aos dois períodos, *Dolichandra quadrivalvis* e *Fridericia chica*. As palmeiras *Attalea barreirensis*, *Attalea phalerata*, *Attalea speciosa* e *Bactris setosa* também são utilizadas nessa categoria, porém não foram citadas concomitantemente nos dois períodos. O artesanato produzido na comunidade compreende balaios (cestos) e abanos (uma espécie de leque) utilizados, respectivamente, para carregar e guardar mantimentos e para amenizar o calor. Arruda et al. (2014) descrevem o uso do babaçu na fabricação de esteira, abano, muamba e sucuri em comunidades quilombolas de Mato Grosso. Da Silva e Silva (1995) relatam a herança indígena nos trançados em cestaria para a confecção da jaca (grandes cestas), utilizado na conservação de peixes dentro do rio e no transporte de produtos agrícolas.

O diagrama de Escalonamento Multidimensional (MDS) mostra a frequência de citação das categorias e a similaridade de uso nos anos 2000 e 2020. As categorias dispostas na região central da figura apresentam maior número de citações e compreendem as categorias medicinal, construção e utensílio.

Houve uma similaridade geral, considerada baixa, entre as categorias dos dois estudos em 4%; no entanto teve variação na similaridade na dependência das diferentes categorias de uso das etnoespécies.

Em relação a categoria cobertura ocorreu 100% de similaridade das etnoespécies; utensílio obteve 57% e lenha apresenta similaridade de 54% e sua posição, entre a periferia e a região central da figura, está de acordo com o número de etnoespécies utilizadas. As categorias que apresentaram menor similaridade foram construção (48%), medicinal (36%), alimentar (24%) e artesanato (15%).

A redução no uso de algumas etnoespécies se deve a substituição de produtos encontrados no comércio local e o deslocamento dos moradores para o centro urbano, para as

plantas alimentícias e medicinais; pela diminuição de alguns indivíduos na flora da morraria e pela proibição da sua exploração para etnoespécies madeireiras. Alguns estudos expõem os motivos da redução de usos: a) a falta da transmissão do conhecimento das pessoas mais idosas para as mais jovens (TEKLEHAYMANOT, 2009); b) a ausência de interesse dos mais jovens, afetados, principalmente, por influência de outras culturas, modernização dos serviços de saúde e por descrenças nos efeitos das plantas medicinais (SILVA et al., 2018; BAPTISTEL et al., 2014); c) maior contato das comunidades tradicionais à culturas externas (AMOROZO, 2002; AMOROZO e GÉLY, 1988); d) a maior facilidade de acesso à medicina moderna (AMOROZO, 2002; NOLAN, 1999); e) deslocamento das pessoas de seu ambiente natural para a área urbana (VALLE, 2002).

O método de escalonamento multidimensional foi utilizado em estudos etnobiológicos por Arruda et al. (2020) para agrupar espécies usadas por pescadores; Arruda et al. (2014) para conhecimento do uso do babaçu por quilombolas; Ortega-Meza et al. (2019) para usos do *Litsea glaucescens* (Louro mexicano).

A análise de cluster indicou a existência de similaridade geral baixa na comparação sobre uso das plantas em 2000 e 2020. Pasa et al. (2019) utilizaram o método de agrupamentos por similaridades para determinar o consenso do uso de plantas medicinais em comunidades afrodescendentes do Brasil, Europa e África.

A presença de estabelecimentos comerciais e unidade de saúde na comunidade, além do contato dos mimoseanos com o meio urbano são fatores que interferem na dinâmica do uso das plantas. Os saberes tradicionais presentes na comunidade a respeito do uso das plantas estão em risco devido à diminuição do seu uso, pois o que era comumente utilizado pode deixar de ser nas gerações vindouras.

5 CONCLUSÃO

A análise dos dados resultou em diferenças quanto ao número de etnoespécies e famílias botânicas em cada período. No ano 2000 foram citadas 91 etnoespécies, distribuídas em 34 famílias e, no ano 2020 foram 83 etnoespécies, distribuídas em 38 famílias.

Com relação às categorias, a maior diversidade de etnoespécies está nos usos medicinal e construção, seguidas de utensílios, alimentar, lenha, artesanato e cobertura.

Somente as plantas utilizadas na cobertura compartilharam 100% o uso das etnoespécies. As demais categorias de usos apresentaram diferenças maiores ou menores. Na categoria utensílio 57% das etnoespécies foram compartilhadas e na categoria lenha há o

compartilhamento de 54%; na construção 48% das etnoespécies apresentam uso comum; medicinal 36% das etnoespécies; alimentar 24%; e artesanato 15%.

Embora, a análise de cluster tenha revelado uma similaridade geral baixa na comparação sobre o conhecimento e uso das plantas nos dois períodos do estudo, observa-se a ocorrência da transmissão de saberes tradicionais na comunidade, evidenciado nas rodas de conversa e no uso da flora. Contudo, a diminuição do uso de algumas etnoespécies pode afetar o etnoconhecimento das gerações vindouras e provocar uma erosão cultural, pois para que ocorra a transmissão do conhecimento é necessário práticas de usos no cotidiano.

Nessa perspectiva, sugere-se a realização de novos estudos que possam investigar a ocorrência da transmissão do etnoconhecimento e, dessa forma ampliar a valorização e a divulgação dos saberes presentes nas comunidades tradicionais.

6 AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos moradores da Comunidade Tradicional Mimoso localizada no município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, pela generosidade, receptividade e por fornecer informações para a construção desse trabalho.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERNAZ-SILVEIRA, R.; DA SILVA, C. J. Conexões etno ornitológicas na comunidade Cuiabá Mirim. Pantanal de Mato Grosso. In: DA SILVA, C. J.; GUARIM NETO, G. (Orgs.). *Comunidades tradicionais do pantanal*. Cuiabá: Entrelinhas; Cáceres: Editora Unemat. 2020, p.p. 129-137.

ALBERNAZ-SILVEIRA, R.; DA SILVA, C. J. Palmeira tucum (*Astrocarium Huaimi* Mart.): espécie-chave cultural entre os povos da fronteira amazônica. In: DA SILVA, C. J.; SOUSA, K. N. S.; SILVEIRA, M.; PIERANGELI, M. A. P.; SANDER, N. L. (Orgs.). *ABC do Guaporé: água, biodiversidade, biotecnologia e cultura*. Cuiabá: Entrelinhas; Cáceres: Editora Unemat, 2018, p.p. 149-153.

ALBUQUERQUE, E. M. *Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas*. (2009). Dissertação (Mestrado em Ciências em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP; Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz. 2009.

ALBUQUERQUE, U. P.; CUNHA, L. V. F. C.; LUCENA, R. F. P.; ALVES, R. R. N. *Methods and Techniques in Ethnobiology and Ethnoecology*. Springer, New York. 2014. p. 480.

ALBUQUERQUE, U. P.; HANAZAKI, N. Five problems in current ethnobotanical research and some suggestions for strengthening them. *Human Ecology*, v. 37, n. 5, p. 653-661, 2009. <https://springer.com/article/10.1007/s10745-009-9259-9>

ALVARENGA, S. M. M.; BRASIL, A. E.; PINHEIRO, R.; KUX, H. J. H. Estudo geomorfológico aplicado à Bacia do Alto Paraguai e Pantanaís Mato-grossenses. *Boletim Técnico do Projeto Radambrasil*. p. 90-183, 1984. (Série Geomorfologia,1)

AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DISTASI, L. C. (Org.). *Plantas medicinais: arte e ciência, um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo: EDUSP, 1996. p.p. 47-68.

AMOROZO, M. C. M. Os quintais – funções, importância e futuro. In: GUARIN NETO, G.; CARNIELLO, M. A. (Org.). *Quintais mato-grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes*. Cáceres: Editora Unemat. 2008. p. 201.

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. *Acta Botânica Brasílica*, v. 16, n. 2, p. 189-203, 2002. <https://doi.org/10.1590/S0102-33062002000200006>

AMOROZO, M. C. M.; GÉLY, A. L. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. *Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi*, Série Botânica, v. 4, n. 1, p. 47-131, 1988.

ARAKAKI, D. G.; CANDIDO, C. J.; SILVA, A. FERNANDES; GUIMARÃES, R. C. A.; HIANE, P. A. In vitro and in vivo antioxidant activity of the pulp of Jatobá-do-cerrado. *Ciência e Tecnologia de Alimentos*, Campinas v. 36, n. 1, p. 166-170, 2016. <https://doi.org/10.1590/1678-457X.0084>

ARRUDA, J. C. *Conhecimento ecológico de comunidades tradicionais rurais e de pescadores profissionais urbanos no entorno de Unidades de Conservação nos biomas Amazônia, Cerrado e Pantanal, Mato Grosso*. (2018). Tese (Doutorado em Biodiversidade e Biotecnologia) - Universidade do Estado de Mato Grosso. 2018.

ARRUDA, J. C.; DA SILVA, C. J.; SANDER, N. L.; PULIDO, M. T. (2018). Conhecimento ecológico tradicional da ictiofauna pelos quilombolas no Alto Guaporé, Mato Grosso,

Amazônia meridional, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.* 13, p. 315-329, 2018. <https://doi.org/10.1590/1981.81222018000200004>

ARRUDA, J. C.; DA SILVA, C. J.; SANDER, N. S.; BARROS, F. B. Traditional ecological knowledge of palms by quilombolas communities on the Brazil-Bolivia border, Meridional Amazon. *Novos Cadernos NAEA*, Belém, v. 17, n. 2, p. 123-140, 2014. <https://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2018.001.0004>

ARRUDA, J. C., DA SILVA, C. J., SILVA, M. T. P.; SANDER, N. L. Conhecimento ecológico de pescadores no entorno da estação Ecológica de Taiamã, rio Paraguai (Pantanal de Mato Grosso). In: DA SILVA, C. J.; GUARIM NETO, G. (Orgs.). *Comunidades tradicionais do pantanal*. Cuiabá: Entrelinhas; Cáceres: Editora Unemat, 2020. p.p. 121-128.

BAPTISTEL, A. C.; COUTINHO, J. M. C. P.; LINS NETO, E. M. F.; MONTEIRO, J. M. Plantas medicinais utilizadas na Comunidade Santo Antônio, Currais, Sul do Piauí: um enfoque etnobotânico. *Revista Brasileira de Plantas Medicinai*s, v. 16, n. 2, p. 406-25, 2014. https://doi.org/10.1590/1983-084X/12_137

BAYLEY, K. D. *Methods of social research*. New York: Free Press, 1982. p. 553.

BEGOSSI, A. Ecologia humana. In: BEGOSSI, A. (Org.). *Ecologia de pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia*. São Paulo: Hucitec/Nepan-Unicamp/Nupaub-USP, 2004. p.p. 13-36.

BEM, J. S.; GIACOMINI, N. M. R.; WAISMANN, M. Utilização da técnica da análise de clusters ao emprego da indústria criativa entre 2000 e 2010: estudo da Região do Consinos, RS. *Interações*, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 27-41, 2015. <https://doi.org/10.20435/interações.v16i1.48>

BERNARD, H. R. *Research Methods in Anthropology*. Qualitative and Quantitative Approaches. Altamira Press, Lanham. 2006.

BIESKI, I. G. C.; GUARIM NETO, G. Uma quilombola e suas plantas: Pantanal de Poconé, MT, Quilombo de Mata Cavalu. In: DA SILVA, C. J.; GUARIM NETO, G. (Orgs.). *Comunidades tradicionais do pantanal*. Cuiabá: Entrelinhas; Cáceres: Editora Unemat, 2020. p.p. 83-97.

BORTOLOTTU, I. M.; ZIOLKOWSKI, N. E.; GOMES, R. J. B.; ALMEIDA, F. S. D.; CAMPOS, R. P.; AOKI, C. Mulheres em rede: conectando saberes sobre plantas alimentícias do cerrado e pantanal. *Ethnoscientia*, v. 6, n. 2, p. 198-232, 2021. doi: <http://10.18542/ethnoscientia.v6i2.10374>

Brasil. Decreto N. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, 2007. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm

CABALLERO, J. La Etnobotânica. In: BARRERA, A. (Ed.). *La Etnobotânica: três pontos de vista y uma perspectiva*. INIREB, Xalapa, 1979. p.p. 27-30.

CALHEIROS, D. F.; CASTRILON S. K. I.; BAMPI, A. C. Hidrelétricas nos rios formadores do pantanal: ameaças à conservação e às relações socioambientais e econômicas pantaneiras tradicionais. *Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais*, v. 9, n. 1, p. 119-139, 2018. <http://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2018.001.0009>

CANDIL, R. F. M. *A capacitação construtiva local e o estímulo ao uso do cumbaru (Dipterix alata vog.) no incremento de renda em assentamento rural: o caso do Assentamento Andalucia, Nioaque/MS*. 2004. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande-MS. 2004.

CAVALCANTE, J. W.; CAVALCANTE, V. M. G.; BIESKI, I. G. C. Conhecimento tradicional e etnofarmacológico da planta medicinal copaíba (*Copaifera langsdorffii* Desf.). *Biodiversidade*, v. 16, n. 2, p. 123-132, 2017. <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/biodiversidade/article/view/5607>

CUNHA, L. H. O. *Reserva extrativista para regiões de mangue: uma proposta preliminar para o estuário de Mamanguape, Paraíba*. São Paulo, Programa de Pesquisa e Conservação de Áreas Úmidas no Brasil. Pró-Reitoria/USP, 1992. p. 84.

DA SILVA, C. J.; SILVA, J. A. F. *No ritmo das águas do Pantanal*. NUPAUB, São Paulo. 1995. p. 210.

DA SILVA, C. J. Povos e comunidades tradicionais e locais no pantanal. In: DA SILVA, C. J.; GUARIM NETO, G. (Orgs.). *Comunidades tradicionais do pantanal*. Cuiabá: Entrelinhas; Cáceres: Editora Unemat. 2020. p.p. 21-37.

DA SILVA, C. J. NUNES, J. R. S.; SANTOS-FILHO, M.; SANDER, N. L.; CRUZ, E. L.; ZAGO, B. W.; OLIVEIRA, R. F. Área úmida Guaporé: unidade de paisagem macrohabitat bunitizal. In: DA SILVA, C. J.; SOUSA, K. N. S.; SILVEIRA, M.; PIERANGELI, M. A. P.; SANDER, N. L. (Orgs.). *ABC do Guaporé: água, biodiversidade, biotecnologia e cultura*. Cuiabá – MT: Entrelinhas; Cáceres – MT: Editora Unemat. 2018. p.p. 97-104.

DEBORTOLI, N. S.; CAMARINHA, P. I. M.; MARENGO, J. A.; RODRIGUES, R. R. An index of Brazil's vulnerability to expected increases in natural flash flooding and landslide disasters in the context of climate change. *Natural Hazards*, v. 86, n. 2, p. 557–582, 2017. <http://dx.doi.org/10.1007/s11069-016-2705-2>

DIEGUES, A. C. *Biodiversidade e Comunidades Tradicionais no Brasil*. NUPAUB-USP – PROBIO-MMA-CNPQ, São Paulo, 1999.

FERNANDES, D.; FERNANDES, J. G. A 'experiência próxima': saber e conhecimento em povos tradicionais. *Espaço Ameríndio*, v. 9, n. 1, 127-150, 2015. <https://doi.org/10.22456/1982-6524.53593>

FLORA DO BRASIL. (2020). *Jardim Botânico do Rio de Janeiro*. <http://floradobrasil.jbrj.gov.br>

GALDINO, Y. S. N.; DA SILVA, C. J. *Casa e Paisagem pantaneira: conhecimento e práticas tradicionais*. 1 ed. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato. 2009. p. 96.

GANDOLFO, E. S.; HANAZAKI, N. Etnobotânica e urbanização: conhecimento e utilização de plantas de restinga pela comunidade nativa do distrito do Campeche (Florianópolis, SC). *Acta Bot. Bras*, v. 25, n. 1, p. 168-177, 2011. <https://doi:10.1590/s0102-33062011000100020>

GARCIA, L. C.; SZABO, J. K.; DE OLIVEIRA ROQUE, F.; DE MATOS MARTINS PEREIRA, A.; NUNES DA CUNHA, C.; DAMASCENO-JÚNIOR, G. A.; MORATO, R. G.; TOMAS, W. M.; LIBONATI, R.; RIBEIRO, D. B. Record-breaking wildfires in the world's largest continuous tropical wetland: Integrative fire management is urgently needed for both biodiversity and humans. *Journal of environmental management*. 2021. <https://doi.org/10.1016/j.jenvman.2021.11287>

GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. *Acta Bot. Bras*, v. 24, n. 2, p. 395-406, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0102-33062010000200010>

GONÇALVES, M. M. M.; CAJAIBA, R. L.; SANTOS, W. B.; SOUSA, E. S.; MARTINS, J. S. C.; PEREIRA, K. S.; SOUSA, V. A. Estudo etnobotânico do conhecimento e uso de plantas medicinais em Santa Luzia, Maranhão, Brasil. *Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais*, v. 9, n. 5, p. 12-21, 2018. <http://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2018.005.0002>

HAMMER, Ø; HARPER, D. A. T.; RYAN, P. D. Past: Paleontological statistics software: Package for education and data analysis. *Palaeontologia Electronica*, v. 4. 2001.

HANAZAKI, N.; ZANK, S.; FONSECA-KRUEL, V. S.; SCHMIDT, I. B. Indigenous and traditional knowledge, sustainable harvest, and the long road ahead to reach the 2020 Global Strategy for Plant Conservation objectives. *Rodriguésia*, Rio de Janeiro, v. 69, n. 4, p. 1587-1601, 2018. <https://doi.org/10.1590/2175-7860201869409>

ICV. Instituto Centro de Vida. *Balanço dos incêndios em Mato Grosso em 2020*. Nota técnica. Instituto Centro de Vida: ICV, p. 1-9. 2020. <https://www.icv.org.br/tag/queimadas-no-pantanal>

IKEDA CASTRILLON, S.; PUHL, J. I.; FERNANDES, J. R. C.; MORAIS, F. F.; LEÃO, D. S. Envolvimento da comunidade em recuperação de nascentes no Assentamento Laranjeiras, Cáceres, Pantanal Mato-grossense. *Cadernos de Agroecologia*, v. 10, n. 3, 2015. <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/cad/article/view/19324>

JIMÉNEZ-GONZÁLEZ, F.; VELOZA, L. A.; SEÚLVER-ARIAS, J. C. Anti-infectious activity in plants of the genus *Tabebuia*. *Universitas Scientiarum*, v. 18, n. 3, p. 257-267, 2013. http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0122-

JUNK, W. J. Ecoturismo: uma opção de manejo sustentável para o Pantanal? In: IRIGARAY, C. T. J. H.; BRAUN, A.; IRIGARAY, M. (Orgs.). *Pantanal Legal: A tutela jurídica das áreas úmidas e do Pantanal Mato-grossense*. Cuiabá-MT: EdUFMT. Carlini & Caniato Editorial. 2017. p.p. 11-25.

KÖPPEN, W. *Grundriss der Klimakunde: Outline of climate science*. Berlin: Walter de Gruyter. 1931. p. 388.

LORENZI, H. *Árvores Brasileiras: manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil*. Nova Odessa: Instituto Plantarum. 2002. p. 368.

MAMEDE, J. S. S.; PASA, M. C. Diversidade e uso de plantas do Cerrado na comunidade São Miguel, Várzea Grande, MT, Brasil. *Interações*, Campo Grande, v. 20, n. 4, p. 1087-1098, 2019. <https://doi.org/10.20435/inter.v20i4.2064>

MARENGO, J. A.; CUNHA, A. P.; CUARTAS, L.A.; DEUSDARÁ LEAL, K. R.; BROEDEL, E.; SELUCHI, M. E.; MICHELIN, C. M.; DE PRAGA BAIÃO, C. F.; CHUCHÓN ÂNGULO, E.; ALMEIDA, E. K.; KAZMIERCZAK, M. L.; MATEUS, N. P. A.; SILVA, R. C.; BENDER, F. Extreme Drought in the Brazilian Pantanal in 2019–2020: Characterization, Causes, and Impacts. *Frontiers in Water*, v. 3, 2022. <http://doi.org/10.3389/frwa.2021.639204>

MEGERSA, M.; ASFAW, Z.; KELBESSA, E.; BEYENE, A.; WOLDEAB, B. An ethnobotanical study of medicinal plants in Wayu Tuka District, East Welega Zone of Oromia

Regional State, West Ethiopia. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 9, n. 1, p. 1-18, 2013. <https://doi:10.1186/1746-4269-9-68>

MINAYO, M. C. S.; COSTA, A. P. Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, v. 40, n. 40, p. 139-153, 2018. <https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle40.01>

MORAIS, F. F.; DA SILVA, C. J. Etnoecologia de plantas nativas na comunidade de Estirão Comprido, Pantanal Mato-grossense – Brasil. *Revista de Ciências Agroambientais, Alta Floresta*, v. 9, n. 1, p. 13- 30, 2011. <http://www.unemat.br/revistas/rcaa/>

MORAIS, F. F.; DA SILVA, C. J. Conhecimento ecológico tradicional sobre fruteiras para pesca na Comunidade de Estirão Comprido, Barão de Melgaço - Pantanal Mato-grossense. *Biota Neotrop*, v, 10, n. 3, p. 197-203, 2010. <https://doi.org/10.1590/S1676-06032010000300023>

MORAIS, F. F.; MORAIS, R. F.; DA SILVA, C. J. Conhecimento ecológico tradicional sobre plantas cultivadas pelos pescadores da comunidade Estirão Comprido, Pantanal Mato-grossense, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 4, n. 2, p. 277-294, 2009. <https://doi.org/10.1590/S1981-81222009000200005>

NOLAN, J. M.; ROBBINS, M. C. Cultural conservation of medicinal plant use in the Ozarks. *Human Organization*, v. 58, n. 1, p. 67-72, 1999. <https://doi.org/10.17730/humo.58.1.k1854516076003p6>

OLIVEIRA-MELO, P. M. C.; FONSECA-KRUEL, V. S.; LUCAS, F. C. A.; COELHO-FERREIRA, M. Coleções etnobotânicas no Brasil frente à estratégia global para a conservação de plantas. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 14, n. 2, p. 665-676, 2019. <https://doi.org/10.1590/1981.81222019000200020>

ORSI, P. R.; SEITO, L. N.; DI STASI, L. C. *Hymenaea stigonocarpa* Mart. ex Hayne: a tropical medicinal plant with intestinal anti-inflammatory activity in TNBS model of intestinal inflammation in rats. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 151, n. 1, p. 380-385, 2014. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jep.2013.10.056PMid:24211392>

ORTEGA-MEZA, D.; PULIDO-SILVA, M. T.; ARRUDA, J. C.; DA SILVA, C. J. Ethnobotanical Study of the Mexican Laurel in El Chico National Park, Mexico: A Quantitative Perspective. *Ethnobiology Letters*, v. 10, n. 1, p. 1–13, 2019. <https://doi:10.14237/ebl.10.1.2019.1427>

PASA, M. C. *Copaifera langsdorffii* Desf: Aspectos ecológicos e silviculturais na comunidade Santa Teresa. Cuiabá, MT, Brasil. *Biodiversidade*, v. 1, n. 2, 2010. <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/biodiversidade/article/view/702>

PASA, M. C. *Um olhar etnobotânico sobre as comunidades do Bambá*. Cuiabá: Entrelinhas: EdUFMT, 2007. p. 143.

PASA, M. C.; HANAZAKI, N.; SILVA, O. M. D.; AGOSTINHO, A.B.; ZANK, A.; ESTEVES, M. I. P. N. Medicinal plants in cultures of afro-descendant communities in Brazil, Europe and Africa. *Acta Botanica Brasilica*, v. 33, n. 2, p. 340-349. 2019. <https://doi.org/10.1590/0102-33062019abb0163>.

PEREIRA, B. E.; DIEGUES, A. C. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. *Desenvolvimento e Meio ambiente*, n. 22, p. 37-50, 2010. <https://doi:10.5380/dma.v22i0.16054>

PEREIRA F. C.; GUILHERME, F. A G.; MARIMON, B. S. Edge Effects on Successional Dynamics of Forest Fragments in the Brazilian Cerrado. *Floresta e Ambiente*, v. 28, n. 2, p. 1-8, 2021. <https://doi.org/10.1590/2179-8087>

RITTER, M. R.; SILVA, T. C. D.; ARAÚJO, E. D. L.; ALBUQUERQUE, U. P. Bibliometric analysis of ethnobotanical research in Brazil (1988-2013). *Acta Botanica Brasilica*, v. 29, n. 1, p. 113-119, 2015. <https://doi:10.1590/0102-33062014abb3524>

ROMNEY, A. K.; WELLER, S. C.; BATCHELDER, W. H. Culture as consensus: A theory of culture and informant accuracy. *American anthropologist*, v. 88, n. 2, p. 313-338, 1986. <https://www.jstor.org/stable/677564>

ROSSETTO, O. C. Produção do Espaço Agrário no Estado de Mato Grosso e o Processo de Concentração de Terras no Pantanal Norte Mato-grossense. In: Rossetto, O. C & Tocantins, N. (Orgs.). *Ambiente Agrário do Pantanal Brasileiro: Socioeconomia e Conservação da Biodiversidade*. Porto Alegre: Imprensa Livre, Compasso Lugar Cultura. 2015, p.p. 25-76.

ROSSETTO, O. C.; GIRARDI, E. P. Dinâmica agrária e sustentabilidade socioambiental no Pantanal brasileiro. São Paulo: *Revista NERA* (Unesp). 1, p. 135-161, 2012. <https://doi:10.47946/rnera.v0i21.2115>

SANDER, N. L.; ARRUDA, J. C.; AIRES, S.; DA SILVA, C. J. Etnoecologia de um buritizal na fronteira biológica Amazônia-Cerrado. In: DA SILVA, C. J.; SOUSA, K. N. S.; SILVEIRA,

M.; PIERANGELI, M. A. P.; SANDER, N. L. (Orgs.). *ABC do Guaporé: água, biodiversidade, biotecnologia e cultura*. Cuiabá – MT: Entrelinhas; Cáceres – MT: Editora Unemat. 2018, p.p. 119-123.

SCHWENK, L. M.; DA SILVA, C. J. *A Etnobotânica da Morraria Mimoso no Pantanal de Mato Grosso*. III Simpósio sobre Recursos Naturais e Socioeconômicos do Pantanal – Os Desafios do Novo Milênio. Corumbá-MS. 2000.

SILGUEIRO, V. F.; SOUZA, C. O. C. F.; MULLER, E. O.; DA SILVA, C. J. Dimensions of the 2020 wildfire catastrophe in the Pantanal wetland: the case of the municipality of Poconé, Mato Grosso, Brazil. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 15, p. 1-10, 2021. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i15.22619>

SILVA, J. R.; JESUS, P. Juventude rural e agricultura familiar: os determinantes dos processos migratórios e desafios para a preservação da agricultura familiar. In: VIII Congresso latino-americano de sociologia rural, 2010, Porto de Galinhas. *Anais...* Porto de Galinhas, v. II. 2010.

SILVA, W.; CAJAIBA, R.; PARRY, M. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do município de Uruará, estado do Pará, Brasil. *Revista Cubana de Plantas Medicinales*, v. 22, n. 4, 2018. <http://www.revplantasmedicinales.sld.cu/index.php/pla/article/view/696>

SOUZA, V. C.; FLORES, T. B.; COLLETTA, G. D.; COELHO, L. R. G. *Guia das Plantas do Cerrado*. Piracicaba, SP: Taxon Brasil Editora e Livraria. 2018. p. 583.

SRITHI, K.; BALSLEVB, H.; WANGPAKAPATTANAWONGA, P.; SRISANGAC, P.; TRISONTH, C. Medicinal plant knowledge and its erosion among the Mien (Yao) in northern Thailand. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 123, n. 2, p. 335–342, 2009. <https://doi:10.1016/j.jep.2009.02.035>

TEKLEHAYMANOT, T. Ethnobotanical study of knowledge and medicinal plants use by the people in Dek Island in Ethiopia. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 124, n. 1, p. 69-78, 2009. <https://doi:10.1016/j.jep.2009.04.005>

VALLE, T. L. Coleta de germoplasma de plantas cultivadas. In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. P. (Orgs.). *Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas*. 2002, p. 129-154. In: Anais do I Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste. Rio Claro, Coordenadoria de Área de Ciências Biológicas, Gabinete do Reitor, UNESP/ CNPq.

VIERTLER, R. B. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em Etnobiologia e Etnoecologia. In: AMOROZO, M. C.; MING, L. C.; SILVA, S. P. (Orgs.). *Seminário de etnologia e etnoecologia do Sudeste*, 2001. Rio Claro: UNESP/CNPQ. 2002, p.p. 11-29.

VINUTO, J. Amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. <https://doi:10.20396/tematicas.v22i44.10977>

ZEPEDA GOMEZ, C.; BURROLA AGUILAR, C.; WHITE OLASCOAGA, L.; RODRIGUEZ SOTO, C. Especies leñosas útiles de la selva baja caducifolia en la Sierra de Nanchititla, México. *Madera y bosques*, v. 23, n. 3, p. 101-119, 2017. <https://doi.org/10.21829/myb.2017.2331426>



Estudantes no refeitório da Escola Estadual Santa Claudina.

5 CAPÍTULO 3

Transmissão de conhecimento entre gerações na Comunidade Tradicional Mimoso, Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso – Reserva da Biosfera do Pantanal

Artigo ainda não submetido para publicação.

Transmissão de conhecimento entre gerações na Comunidade Tradicional Mimoso, Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso – Reserva da Biosfera do Pantanal

Resumo: Apresentamos o resultado da pesquisa desenvolvida com os moradores (adultos) da comunidade Mimoso e os estudantes (adolescentes e jovens) da Escola Estadual Santa Claudina, residentes no distrito de Mimoso, a respeito da transmissão do conhecimento tradicional das pessoas mais experientes para os adolescentes e jovens. Nesta pesquisa utilizamos entrevistas semiestruturadas, questionários e observação participante. As entrevistas foram realizadas com os pais, avós, ex-professores, professores, funcionários da escola e estudantes; os questionários foram respondidos pelos estudantes dos Ensinos Fundamental e Médio. Os dados foram analisados de forma qualitativa e quantitativa. A Análise de Cluster foi utilizada para comparar e agrupar interlocutores de acordo com o conhecimento e usos das plantas, e o Escalonamento Multidimensional (MDS) para medir a similaridade do uso da biodiversidade das plantas. Os estudantes consideraram importante a integração dos saberes tradicional e científico na Escola. A família (pais e avós) foi indicada como principal responsável pela transmissão do conhecimento tradicional, especialmente relacionada ao uso das plantas e a cultura local. Os estudantes reconhecem que os professores têm um papel fundamental na educação escolar e no engajamento cultural com a comunidade, envolvendo as datas comemorativas, as festas tradicionais, as danças típicas e as apresentações culturais dentro e fora do ambiente escolar. A continuidade dos saberes tradicionais entre os mimoseanos depende de incentivos para a permanência dos mais jovens no pantanal onde nasceram e vivem.

Palavras-chave: Análise quantitativa; Conhecimento tradicional; Escola Santa Claudina; Transmissão de saberes.

Abstract: We present the results of the research carried out with the residents (adults) of the Mimoso community and the students (teenagers and young people) of the Santa Claudina State School, residing in the district of Mimoso, regarding the transmission of traditional knowledge from the most experienced people to the teenagers and young people. In this research we used semi-structured interviews, questionnaires and participant observation. Interviews were conducted with parents, grandparents, former teachers, teachers, school staff and students; the questionnaires were answered by elementary and high school students. Data were analyzed qualitatively and quantitatively. Cluster Analysis was used to compare and group informants according to knowledge and uses of plants, and Multidimensional Scaling (MDS) to measure

the similarity of use of plant biodiversity. The students considered it important to integrate traditional and scientific knowledge in the school. The family (parents and grandparents) was indicated as the main responsible for the transmission of traditional knowledge, especially related to the use of plants and the local culture. Students recognize that teachers have a fundamental role in school education and cultural engagement with the community, involving commemorative dates, traditional festivals, typical dances and cultural presentations inside and outside the school environment. The continuity of traditional knowledge among the mimoseanos depends on incentives for the youngest to stay in the swamp where they were born and live.

Keywords: Quantitative analysis; Traditional knowledge; Santa Claudina School; Transmission of knowledge.

1 INTRODUÇÃO

A Constituição Brasileira no seu Artigo 205 define que a educação é direito fundamental e deve ser compartilhada entre Estado, família e sociedade e determina que a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, “será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Com o intuito de atender essa atribuição, o Artigo 210 da Carta Constitucional certifica a necessidade de serem “fixados conteúdos mínimos para o ensino, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” (BRASIL, 1988).

No entanto os conteúdos curriculares, nem sempre valorizam as práticas tradicionais, valores, crenças religiosas e saberes populares. O ensino escolar, na maioria das vezes, considera importante somente os conteúdos que os livros didáticos trazem, e deixa de valorizar o conhecimento prévio dos estudantes, sua história e sua cultura.

Na prática, o estudante pode conviver com uma rotina escolar distante da sua realidade, isso pode ocorrer tanto nas escolas urbanas quanto nas rurais. Nesse aspecto, a inclusão do conhecimento presente em cada grupo, e sua valorização no contexto histórico e sociocultural podem diminuir o distanciamento entre os estudantes e a sociedade em seu entorno.

Assim, os conhecimentos dos estudantes, sejam eles tradicional ou contemporâneo devem ser valorizados e inseridos na educação escolar, pois contém elementos importantes para

estimular o processo de ensino-aprendizagem. Dessa maneira, a educação escolar pode dialogar com os saberes familiares e da sociedade no qual ele está inserido.

Os espaços rurais brasileiros estão na maioria das vezes ocupados por comunidades tradicionais, as quais apresentam diversas características (TOLEDO, 2001):

- a) “são descendentes dos primeiros habitantes de territórios que foram conquistados durante os Descobrimentos,
- b) são povos dos ecossistemas, tais como agricultores, pastores, caçadores, extrativistas, pescadores e ou artesãos que adotam uma estratégia multiuso na apropriação da natureza,
- c) praticam formas de produção rural de pequena escala e intensiva em trabalho, produzindo pequenos excedentes, apresentando necessidades satisfeitas com reduzida utilização de energia,
- d) não dispõem instituições políticas centralizadas, organizam suas vidas a nível comunitário, tomando decisões em base de consenso,
- e) compartilham língua, religião, crenças, vestimenta e outros indicadores de identificação assim como uma relação estreita com seu território,
- f) apresentam uma visão de mundo específica consistindo em uma atitude de proteção e não-materialista em sua relação com a terra e os recursos naturais baseada num intercâmbio simbólico com o mundo natural,
- g) são dependentes de uma sociedade e cultura hegemônicas e
- h) identificam-se como povos e comunidades tradicionais.”

Essas comunidades, também denominadas sociedades tradicionais, compreendem:

“grupos humanos culturalmente diferenciados que historicamente reproduzem seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base em modos de cooperação social e formas específicas de relações com a natureza, caracterizados tradicionalmente pelo manejo sustentado do meio ambiente” (DIEGUES et al., 2000, p. 22).

De acordo com os autores, tais comunidades ao conviver com a biodiversidade, nomeiam, classificam e domesticam as espécies de acordo com as categorias e nomes. Nessa perspectiva, esse conjunto de seres vivos possuem tanto os valores de uso quanto os valores simbólicos para essas populações.

Os saberes ecológicos presentes nessas comunidades, também denominado Conhecimento Ecológico Tradicional (CET) é definido como “um corpo cumulativo de conhecimento, prática e crença, evoluindo por processos adaptativos e transmitido através de gerações por transmissão cultural” (BERKES et al., 2000).

Segundo Diegues (2000) o etnoconhecimento das comunidades tradicionais é resultado do convívio com a mata e com as necessidades de seu modo tradicional de vida, em que o acúmulo de capital é reduzido e o conhecimento é transmitido ao longo das gerações, de forma oral e gestual. Na visão do mesmo autor (2019, p. 119) o conhecimento tradicional constitui o “saber e o saber-fazer, a respeito do mundo natural, sobrenatural, produzidos pelos povos e comunidades tradicionais, transmitidos oralmente de geração em geração”.

Em relação a transmissão do conhecimento tradicional diversos autores identificaram que esta ocorre das seguintes formas: *i*) vertical - entre indivíduos da mesma família e gerações diferentes, quando pais transmitem para filhos ou avós transmitem para netos; *ii*) horizontal - entre membros da mesma geração, quando ocorre entre adultos ou entre jovens; *iii*) oblíqua - entre indivíduos de gerações diferentes sem relação de parentesco, quando pessoas mais velhas transmitem para jovens; *iv*) *one-to-many* (um para muitos) - quando professor, líder social ou mídia (televisão ou rádio) transmite para muitos indivíduos do grupo (DA SILVA e ZANK 2022; SANTORO et al., 2020; LOZADA et al., 2006; CAVALLI-SFORZA et al., 1982; CAVALLI-SFORZA e FELDMAN, 1981).

Esta pesquisa está contextualizada no campo da Etnobiologia - “Ciência que compreende o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas pelas sociedades a respeito da biologia”. É o estudo da dinâmica da natureza no sistema de crenças e de adaptações do homem aos ambientes (POSEY, 1986). A Etnobiologia estuda as relações entre os organismos vivos e os sistemas culturais (ALBUQUERQUE, 2005). Em um aspecto mais amplo, a Etnobiologia estuda as interações entre a humanidade e a biosfera (CLÉMENT, 1998).

De acordo com Begossi (1993) a Etnobiologia “busca entender como o mundo é percebido, conhecido e classificado por diversas culturas humanas”. Nessa perspectiva, analisa a classificação das comunidades humanas sobre a natureza.

Ao longo do tempo a Etnobiologia passou por algumas mudanças, que segundo Clément (1998) compreendem três fases: *1ª Fase*: pré-clássico (fim do século XIX) – busca-se compreender os conhecimentos dos povos sobre plantas e animais, principalmente voltados ao seu valor econômico e utilitário; *2ª Fase*: clássico (meados do século XX) - investiga-se como os povos indígenas consideram e dão sentido aos seus ambientes, como classificam a natureza; *3ª Fase*: pós-clássico (a partir da década de 1990) – interessa-se pela preservação dos conhecimentos dos povos indígenas e da defesa dos direitos de propriedade deste conhecimento por parte desses povos. Alguns autores acrescentam outros dois estágios: *4ª Fase*: (final do século XX e início do século XXI) – há uma atenção dos etnobiólogos na valorização dos direitos de propriedade intelectual sobre o conhecimento tradicional das comunidades com as quais trabalham; *5ª Fase*: aplicação da Etnobiologia aos desafios ambientais e o engajamento social do pesquisador com a comunidade em que trabalhou (WOLVERTON, 2013; NABHAN et al., 2011; WYNDHAM et al., 2011).

A Etnobotânica, ramo da Etnobiologia, mais especificamente abordada nesta pesquisa abrange o estudo e a interpretação do conhecimento, significação cultural, manejo e os usos tradicionais da flora (CABALLERO, 1979). Por meio da Etnobotânica se pesquisa o conhecimento e a valorização do saber botânico tradicional evidenciado em diversos estudos,

como de Bortolotto (2021; 2017), Bieski e Guarim Neto (2020; 2017), Pasa (2011; 2007) e Amorozo (2008; 1996).

A Etnobotânica tem contribuído para a descoberta de substâncias vegetais com aplicações médicas e industriais; preservação da biodiversidade de plantas em seus ecossistemas; conservação de recursos naturais e de conhecimentos tradicionais (ALBUQUERQUE et al., 2013, ALBUQUERQUE, 2005).

O conhecimento dessas comunidades revela a existência de um conjunto de saberes obtidos pela tradição e transmitido ao longo das gerações (PEREIRA e DIEGUES, 2010). Ainda que exista diversas pesquisas abordando o conhecimento tradicional como as publicadas no livro Comunidades Tradicionais do Pantanal (DA SILVA e GUARIM NETO, 2020) evidencia-se a ausência de estudos a respeito da transmissão desses conhecimentos em todo território brasileiro.

Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo estudar a transmissão do conhecimento tradicional dos adultos para os jovens estudantes da Escola Santa Claudina no contexto ecológico e sociocultural de Mimoso no Pantanal.

2 MÉTODOS

2.1. Área de estudo

O estudo foi desenvolvido na Comunidade Tradicional Mimoso, no Município de Santo Antônio de Leverger, Estado de Mato Grosso, Reserva Biosfera do Pantanal (Figuras 1 e 2). O município está localizado a margem esquerda do rio Cuiabá, distante 27 km da capital. A localidade tem como via de acesso a Estrada Parque, rodovia MT 040, que liga Cuiabá, passando pela sede do município de Santo Antônio de Leverger, Porto de Fora, o Distrito de Mimoso, até alcançar a BR 364 perto de São Vicente. Segundo Rosseto e Girardi (2012) ocupa uma área territorial de 11.283 km² com 4.393 km² no planalto e 6.890 km² no pantanal, inserida nos biomas Cerrado e Pantanal.

A Escola Estadual Santa Claudina (Figura 3) está situada na Avenida Principal da Comunidade Mimoso. Foi criada pelo Decreto nº 495 de 7 de junho de 1948 e inaugurada no dia 13 de junho do mesmo ano por Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. Recebeu esse nome em homenagem a mãe de Marechal Rondon, Claudina Evangelista, e sua criação teve como objetivo propiciar uma educação primária de qualidade na região. O local escolhido para

o estabelecimento da escola foi no espaço da antiga casa da família de Marechal Rondon, na época construída de pau-a-pique (VIVEIROS, 2010).

Devido sua importância cultural, a Escola foi tombada no dia 13 de novembro de 2012, conforme a Portaria 037/2012 (MATO GROSSO, 2012). Nela encontram-se elementos que descrevem parte da história de Marechal Rondon. Em seu jardim estão expostos obeliscos que marcam o nascimento de Rondon e onde residiram e estão sepultados seus pais.

A Escola Santa Claudina caracteriza-se pela Educação do Campo. Essa modalidade de ensino visa garantir a universalização do acesso e permanência com qualidade, da população do campo à Educação Básica e à Educação Profissional, consolidando a cidadania. A Escola funciona nos períodos matutino e vespertino com Ensino Fundamental e Ensino Médio e, noturno com Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para atender os 602 alunos matriculados, além das salas de aula na sede (Comunidade Mimoso), a Escola conta com três “salas anexas” localizadas nas comunidades Porto de Fora, Água Branca e Baiazinha.

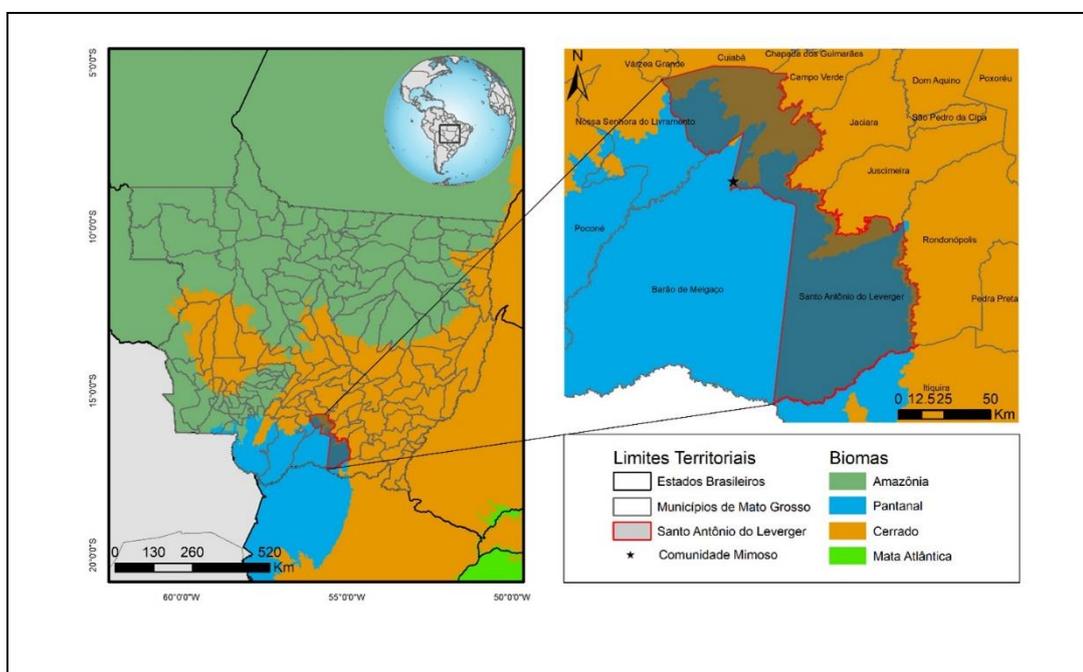


Figura 1. Comunidade Tradicional Mimoso, Santo Antônio do Leverger - MT. 2022. Fonte: Acervo das autoras.



Figura 2. Vista aérea da Comunidade Tradicional Mimoso, Santo Antônio de Leverger - MT. 2022. Fonte: Acervo das autoras.



Figura 3. Escola Estadual Santa Claudina, Comunidade Tradicional Mimoso, Santo Antônio de Leverger – MT. 2022. Fonte: Acervo das autoras.

2.2 Metodologia

O contato inicial com os moradores da Comunidade Tradicional Mimoso ocorreu entre os meses de dezembro de 2018 e fevereiro de 2019. Posteriormente, houve um diálogo com a direção da Escola Estadual Santa Claudina com a finalidade de explicar o objetivo da pesquisa e a importância da participação dos estudantes. Assim, mediante autorização e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelo diretor, prosseguiu-se para uma reunião com a coordenação escolar onde foram abordadas questões relacionadas à pesquisa.

As entrevistas iniciaram após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso (CEP/UNEMAT), conforme Parecer nº 2.832.217 de 20 de agosto de 2018. A coleta de informações aconteceu em duas etapas, pois foi interrompida durante os anos 2020 e 2021 devido a pandemia da Covid-19.

As entrevistas do tipo semiestruturada foram realizadas, mediante explanação do objetivo da pesquisa e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Seguiram um roteiro com questões previamente elaboradas, combinando questões fechadas e algumas abertas (MINAYO e COSTA, 2018; VIERTLER, 2002). A primeira etapa ocorreu entre os meses de fevereiro de 2019 e março de 2020 com os mimoseanos adultos e parte dos jovens estudantes; a segunda etapa ocorreu entre março e maio de 2022 com os estudantes. As questões norteadoras formuladas foram relacionadas ao conhecimento e uso das plantas dos macrohabitats de Mimoso: Morraria, Sopé e Pantanal (área inundável em Mimoso). Esses macrohabitats podem ser vistos em detalhes nos estudos de De David et al. (2022), Schwenk e Da Silva (2000), Da Silva e Silva (1995).

No ano 2019 foi aplicado um questionário abordando aspectos socioculturais, ambientais e pedagógicos nas turmas de 7º e 8º Ano do Ensino Fundamental (EF) e de 1º e 2º Ano do Ensino Médio (EM). Na sequência, foram realizadas as entrevistas com estudantes dessas turmas, nessa etapa foram abordadas questões a respeito do conhecimento e uso das plantas. A segunda etapa da pesquisa ocorreu após a redução significativa da pandemia, sendo possível o encontro presencial com a comunidade escolar. Procedeu-se com a mesma metodologia: aplicação de questionário (a respeito de aspectos socioculturais, ambientais e pedagógicos) e entrevistas abordando questões sobre o conhecimento e uso da biodiversidade de plantas, com os estudantes do 9º Ano (EF) e do 2º Ano (EM).

O universo dos entrevistados adultos compreendeu 29 pessoas: 15 homens e 14 mulheres, com idade variando entre 37 e 90 anos. Os jovens entrevistados tinham idade entre 12 e 18 anos, compostos de 13 meninas e 18 meninos, totalizando 31 estudantes de um universo de 25 meninas e 44 meninos (69 estudantes), que responderam ao questionário.

A observação participante foi feita nas moradias de algumas famílias de estudantes e na Escola, nos principais espaços de convivência: sala de aula, quadra esportiva e refeitório.

2.3. Análise de dados

As informações coletadas a respeito das plantas foram baseadas na pesquisa de De David et al. (2022) e nas entrevistas, as quais foram tabuladas em planilha Excel de acordo com o macrohabitat e a categoria de uso. As espécies citadas foram assinaladas segundo a presença

ou ausência de conhecimento e uso pelos interlocutores. A análise dos dados ocorreu por meio de estatística descritiva. O modo de transmissão do conhecimento foi classificado de acordo com Lozada et al. (2006) e Cavalli-Sforza et al. (1982) nas categorias: *i*) transmissão vertical; *ii*) transmissão horizontal; *iii*) transmissão oblíqua; *iv*) *one-to-many* (um para muitos).

A Análise de Cluster foi utilizada para comparar e agrupar os interlocutores de acordo com o conhecimento e usos das plantas citadas pelos mimoseanos adultos e jovens estudantes e, assim formar conglomerados homogêneos. Essa técnica consiste no agrupamento dos dados conforme as similaridades, dessa maneira agrupa um conjunto de dados heterogêneos em grupos com homogeneidade (BEM et al., 2015). Segundo os autores, inicia com cada objeto em uma classe por si só e, gradativamente, os diferentes objetos se agrupam formando nós que dispõem de características semelhantes, e à medida que se agrupam em aglomerados, passam a conter elementos cada vez mais diferenciados.

O Escalonamento Multidimensional (MDS) foi utilizado para medir a similaridade do uso da biodiversidade de plantas. Esse agrupamento é baseado na frequência (quantas vezes a espécie foi indicada) e similaridade do uso. Dessa maneira, os objetos com maior similaridade ficam próximos, localizados no centro da imagem e aqueles com menor similaridade ficam afastados, organizados na periferia (ROMNEY et al., 1986). O MDS proporciona uma representação gráfica dos padrões de similaridade ou dissimilaridade entre o grupo de objetos estudados. O MDS foi calculado por meio do programa estatístico PAST versão 1.79 (HAMMER et al., 2001).

3 RESULTADOS

3.1. Os estudantes da Escola Santa Claudina

A maioria dos estudantes (85%) nasceu em Cuiabá, o motivo de terem nascido fora de Mimoso é por não haver hospital na localidade, nesse caso as mães procuram atendimento hospitalar em cidades próximas para terem seus filhos. Aqueles que residem na comunidade (70%) vão para a Escola a pé, de bicicleta ou de moto, enquanto os que residem em locais mais distantes (fazendas ou outras comunidades) utilizam como meio de transporte o automóvel, van, kombi ou ônibus escolar.

Com relação à história da origem de Mimoso, a maior parte (65%) afirmou ter conhecimento, relatando que o nome do local se deve a uma planta nativa da região, o capim-

mimoso (*Axonopus purpusii* (Mez) Chase). Essa espécie vegetal cobre a área inundável da Baía Chacororé, macrohabitat denominado pelos mimoseanos de ‘largo, campo ou pantanal’.

Os estudantes entrevistados se interessam pela história da comunidade, que também é contada por moradores e familiares. Eles percebem as diferenças entre a sua cultura e a das pessoas de fora, valorizando-a e demonstrando interesse em participar das apresentações culturais como as danças de siriri que realizam em eventos escolares, da comunidade e de outras regiões (Figura 4).

Outro ponto destacado pelos estudantes foi que Mimoso é a terra natal de Marechal Rondon (Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, 1865-1958), o Patrono das Comunicações. Pode-se perceber a importância que esse ilustre mimoseano tem para a comunidade escolar, contemplando os trabalhos realizados pelos estudantes em comemoração ao aniversário de Rondon (5 de maio), e expostos no mural da Escola. Nessa data também se comemora o Dia Nacional das Comunicações. Assim, os estudantes trazem em suas narrativas sentimentos de satisfação em estudar nessa escola: “... gosto muito da minha escola, foi construída por Rondon...”; “... tenho orgulho de estudar aqui onde nasceu Marechal Rondon...”; “... foi aqui em Mimoso que nasceu Rondon, onde é nossa escola, morava a mãe de Rondon...”



a)



b)



c)



d)



Figura 4 - Atividades realizadas pelos estudantes da Escola Santa Claudina: a) Apresentação cultural ‘dança do siriri’; b) Estudantes no refeitório da Escola Santa Claudina; c) Estudantes em sala de aula; d) Visita à Sala de Memória de Marechal Rondon; e) Caminhada ecológica; f) Desfile militar no encerramento da Semana de Rondon. Fonte: Acervo das autoras.

Para homenagear Marechal Rondon, a Escola Santa Claudina realiza anualmente a “Semana de Rondon”. Nesse período a comunidade escolar fica envolvida com atividades educativas, recreativas e culturais. Em 2022 a Semana de Rondon ocorreu entre os dias 2 e 6 de maio, e os estudantes participaram de diversas atividades: abertura da “Semana de Rondon”, jogos escolares, caminhada ecológica, sorteios de prêmios, apresentações culturais (dança do siriri) e encerramento.

A caminhada ecológica tem grande importância para a integração entre os estudantes da sede da Escola Santa Claudina e os estudantes das salas anexas localizadas em outras comunidades. O encerramento da semana foi marcado com desfile militar, sessão solene da câmara municipal de Santo Antônio de Leverger, homenagem e entrega de comenda às pessoas que contribuem com o município, almoço, apresentações culturais e show musical. As famílias mimoseanas e demais participantes e convidados desse evento puderam visitar o Memorial Rondon e a Sala de Memória Rondon e Familiares.

A vivência no distrito de Mimoso tem para os estudantes múltiplos sentidos, percebidos por meio das respostas ao questionamento feito a eles: “O que é mais representativo em Mimoso para você?”. As respostas foram variadas, e os termos mais mencionados por eles foram agrupados e organizados graficamente em uma nuvem de palavras (Figura 5).

“Pantanal” foi a palavra mais expressiva, remete ao local (bioma) onde vivem, representa a identidade dos mimoseanos, frequentemente demonstrada com afeto e reafirmada quando se referem à sua existência em Mimoso. “Animais” e “Festas” aparecem na segunda posição, pois em Mimoso eles convivem com diversos animais, domésticos, de criação (gado, galinha, porco, cavalo) ou silvestres (também denominados bichos), esses últimos costumam aparecer nas proximidades das moradias. As festas que eles citam são as festas tradicionais de

santo, tanto do santo padroeiro de Mimoso (Santo Antônio) quanto dos santos de devoção de cada família, todas realizadas anualmente no dia ou mês em que se homenageia cada santo e assim, fazem parte da cultura regional.



Figura 5. Nuvem de palavras gerada das narrativas dos estudantes da Escola Santa Claudina. Fonte: Elaborada pelas autoras.

Na sequência, as palavras citadas foram: “Água”, já que essa população convive com o ritmo das águas, com os períodos da seca, enchente, cheia e vazante, com seus rios, lagoas e corixos; “Tranquilidade”, é um termo que expressa a calma do lugar, onde tudo acontece a seu tempo; “Turismo”, pois muitas pessoas passam por lá, sejam elas turistas ou não, e aproveitam para conhecer o Memorial Rondon, as baías Chacororé e Sinhá Mariana e o rio Mutum; “Plantas”, também denominadas por eles de mato, pau ou árvore, conforme o uso, hábito ou macrohabitat que está inserida; “natureza”, porque é um lugar onde estão rodeados de elementos naturais dos quais utilizam e se beneficiam, como a mata, a morraria, o campo, os rios, os bichos e as plantas; as demais palavras aparecem em menor número de citação.

Os estudantes também realizam excursões escolares para locais próximos e de relevância para a comunidade Mimoso, para atividades de conscientização ambiental e socioculturais: Memorial Rondon (monumento construído em frente à escola em homenagem ao Marechal Rondon); as baías Chacororé e Sinhá Mariana, o rio Mutum; o campo (área alagável da baía Chacororé); a rodovia MT-040, que chega a Mimoso (para recolher lixo em comemoração ao Dia do Meio Ambiente e na Caminhada Ecológica, durante a semana de Rondon); a Comunidade Agrovila das Palmeiras (no município); o Zoológico da Universidade

Federal de Mato Grosso e o cinema (ambos em Cuiabá); e as cidades de Santo Antônio de Leverger e Barão de Melgaço (para participar de jogos estudantis e eventos culturais).

3.2. Conhecendo as plantas de Mimoso

Os mimosoanos (adultos e estudantes) identificam quatro hábitos de vida: a) árvore - espécie arbórea encontrada, principalmente, na morraria e no sopé do morro; b) pau: espécie utilizada para lenha e madeira, também presente na morraria e no sopé; c) mato: vegetação nativa que nasce espontaneamente nos diferentes macrohabitats; d) planta: aquilo que é plantado, espécie cultivada no quintal, roça ou horta.

Durante as entrevistas foram citados o nome das plantas e seus respectivos usos. Quando perguntado se utilizam plantas medicinais, a maioria das pessoas afirmou que fazem o uso dessas plantas sempre que necessitam tratar algum tipo de enfermidade ou como prevenção, e dependendo da gravidade buscam atendimento médico e utilizam medicação convencional. Em alguns casos associam o tratamento com plantas medicinais e remédios alopáticos. Quanto ao modo de preparo das plantas para fins medicinais, os mais mencionados foram: chá (para ingestão, lavagem ou banho), xarope e emplasto. Os estudantes informaram que as plantas para essa finalidade de uso são, geralmente, preparadas pela mãe ou avó, e durante as entrevistas mencionaram diversas vezes os cuidados recebidos por elas.

Nessa perspectiva, a transmissão do conhecimento sobre a biodiversidade de plantas ocorre, principalmente, por transmissão vertical (tanto para os adultos quanto para os estudantes), onde os pais e avós são os responsáveis por repassar esses saberes; alguns aprenderam também com vizinhos, na maioria das vezes pessoas mais experientes, consistindo a transmissão oblíqua; e outros obtiveram esse conhecimento com os professores (no caso dos estudantes), em programas de televisão (adultos e estudantes) e por meio dos livros (estudantes), nesse caso denominado *one-to-many* (um para muitos).

Com relação ao conhecimento e uso da biodiversidade de plantas presentes nos macrohabitats de Mimoso, obteve-se as seguintes citações: a) *macrohabitat Morraria* – adultos citaram 83 espécies e estudantes 31; b) *macrohabitat Sopé* - adultos citaram 97 espécies e estudantes 66; c) *macrohabitat Pantanal* (área alagável da Baía Chacororé) - adultos citaram nove espécies e estudantes sete. As espécies citadas foram categorizadas em cada macrohabitat de acordo com seus respectivos usos (Alimentar, Artesanato, Cobertura, Combustível, Construção, Medicinal e Utensílio).

a) *Macrohabitat Morraria* (Figura 6) – Para a categoria Alimentar os adultos citaram 17 espécies e os estudantes citaram 10 espécies. Essa diferença pode ser justificada pelo contato que os estudantes possuem com outras fontes para buscar alimento, como as frutas que possuem no quintal e a disponibilidade de alimentos industrializados no comércio local.

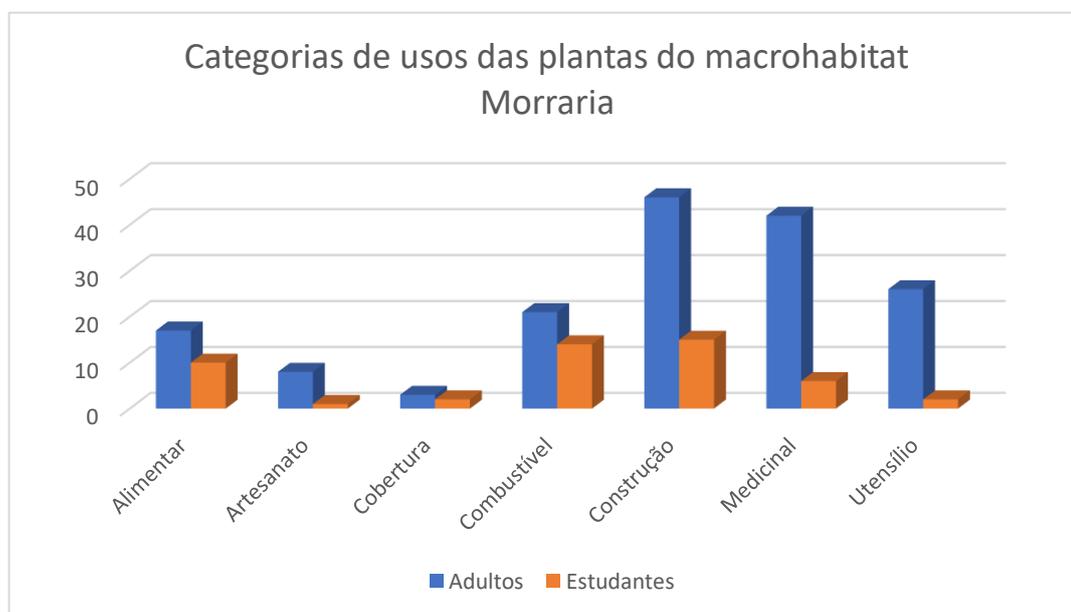


Figura 6. Comparação do conhecimento e uso das categorias de plantas do macrohabitat Morraria. Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na categoria Artesanato houve poucas citações, oito para os adultos e apenas uma para os estudantes. Na categoria Cobertura também houve um número reduzido de espécies, três para os adultos e duas para os estudantes. Nessa categoria estão as “palhas”, utilizadas para cobrir moradias, varandas e outros espaços, principalmente, para a realização das festas tradicionais. Essas palhas são retiradas da *Attalea speciosa* Mart. ex Spreng (Babaçu), *Attalea phalerata* Mart. Ex Spreng. (Acuri) e *Attalea barreirensis* Glassman (Indaiá).

Na categoria Combustível os adultos citaram 21 espécies e os estudantes 14. As plantas usadas nessa categoria são referidas por eles como “pau”, e utilizadas na forma de lenha para fogão, forno, tacuru e churrasqueira. Embora tenham fogão a gás, ainda é comum o uso de lenha, tanto no dia a dia quanto no período das festas, por isso a geração mais nova tem esse conhecimento.

As plantas utilizadas na categoria Construção obtiveram o maior número de espécies citadas pelos adultos (46 espécies), contrastando com as 15 espécies conhecidas pelos estudantes.

Na categoria Medicinal a diferença no conhecimento e uso das espécies é ainda maior, os adultos citaram 42 espécies e os estudantes citaram seis. O uso de plantas medicinais de espécies nativas está presente na comunidade, especialmente, nas gerações de mais idade. A geração mais jovem (estudantes) tem maior conhecimento das plantas medicinais presentes do quintal.

Na categoria Utensílio os adultos citaram 26 espécies e os estudantes duas espécies.

Percebe-se que a geração mais jovem (estudantes) conhece menos plantas da Morraria quando comparada aos adultos. Outro fato evidenciado nas entrevistas foi que os estudantes, residentes nas proximidades da Morraria, têm um conhecimento maior do que aqueles que moram mais distante. Isso foi confirmado nas narrativas a seguir:

“Professora, aqueles que moram perto do morro conhecem mais as árvores de lá, eu quase não conheço”.
 “Quem conhece muito do que tem no morro é meu vô, que mora aí faz muito tempo”.
 “Ali tem árvore com fruta... tem a fruta-de-veado e o cabriteiro que dá pra comê... a canjiqueira coloca na pinga pra dá gosto”.
 “Tem muita árvore que faz tábuas, como o jatobá e o louro”.
 “Ali em cima tem pau, tem árvore, tem pedra e também tem bicho”.

Algumas narrativas dos interlocutores confirmam a ocorrência da transmissão do conhecimento tradicional em relação as plantas, conforme descrito na Tabela 1.

Tabela 1. Narrativas de adultos e jovens estudantes de plantas do macrohabitat Morraria.

Espécie	Adultos	Estudantes
Aroeira - <i>Astronium urundeuva</i> (M.Allemão)	“A aroeira não pode tirá, acabô quase tudo. O pai dos meus filhos quebrou a perna que moeu... O médico não quis engessar, mas minha sogra fez o melote, enfaixou... Fica que nem um gesso, depois seca, solta e tá curado”.	“Aqui as pessoas sempre usavam aroeira, mas foi proibido tirá, está em extinção... usava também quando machucava ou quebrava o osso, pra colá o osso”.
Jatobá - <i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	“Faz xarope com a casca de jatobá e açúcar... ferve e fica quase um melado. Também faz licor com álcool pras festa de santo”.	“Ali no morro tem muita árvore que faz tábuas, como o jatobá e o louro... com o jatobá também faz xarope pra tosse e levanta veio (licor)”.
Babaçu - <i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng	“Com a palha faz cobertura de casa, da gordura do coco faz remédio pra tirá catarro do peito, com o coco faz doce e o coco seco faz carvão. O coco também pode dá pros porco comê”.	“Professora, o coco do babaçu é bom pra assá carne, quando ele tá seco é igual lenha, carvão, e a palha usa pra cobrí. Lá no morro tem babaçu, aqui embaixo também”.

Copaíba - <i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	“O pau d’óleo tem que tomar pouco, é purgante, mas é bom pra muita doença”.	“O pau d’óleo é remédio, é bom pra um monte de coisa”.
Angico - <i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	“A gente usa madeira daqui do morro pra fazê cerca, alguma pra casa e qualquer pau se tivé seco dá pra lenha”.	“Meu vô usa madeira do morro pra fazê cerca, pra casa e pra lenha. Ele conhece tudo... O angico usa pra cerca, esticador de cerca e também pra lenha”.
Ipê - <i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos	“É no final de maio que essas árvore fica com flor, mas é só uns dias. A madeira pode usá na construção... o ipê também usa pra remédio”.	“Do ipê dá pra tirá madeira pra construção... ipê-roxo, ipê-amarelo...”.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

b) *Macrohabitat Sopé* - Nesse macrohabitat encontram-se o quintal e a roça dos mimoseanos com espécies nativas e cultivadas (Figura 7). É no quintal que estão a maior parte das plantas medicinais e este mesmo espaço muitas vezes é considerado a extensão das moradias, pois nele se realizam rodas de conversas, rezas, festas e danças, é um local de trabalho e transmissão de conhecimento.

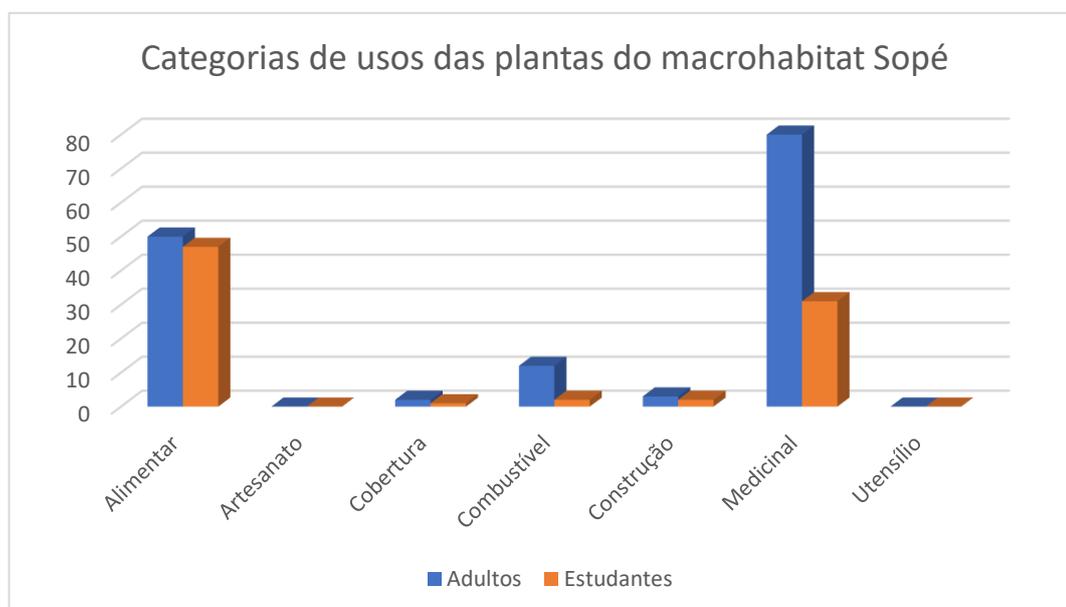


Figura 7. Comparação do conhecimento e uso das categorias de plantas do macrohabitat Sopé. Fonte: Elaborado pelas autoras.

Com relação as plantas da categoria Medicinal, os adultos citaram 80 espécies e os estudantes citaram 31, nesse caso pode-se afirmar que o conhecimento e uso dos adultos é superior ao dos estudantes. As mães e avós tem um papel fundamental na transmissão do conhecimento sobre o uso dessas espécies, pois são elas que tem maior contato com as plantas próximo às moradias, além das relações de cuidados que possuem com as pessoas da família. Para os adultos o conhecimento, os aspectos culturais, a escassez de recursos e a necessidade de tratamento de alguma enfermidade são pontos fundamentais para o uso das plantas medicinais. Essas motivações também são relatadas nos estudos realizados em outras regiões do país, como em Freitas et al. (2022) no Pará e Silva et al. (2018) na Paraíba.

No quintal também são encontradas diversas espécies da categoria Alimentar, como as árvores frutíferas *Anacardium occidentale* L. (Caju), *Psidium guajava* L. (Goiaba), *Citrus sp.* (Laranja), *Carica papaya* L. (Mamão) e *Mangifera indica* L. (Manga). As frutas são consumidas *in natura* ou na forma de sucos e doces. Os doces são feitos pelas mulheres mimoseanas e consumidos pelos moradores, nas festas tradicionais da comunidade, e uma parcela é comercializada no Memorial Rondon. Dessa forma, esses produtos além de complementar a alimentação contribuem para agregar a renda familiar.

Outras espécies alimentares são cultivadas nas roças, localizadas geralmente no fundo das propriedades, a exemplo da *Cucurbita sp.* (Abóbora), *Musa sp.* (Banana), *Saccharum officinarum* L. (Cana-de-açúcar), *Manihot esculenta* Crantz (Mandioca) e *Zea mays* L. (Milho). Essas plantas estão presentes no cotidiano dos mimoseanos, são indispensáveis nas refeições e algumas são utilizadas na alimentação do gado. Percebe-se que adultos e estudantes possuem conhecimento semelhante sobre as plantas utilizadas na categoria Alimentar, totalizando 50 espécies citadas pelos adultos e 47 pelos estudantes.

Para as demais categorias o número de espécies citadas foi menor. A categoria Cobertura teve duas citações de plantas pelos adultos e uma pelos estudantes; a categoria Combustível teve doze citações pelos adultos e duas pelos estudantes; na categoria Construção foram citadas três espécies pelos adultos e duas pelos estudantes; e na categoria Artesanato não houve citação.

c) *Macrohabitat Pantanal* – As espécies desse macrohabitat contemplam em sua maioria a categoria Alimentar, seguidas das categorias Medicinal, Construção e Utensílios (Figura 8). A categoria Alimentar foi a mais representativa, com seis espécies citadas para cada grupo de informantes. Nessa categoria as plantas são utilizadas, geralmente, como isca de peixe (frutos) e alimento para o gado (capim). Em segundo lugar está a categoria Medicinal com três espécies citadas pelos adultos e duas pelos estudantes. As espécies mencionadas foram o *Gossypium hirsutum* L. (Algodão) e *Brosimum gaudichaudii* Tréc. (Algodãozinho), sendo que os adultos

acrescentam à essa categoria a *Vochysia divergens* Pohl (Cambará), e referem o uso da casca e a semente para tratar a rouquidão, dor de garganta e tosse. Em terceiro lugar está a categoria Construção com uma citação para adultos e estudantes, representada pela *V. divergens*, e utilizada na construção de canoa e viola de cocho.

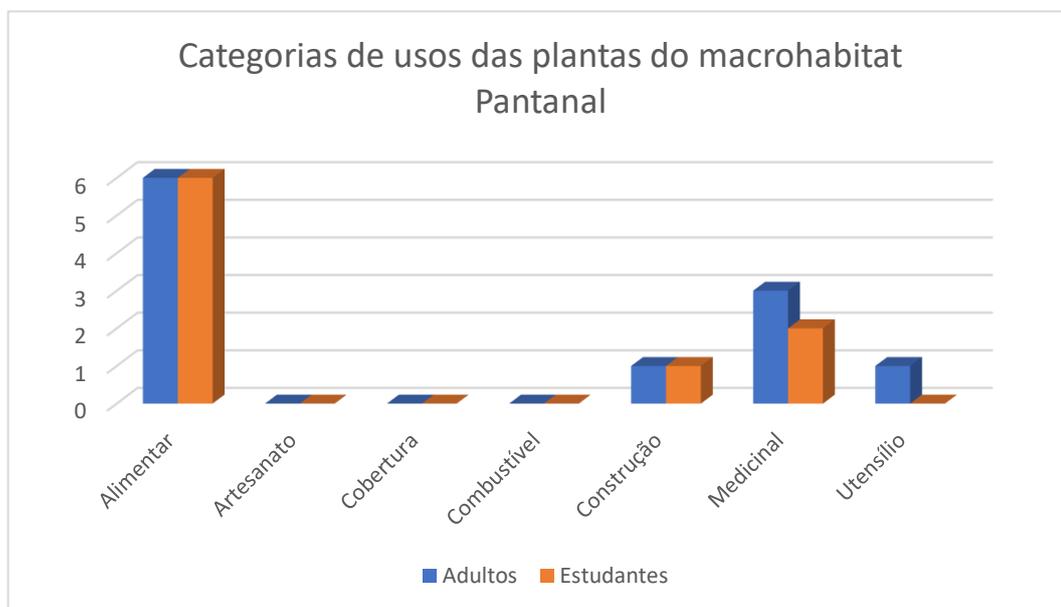


Figura 8. Comparação do conhecimento e uso das categorias de plantas do macrohabitat Pantanal. Fonte: Elaborado pelas autoras.

As categorias Artesanato, Cobertura e Combustível não foram citadas, e a categoria Utensílio obteve uma citação pelos adultos e não foi citada pelos estudantes.

Para comparar o conhecimento do uso de plantas entre os adultos e os estudantes utilizamos a análise de cluster, também denominada análise de agrupamento. Nessa análise pode-se maximizar a semelhança dentro de cada agrupamento e maximizar a diferença entre eles.

A Figura 9 apresenta o dendrograma resultante da análise de agrupamento com base no conhecimento e uso das plantas presentes nos macrohabitats murraria, sopé do morro e pantanal. No eixo vertical a direita estão os interlocutores representados por letras (A = Adultos e E = Estudantes) e números (ordem das entrevistas), enquanto no eixo horizontal superior encontra-se os valores referentes à similaridade. De acordo com essa análise o conhecimento sobre as plantas é compartilhado pelos dois grupos de interlocutores, alguns com maior semelhança e outros com menor. Quanto mais próximo os aglomerados do eixo vertical a direita, maior será a semelhança sobre o conhecimento das plantas. Nesse caso, os interlocutores A14 e A23 apresentam maior similaridade no conhecimento, seguidos de A2 e A28; A24 e

A25; A5 e A6; A10 e E16, esse último aglomerado indica haver a transmissão (vertical) do conhecimento entre pessoas adultas e jovens estudantes.

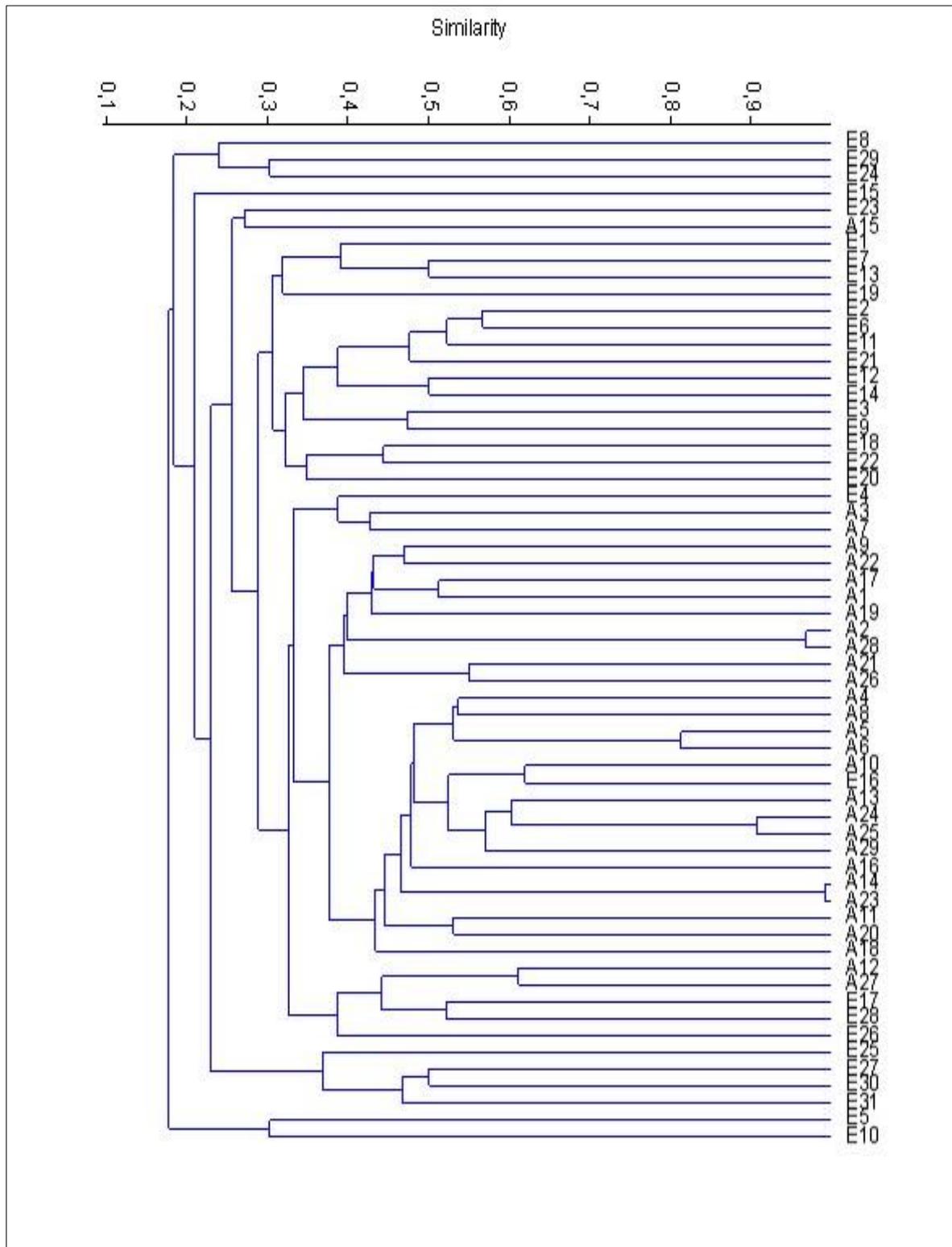


Figura 9. Cluster de similaridade do conhecimento das plantas presentes nos macrohabitats de Mimoso. Legenda A = Adultos e E = Estudantes. Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na Figura 10 está o dendrograma resultante da análise de agrupamento das plantas nativas citadas pelos interlocutores adultos e estudantes. Nela também há o compartilhamento de espécies nos dois grupos estudados. Dessa forma, os interlocutores com maior similaridade são observados em A14 e A23, seguidos de A2 e A28; A24 e A25; A5 e A6; A21 e A26; e A10 e E16. Ressalta-se que os agrupamentos A10 e E16 representa a transmissão vertical do conhecimento de adultos para jovens.

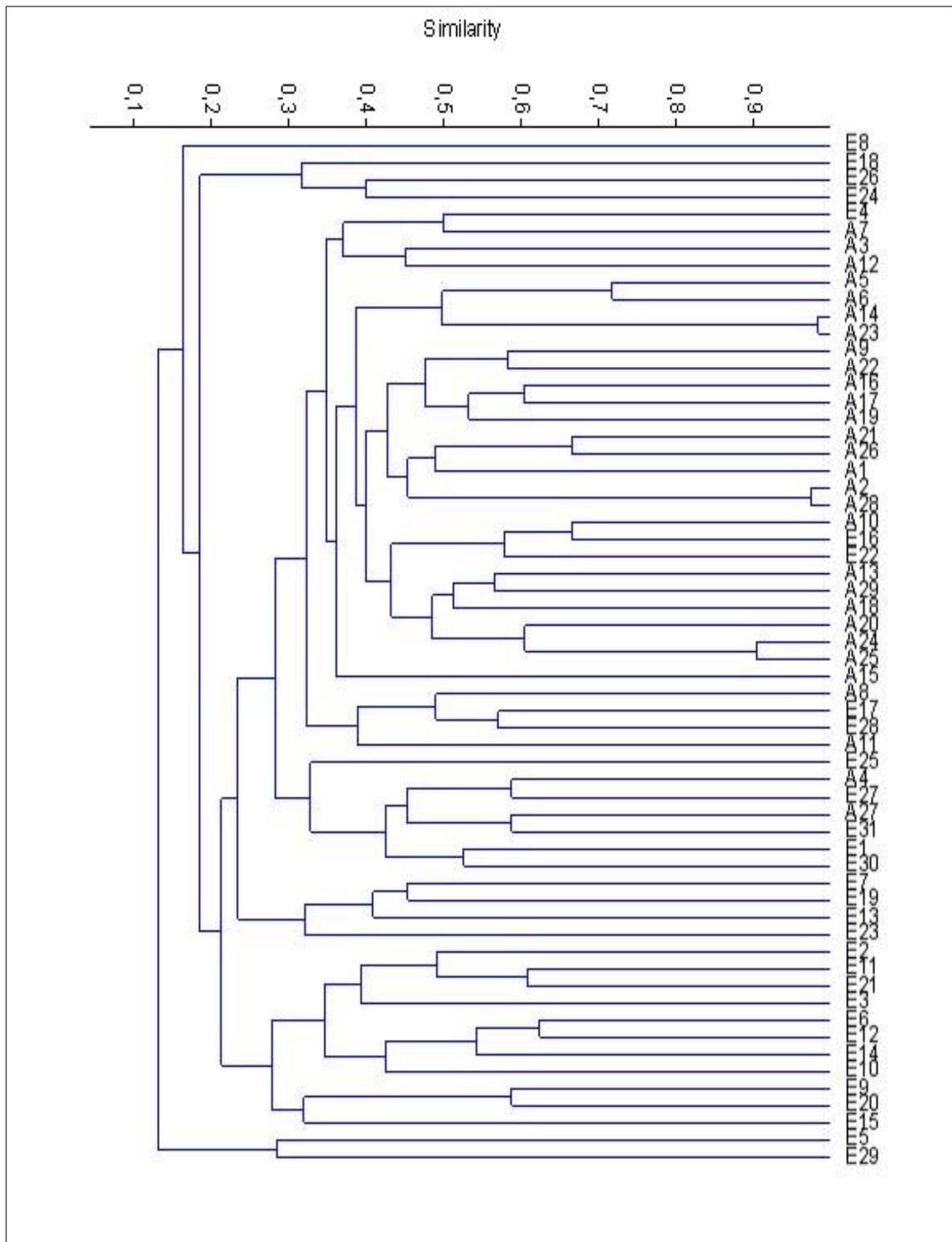


Figura 10. Cluster de similaridade do conhecimento das plantas nativas presentes nos macrohabitats de Mimoso. Legenda A = Adultos e E = Estudantes. Fonte: Elaborado pelas autoras.

A Figura 11 apresenta o dendrograma resultante da análise de agrupamento das plantas cultivadas e citadas por adultos e estudantes. Pode-se observar o compartilhamento de espécies nos dois grupos estudados. Os interlocutores com maior similaridade no conhecimento das plantas são observados em A14 e A23, seguidos de A2 e A28; A24 e A25; A5 e A6; A12 e A27; A13, A24 e A25; E2 e E6. Evidencia-se nesta figura que o compartilhamento do conhecimento das plantas cultivadas é maior entre os adultos.

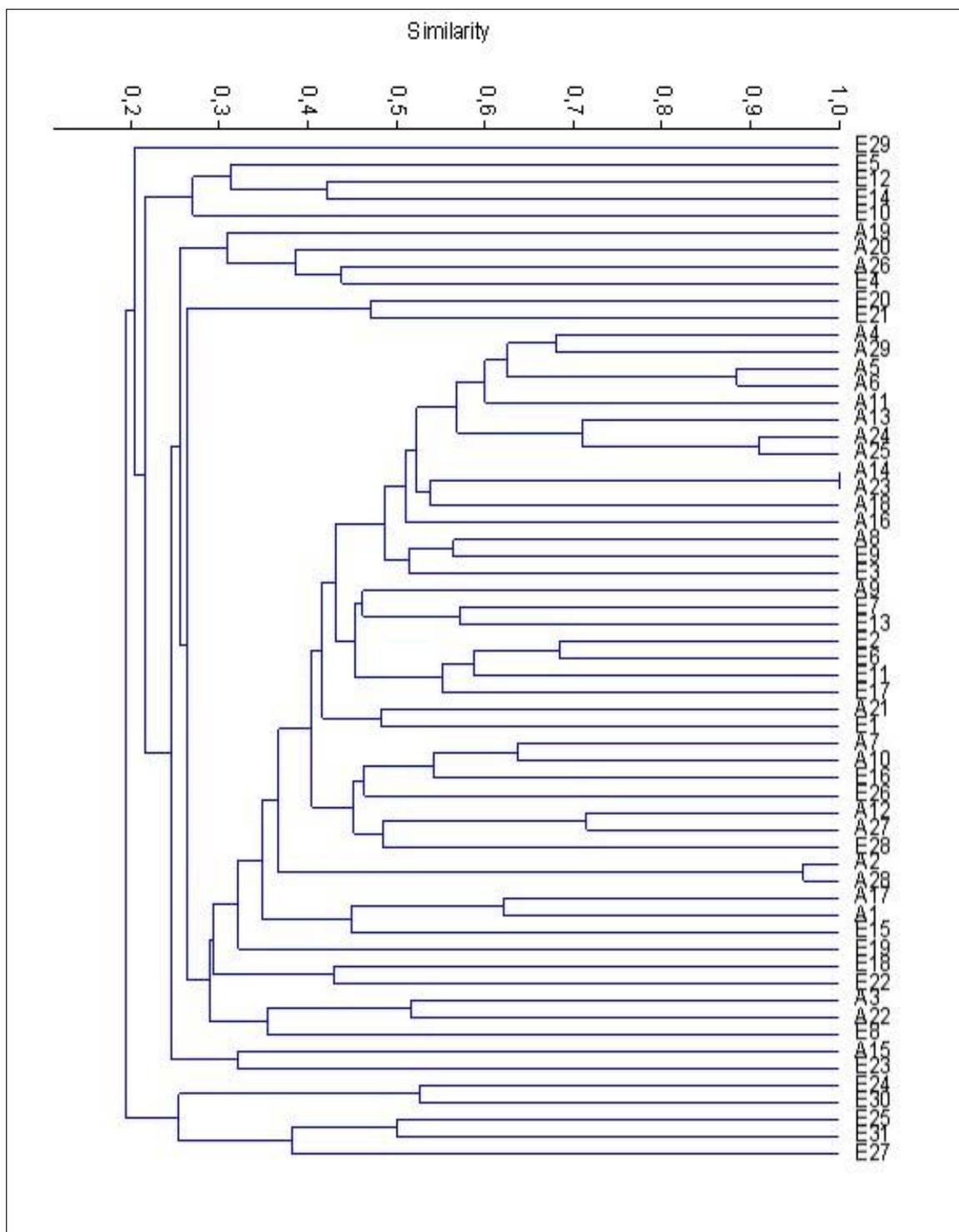


Figura 11. Cluster de similaridade do conhecimento das plantas cultivadas presentes nos macrohabitats de Mimoso. Legenda A = Adultos e E = Estudantes. Fonte: Elaborado pelas autoras.

A análise do escalonamento multidimensional (MDS) fornece uma representação gráfica da similaridade entre as respostas apresentadas pelos informantes. O tipo de agrupamento representa a concordância das informações, dessa forma o agrupamento no centro

da imagem indica a similaridade do conhecimento e uso sobre as espécies, enquanto os pontos mais periféricos mostram o contrário.

Os agrupamentos mais densos, localizados no centro do diagrama, tem maior compartilhamento de conhecimentos a respeito do uso da biodiversidade de plantas, enquanto aqueles localizados de modo dispersos na periferia são os que compartilham menos conhecimento (Figura 12).

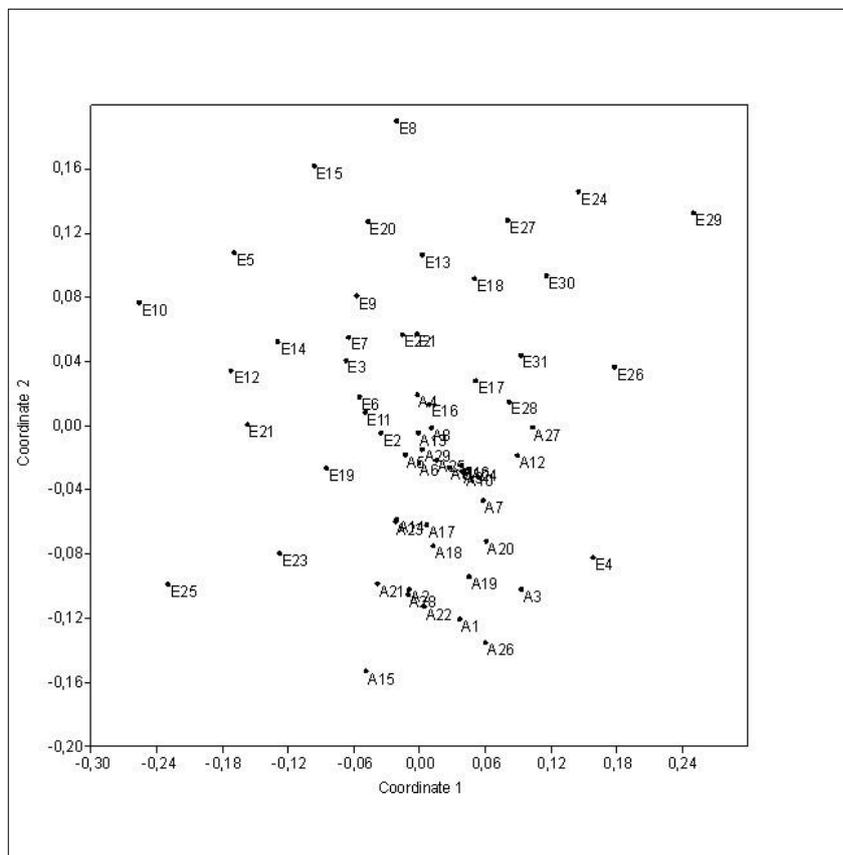


Figura 12. Diagrama de Escalonamento Multidimensional - MDS - Agrupamento do conhecimento das plantas presentes nos macrohabitats de Mimoso. Legenda: A = Adultos e E = Estudantes. Fonte: Elaborado pelas autoras.

Em relação ao compartilhamento das informações das plantas nativas (Figura 13) o diagrama apresenta agrupamentos no centro e vários indivíduos dispersos na periferia. O compartilhamento das informações parece estar mais consolidado entre os adultos, que compõem a maioria dos agrupamentos centrais do que entre estudantes que estão dispersos na periferia. Dessa forma, a representação da transmissão do conhecimento dessas informações parece estar mais estabelecida no modo horizontal, que ocorre entre pessoas da mesma geração, do que no modo vertical, entre membros de gerações diferentes, dentro da família. Esse tipo de transmissão foi percebido durante a observação participante nas conversas entre as

mimoseanas, em que as mulheres citam o nome de algumas plantas utilizadas para tratar doenças, e assim mantêm a transmissão desses saberes mesmo na fase adulta. Entretanto, durante as entrevistas os interlocutores relataram que o principal modo de transmissão cultural do conhecimento das plantas foi a partir da adolescência, através da transmissão vertical.

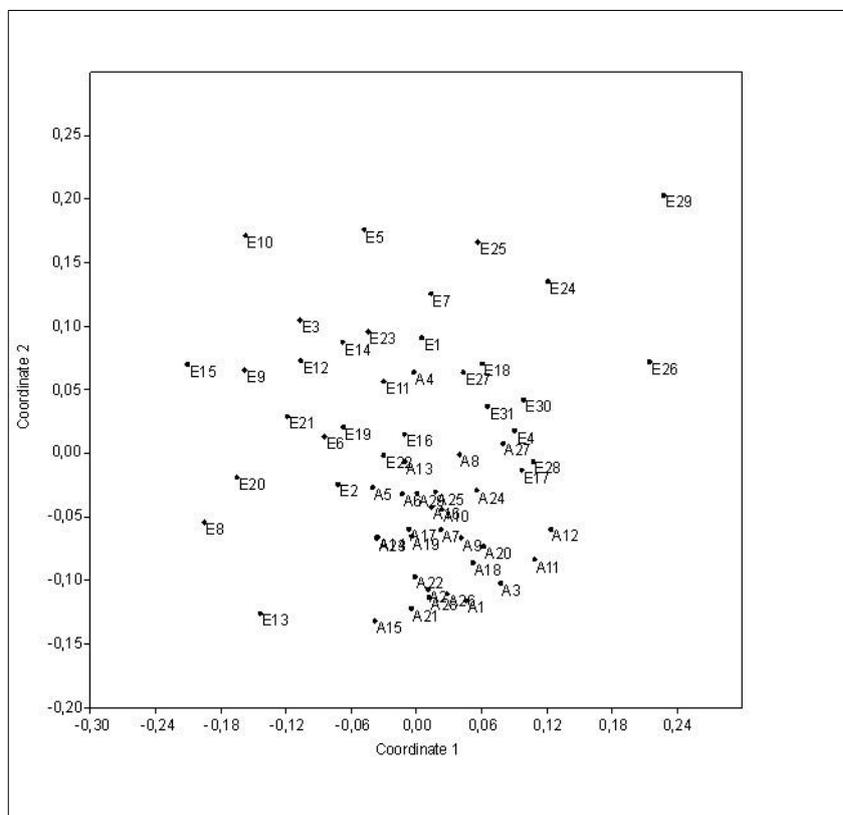


Figura 13. Diagrama de Escalonamento Multidimensional - MDS - Agrupamento do conhecimento das plantas nativas presentes nos macrohabitats de Mimoso. Legenda: A = Adultos e E = Estudantes. Fonte: Elaborado pelas autoras.

O compartilhamento do conhecimento entre adultos e estudantes a respeito das plantas cultivadas (Figura 14) formou um agrupamento composto, principalmente, por adultos. Alguns estudantes aparecem bem próximo a esse aglomerado, nesse caso também conhecem essas plantas. No entanto, muitos indivíduos adultos e estudantes encontram-se dispersos e isolados na periferia, o que indica um menor compartilhamento do conhecimento dessas plantas.

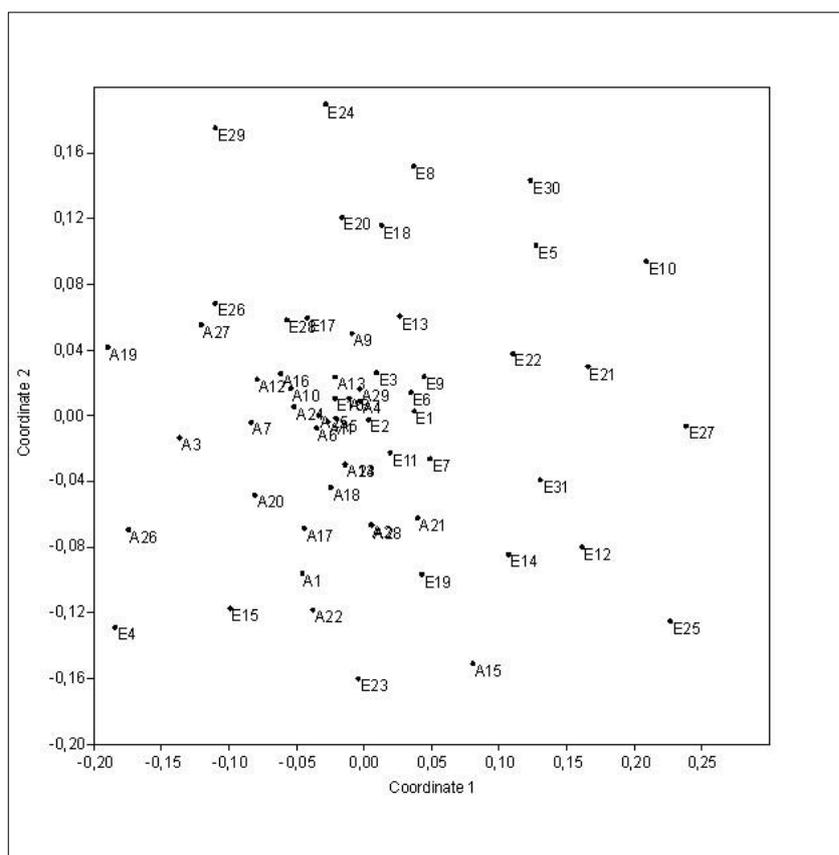


Figura 14. Diagrama de Escalonamento Multidimensional - MDS - Agrupamento do conhecimento das plantas cultivadas presentes nos macrohabitats de Mimoso. Legenda: A = Adultos e E = Estudantes. Fonte: Elaborado pelas autoras.

4 DISCUSSÃO

As comunidades tradicionais desenvolvem profunda relação com a natureza e assim, constroem modos de vida baseados nos conhecimentos acumulados, nas estratégias de uso e manejo dos recursos naturais e da sociodiversidade (DIEGUES e ARRUDA, 2001).

O Pantanal é habitado por inúmeras comunidades tradicionais, que fazem o manejo agroecológico de seus macrohabitats. Dessa forma, é imprescindível a necessidade da conservação e do uso sustentável da biodiversidade de plantas para que garanta a reprodução sociocultural e econômica dessas populações.

Nesse contexto, o uso das plantas está presente no cotidiano da Comunidade Tradicional Mimoso. As categorias de usos que tiveram maior número de citações e concordância nas espécies são Alimentar e Medicinal. Isso evidencia que os mimoseanos encontram na morraria e no sopé grande parte de seu sustento econômico e alimentar, além da medicina tradicional,

tendo em vista que estes são importantes macrohabitats para a soberania e segurança alimentar da comunidade.

De acordo com os Princípios e Diretrizes da Política de Segurança Alimentar e Nutricional, todas as populações têm direito à alimentação de qualidade e quantidade suficiente, sem comprometer outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares saudáveis e respeito a diversidade cultural (BRASIL, 2006). Entende-se por soberania alimentar os princípios que propõem o direito às populações a definirem suas estratégias de produção, distribuição e consumo de alimentos, respeitando a diversidade cultural.

Nessa perspectiva, a Comunidade Mimoso tem parte de seu alimento cultivado nas roças e nos quintais. As roças, geralmente pequenas são manejadas pela família. A prática agrícola em comunidades tradicionais é algo que se aprende na infância, período em que as crianças acompanham os pais às roças. Percebe-se a importância da vivência com a prática do cultivo desde criança, pois dificilmente essas pessoas abandonam a atividade quando adultos ou quando migram para outras regiões (AMOROZO, 2002).

As principais culturas da roça citadas pelos mimoseanos são mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) e a banana (*Musa sp.*). Pasa (2007) e Amorozo (2002) também destacam esses cultivos em comunidades tradicionais de Mato Grosso. A mandioca caracteriza-se como uma exploração regional, sem fins de comercialização (PASA, 2007). De acordo com a autora, a expressividade da sua produção ocorre por ser um cultivo de baixo risco e pela necessidade de poucos insumos. Na Amazônia Central o plantio da mandioca é feito, principalmente, pelas mulheres e seus filhos, considerada uma espécie generalista, pode ser cultivada em diferentes tipos de solo, sua produtividade é percebida como mais ligada aos estágios de sucessão (CARDOSO, 2009).

Nos quintais e roças há uma diversidade de plantas, utilizadas e manejadas por populações locais, que garantem produtos medicinais e alimentícios para subsistência e geração de renda das famílias (DUARTE e PASA, 2016). As interações entre as pessoas e as plantas passam pelo caráter econômico e sociocultural que esses espaços representam (KUMAR e NAIR, 2004). Nesse sentido, os quintais são fundamentais para a conservação da memória cultural (FREITAS et al., 2022). Estudos realizados por Pasa et al. (2019) e Ribeiro et al. (2017) também observam que os quintais estão diretamente relacionados à produção e disponibilidade de recursos terapêuticos para o cuidado das famílias. Nele são encontradas espécies raras, além de ser local remanescente da composição florística (AMOROZO, 2002).

Todas as propriedades de Mimoso possuem quintais, alguns maiores e outros menores, com inúmeras árvores frutíferas e espécies medicinais, e algumas hortaliças. O conhecimento a respeito dessas espécies é vasto, tanto para os adultos, quanto para os estudantes, já que essas

plantas se encontram no entorno da moradia, o que leva a terem um maior contato. Na Amazônia o quintal é conhecido também como “sítio”, “pomar”, “horta familiar” ou “terreiro” (OLIVEIRA e SCARAZATTI, 2009). Segundo os autores, enquanto a roça garante os alimentos de base, o quintal complementa com frutos ricos em vitaminas e sais minerais.

Com a produção nos quintais os moradores reduzem a dependência de produtos provenientes do meio urbano; conservam os recursos vegetais e a riqueza cultural; utilizam insumos naturais; fortalecem as relações entre os membros da comunidade e aproveitam esse espaço para atividades sociais, como festas, rezas (OLIVEIRA e SCARAZATTI, 2009; PASA, 2007), rodas de conversa e transmissão de conhecimento. As árvores frutíferas e plantas medicinais cultivadas nos quintais revelam cosmologias e saberes tradicionais da comunidade (VAZ e BARROS, 2022). Para esses autores, a produção de frutas, geralmente, não representa complementaridade da renda familiar, entretanto configuram importante fonte alimentar e sombreamento no entorno das moradias.

O manejo nos quintais é predominantemente familiar (PASA, 2007), porém a mulher mimoreana tem um papel fundamental, pois permanece maior tempo em casa e, conseqüentemente, possui maior contato com as plantas desse espaço. Nessa perspectiva, o conhecimento tradicional a respeito das plantas, combinado com orientações técnicas, é uma importante alternativa para a melhoria da produção, resultando em benefícios para a subsistência familiar, maior oferta de alimentos e complemento de renda por meio da comercialização de excedentes (OLIVEIRA e SCARAZATTI, 2009). Dessa forma pode estimular o engajamento dos jovens na atividade agrícola e sua permanência na comunidade.

Os quintais são ambientes primordiais para que as crianças possam conhecer e manejar os elementos da natureza, e explorar os processos ecológicos do local com uma abordagem cultural entre as gerações da própria família (AMOROZO, 2002).

Segundo Dubois (1996) “um bom quintal deve fornecer produtos úteis o ano todo e, portanto, deve reunir uma diversidade de espécies escolhidas de tal maneira que, em qualquer época do ano, a família possa colher no quintal alimentos, frutas e plantas medicinais”.

As espécies medicinais dos quintais, principalmente as herbáceas, por serem de fácil transporte são frequentemente introduzidas por imigrantes (PASA, 2007) ou por moradores quando esses se deslocam para visitar parentes em outras comunidades e retornam para casa. As espécies medicinais com maior número de citações nesse estudo são: *Plectranthus barbatus* Andrews (Boldo), *Cymbopogon citratus* DC. Stapf (Capim-cidreira) e *Momordica charantia* L. (Melão-de-são-caetano), essas espécies também são utilizadas na medicina tradicional de outras comunidades mato-grossenses (FERREIRA et al., 2020; BIESKI; GUARIM NETO, 2020; PASA et al., 2019). Segundo Bieski e Guarim Neto (2020) as plantas medicinais utilizadas por

comunidades tradicionais são importantes indicadores para estudos, reduzindo a procura dos pesquisadores. Essas plantas servem para subsidiar pesquisas farmacológicas, onde diversas espécies já obtiveram resultados comprovados em estudos de laboratório (AMOROZO e GELY, 1988).

Nas categorias de usos Construção e Combustível, as plantas utilizadas pelos mimoseanos compreendem, principalmente, espécies nativas presentes no macrohabitat Morraria. Essas plantas podem ser aproveitadas de modo sustentável, mantendo o sistema e não comprometendo o uso pelos moradores. Nessa perspectiva, eventos como o XIII Congresso Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia realizado em julho deste ano (2022) na cidade de Cáceres-MT e publicações de alguns autores indicam a implementação de cursos ou oficinas de troca de saberes para os moradores da região como uma maneira de trabalhar a prática da restauração (ECOIA, 2022; BORTOLOTTI et al., 2021).

A Sociedade de Restauração Ecológica (SER, 2004) define *restauração ecológica* como o “processo de assistência à recuperação de um ecossistema que foi degradado, danificado ou destruído”. Segundo Gann et al. (2019), essa prática:

“... contribui para a proteção da biodiversidade; melhora a saúde e o bem-estar humano; aumenta a segurança alimentar e hídrica; entrega de bens, serviços e prosperidade econômica; e apoia a mitigação, resiliência e adaptação às mudanças climáticas”.

A *Vochysia divergens* Pohl (Cambará) é considerado uma planta apícola e importante abrigo para fauna (POTT e POTT, 1994). A espécie é relatada pelos mimoseanos como melífera, os quais retiram o mel das caixas de abelhas ou diretamente da colmeia formada nessas plantas. Outros usos atribuídos a ela estão relacionados à característica leve da sua madeira, para confecção de cochos e canoas e brinquedos, como foi observado nesta pesquisa.

Essa espécie, frequente nas matas ripárias do Pantanal, constitui populações homogêneas denominadas cambarazais (POTT et al., 2011). A esse agrupamento de plantas onde há uma predominância de uma espécie sobre outras é denominado de espécie monodominante (SANDER et al., 2017). A expansão da *V. divergens* está relacionada com a dinâmica de períodos plurianuais de cheias, considerando o regime hidrológico como um dos fatores determinantes do crescimento populacional da espécie (SILVA et al., 2019; JUNK e NUNES DA CUNHA, 2012).

A expansão de espécies monodominantes no pantanal tem causado conflitos com grupos sociais que vivem da pecuária, pois essas plantas ocupam os campos alagáveis, o que demandou uma regulamentação. Conforme a legislação vigente no estado de Mato Grosso, o manejo do cambará pode ser realizado mediante autorização da Secretaria de Meio Ambiente do Mato

Grosso – SEMA, conforme Artigo 5º do Diário Oficial: “...são passíveis de manejo visando à restauração ou manutenção da formação campestre, desde que não contenha árvores que constituem uma floresta estruturada com altura acima de 5 m e copas que se tocam...” (MATO GROSSO, 2021).

Com relação ao conhecimento da biodiversidade de plantas, percebe-se que os adultos têm um conhecimento maior do que os estudantes. Essa diferença pode ser justificada pela idade dos jovens, a possibilidade de compra de alguns produtos no comércio local, a substituição da madeira por outros materiais na construção das moradias, a falta de interesse de alguns jovens a respeito desse conhecimento, o contato maior com a modernidade por meio da televisão, internet e redes sociais. A redução do uso das plantas para determinada finalidade também interfere no conhecimento, pois aquilo que não é usado deixa de ser conhecido.

Nas comunidades tradicionais, a permanência dos jovens pode ser comprometida, principalmente, por atrativos da vida urbana, depreciação do trabalho rural e carência na infraestrutura da localidade (BRUMER, 2007). Em comunidades da baixada cuiabana a produtividade do trabalho agrícola é reduzida em função da diminuição da força braçal dos jovens que migram para a cidade em busca de trabalho e estudo (PASA, 2007). Futuramente isso pode afetar a produtividade agrícola e a transmissão do conhecimento tradicional entre as gerações. Alguns autores destacam a importância da continuidade dos jovens no campo para a agricultura de pequena escala (AMOROZO, 2012; MARCHETI et al., 2013) e apontam maneiras para a permanência dessa geração em seus territórios com melhorias na qualidade de vida (AMOROZO, 2012).

Essa abordagem que considera a permanência no sistema ecológico sociocultural é tratada como resiliência. Entende-se por resiliência ecológica a capacidade de um sistema de responder e se adaptar a eventos imprevisíveis, impactos externos ou perturbações (ATHAYDE et al., 2016). Na perspectiva da resiliência ecológica e cultural ressalta-se a importância de verificar a ocorrência da manutenção do conhecimento da biodiversidade de plantas e de sua transmissão temporal, intra e intergeracional.

Os macrohabitats do Pantanal oferecem inúmeras possibilidades, algumas designadas a serviços comerciais, como habitação, pecuária, pesca, turismo, produtos florestais madeireiros e não madeireiros; e outras a serviços não comerciais, como acúmulo periódico de água, regulação de microclima, manutenção da biodiversidade e de valores culturais (PAIXÃO et al., 2019). De acordo com os autores a multiplicidade do uso sustentável nessas áreas necessita de um manejo equilibrado, otimizando o uso dos recursos e evitando a destruição dos macrohabitats florestados. Atualmente esses serviços prestados pelos ecossistemas são denominados serviços ecossistêmicos, e constituem serviços de provisão, regulação, transporte

e culturais (EMBRAPA, 2019). Desse modo, o uso múltiplo das espécies vegetais contribui para a conservação da biodiversidade acrescentando os benefícios econômicos e constituindo uma importante alternativa para manter essas populações no sistema.

5 CONCLUSÃO

Estudar o conhecimento que os estudantes possuem sobre a biodiversidade de plantas de Mimoso é uma maneira de investigar a existência da transmissão do conhecimento tradicional. Percebe-se que esses saberes estão presentes no cotidiano dos mimoseanos, no entanto há uma diferença entre o conhecimento dos adultos e dos estudantes. Esse fato pode ser justificado pela diferença de idade dos grupos estudados, pela substituição de recursos naturais por produtos adquiridos no comércio local, por interferências de hábitos urbanos na comunidade, como exemplo na alimentação e nos medicamentos, e pela diminuição da transmissão do conhecimento entre as gerações, pois a redução do uso da biodiversidade de plantas local interfere no conhecimento dos adolescentes e jovens.

É importante buscar e valorizar o conhecimento prévio dos estudantes, e dessa forma incentivá-los a serem construtores e protagonistas do conhecimento científico escolar e a reconhecerem que a ciência é constituída da diversidade cultural.

Nota-se que na região o desenvolvimento econômico é limitado, principalmente quando se pensa na população mais jovem que não possui atrativos para sua permanência. Dessa forma, é necessário inserir os jovens estudantes da Escola Santa Claudina, uma escola com o currículo voltado para a educação do campo, em atividades de capacitação (cultivo de alimentos, apicultura, ecoturismo, restauração ecológica) que garantam sua permanência na comunidade com trabalho e geração de renda, respeitando-se as características do bioma pantaneiro e a cultura local.

Nessa perspectiva, a valorização do trabalho no campo, do ponto de vista econômico e social deve ser estimulada pelo poder público com apoio financeiro para a produção de alimentos dentro de um sistema agroecológico. Esses produtos podem chegar aos consumidores de áreas urbanas próximas e, assim, valorizar a cultura local e melhorar a economia da região produtora. A implementação de políticas públicas que promovam práticas agroflorestais pode contribuir com a permanência dos jovens e, portanto, manter as tradições e os costumes, bem como a continuidade dos saberes tradicionais entre as gerações.

6 AGRADECIMENTOS

Agradecemos a comunidade escolar da Escola Santa Claudina e os moradores da Comunidade Tradicional Mimoso localizada no município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, pela generosidade, receptividade e por fornecer informações para a construção desse trabalho.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, U. P. *Introdução à Etnobotânica*. Editora Interciência, Rio de Janeiro, 2005. p. 80.

ALBUQUERQUE, U. P.; ALVES, A. G. C. O que é etnobiologia? In: ALBUQUERQUE, U. P. (Org.). *Introdução à etnobiologia*. 1. ed. Recife, PE: Nupeea, 2014. p. 189.

ALBUQUERQUE, U. P.; SILVA, J. S.; CAMPOS, J. L. A.; SOUZA, R. S.; SILVA, T. C.; ALVES, R. R. N. O status atual da pesquisa etnobiológica na América Latina: lacunas e perspectivas. *Journal Ethnobiology Ethnomedicine*, v. 9, n. 72, 2013.

AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DISTASI, L. C. (Org.). *Plantas medicinais: arte e ciência, um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 47-68.

AMOROZO, M. C. M. Agricultura tradicional, espaços de resistência e o prazer de plantar. In: ALBUQUERQUE, U. P.; ALVES, A. G. C.; SILVA, A. C. B. L.; DA SILVA, V. A. (Orgs.). *Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia*. Recife: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia. Recife, PE, Ed. SBEE, 2002, p.p. 123-131.

AMOROZO, M. C. M. Os quintais – funções, importância e futuro. In: GUARIN NETO, G.; CARNIELLO, M. A. (Org.). *Quintais mato-grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes*. Cáceres, MT: Editora Unemat, 2008. p. 203.

AMOROZO, M. C. M. Diversidade agrícola em um cenário rural em transformação: Será que vai ficar alguém para cuidar da roça? In: Agrobiodiversidade no Brasil-Experiências e caminhos da pesquisa, 2nd. ed., Orgs. L. C. Ming, M. C. M. Amorozo, and C. W. Kffuri. Recife: NUPEEA. 2012. p.p. 377–394.

- AMOROZO, M. C. M.; GELY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. *Bol. Mus. Pará Emílio Goeldi. Sér. Bot.*, v. 4, n. 1, p. 47-131, 1988.
- ATHAYDE, S.; BUSCHBACHER, R.; BERNASCONI, P. Resilience, uncertainty and management of complex social-ecological systems. An interview with Professor Lance Gunderson. *Sustentabilidade em Debate - Brasília*, v. 7, n. 2, p. 179-183, 2016.
- BEGOSSI, A. Ecologia humana: um enfoque das relações homem-ambiente. *Interciência*, v. 18, n. 3, p. 121-132, 1993.
- BEM, J. S.; GIACOMINI, N. M. R.; WAISMANN, M. Utilização da técnica da análise de clusters ao emprego da indústria criativa entre 2000 e 2010: estudo da Região do Consinos, RS. *Interações*, v. 16, n. 1, p. 27-41, 2015. <https://doi.org/10.20435/interações.v16i1.48>
- BERKES, F.; COLDING, J.; FOLKE, C. Rediscovery of traditional ecological knowledge as adaptive management. *Ecological applications*, v. 10, n. 5, p. 1251- 1262, 2000.
- BIESKI, I. G. C.; GUARIM NETO, G. Uma quilombola e suas plantas: Pantanal de Poconé, MT, Quilombo de Mata Cavallo. In: DA SILVA, C. J.; GUARIM NETO, G. (Orgs.). *Comunidades Tradicionais do Pantanal*. Cuiabá: Entrelinhas; Cáceres: Editora Unemat, 2020. p.p. 83-97.
- BIESKI, I. G. C.; GUARIM NETO, G. A importância do conhecimento tradicional das plantas medicinais da Amazônia mato-grossense. *Revista Amplitude*, v. 5, p. 5-7, 2017.
- BORTOLOTTI, I. M.; DAMASCENO JÚNIOR, G. A. O saber e o sabor dos pomares bioculturais. *Ciência Pantanal*, v. 6, p. 8-11, 2021.
- BORTOLOTTI, I. M. Diversidade de plantas alimentícias, conservação e saberes locais em Mato Grosso do Sul. In: Ieda Maria Bortolotto. (Org.). *Conservação da Biodiversidade, Alimentos e Cultura em Mato Grosso do Sul*. 1ed. Campo Grande: UFMS, 2017, v. 2, p.p. 13-22.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 05 de outubro de 1988. <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/constituicao.pdf> Acesso em: 19/07/2022.
- BRASIL. Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006. Lei de Segurança Alimentar e Nutricional. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN) com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências. Brasília, DF: CONSEA, 2006. <http://www4.planalto.gov.br/consea/conferencia/documentos/lei-de-seguranca-alimentar-e-nutricional> Acesso em: 10/10/2022.

BRUMER, A.; PANDOLFO, C. G.; CORADINI, L. Gênero e agricultura familiar: projetos de jovens filhos de agricultores familiares na Região Sul do Brasil. Fazendo Gênero 8 – Corpo, violência, poder. Florianópolis, 2005. p. 7. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST3/Brumer-Pandolfo-Coradini_03.pdf

CABALLERO, J. La etnobotânica. In: A. Barrera (ed). INREB. *La etnobotânica: três pontos de vista y una perspectiva*. Xalapa. Instituto de Investigación sobre Recursos Bióticos, 1979. p.p. 27-30.

CARDOSO, T. M. A roça. In: CARDOSO, T. M.; SEMEGHINI, M. G. (Orgs.). *Diálogos agroecológicos: conhecimentos científico e tradicional na conservação da agrobiodiversidade no rio Cuieiras (Amazônia Central)*. Manaus: Instituto de Pesquisas Ecológicas, 2009. p.p.40-54.

CAVALLI-SFORZA L. L.; FELDMAN M. Cultural transmission and Evolution: a quantitative approach. *Princeton University Press*. Princeton, v. 16, 1981. [http://dx.doi.org/10.1016/s0003-3472\(83\)80262-0](http://dx.doi.org/10.1016/s0003-3472(83)80262-0)

CAVALLI-SFORZA L. L.; FELDMAN M. W.; CHEN KH.; DORNBUSCH S.M. Theory and observation in cultural transmission. *Science*, v. 218, n. 1, p. 19-27. 1982. <http://dx.doi.org/10.1126/science.7123211>

CLÉMENT, D. The historical foundations of ethnobiology (1860-1899). *Journal of Ethnobiology*, v. 18, n. 2, p. 161-187, 1998.

DA SILVA, C. F.; ZANK, S. Entre a tradição e a modernidade: a relação entre as benzedadeiras e as plantas medicinais em um centro urbano no sul do Brasil. *Pesquisa e Aplicações em Etnobotânica*. v. 23, p. 1–12, 2022. <https://ethnobotanyjournal.org/index.php/era/article/view/3469> Acesso em: 23/10/2022.

DA SILVA, C. J.; GUARIM NETO, G. (Orgs.). *Comunidades tradicionais do pantanal*. Cuiabá: Entrelinhas; Cáceres: Editora Unemat. 2020. p. 160.

DA SILVA, C. J.; SILVA, J. A. F. *No ritmo das águas do Pantanal*. NUPAUB, São Paulo. 1995. p. 210.

DE DAVID, M.; ARRUDA, J. C.; DA SILVA, C. J. Estudo comparativo sobre o conhecimento e uso da biodiversidade de plantas no Distrito de Mimoso (Santo Antônio de Leverger), Mato Grosso, Brasil - Reserva da Biosfera do Pantanal. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 10, 2022. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i10.32530>

- DIEGUES, A. C. Conhecimentos, práticas tradicionais e a etnoconservação da natureza. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 50, p. 116-126, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v50i0.66617>
- DIEGUES, A. C. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: NUPAUB - Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – USP/Hucitec, 2008.
- DIEGUES, A. C. (Org.). *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. 2 ed. São Paulo: Anna-blume, Nupaub/USP e Hucitec, 2000. p. 211.
- DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. (Org.). *Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001. (Biodiversidade, 4).
- DUARTE, G. S. D.; PASA, M. C. Agrobiodiversidade e a etnobotânica na comunidade São Benedito, Poconé, Mato Grosso, Brasil. *Interações*, Campo Grande, v. 17 n. 2, p. 247-56, 2016. <http://dx.doi.org/10.20435/1984042X2016208>
- DUBOIS, J. C. L. *Manual Agroflorestal para a Amazônia*. Rio de Janeiro, RJ: REBRAF, v. 1, 1996. p. 228.
- ECOIA – Ecologia e Ação. *Mudanças climáticas*. <https://ecoia.org.br/restauracao-ecologica-e-decisiva-para-impedir-extincoes-em-massa-diz-estudo/> Acesso em: 16/10/2022.
- EMBRAPA - *Serviços ambientais*. <https://www.embrapa.br/tema-servicos-ambientais/sobre-o-tema>. Acesso em 10/01/2023.
- FERREIRA, A. L. S.; PASA, M. C.; NUNEZ, C. V. A etnobotânica e o uso de plantas medicinais na Comunidade Barreirinho, Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, Brasil. *Interações*, Campo Grande, MS, v. 21, n. 4, p. 817-830, 2020.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1996. p. 146.
- FREITAS, C. G.; VASCONCELOS, J. C.; ROSAL, L. F.; MELO, A. T. M. Saberes etnobotânicos sobre plantas medicinais na comunidade Nossa Senhora Aparecida, Assentamento Benedito Alves Bandeira, Acará-PA. *Ethnoscintia*, v. 7, n. 1 – 2022. <http://dx.doi.org/10.18542/ethnoscintia.v7i1.10910>
- GANN, G. D.; MCDONALD, T.; WALDER, B.; ARONSON, J. NELSON, C. R.; JONSON, J.; HALLETT, J. G.; EISENBERG, C.; GUARIGUATA, M. R.; LIU, J.; HUA, F.; ECHEVERRÍA, C.; GONZALES, E.; SHAW, N.; DECLEER, K.; DIXON, K. W. International

principles and standards for the practice of ecological restoration. *Restoration Ecology (SER)*, v. 27, n. S1, p. S1-S46, 2019.

HAMMER, Ø; HARPER, D. A. T.; RYAN, P. D. Past: Paleontological statistics software: Package for education and data analysis. *Palaeontologia Electronica*, v. 4. 2001.

JUNK, W. J.; NUNES DA CUNHA, C. Pasture clearing from invasive woody plants in the Pantanal: a tool for sustainable management or environmental destruction? *Wetlands Ecology and Management*, v. 20, n. 2, p. 111-122, 2012.

KUMAR, B. M.; NAIR, P. The enigma of tropical homegardens. *Agroforestry Systems*, v. 61, n. 1-3, p. 135-152, 2004.

LOZADA M.; LADIO A.; WEIGANDT, M. Cultural transmission of ethnobotanical knowledge in a rural community of northwestern Patagonia, Argentina. *Economic Botany*, v. 60, n. 4, p. 374–378, 2006.

MARCHETTI, F. F.; MASSARO JUNIOR, L. B.; AMOROZO, M. C. M.; BUTTURI-GOMES, D. Maintenance of Manioc Diversity by Traditional Farmers in the State of Mato Grosso, Brazil: A 20-Year Comparison. *Economic Botany*, v. 67, n. 4, p. 313–323, 2013.

MATO GROSSO. Governo do Estado do Mato Grosso. Decreto Nº 785, de 18 de janeiro de 2021. Dispõe sobre as atividades de restauração das formações campestres na planície inundável do Bioma Pantanal, no Estado de Mato Grosso, e dá outras providências. *Diário Oficial do Estado de Mato Grosso*, Cuiabá, MT, 19 de janeiro de 2021, nº 27.918, p. 3-5, 2021. <https://www.iomat.mt.gov.br/verpdf/16172/#/p:3/e:16172?find=Decreto%20N%C2%BA%20785> Acesso em: 15/08/2022.

MATO GROSSO. Portaria nº 037/2012. *Diário Oficial do Estado de Mato Grosso*. n. 25928 de 13 de novembro de 2012, p.14.

MINAYO, M. C. S.; COSTA, A. P. Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, v. 40, n. 40, p. 139-153, 2018.

NABHAN, G. P.; WYNDHAM, F.; LEPOFSKY, D. Ethnobiology for a Diverse World Ethnobiology Emerging from a Time of Crisis. *Journal of Ethnobiology*, v. 31, n. 2, p. 172–175. 2011. <https://doi.org/10.2993/0278-0771-31.2.172>

OLIVEIRA, C.; SCARAZATTI, B. Quintais agroflorestais. In: CARDOSO, T. M.; SEMEGHINI, M. G. (Orgs.). *Diálogos agroecológicos: conhecimentos científico e tradicional*

na conservação da agrobiodiversidade no rio Cuieiras (Amazônia Central). Manaus: Instituto de Pesquisas Ecológicas, p. 55-70, 2009.

PAIXÃO, E.; ARRUDA, E. C.; JUNK, W. J.; NUNES DA CUNHA, C. Buscando Soluções Sustentáveis para Áreas Úmidas Savânicas Brasileiras Via Uso Múltiplo. *Biodiversidade Brasileira*, v. 9, n. 1, p. 1-11, 2019.

PASA, M. C. Saber local e medicina popular: a etnobotânica em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 6, n. 1, p. 179-196, 2011. <https://doi.org/10.1590/S1981-81222011000100011>

PASA, M. C. *Um olhar etnobotânico sobre as comunidades do Bambá*. Cuiabá: Entrelinhas: EdUFMT, 2007. p. 143.

PASA, M. C.; HANAZAKI, N.; SILVA, O. M. D.; AGOSTINHO, A.B.; ZANK, A.; ESTEVES, M. I. P. N. Medicinal plants in cultures of afro-descendant communities in Brazil, Europe and Africa. *Acta Botanica Brasilica*, v. 33, n. 2, p. 340-349. 2019. <https://doi.org/10.1590/0102-33062019abb0163>.

PEREIRA, B. E.; DIEGUES, A. C. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. *Desenvolvimento e Meio ambiente*, n. 22, p. 37-50, 2010.

POSEY, D. A. Introdução: etnobiologia, teoria e prática. In: RIBEIRO, D. *Suma etnológica brasileira*. Petrópolis: Vozes; Finep, 1986. v. 1, p.p. 15-26.

POTT, A.; OLIVEIRA, A. K. M.; DAMASCENO-JUNIOR, G.A.; SILVA, J. S. V. Plant diversity of the Pantanal wetland. *Brazilian Journal of Biology*, São Carlos, v. 71, n. 1, p. 265-273, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1519-69842011000200005>

POTT, A.; POTT, V. J. *Plantas do Pantanal*. Brasília: Embrapa-SPI, 1994. p. 320.

RIBEIRO, R. V. BIESKIA, I. G. C.; BALOGUN, S. O.; MARTINS, D. T. O. Ethnobotanical study of medicinal plants used by Ribeirinhos in the North Araguaia microregion, Mato Grosso, Brazil. *Journal of ethnopharmacology*, v. 205, p. 69-102, 2017. <https://doi.org/10.1016/j.jep.2017.04.023>

ROMNEY, A. K.; WELLER, S. C.; BATCHELDER, W. H. Culture as consensus: A theory of culture and informant accuracy. *American anthropologist*, v. 88, n. 2, p. 313-338, 1986. <http://www.jstor.org/stable/677564>. Acesso em: 10/01/2023.

ROSSETTO, O. C.; GIRARDI, E. P. Dinâmica agrária e sustentabilidade socioambiental no Pantanal brasileiro. *Revista Nera* - Ano 15, n. 21, p. 135-161, 2012.

SANDER, N. L.; RIBEIRO, R. S.; SILVA, D. R.; NETO, A. M. O.; LOPES, C. R. A. S.; ARRUDA, J. C.; PULIDO, M. T.; DA SILVA, C. J. (2017). Floristic, Phytosociology and Spatial Distribution of a monodominant *Mauritia flexuosa* L.f. forest in an Southern Amazon in the Arc of Deforestation. In: SOARES, M. A.; JARDIM, M. A. G. (Orgs). *Natural resources in wetlands: From Pantanal to Amazonia*. Belém: MPEG, 2017. p. 162-182.

SILVA, F. H. B.; OVERBECK, G. E.; NUNES DA SILVA, C. Manejo Tradicional como Modelo de Restauração Ecológica para Conservação de Campos Nativos frente à Proliferação de Lenhosas no Pantanal. *Biodiversidade Brasileira*, v. 9, n. 2, p. 63-70, 2019.

SILVA, M. C. C.; BARBOSA, L. S.; SILVA, R. C.; AZEVEDO, C. F. Estudo etnobotânico de plantas medicinais em algumas cidades Paraibanas. *Cadernos de Agroecologia* – ISSN 2236-7934 – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – v. 13, n 1, 2018.

SCHWENK, L. M.; DA SILVA, C. J. A Etnobotânica da Morraria Mimoso no Pantanal de Mato Grosso. III Simpósio sobre Recursos Naturais e Socioeconômicos do Pantanal – *Os Desafios do Novo Milênio*. Corumbá-MS. 2000.

SOCIETY FOR ECOLOGICAL RESTORATION. The SER international primer on ecological restoration. Society for Ecological Restoration International, Tucson, Arizona. 2004. p. 15.

TOLEDO, V. M. Povos / Comunidades Tradicionais e a Biodiversidade. Tradução de Antônio Diegues. In: Levin, S et al., (eds.). *Encyclopedia of Biodiversity*. México: Academic Press. 2001. [http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/VITOR%20TOLEDO%20povo%20e%20comuniades%20PRONTO%20\(1\).pdf](http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/VITOR%20TOLEDO%20povo%20e%20comuniades%20PRONTO%20(1).pdf). Acesso em: 09/12/2020.

VAZ, L. V. A.; BARROS, F. B. Soberania e segurança alimentar para o "bem viver": um estudo de experiência quilombola em Salvaterra/Ilha do Marajó, PA. *Terceira Margem Amazônia*, v. 7, n. 18, p. 73–89. 2022. DOI: <https://doi.org/10.36882/2525-4812.2022v7i18p73-89>.

VIERTLER, R. B. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em Etnobiologia e Etnoecologia. In: AMOROZO, M. C.; MING, L. C.; SILVA, S. P. (Orgs.). *Seminário de etnologia e etnoecologia do Sudeste*, 2001. Rio Claro: UNESP/CNPQ. 2002, p.p. 11-29.

VIVEIROS, E. M. T. C. *Rondon conta sua vida*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 2010. p. 616.

WYNDHAM, F. S.; LEPOFSKY, D.; TIFFANY, S. Taking Stock in Ethnobiology: Where Do We Come From? What Are We? Where Are We Going? *Journal of Ethnobiology*, 31, p. 110–127, 2011. <https://doi.org/10.2993/0278-0771-31.1.110>

WOLVERTON, S. Ethnobiology 5: Interdisciplinarity in an Era of Rapid Environmental Change. *Ethnobiology Letters*, v. 4, p. 21–25, 2013. <https://doi.org/10.14237/ebl.4.2013.11>



Capela Santo Antônio - Comunidade Tradicional Mimoso, Santo Antônio de Leverger-MT.

6 CAPÍTULO 4

Devoção dos pantaneiros e a Festa de Santo Antônio na Comunidade Tradicional Mimoso, Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso

Artigo ainda não submetido para publicação.

Devoção dos pantaneiros e a Festa de Santo Antônio na Comunidade Tradicional Mimoso, Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso

Resumo: O presente estudo descreve a religiosidade e as práticas de devoção à Santo Antônio por meio das festividades em sua homenagem, realizadas anualmente na comunidade tradicional de Mimoso, município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso. A festa de Santo Antônio é promovida por famílias mimoseanas que manifestam a devoção permanente ao santo padroeiro. Diversos elementos sagrados, como nicho religioso, bandeira de Santo Antônio, rezas, mastro e ritos, e profanos, como música, danças, comidas típicas e bebidas, fazem parte das festividades. Ao realizar a observação participante no ano de 2019, pôde-se perceber que as práticas tradicionais em devoção ao santo permanecem na comunidade em meio a algumas alterações ocorridas no modo de festejar. No passado as festas eram realizadas nos quintais das casas dos festeiros e, atualmente, ocorrem no espaço festivo ao lado da Capela de Santo Antônio. A Festa de Santo Antônio constitui um evento social que fortalece os laços de parentesco, compadrio e vizinhança, dessa forma contribui com a reprodução cultural dos mimoseanos.

Palavras-chave: Festas de Santo; Religiosidade; Transmissão de saberes.

Abstract: The present study describes the religiosity and practices of devotion to Santo Antônio through the festivities in his honor, held annually in the traditional community of Mimoso, municipality of Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso. The feast of Saint Anthony is promoted by mimosean families who show their permanent devotion to the patron saint. Several sacred elements, such as a religious niche, Saint Anthony's flag, prayers, mast and rites, and profane, such as music, dances, typical foods and drinks, are part of the festivities. When carrying out the participant observation in the year 2019, it was possible to perceive that the traditional practices in devotion to the saint remain in the community amid some changes that have taken place in the way of celebrating. In the past, the parties were held in the backyards of the parties' houses and, currently, they take place in the festive space next to the Capela de Santo Antônio. The Festa de Santo Antônio is a social event that strengthens the ties of kinship, cronyism and neighborhood, thus contributing to the cultural reproduction of the mimoseans.

Keywords: Feasts of Saints; Religiosity; Transmission of knowledge.

1 INTRODUÇÃO

O catolicismo chegou ao Brasil com a vinda dos portugueses, inicialmente sob duas formas: *i*) catolicismo patriarcal, constituído da elite portuguesa e caracterizado pela ligação de bispos e padres com a coroa portuguesa; *ii*) catolicismo popular tradicional, trazido pelos portugueses pobres e se estabelecendo, principalmente, no espaço rural (TAVARES, 2013). Segundo o autor, o catolicismo passou por transformações, como mudanças internas na Igreja e na sociedade brasileira. Contudo, o catolicismo popular permaneceu junto as comunidades rurais dando continuidade as práticas consideradas tradicionais.

Nas palavras de Passos (2011):

A presença marcante da religião católica teve um significado forte na formação do povo brasileiro, por meio de festas, percepção do tempo e espaço e pelas representações simbólicas, que expressavam seus sentimentos, aspirações, necessidades (PASSOS, 2011, p. 261).

Nesse sentido, uma das maneiras de manifestar a religiosidade do povo católico se dá por meio da realização de festas, momentos comuns ao universo religioso popular e que acendem possibilidades de esperança. Tais expressões populares têm uma estreita relação com as manifestações culturais de cada região (PASSOS, 2011). No Brasil são celebradas diversas festas de santo. Essas festas fazem parte da cultura popular e têm forte ligação ao homem do campo, à colheita dos frutos, às mudanças do tempo, às chuvas e ao sol. No passado tinham caráter de devoção, atualmente elas se transformaram em festas marcadas pela estetização do consumo de músicas e comidas ligadas ao meio rural, em um retorno à sua origem pagã (GUSHIKEN, 2012).

As festas de santo são representativas nas comunidades mato-grossenses, sejam elas tradicionais, rurais ou urbanas e são uma das atrações mais esperadas durante o ano. Segundo Gushiken (2012) essas festas ampliaram suas características do ambiente rural e chegaram ao espaço urbano reinventadas, conforme as percepções de cada grupo social, que as reproduz como práticas sociais significativas. Na maioria das vezes, são organizadas sob a devoção de uma família ou por lideranças comunitárias. Costumam incluir dança e farta distribuição de comida. As cozinhas onde são preparados os pratos típicos, também são espaços de demonstração de alegria, manifestadas pelas risadas, as histórias e os causos, tudo expressando o cotidiano das comunidades.

A louvação ao santo de devoção é realizada durante alguns dias, sendo que o ritual das festividades segue determinadas etapas como saudação ao altar, subida do mastro, música e dança do cururu e siriri, reza, leilão, baile, encerramento da festa, descida do mastro e

desmanche do altar. Dessa maneira, as festas de santo se apresentam como lugares de reprodução cultural, transmissão de saberes, rituais e práticas, e de formação de laços de solidariedade (COSTA e SILVA, 2020).

Na baixada cuiabana verifica-se forte presença das manifestações de culturas tradicionais, praticadas por distintos grupos da sociedade civil (GUSHIKEN, 2012). No município de Santo Antônio de Leverger, assim como outras cidades do período colonial de Mato Grosso, mais precisamente no Distrito de Mimoso, são realizadas as festas de Santo Antônio, São João, São Benedito, Senhor Divino, Anjo da Guarda e Nossa Senhora Aparecida entre outras.

Santo Antônio é o padroeiro do município e da Comunidade Tradicional Mimoso, recebe todas as homenagens dos devotos que fazem festas anualmente para agradecer as graças recebidas. A festa de Santo Antônio expressa a fé católica pelo povo pantaneiro, no calendário local é sinônimo de fartura, momento de pagar as promessas com rezas (GOMES, 2008).

Segundo Leite (2002) os devotos contam que:

A imagem de Santo Antônio foi encontrada por uma senhora, tia de Marechal Rondon que atendia pelo apelido de Nhanhá Sinh'Ana. Teria ela encontrado a imagem do santo sobre uma pedra, em um bananal que ficava no local onde posteriormente fora edificada a igreja para o mesmo santo. Esta senhora levou a imagem para casa, mas, no dia seguinte, ela havia desaparecido, sendo encontrada, novamente, no mesmo local - sobre a pedra -, sem que ninguém a tivesse levado para lá. Nhanhá Sinh'Ana levou a imagem novamente para casa, e esta novamente desapareceu. Então, voltou ao mesmo lugar, e lá estava Santo Antônio. Foi então que a Nhanhá Sinh'Ana mandou fazer um rancho faxinado casa ou rancho em que o teto e as paredes são de palha de babaçu e no local onde estava a pedra fez um pequeno altar para o santo que lá permanece até os dias atuais.[...] quando Nhanhá Sinh'Ana adoeceu e estava agonizante, teria sentado antes de falecer e dito a todos que estavam velando sua agonia: ‘- Fica Santo Antônio pra filho, neto, bisneto e tetereneto (Sic!) adorar; pode morrer quem morrer, a festa de Santo Antônio deve ser feita de 12 para 13 de junho (data da morte de Santo Antônio!): o defunto na sala e cururu no rancho’” (LEITE, 2002, p. 28).

Santo Antônio, o primeiro santo português, nasceu em Lisboa, em uma família nobre, no dia 15 de agosto de 1195, e foi batizado com o nome de Fernando de Bulhões. No ano de 1210, foi ordenado sacerdote e em 1220, entrou para a Ordem dos Franciscanos, recebendo o nome de Antônio. Dedicou-se com interesse e solicitude ao estudo da Bíblia e dos Padres da Igreja, adquirindo a ciência teológica que o fez frutificar nas atividades de ensino e na pregação. Faleceu em Pádua, na Itália no 13 de junho de 1231 (CNBB, 2019), data em que é celebrado o seu dia.

No Brasil, a devoção ao santo iniciou no período colonial, quando o catolicismo difundido em nosso país recebia influência religiosa europeia. De acordo com a crença popular Santo Antônio é conhecido como o santo casamenteiro, e recebe inúmeros pedidos,

promessas e orações, principalmente, quando alguém deseja encontrar um amor verdadeiro. Também é considerado poderoso intercessor para encontrar objetos perdidos, o motivo dessa tradição está relacionado com um livro de Salmos que o santo perdeu durante a sua vida, e por isso é invocado quando um devoto deseja achar o bem extraviado (DIOCESE DE MONTENEGRO, 2019).

Nessa perspectiva, o estudo teve como objetivo compreender e descrever a religiosidade e o processo que envolve a Festa de Santo Antônio, a partir das relações socioculturais estabelecidas na comunidade tradicional mimoseana.

2 MÉTODOS

2.1 Área de estudo

O estudo foi desenvolvido na Comunidade Tradicional Mimoso, no município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso (Figura 1), localizado a margem esquerda do rio Cuiabá, distante 27 km da capital. A localidade tem como via de acesso a Estrada Parque, rodovia MT 040, que liga Cuiabá, passando pela sede do município de Santo Antônio de Leverger, Porto de Fora, o Distrito de Mimoso, até alcançar a BR 364 perto de São Vicente. Segundo Rosseto e Girardi (2012) ocupa uma área territorial de 11.283 km² com 4.393 km² no planalto e 6.890 km² no pantanal, inserida nos biomas Cerrado e Pantanal.

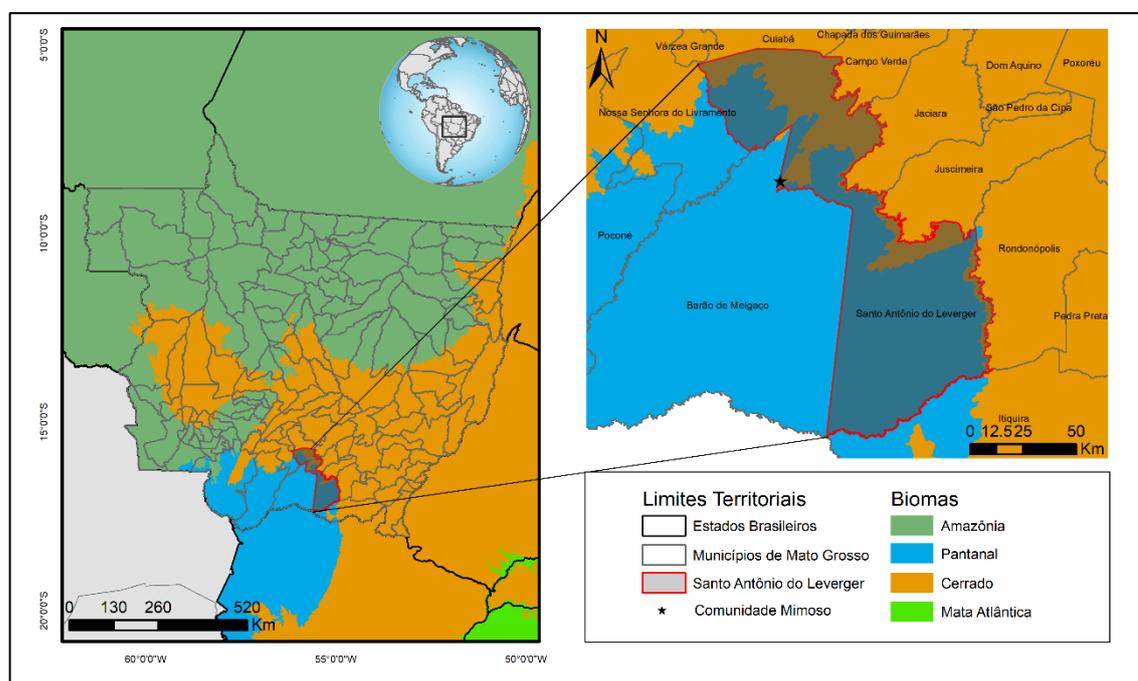


Figura 1. Comunidade Tradicional Mimoso, Santo Antônio de Leverger - MT. 2022. Fonte: Acervo das autoras.

O clima do município é do tipo Aw (KÖPPEN, 1931) com duas estações, uma chuvosa (outubro a março) e outra seca (abril a setembro) e as precipitações médias anuais ficam em torno de 1.500 a 1.700 mm (ALVARENGA et al., 1984). A temperatura varia entre a máxima de 39,5°C e mínima de 7,5°C. Essa alternância de meses secos e chuvosos encontra-se atualmente em transição, pois conforme Debortoli et al. (2017), a região enfrenta deslocamento temporal das chuvas, as quais estão começando mais tarde e terminando mais cedo. Segundo Rossetto (2015) Santo Antônio de Leverger é o terceiro município mais inundável (61%) do Pantanal, no Estado de Mato Grosso, ficando depois de Poconé (80,3%) e Barão de Melgaço (99,2%).

Mimoso está situado no Pantanal, às margens da área inundável pelo sistema de baías Chacororé - Sinhá Mariana (DA SILVA e SILVA, 1995). A comunidade sempre coexistiu num *locus* dominado pela água, caracterizado pelas autoras como uma vida “no ritmo das águas do Pantanal”. A região se destaca pela paisagem onde alternam-se a morraria e a planície alagável, habitado por uma comunidade tradicional de características econômicas e diversidade cultural, resultante da miscigenação entre os povos indígenas e não indígenas.

Os pantaneiros de Mimoso, os mimoseanos, tem suas casas construídas entre a Morraria e a Baía Chacororé, no sopé do morro, local considerado a sede do distrito (DA SILVA e SILVA, 1995). A comunidade conta com um pequeno comércio de mercearia, supermercado, restaurante, farmácia, posto de gasolina, oficina mecânica e hotel, além de estabelecimentos que prestam serviços aos mimoseanos, alguns com construções de importância histórica, como a Escola Santa Claudina, a Capela de Santo Antônio e o posto do Correio. Outros são mais recentes e/ou modernos, a exemplo da unidade básica de saúde, igreja evangélica, centro cultural e espaço multiuso (sede da Associação de Moradores do Distrito de Mimoso) e Memorial Rondon (em homenagem ao mimoseano Marechal Cândido Rondon).

2.2 Metodologia

2.2.1 Observação participante

Esse método consiste na interação do pesquisador e o grupo pesquisado, sem comprometer a neutralidade da pesquisa (MARQUES, 2016). Dessa forma, o pesquisador participa das atividades cotidianas, buscando apreender aspectos de vida através da observação em seus contextos naturais. Por meio da observação participante o pesquisador se situa dentro do universo do grupo pesquisado, mas não deve tornar-se uma “cópia” de um deles (GEERTZ,

1989; MALINOWSKI, 1978). Nessas observações o pesquisador se entrega à rotina e a participação nas atividades de interesse dos pesquisados (VIERTLER, 2002).

Nas observações realizadas no mês de junho de 2019 foram registrados momentos distintos relacionados à Festa de Santo Antônio. Nessa manifestação cultural e religiosa foi observada a transmissão do conhecimento através da interação entre os mimoseanos de diferentes faixas etárias, o comportamento das pessoas, as atividades diárias, o preparo da comida, o armazenamento de mantimentos, as falas em conversas informais, os causos, as risadas e as manifestações culturais e religiosas. Contudo, as observações não ficaram restritas aos espaços das moradias, outros ambientes de socialização (NASCIMENTO e BARROS, 2019) como o local da festa, a missa festiva e a feira de produtos bioculturais no Memorial Rondon, efetivaram-se em ricos espaços de aprendizagem.

Os fatos observados foram registrados no diário de campo e por fotografia. Isso possibilitou a compreensão da existência da festa a partir do trabalho realizado antes, durante e depois de sua materialização.

Os dados coletados foram analisados considerando as observações, os sentimentos e as percepções, dessa forma buscou-se estabelecer as conexões entre os mimoseanos e as festividades em homenagem a Santo Antônio.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Religiosidade, devoção e as festas de santo na Comunidade Tradicional de Mimoso

Os mimoseanos são extremamente religiosos, predominando a religião católica. O catolicismo é uma característica tradicional e pode ser evidenciada durante as conversas realizadas nas residências, onde os moradores demonstram sua devoção no diálogo, na história de vida, nos costumes e na decoração da casa. Os moradores da comunidade frequentam as missas celebradas na Capela de Santo Antônio, mensalmente aos domingos, e fazem rezas e novenas durante o ano todo. Alguns estudos realizados em comunidades tradicionais ribeirinhas da baixada cuiabana também constataram a prevalência da religião católica entre os moradores (FERREIRA e DA SILVA, 2020; MOTA, 2020; PASA et al., 2019; FIEBIG e PASA, 2016).

Na maioria das residências foi registrado a presença de um nicho religioso, uma espécie de altar ou oratório com várias imagens de santos, anjos e terços (Figura 2). Diante dos santos de sua devoção os moradores expressam sua fé, fazendo rezas, agradecimentos, pedidos e promessas. Segundo Tavares (2013), um oratório ou uma pequena capela é o local de devoção

da família, onde as pessoas celebram a forma mais singela de culto aos santos que é a oferta de um dom. Para o autor, o dom pode ser físico, como enfeites e velas ou simbólico como a oração, ofertados, principalmente, por ocasião das promessas.

É comum os mimoseanos possuírem os santos de devoção individual, além do santo padroeiro da comunidade. No primeiro caso as homenagens pelos devotos são realizadas de forma isolada, já no segundo, o santo padroeiro é homenageado por meio de festas anuais coletivas.

As imagens de santo possuem grande importância para a comunidade, nas palavras de Galvão (1976, p. 29) “[...] acredita-se que determinadas imagens tenham poderes especiais, capacidades de milagres e maravilhas que outras idênticas não possuem”. De acordo com Azzi (1978) constitui uma expressão singela da devoção popular e tradicional no Brasil, remontando aos primeiros tempos da época colonial.



Figura 2. Nichos religiosos nas residências da Comunidade Tradicional Mimoso. Fonte: Acervo das autoras.

Mediante a crença popular, para fazer o pedido a um santo, é necessário que se tenha fé, pois se a pessoa não acreditar, provavelmente não terá a sua graça alcançada (RODRIGUES, 2016). Deste modo, para demonstrar toda a sua devoção e gratidão, os fiéis realizam as festas de santo como agradecimento às graças obtidas. Dona D. (75 anos) expressa em palavras sua fé:

“Sou muito pregada na lei de Deus. Tenho muita fé no Anjo da Guarda. Ele me guarda, me olha e protege do perigo. Faço a festa do Anjo da Guarda desde meus 18 anos... minha sogra que fazia quando era viva... antes dela morrer ela passou o santo pra mim...”

As festas compõem uma devoção tradicional e comum no catolicismo, ligadas à religiosidade e ao costume de “pagar” e de “fazer” promessas aos santos, essas festas compõem uma devoção tradicional e comum no catolicismo. Nesse sentido, Galvão descreve:

Os santos podem ser considerados como divindades que protegem o indivíduo e a comunidade contra os males e infortúnios. A relação entre o indivíduo e o santo baseia-se num contrato mútuo, a promessa. Cumprindo aquela sua parte do contrato, o santo fará o mesmo. Promessas “são pagas” adiantadamente, para se obrigar o santo a retribuir sob a forma do benefício pedido (GALVÃO, 1976, p. 31).

As festas de santo acontecem com inúmeros rituais sagrados e profanos: presença dos festeiros na liderança da organização das festas, peregrinação da bandeira, missa, procissão, levantamento do mastro, comidas típicas, cururu, siriri, música e muita dança.

Na comunidade mimoseana, durante as festas de santo, as celebrações religiosas são realizadas na Capela Santo Antônio e as festividades acontecem nas moradias de cada organizador, com exceção da festa de Santo Antônio realizada em 2019, que pela primeira vez ocorreu no espaço localizado em volta da capela.

No calendário sociocultural de Mimoso, relacionado as festas de santo (Tabela 1), os moradores se organizam para festejar e agradecer por todas as graças alcançadas.

Tabela 1. Festas de Santo realizadas na Comunidade Tradicional Mimoso.

Festa	Mês	Dia da festa	Organização
Santo Antônio	Junho	12, 13, 14	Comunitária
São João	Junho	24	Familiar
São Benedito	Julho	*	Familiar
Senhor Divino	Julho	*	Familiar
Anjo da Guarda	Outubro	*	Familiar
Nossa Senhora Aparecida	Outubro	12	Familiar

Fonte: Diálogo com moradores e organizadores das Festas de Santo. * As festas que homenageiam São Benedito, Senhor Divino e Anjo da Guarda não possuem dia fixo para acontecer, são realizadas aos finais de semana do respectivo mês.

A seguir descrevemos a Festa de Santo Antônio, a qual fizemos a observação participante. Pelo motivo da pandemia, após o mês de março de 2020, não foram realizadas outras festas na comunidade e, as entrevistas e visitas nas residências dos moradores foram

suspensas, uma forma de manter o distanciamento e preservar a saúde de todos. Nesse período, em relação a outros santos, as conversas aconteceram por meio de telefone e mensagens de WhatsApp, as quais foram confirmadas no final do ano de 2021.

3.2 Viva Santo Antônio! Viva!!

*Ó meu Santo Antônio, meu santo milagroso
 Fazei que da virtude vós seja amoroso
 Fazei que da virtude vós seja amoroso
 Ó meu Santo Antônio, meu santo ditoso
 Fazei que da virtude vós seja amoroso
 Fazei que da virtude vós seja amoroso
 Ó meu Santo Antônio, meu santo protetor
 Fazei que dos pecados alcance a verdadeira dor
 Fazei que dos pecados alcance a verdadeira dor
 Ó meu Santo Antônio, meu santo muito amado
 Nos trabalhos desta vida de nós tenha cuidado
 Nos trabalhos desta vida de nós tenha cuidado
 Ó meu Santo Antônio, da alma sois alegria
 Socorrei-nos sem demora na última agonia
 Socorrei-nos sem demora na última agonia*

(Reza cantada de Santo Antônio)

Acima apresentamos a reza de Santo Antônio, que segundo dona D., moradora de Mimoso e devota ao santo, é cantada nos nove dias, após o terço, durante a novena que acontece na capela da comunidade na semana das festividades do santo. Essa oração faz parte da reza cantada de Santo Antônio e da peregrinação da bandeira do santo, que é a primeira atividade dessa festa de santo.

O santo padroeiro dos mimoseanos recebe as maiores homenagens de seus devotos no mês de junho. Nesse período, que coincide com a vazante, ocorrem diversas festas na comunidade, as chamadas festas juninas e/ou festas de santo. Segundo Da Silva e Silva (1995) com o nível de água mais baixo, os moradores mantêm os produtos da colheita das roças estocados e, assim iniciam os preparativos para as festas as quais representam a renovação da fé nos santos e fortalecem as relações entre vizinhos e parentes. Em alguns casos é necessário que a família festeira aumente o cultivo de mandioca e a criação de galinhas, e guardar dinheiro para a compra de mantimentos, como farinha de trigo e aguardente para os licores (SILVA, 1998).

Para a realização da festa é necessário trabalho e dedicação dos festeiros e dos moradores da comunidade, que colaboram na organização e execução das tarefas que antecedem, aquelas durante a festa e as que sucedem as festividades. Os preparativos acontecem

com alguns meses de antecedência, de acordo com um calendário estabelecido (Figura 3) pelos membros da família envolvida, denominada ‘festeiros’.

Segundo Silva (1998), os festeiros são classificados como fortes e fracos. Os festeiros fortes são considerados os donos da festa (juiz, juíza, rei e rainha), assim grande parte dos recursos deve ser doada por eles. Os festeiros fracos (alferes da bandeira e capitão do mastro), geralmente, fazem uma contribuição menor, porém todos se envolvem profundamente com os preparativos.



Figura 3. Linha do tempo dos preparativos para a Festa de Santo Antônio. Fonte: Acervo das autoras.

Nessas festas, o excesso no consumo de bebidas e comidas é aceitável, e todo o trabalho para viabilizá-las gira em torno de produzir a abundância (SILVA, 1998). Dessa forma, se preparam durante o ano arrecadando e estocando mantimentos, pois a festa para ser considerada boa e lembrada, deve ter fartura de comida e bebida e os convidados devem sair satisfeitos. Para isso pedem doação às pessoas influentes, principalmente, políticos, fazendeiros e comerciantes, esses por terem mais posse tem condição de oferecer melhores contribuições. Pecuaristas da região doam bois e porcos que são abatidos para as festividades.

Os festeiros produzem doces e licores com várias semanas de antecedência para servirem na festa. Os doces são produzidos com as frutas das espécies vegetais que possuem em seus quintais. O licor tradicional servido nas festas da comunidade é feito com cascas de jatobá (*Hymenaea stigonocarpa* Mart. ex Hayne). Essa planta é encontrada na morraria e no sopé do morro. O jatobá foi citado em trabalhos por diversos autores: De David et al. (2022) destacam a produção e comercialização de xarope e licor, empoderando as mulheres

mimoseanas; Bortolotto et al. (2021) citam o uso do fruto por mulheres na produção de alimentos; Araki et al. (2016) referem a ação antioxidante do fruto.

Os festeiros também realizam bingo com o objetivo de angariar recursos para cobrir despesas da festa, como a compra de mantimentos para complementar a arrecadação e o pagamento para contratação da banda.

O corte e estocagem da lenha é feito com dois meses de antecedência. A lenha utilizada para assar a carne e cozinhar os alimentos é proveniente de diversas espécies vegetais da morraria, a exemplo da *Annona squamosa* L. (Ateira), *Senegalia tenuifolia* (L.) Britton e Rose (Angiquinho), *Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan (Angico-vermelho), *Rhamnidium elaeocarpum* Reissek (Cabriteiro) e *Casearia decandra* Jacq. (Pururuca) (DE DAVID et al. 2022). A lenha é estocada no local onde será realizada a festa, para essa atividade pessoas de diferentes faixas etárias são envolvidas.

Algumas crianças, adolescentes e jovens se envolvem com a confecção das bandeirolas, sempre coordenados por uma pessoa adulta, assim a geração vindoura vivencia o fazer a festa. Nesses momentos os mimoseanos aprendem e ensinam com ações educativas, de cidadania e solidariedade. Espaços de convivência e de socialização integram os mais jovens à religiosidade que domina o seio familiar. Segundo Rodrigues (2016) o envolvimento nos preparativos da festa e na prática religiosa possibilitam a satisfação de compartilhar da mesma crença de seus familiares. Nessa perspectiva, as experiências desenvolvidas pelos mimoseanos durante o fazer a festa levam a um sentimento de pertencimento, onde as pessoas reconhecem-se unidas pela crença comum, pelas práticas e tradições da comunidade

Para Souza (2017) os jovens envolvidos nesses afazeres, um dia se tornarão os “herdeiros” das festas, pois para eles as festas de santo, antes de tudo, são “coisa de família”. Nesse sentido, a inclusão dos jovens nas festividades incorpora outros hábitos que modificam, em alguns casos, a maneira de festejar, transformando e ressignificando novos elementos e conceitos. Dessa forma, as alterações ocorridas nas práticas culturais estão de acordo com as reflexões de Claval (2007), para quem a cultura não é imutável:

A cultura não é vivenciada passivamente por aqueles que a recebem como herança: eles reagem àquilo que lhes é proposto ou que se lhes pretende impor. Interiorizam certos traços e rejeitam outros. Inventam, ao longo de suas existências, novas maneiras de fazer, atribuem cores novas aos seus sonhos e aos seus pesadelos, e criticam os valores usuais quando estes não correspondem às suas aspirações profundas... (CLAVAL, 2007, p.13).

No espaço festivo são montadas as barracas, a cozinha com fogões a lenha e tacurus, além de ampla churrasqueira. Os tacurus são observados em diversas moradias de Mimoso, segundo Da Silva e Silva (1995) constituem uma herança indígena, sua estrutura é feita de pedra

ou de cupinzeiro o que possibilita assentar panelas para cozinhar os alimentos. As barracas, mesas, gamelas e espetos são feitos com a madeira proveniente de diferentes espécies da morraria. A cobertura das barracas é feita com folhas de babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng), que impedem a entrada de sol e deixam o ambiente mais fresco. Toda a edificação do local é realizada com algumas semanas de antecedência e parte dessas benfeitorias permanecem no local para usos futuros. O material de origem vegetal é coletado nos macrohabitats usados culturalmente pela comunidade (DE DAVID et al., 2022).

Os festeiros organizam a visita da bandeira para tirar as esmolas, conhecido como “tirar a esmola do santo” que ocorre no mês de maio, no mês que antecede a festa (Figura 3). Essas bandeiras são constituídas por grupos de pessoas interessadas na organização do evento, geralmente parentes ou pessoas muito próximas dos festeiros (SILVA, 1998). Assim, fazem a visita da bandeira de Santo Antônio, passando nas casas, cantando ao som da sanfona, pandeiro e violão e solicitando as prendas, em dinheiro ou mantimentos (ovos, leite, frango, porco, novilha) que serão utilizadas na realização da festa. A dona da casa, após fazer a doação, grita: “Viva Santo Antônio!!” As outras pessoas que estão acompanhando a bandeira respondem: “Viva!!”. De acordo com Ariano (2018) a peregrinação com a bandeira enlaça as famílias com relações de dádiva, pois ao mesmo tempo em que leva bênçãos recebe os donativos para a festa.

A pintura da capela é realizada sempre que for necessário, com algumas semanas de antecedência, e depois alguns moradores fazem a limpeza desse espaço sagrado.

Nos dias que antecedem a festa os animais são abatidos e a linguça e os bolos são preparados, desse modo tudo fica encaminhado para o início das festividades, que tem duração de três dias, sempre com data fixa, e seguindo um cronograma (Figura 4).

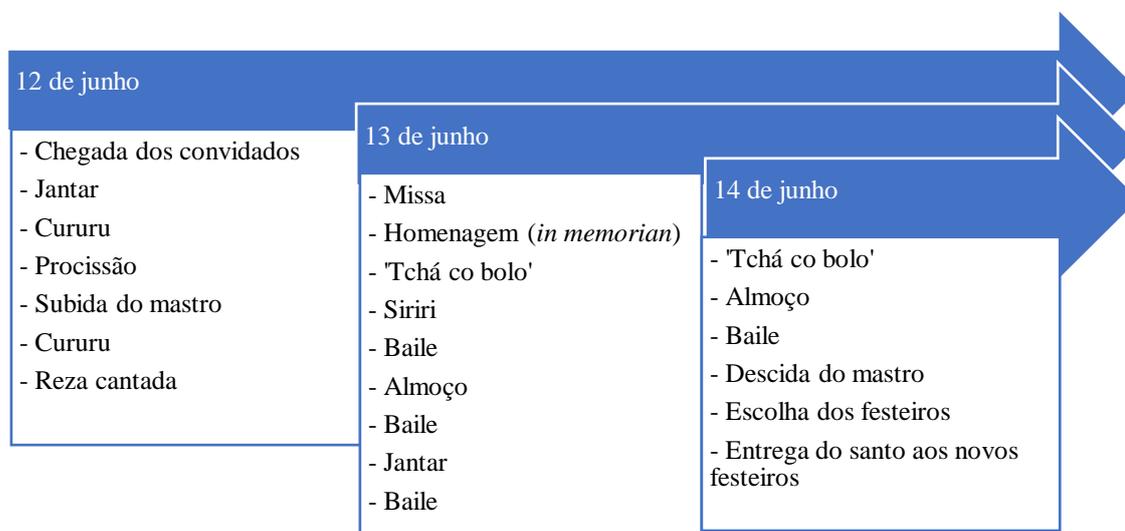


Figura 4. Cronograma de atividades da Festa de Santo Antônio.

A festa iniciou na tarde do dia 12 de junho (2019) com a chegada dos convidados. No começo da noite foi servido o jantar e, na sequência a dança do cururu. Todos reunidos, cururueiros tocando, festeiros e convidados cantando em procissão, com velas acesas levantaram o mastro. Na sequência, retornaram para o salão e os cururueiros cantaram até a hora da reza.

O cururu ocorre dentro de contextos religiosos, utiliza a viola de cocho, executado somente por homens em forma de roda, os tocadores de viola de cocho balançam de um lado para outro, em passos iguais. O cururu e o siriri são alguns dos elementos que simbolizam e que compõem a identidade da cuiabania, estão presentes em grupos "folclóricos" que são contratados para se apresentar em festas e em solenidades na capital e outros municípios da baixada cuiabana (COSTA e SILVA, 2020; RODRIGUES, 2016; GUSHIKEN, 2012; DA SILVA e SILVA, 1995).

A parte religiosa da festa é composta por novena, missa e reza cantada, mas nem todas as pessoas participam desses momentos. Essas celebrações ocorrem em dias e horários distintos, já que a festa tem três dias de duração. A capela da comunidade é um ambiente de muito respeito, com imagens de santos e demais ícones do catolicismo, como cruz e vela. Nela são celebrados dois momentos importantes da festa: a busca do Santo liderado pelo festeiro da festa do ano e a sua entrega no final das festividades para o novo festeiro do ano seguinte.

A reza cantada é uma manifestação religiosa presente, principalmente, em comunidades rurais, comum nas festas de santo é conduzida por algumas pessoas experientes que puxam as orações e os cantos. De acordo com os mimoseanos, a reza cantada é um momento de profundo respeito, louvor, devoção e de adoração, é um encontro de famílias, vizinhos e amigos, de sentimentos como compaixão, respeito aos valores sociais, culturais e religiosos dos devotos.

O mastro é feito de madeira extraída da região, geralmente o tronco do novateiro (*Triplaris americana* L.), uma planta de porte reto, sem ramos laterais e leve, medindo entre 4 e 5 metros de altura. O noivateiro é comumente encontrado na floresta inundável dos rios do pantanal, como o rio Cuiabá e o Paraguai. Essa espécie também é utilizada na Festa de São Pedro realizada na comunidade ribeirinha Bonsucesso (FERREIRA e DA SILVA, 2020) e em outras festas das comunidades tradicionais da baixada cuiabana. A derrubada da árvore ocorre, preferencialmente, na lua minguante, designada pelos mimoseanos de 'lua boa', segundo os moradores a extração nessa fase evita o apodrecimento da madeira e o surgimento de carunchos.

Todo o trabalho relacionado ao feitio do mastro, desde a extração do tronco na morraria até a ornamentação é de responsabilidade do capitão do mastro. Após ser enfeitado, o mastro

representa um ícone religioso, seu topo exibe a coroa e a bandeira colorida com a imagem de Santo Antônio, portanto, carrega um dos símbolos mais sagrados (SOUZA, 2017).

Em anos anteriores as festas de Santo Antônio foram realizadas nos quintais das casas dos festeiros, na maioria das vezes era preciso ampliar o espaço com construções provisórias. Faziam um ‘empalizado’, uma espécie de salão construído com esteios de madeira e coberto com palhas de babaçu, sendo o piso de chão batido. Nesse local montavam um nicho contendo imagens de santo e o espaço era utilizado para a realização do siriri (profano) e do cururu (sagrado) (DA SILVA e SILVA, 1995). Na Baixada Cuiabana, as festas de santo, geralmente, são realizadas nos quintais. Em alguns casos os santos homenageados são mantidos em altares no interior das casas dos festeiros, e conduzidos para a área externa no momento das celebrações, em outros, existem capelas nos quintais contendo pequenos santuários, e em torno delas os devotos se reúnem para festejar os santos (SOUZA e OSÓRIO, 2019).

No segundo dia (13 de junho) a programação foi intensa, as festividades iniciaram com a missa celebrada pelo padre do município, numa grande tenda montada ao lado da Capela de Santo Antônio. No altar estavam imagens de Santo Antônio e Nossa Senhora, além de velas e flores. Após a missa, esse local foi utilizado para as apresentações culturais e o baile, esse último animado por uma banda regional (Figura 5).

A capela (Figura 5) é um espaço muito importante para a comunidade, principalmente durante as festividades, já que é palco de alguns rituais. No primeiro dia os festeiros buscam o santo na capela para levar ao local da festa e no último dia os novos festeiros retornam com ele para a capela.



a)



b)



c)



d)



e)



f)



g)



h)

Figura 5. Festa de Santo Antônio: a) Capela de Santo Antônio; b) Missa festiva; c) Placa com imagem de Santo Antônio no espaço festivo; d) Imagem de Santo Antônio; e) Mulheres preparando o almoço; f) Carne secando ao sol; g) Baile festivo; h) Cozinha da festa. Fonte: Acervo das autoras.

Após a celebração da missa, no dia 13, foi servido o ‘tchá co bolo’ (no linguajar cuiabano) aos convidados, que segundo Catravechi (2018) é uma prática alimentar comum na baixada cuiabana, uma espécie de café da manhã ou chá da tarde composto, principalmente de bolo de trigo ou de fubá, bolinho de arroz, de queijo (frito ou assado) e francisquito, infusão (chá) de capim cidreira, chá mate e café.

Na sequência os familiares e festeiros fizeram uma homenagem *in memoriam* a uma moradora de muito prestígio em Mimoso, Dona C., esposa de Seu A., pessoa importante para a comunidade e ex-vereadora pelo município de Santo Antônio de Leverger. No final da manhã houve apresentação de siriri, uma dança típica cantada, com a participação de homens e mulheres, tendo habitualmente a composição em pares, e vestimentas coloridas. O siriri e o cururu fazem parte da tradição dos ribeirinhos e dos pantaneiros, que reúnem em grandes festas populares e religiosas. As pessoas que participam das apresentações são, na maioria, moradores da comunidade ou parentes e amigos de comunidades próximas.

Segundo Baptistella (1997) “as letras da dança do siriri são alegres e expressam a vida cotidiana, os amores, a natureza e a devoção aos santos”. Conforme Romancini (2006) em seu estudo sobre a cultura popular na baixada cuiabana, o siriri:

... é uma dança de pares cuja origem é atribuída às danças indígenas. O ritmo alegre e movimentado é obtido através de uma ou mais violas de cocho, do ganzá e do mocho. As duas coreografias básicas do siriri são a roda e a fileira. Os pares dançam batendo palmas e cantando. Ao ritmo forte e rápido da música, os dançarinos parecem não se cansar, dançando por toda a noite.

Posteriormente, serviram o almoço, com fartura de carne, arroz, mandioca, farofa de banana e salada. As mulheres que cozinham, nasceram e cresceram em Mimoso ou em comunidades próximas. Algumas são contratadas para ajudar na realização dessa tarefa e outras doam seu tempo para o santo. Diversos cultivos das roças e hortas são utilizados no preparo das refeições, como mandioca (*Manihot sculenta* Crantz), banana (*Musa parasidiaca* L.), hortaliças e temperos. As refeições são preparadas na medida em que são consumidas, percebe-se que no preparo da comida, segue um ritual do fazer culinário e ao mesmo tempo, compartilham e ampliam relações com outras pessoas e com o que é sagrado. De acordo com a Bíblia a comida é algo sagrado, oferecido e dado por Deus.

A carne é oriunda dos bois criados na região e doados pelos fazendeiros. Seu preparo é feito de forma variada, assada, cozida ou frita ou misturada com arroz, um prato típico da região, cuja carne é secada ao sol. Parte da bebida é comercializada durante a festa, a exemplo do refrigerante e da cerveja, o licor não é preciso pagar, é produzido pelos festeiros com aguardente e casca de jatobá.

Os convidados fizeram fila, se serviram e ficaram reunidos nas mesas com parentes, compadres e comadres, amigos e vizinhos. Os mimoseanos tem como hábito comparar as festas anteriores com a atual, principalmente na quantidade da comida, caracterizando a qualidade da festa (SILVA, 1998). Segundo a autora, os alimentos consumidos na festa são produzidos na comunidade e fazem parte da dieta mimoseana, mas durante as festividades são oferecidos com mais fartura.

Há uma dinâmica diferente nas festas de santo realizadas pela igreja e nas festas realizadas pelos festeiros, como a Festa de Santo Antônio em Mimoso. Nas festas promovidas pela igreja os alimentos são comercializados e o dinheiro arrecadado vai para a instituição, enquanto nas festas de santo como de Mimoso os alimentos são doados, pois os festeiros distribuem os bens arrecadados (SOUZA e OSORIO, 2019).

No final da tarde do segundo dia da festa alguns moradores foram para casa tomar banho e retornaram para a festa, antes do jantar. Outros permaneceram na festa até o final. As músicas regionais e populares tocadas pela banda animaram o baile que iniciou de manhã e seguiu noite adentro. Aqueles que gostam de dançar aproveitam o máximo, contudo, os convidados têm liberdade para escolher os rituais que mais lhe agradam na festa, sejam eles sagrados ou profanos.

A festa de Santo Antônio, em Mimoso, é um momento de confraternização e de reforço de amizades. Além dos moradores, os mimoseanos recebem amigos, parentes e turistas vindos de outras comunidades e municípios, proporcionando, dessa forma, um elo com o mundo de fora. A festa transcende a religiosidade, alguns participantes são atraídos pela música, pela dança e pelas comidas típicas. Pessoas do meio político também aproveitam para festejar e aumentar seu prestígio perante o eleitorado. Segundo Silva (1998) a presença de políticos é muito esperada e promove a valorização do evento, mas quando não podem comparecer enviam faixas saudando o Santo e os mimoseanos.

O terceiro dia de festa (14 de junho) iniciou com as pessoas reunidas para o 'tchá co bolo', momento de encontro e conversas, posteriormente foi servido o almoço e na sequência começou o baile que seguiu até o final da tarde. Nesse dia também teve a escolha dos festeiros para o próximo ano. Sobre os festeiros de cada festa, Dona D. relata que:

... no último dia da festa tem uma pessoa que anuncia os festeiro... geralmente, quem fazia isso era minha filha (falecida), ela que anunciava... Santo Antônio tem a família certa pra fazê a festa, família de ciclano, família de beltrano... mas quando a família não pode fazê, ela permite fazê um sorteio, porque a dona da casa não vai fazê a festa... Então alguém passa perguntando se aceita ser o festeiro, e assim é realizado um sorteio com outras pessoas que aceita fazê. O comandante de cada família é juiz, rei e rainha... mas todo ano também tem um outro sorteio pra bandeira e capitão do mastro”.

Para essas pessoas, o fazer a festa é sinal de devoção e compromisso com o santo, é lugar de compartilhamento. Nas palavras de Souza (2017):

“Participar das festas é manter-se visível e sociável, é ser prestigiado, ser lembrado, além de ser agraciado com as bênçãos dos santos... O compromisso com a peregrinação religiosa é uma obrigação moral, possui uma regularidade entre eles, que precisa ser mantida, sobretudo pela conexão com o sagrado”.

Chegando ao término das festividades, ocorreu a descida do mastro e a entrega do Santo aos novos festeiros, acompanhado de muitos fogos de artifício e cantorias, o que representa para a maioria um dos momentos mais bonitos. Nessa hora há uma disputa entre os festeiros novos e velhos, o vencedor é o que consegue queimar mais fogos durante o maior tempo, e assim é possível prever o porte da próxima festa do santo (SILVA, 1998). Em geral, as festividades em homenagem a Santo Antônio têm muitos fogos de artifício, a queima desses fogos expressa generosidade e poder do anfitrião.

Esse rito marca o fim da festa e o retorno dos festeiros e devotos à vida cotidiana, é um sentimento de cumprimento do dever, compromisso com o santo. Os rituais presentes nas festividades proporcionam momentos de interação social, estimulam a devoção a Santo Antônio e evidenciam a valorização das manifestações culturais pelos mimoseanos.

Um novo elemento arquitetônico foi inserido na Festa de Santo Antônio. Ao mesmo tempo em que acontecia a Festa, do outro lado da rua, no Memorial Rondon (construção iniciada em 2001, finalizada em 2016 e inaugurado em 24 de agosto de 2016), era realizada a Feira de Produtos Culturais. Ali foram comercializados produtos do extrativismo vegetal e animal, feitos a partir da biodiversidade local, como xarope e licor de jatobá, mel, biscoitos, doces de frutas e de leite, rapadura de cana, além do artesanato produzido pelos mimoseanos. Dessa forma os visitantes puderam adquirir produtos da localidade e levar para casa. Segundo Souza et al (2016), o ato de comprar um produto local e levar como lembrança para si ou para presentear outra pessoa, constitui uma forma de continuar próximo daquela cultura mesmo estando distante ou partilhar a cultura anteriormente experimentada.

Os participantes da festa também contemplaram no memorial a ‘Sala de Memória de Rondon’, onde encontram-se objetos, livros e pôsteres que apresentam a vida e a obra do marechal, bem como a exposição denominada ‘Paisagens de Rondon’, que conta com importante trabalho documental do fotógrafo Mario Friedlander, composto por registros iconográficos de caminhos percorridos por Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon.

Diante desse estudo, percebe-se que a Festa de Santo Antônio compõe um dos traços principais da identidade dos mimoseanos, uma tradição que revela sua história e sua cultura. E representa um momento especial de sociabilidade entre os moradores fortalecendo a

identidade sociocultural da comunidade, unindo o passado, incorporando novos elementos no presente e indicando uma tendência para o futuro. A tradição cultural se mantém pela geração presente com novos elementos que emergem e são assimilados pela geração atual mostrando sua dinâmica cultural.

4 CONCLUSÃO

Os mimoseanos são pessoas extremamente religiosas, onde o catolicismo aparece com grande expressividade no diálogo, na fé, no nicho religioso decorando as casas e na realização das festas de santo.

As tradicionais festas de santo fazem parte do calendário da comunidade, compreendendo momentos que se entrelaçam as dimensões religiosa e social. São oportunidades de manifestar a fé, a solidariedade, a gratidão, o aprendizado, a tradição, e expressar a alegria por meio de danças, festejos, gastronomia típica com o prato principal a carne e bebidas alcoólicas, emergindo o enlaçamento entre o profano e o sagrado.

A Festa do Santo propiciou o protagonismo dos participantes em suas diversas funções socioculturais no envolvimento com a festa, desde os mais velhos até os jovens, e como oportunidade de transmissão de conhecimento sociocultural entre e intergerações.

A biodiversidade de plantas e animais está presente em todas as fases da realização da festa, mostrando a interação entre natureza e sociedade.

A festa de Santo Antônio é uma das principais atrações esperadas pelos mimoseanos e por moradores de comunidades próximas. As festividades mantêm o caráter comunitário, embora estejam abertas à sociedade de outras localidades.

A realização das festividades cria laços de familiaridade e o santo homenageado, herdado ou adotado, faz parte da vivência familiar, estabelecendo a festa como uma importante manifestação cultural e religiosa, com vínculo dessa comunidade tradicional com seu patrimônio cultural.

5 AGRADECIMENTOS

Aos moradores da Comunidade Tradicional Mimoso, município de Santo Antônio de Leverger-MT, pela generosidade, receptividade em suas moradias e durante a festa, e por fornecer informações tão importantes para a construção desse trabalho.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVARENGA, S. M.; BRASIL, A. E.; PINHEIRO, R.; KUX, H. J. H. Estudo geomorfológico aplicado à bacia do Alto Rio Paraguai e Pantanaís Mato-grossenses. *Projeto Radambrasil, Boletim técnico, Série Geomorfologia*. p. 89-183. 1984.
- ARAKAKI, D. G.; CANDIDO, C. J.; SILVA, A.; GUIMARÃES, R. C. A.; HIANE, P. A. In vitro and in vivo antioxidant activity of the pulp of Jatobá-do-cerrado. *Ciência e Tecnologia de Alimentos*, Campinas, v. 36, n. 1, p. 166-170, 2016. <https://doi.org/10.1590/1678-457X.0084>
- ARIANO, H. A. Festa de Vila Bela da Santíssima Trindade: “eu posso com mais alguém”. *Tessituras*, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 122-167, 2018.
- AZZI, R. *O catolicismo popular no Brasil: aspectos históricos*. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 156. (Coleção Cadernos de Teologia e Pastoral; 11).
- BAPTISTELLA, R. *Danças populares de Mato Grosso*. Cuiabá, Secretaria de Cultura, 1997.
- BORTOLOTTI, I. M.; ZIOLKOWSKI, N. E.; GOMES, R. J. B.; ALMEIDA, F. S. D.; CAMPOS, R. P.; AOKI, C. Mulheres em rede: conectando saberes sobre plantas alimentícias do cerrado e pantanal. *Ethnoscience*, v. 6, n. 2, p. 198-232, 2021.
- CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANTÔNIO DE LEVERGER, MATO GROSSO. Disponível em <http://www.camaraleverger.mt.gov.br/index.php?page=materia&id=134>. Acesso em 12/06/2022.
- CATRAVECHI, L. A. A hospitalidade cuiabana a partir do estudo de caso no estabelecimento comercial - “Chá com Bolo Cuiabano da Tia Fran”, Cuiabá (Mato Grosso/MT, Brasil). *Turismo & Sociedade*. Curitiba, v. 11, n. 3, p. 358-382, 2018.
- CLAVAL, P. *A geografia cultural*. 3. ed. Tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007. p. 458. Título original: La Géographie Culturelle.
- CNBB – Igreja Católica Apostólica Romana – Santo Antônio. <https://www.cnbb.org.br/santo-antonio-3/>. Acesso em: 10/06/2022.
- COSTA, M. A.; SILVA, L. Patrimônio Cultural, Festas e Lutas Políticas em Comunidades Quilombolas de Mato Grosso. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v.12, n. 22, p. 2177-4129, 2020.

DA SILVA, C. J.; SILVA, J. A. F. *No ritmo das águas do Pantanal*. NUPAUB, São Paulo. 1995. p. 210.

DEBORTOLI, N. S.; CAMARINHA, P. I. M.; MARENGO, J. A.; RODRIGUES, R. R. An index of Brazil's vulnerability to expected increases in natural flash flooding and landslide disasters in the context of climate change. *Natural Hazards*, v. 86, n. 2, p. 557-582, 2017.

DE DAVID, M.; ARRUDA, J. C.; DA SILVA, C. J. Estudo comparativo sobre o conhecimento e uso da biodiversidade de plantas no Distrito de Mimoso (Santo Antônio de Leverger), Mato Grosso, Brasil - Reserva da Biosfera do Pantanal. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 10, 2022. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i10.32530>

Diocese de Montenegro. <http://www.diocesemontenegro.org.br/noticias/2019/06/curiosidades-sabia-que-santo-antonio-tambem-e-invocado-por-quem-quer-encontrar-objetos-perdidos/>

Acesso em: 10/06/2022.

FERREIRA, M. S. F. D.; DA SILVA, C. J. Lugar, recursos e saberes dos ribeirinhos do médio rio Cuiabá, Mato Grosso. In: DA SILVA, C. J.; GUARIM NETO, G. (Org.) *Comunidades tradicionais do pantanal*. Cuiabá: Entrelinhas; Cáceres: Editora Unemat, 2020. p.p. 47-56.

FIEBIG, G. A.; PASA, M. C. Etnobotânica na Comunidade Passagem da Conceição em Várzea Grande, Mato Grosso, Brasil. *Biodiversidade*, v.15, n. 2, p. 101-123, 2016.

GALVÃO, E. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. 2 ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989. p. 323.

GOMES, J. C. *Construindo caminhos educativos para a interpretação do ambiente pantaneiro*. 2008. 300 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - SP, 2008.

GUSHIKEN, Y. Mapa das festas de santo na Grande Cuiabá e suas Hinterlândias. *Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional*, Ano 16 n.16, p. 47-66, 2012.

KÖPPEN, W. *Grundriss der Klimakunde: Outline of climate science*. Berlin: Walter de Gruyter, 1931. p. 388.

LEITE, S. R. Q. *Identidade: teia em movimento. A dimensão pedagógica da Festa de Santo Antônio de Mimoso*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2002.

- MALINOWSKI, B. *Argonautas do pacífico ocidental*. São Paulo: Abril Cultural. 1978.
- MARQUES, J. P. A “observação participante” na pesquisa de campo em Educação. *Educação em Foco*, ano 19 - n. 28, p. 263-284, 2016.
- MOTA, R. G. Cosmovisão dos benzedores e suas práticas de cura no pantanal de Mato Grosso. In: DA SILVA, C. J.; GUARIM NETO, G. (Org.). *Comunidades tradicionais do pantanal*. Cuiabá: Entrelinhas; Cáceres: Editora Unemat, 2020. p.p. 39-46.
- NASCIMENTO, A. S.; BARROS, F. B. Entre mangues, rios e igarapés: pesca, comida e cultura no Quilombo de Mangueiras (Ilha do Marajó, Pará). *Revista Etnobiología*, v. 17, n. 3, p. 78-98, 2019. <https://revistaetnobiologia.mx/index.php/etno/article/view/68/66>
- PASA, M. C.; HANAZAKI, N.; SILVA, O. M. D.; AGOSTINHO, A.B.; ZANK, A.; ESTEVES, M. I. P. N. Medicinal plants in cultures of afro-descendant communities in Brazil, Europe and Africa. *Acta Botanica Brasilica*, v. 33, n. 2, p. 340-349. 2019. <https://doi.org/10.1590/0102-33062019abb0163>.
- PASSOS, M. Lá vem a bandeira... Os reis e seus atores. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano III, n. 9, Vol. 1, p. 253-268, 2011.
- ROSSETTO, O. C.; GIRARDI, E. P. Dinâmica agrária e sustentabilidade socioambiental no Pantanal brasileiro. *Revista Nera - Ano 15*, n. 21, p. 135-161, 2012.
- ROSSETTO, O. C. Produção do Espaço Agrário no Estado de Mato Grosso e o Processo de Concentração de Terras no Pantanal Norte Mato-grossense. In: ROSSETTO, O. C.; TOCANTINS, N. (Org.). *Ambiente Agrário do Pantanal Brasileiro: Socioeconomia & Conservação da Biodiversidade*. Porto Alegre: Editora Compasso & Lugar, Cultura, 2015.
- RODRIGUES, C. D. *Fé, festa e tradição: aspectos de uma devoção familiar no espaço-tempo da modernidade*. 2016. 115 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2016.
- ROMANCINI, S. R. *Entre o barro e o siriri: um estudo sobre o papel da mulher na cultura popular de São Gonçalo Beira Rio em Cuiabá-MT*. Seminário Internacional Fazendo Gênero. UFSC. 2006.
- SILVA, J. A F. *Aqui tudo é parente! Um estudo das práticas e ideias em relação ao tempo e ao espaço entre camponeses do Pantanal de Mimoso*. 1998. 178 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 1998.

SOUSA, F. F.; SILVA, C. V.; BARROS, F. B. 'Comida do sítio, comida de festa': apropriações e usos alimentares do miriti nos contextos rural e urbano de Abaetetuba, Pará. *Acta Scientiarum. Humam and Social Sciences*. Maringá, v. 38, n. 2, p. 143-151, 2016.

SOUZA, A. A. J.; OSORIO, P. S. O povo é quem manda: as festas de santo e o poder dos Quintais cuiabanos. In: "Dossiê" Cuiabá ontem e hoje. *Revista Eletrônica Documento/Monumento – REDM*. v. 25, n. 1, 2019.

SOUZA, A. A. J. *Nada melhor do que trazer o santo pra casa! A dinâmica das festas de santos de família, na baixada cuiabana*. 2017. 168 f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Mato Grosso. Departamento de Antropologia e Museu Rondon. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. 2017.

TAVARES, T. R. A religião vivida: expressões populares de religiosidade. *Sacrilegens*. Juiz de Fora, v. 10, n.2, p. 35-47, 2013.

VIERTLER, R. B. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em Etnobiologia e Etnoecologia. In: AMOROZO, M. C.; MING, L. C.; SILVA, S. P. (Org.) *Seminário de etnologia e etnoecologia do Sudeste, 2001*. Rio Claro: UNESP/CNPQ, 2002. p.p. 11-29.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Capítulo 1 do presente estudo foram analisadas as relações sociais e ambientais vivenciadas pelos mimoseanos. Descrevemos a origem da comunidade e sua importância histórica e cultural, onde muitos moradores referem o parentesco a Marechal Cândido Rondon, Patrono das Comunicações. A Comunidade Tradicional Mimoso é contemplada com uma belíssima paisagem, constituída de diferentes macrohabitats: a Morraria, o Sopé do morro, a Área inundável e a Baía Chacororé. Os mimoseanos tem uma profunda relação com esses ambientes, deles retiram diversos recursos para sua sobrevivência como as plantas, constroem suas moradias, cultivam espécies alimentícias e medicinais, criam animais e estabelecem relações socioculturais com vizinhos, amigos e parentes.

A construção das moradias dos filhos nas proximidades da casa dos pais é uma característica comum, nesse caso fica evidente a patrilocalidade ou matrilocalidade. No entanto, os filhos de algumas famílias migram para a cidade em busca de estudo ou trabalho, mas mantêm o vínculo familiar, principalmente em datas comemorativas e festas tradicionais da comunidade.

Os mimoseanos conservam hábitos tradicionais: na alimentação (quebra-torto, guaraná, doces e licores), no uso de remédios à base de plantas (xarope de jatobá, chá, garrafada), na religiosidade e festas de santo, na confecção de produtos feitos com a madeira local (canao, pilão, utensílios). A esses costumes são incorporados novos hábitos introduzidos na comunidade e que constituem a dinâmica cultural.

No capítulo 2 estudamos o conhecimento e uso da biodiversidade de plantas do macrohabitat Morraria pelos moradores da comunidade, e na perspectiva de uma abordagem de pesquisa de longa duração, comparamos com o estudo realizado por Schwenk e Da Silva (2000). Dessa forma, pode-se comprovar a estreita relação de saberes e usos sobre os recursos naturais, principalmente de sua biodiversidade de plantas, bem como sua transformação e utilização e em diversas categorias. Concluímos que a maior diversidade de espécies está nos usos Medicinal e Construção, seguidas de Utensílios, Alimentar, Lenha, Artesanato e Cobertura. As plantas (três espécies) utilizadas na cobertura (palhas) compartilharam 100% o uso atribuído aos dois períodos do estudo. A diminuição do uso de plantas da Morraria é atribuída a substituição por produtos encontrados no comércio local e a novos hábitos incorporados na comunidade, nesse sentido a redução do uso das plantas pode afetar a transmissão do conhecimento nas gerações vindouras.

No capítulo 3 pesquisamos a ocorrência da transmissão do conhecimento tradicional dos adultos para os jovens estudantes da Escola Santa Claudina. Analisamos o conhecimento a respeito da biodiversidade plantas dos macrohabitats de Mimoso nos dois grupos (adultos e estudantes) e comprovamos que o conhecimento tradicional está presente na comunidade, principalmente entre as pessoas adultas. Existe uma diferença entre os saberes dos adultos e dos estudantes, que pode ser justificado pela diferença de idade dos grupos estudados, pela substituição de recursos naturais por produtos adquiridos no comércio local, por interferências de hábitos urbanos na comunidade e pela diminuição da transmissão do conhecimento entre as gerações.

No capítulo 4 estudamos a religiosidade dos mimoseanos e descrevemos as festividades em homenagem a Santo Antônio, padroeiro da comunidade, a partir das relações socioculturais estabelecidas na Comunidade Tradicional Mimoso.

Evidenciamos que o catolicismo está presente na vida da maioria dos moradores, os quais expressam sua religião nas conversas, nos costumes, nos nichos religiosos decorando as casas, nas rezas, nas celebrações religiosas e nas festas de santo. A Festa de Santo Antônio propicia o protagonismo dos participantes em suas diversas funções socioculturais no envolvimento com a festa, desde os mais velhos até os jovens, dessa forma, constitui uma oportunidade de transmissão de conhecimento sociocultural entre e intergerações. É uma das principais atrações esperadas pelos mimoseanos que se preparam durante o ano para sua realização.

O retorno dos resultados desta pesquisa, conforme o que propõe o Código de Ética da Sociedade Internacional de Etnobiologia (ISE 2006), consistiu em atividades de valorização do conhecimento tradicional presente na Comunidade Tradicional Mimoso. Essas atividades incidiram na apresentação da pesquisa para professores e estudantes da Escola Santa Claudina e elaboração e apresentação de Pôster para divulgar os resultados da pesquisa realizada com os estudantes. Essa atividade integrou a apresentação do Dia Mundial da Ciência para Paz e Desenvolvimento, celebrada pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) como meio de divulgação científica realizada em conjunto pelos Programas Ecológicos de Longa Duração (PELD), vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Outra forma de retorno consistirá na publicação de um livro objetivando a divulgação da pesquisa à comunidade científica e, em especial, aos mimoseanos. Nessa perspectiva, o retorno da pesquisa contribui para a valorização da riqueza cultural presente na comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

International Society of Ethnobiology (2006). *Código de Ética da ISE* (com adições em 2008).

Disponível em: <http://www.ethnobiology.net/ethics.php>. Acesso em: 09/12/2022.

SCHWENK, L. M.; DA SILVA, C. J. A Etnobotânica da Morraria Mimoso no Pantanal de Mato Grosso. III Simpósio sobre Recursos Naturais e Socioeconômicos do Pantanal – *Os Desafios do Novo Milênio*. Corumbá-MS. 2000.

ANEXOS



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DE MATO GROSSO - UNEMAT



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONHECIMENTO E USO DA BIODIVERSIDADE NO CORREDOR ECOLÓGICO E CULTURAL DOS RIOS CUIABÁ E PARAGUAI, RESERVA DA BIOSFERA PANTANAL MATO-GROSSENSE

Pesquisador: MARGO DE DAVID

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 93308818.4.0000.5166

Instituição Proponente: Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.832.217

Apresentação do Projeto:

Projeto de doutorado: "Há muito tempo o homem retira da natureza diversos recursos para sua sobrevivência. Esses recursos são domesticados e manejados de acordo com a riqueza de conhecimento empírico transmitido de maneira oral e/ou gestual por várias gerações, desta maneira as práticas são importantes para a conservação da diversidade biológica. O Brasil, constituído pelos mais variados ecossistemas apresenta amplas taxas de diversidade biológica e cultural. Neste sentido, no estado de Mato Grosso convivem povos diversificados, nativos ou procedentes de outras regiões. Entretanto, para resgatar o conhecimento dessas comunidades humanas sobre os processos naturais surge as Etnociências (Etnobiologia, Etnoecologia, Etnobotânica, Etnozoologia), um instrumento metodológico para o estudo das inter-relações entre o homem e a natureza, com destaque para os aspectos culturais. Diante do exposto, a preferência em realizar o estudo nas comunidades pantaneiras baseia-se pela importância da região e seu potencial de saber local. Esta pesquisa ressaltará a importância da participação das comunidades locais caracterizando as interações entre os moradores e o ambiente através dos conhecimentos científicos e culturais. O trabalho de campo será desenvolvido com o auxílio de diferentes técnicas: i) mapeamento dos locais estudados; ii) entrevistas semiestruturadas; iii) observação participante; iv) história de vida; v) turnê guiada; vi) transmissão do conhecimento."

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavallhada II

UF: MT

Município: CACERES

CEP: 78.200-000

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br



Continuação do Parecer: 2.832.217

Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo Primário: Identificar e compreender os fenômenos ocorrentes no processo de transmissão do conhecimento ecológico e cultural de comunidades rurais pantaneiras, adquirido ao longo de suas trajetórias de vida, a respeito da biodiversidade e de seu uso para a garantia e permanência na região, associada a sua conservação na perspectiva da resiliência ecológica e cultural.

Objetivo Secundário: Identificar o uso da biodiversidade e percepções climáticas pelos Stakeholders presentes no Corredor Ecológico e Cultural dos Rios Cuiabá e Paraguai. Fortalecer os programas de Pós Graduação das Instituições de Ensino Superior de Mato Grosso com atividades de transferência de conhecimento internacional. Registrar de que forma o etnoconhecimento é transmitido na comunidade. Desvendar os conhecimentos das etnociências, presentes nas narrativas da comunidade escolar pantaneira, analisando as relações de peculiaridades nelas contidas e, suas possibilidades no ensino e aprendizagem na área das Ciências da Natureza. Identificar e incentivar espaços de saberes de transmissão de conhecimento para o uso e manejo da biodiversidade. Examinar a relação da comunidade com o meio ambiente através de seus costumes e tradições. Desenvolver análise de produção de espécies com valor cultural, biológico e econômico identificadas e indicadas pelas comunidades pantaneiras. Verificar as diversas formas de uso dos recursos naturais. Registrar as estratégias de manejo e conservação emitidas pela comunidade quanto ao cultivo e manutenção das espécies vegetais utilizadas. Registrar as manifestações culturais ocorrentes no circuito dos grupos sociais e nas interações ambientais pelas comunidades tradicionais. Proporcionar a difusão dos etnoconhecimentos locais como forma de evitar a erosão cultural das populações tradicionais mato-grossenses, através de publicações científicas."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

"Riscos: Os participantes da pesquisa não serão submetidos a nenhum teste e nem possuem obrigatoriedade em responder ou participar das atividades. Caso os participantes sentirem-se incomodados com as entrevistas, poderão interromper a qualquer momento, e serem retomadas no mesmo dia ou agendar uma nova data, ou mesmo se o participante não se sentir em condições de responder, poderá desistir definitivamente. Os riscos oferecidos serão mínimos, como o incômodo e/ou o tempo que cada informante levará para conversar e responder as questões da entrevista. A realização das entrevistas serão feitas mediante aceite e assinatura no Termo de

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavallhada II

CEP: 78.200-000

UF: MT

Município: CACERES

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br



Continuação do Parecer: 2.832.217

Consentimento Livre e Esclarecido, bem como as imagens captadas por máquina fotográfica. Entretanto, se a pessoa não aceitar participar da pesquisa não será induzida nem penalizada. Contudo, fica assegurado: a) o ressarcimento de todos os gastos que o participante e/ou seu(s) acompanhante(s) terão ao participar da pesquisa; b) que o participante da pesquisa e/ou seu(s) acompanhante(s) receberão a assistência integral e imediata, de forma gratuita (pelo pesquisador/patrocinador), pelo tempo que for necessário em caso de danos decorrentes da pesquisa; c) que o participante da pesquisa e/ou seu(s) acompanhante(s) terão direito à indenização em caso de danos decorrentes do estudo; d) no caso de interrupção do estudo, o participante de pesquisa e/ou seu(s) acompanhante(s) receberão a assistência adequada, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário.

Benefícios: Em uma perspectiva ambiental, a pesquisa propiciará uma valiosa ferramenta para a determinação de áreas e sistemas com alto valor de biodiversidade ecossistêmica, fornecendo dados importantes para planos de manejo e escolha de áreas prioritárias de conservação in situ dos recursos naturais disponíveis. Conheceremos em detalhes a composição e estrutura de diversos ambientes e grupos do Corredor, facilitando assim o entendimento do funcionamento desta região de uma forma mais global. Esta pesquisa não tem caráter de geração renda para a comunidade ou para o pesquisador. Os resultados por ela obtida terá como objetivo a finalidade científica. Comprometemos a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível a identificação do entrevistado, exceto quando obtiver uma autorização pessoal para tais usos. O período de realização da pesquisa será de Agosto de 2018 a Dezembro de 2019. As entrevistas, levarão um tempo em torno de 1 a 2 horas, podendo se estender um pouco mais dependendo do caso. Todos os dados obtidos serão conservados sob sigilo, sendo sua identidade preservada e havendo liberdade de retirar seu Consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo sem que haja qualquer tipo de prejuízo.”

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta:

- Respeito aos participantes da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida;

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavallhada II

CEP: 78.200-000

UF: MT

Município: CACERES

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br



Continuação do Parecer: 2.832.217

- Ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;
- Garantia de que danos previsíveis serão evitados; e
- Relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram apresentados de acordo com as exigências da resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS-Conselho Nacional de Saúde.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso CEP/UNEMAT após análise do protocolo em comento, de acordo com a resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS, é de parecer que não há restrição ética para o desenvolvimento da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1172003.pdf	27/07/2018 12:43:54		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_livre_esclarecido.pdf	27/07/2018 12:42:47	MARGO DE DAVID	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_diretor_da_escola.pdf	27/07/2018 12:42:24	MARGO DE DAVID	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_assentimento.pdf	27/07/2018 12:42:07	MARGO DE DAVID	Aceito
Parecer Anterior	Oficio_de_encaminhamento_CEP_UNEMAT.pdf	02/07/2018 15:18:14	MARGO DE DAVID	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa.pdf	02/07/2018 15:16:23	MARGO DE DAVID	Aceito

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavallhada II

CEP: 78.200-000

UF: MT

Município: CACERES

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br



Continuação do Parecer: 2.832.217

Orçamento	Orcamento.pdf	02/07/2018 15:15:48	MARGO DE DAVID	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_de_responsabilidade_do_pesquisador_Resolucao510_2016.pdf	02/07/2018 15:15:30	MARGO DE DAVID	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_de_responsabilidade_do_pesquisador.pdf	02/07/2018 15:13:21	MARGO DE DAVID	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_de_que_a_coleta_de_dados_nao_foi_iniciada.pdf	02/07/2018 15:13:04	MARGO DE DAVID	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_e_autorizacao_para_o_uso_da_infraestrutura.pdf	02/07/2018 15:12:47	MARGO DE DAVID	Aceito
Cronograma	Cronograma_de_execucao.pdf	02/07/2018 15:12:26	MARGO DE DAVID	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_para_pesquisa.pdf	02/07/2018 15:11:52	MARGO DE DAVID	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CACERES, 20 de Agosto de 2018

Assinado por:
Luciana Melhorança Moreira
(Coordenador)

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavallhada II

CEP: 78.200-000

UF: MT

Município: CACERES

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br

ENTREVISTA - ADULTOS

Conhecimento e uso da biodiversidade de plantas no Distrito de Mimoso (Santo Antônio de Leverger), Mato Grosso, Brasil - Reserva da Biosfera do Pantanal

1. Nome: _____
2. Idade: _____ Religião: _____
3. Estado Civil: _____
4. Tem filhos: () sim () não Quantos? _____
5. Onde os filhos moram? _____
6. Sexo: () Masculino () Feminino
7. Escolaridade: () Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior
8. Local de nascimento (cidade e estado): _____
9. Reside aqui: () sim () não Há quanto tempo? _____
10. Atividade que exerce: _____
11. Possui quintal? Roça? () sim () não
12. Qual a importância do quintal? E da roça?

13. Você cria algum animal? Qual? Para qual finalidade?

14. Quais animais (bichos) você conhece? Qual a utilidade desses animais?

15. Você cultiva alguma planta? Qual? Para qual finalidade?

16. Onde você cultiva as plantas?

17. Quais as plantas da Morraria você conhece? (o nome e o uso)

18. Quais as plantas do Sopé do morro você conhece? (o nome e o uso)

19. Quais as plantas do Pantanal você conhece? (o nome e o uso)

20. Na sua casa vocês utilizam alguma planta para remédio (chá, garrafada, amassado, compressa..)? sim não
Qual? Para que?

21. Na sua casa vocês utilizam planta para curar doença nos animais? sim não
Qual?

22. De onde vem o conhecimento de uso de plantas?

23. Quando você ouve falar em Mimoso, o que vem à sua cabeça?

24. Como é viver em Mimoso? O que é mais representativo em Mimoso para você?

ENTREVISTA ALUNOS - ESCOLA ESTADUAL SANTA CLAUDINA

Conhecimento e uso da biodiversidade de plantas no Distrito de Mimoso (Santo Antônio de Leverger), Mato Grosso, Brasil - Reserva da Biosfera do Pantanal

1. Nome: _____
2. Idade: _____
3. Sexo: () Masculino () Feminino
4. Série que está cursando: _____ () Ensino Fundamental () Ensino Médio
5. Local de nascimento (cidade, estado): _____ Há quanto tempo mora aqui: _____
6. Quais as plantas da Morraria você conhece? Qual o uso de cada planta?

7. Quais as plantas do Sopé do morro você conhece? Qual o uso de cada planta?

8. Quais as plantas do “Pantanal” (largo ou área inundável da Baía Chacororé) você conhece? Qual o uso de cada planta?

9. Quais as plantas medicinais você conhece e para qual finalidade? Quais plantas medicinais são utilizadas em sua casa e para qual finalidade?

10. Com quem você aprendeu a respeito do uso das plantas?

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS - ESCOLA ESTADUAL SANTA CLAUDINA
**CONHECIMENTO E USO DA BIODIVERSIDADE DE PLANTAS NO DISTRITO DE
MIMOSO (SANTO ANTÔNIO DE LEVERGER), MATO GROSSO, BRASIL -
RESERVA DA BIOSFERA DO PANTANAL**

1. Nome: _____
2. Idade: _____
3. Sexo: () Masculino () Feminino
4. Série que está cursando: _____ () Ensino Fundamental () Ensino Médio
5. Qual meio de transporte utiliza para vir pra Escola?
() a pé () bicicleta () carro () ônibus () outro _____
6. Local de nascimento (cidade, estado): _____ Há quanto tempo mora aqui: _____
7. Você conhece a história de origem do distrito de Mimoso? () sim () não
8. Por que este local é chamado de Mimoso? _____
9. Quais as plantas você conhece? (escreva o nome)

10. Na sua casa vocês utilizam alguma planta para remédio (chá, garrafada, amassado, compressa...)?
() sim () não
11. Na sua casa vocês utilizam planta para curar doença nos animais? () sim () não
Qual? _____
12. De onde vem o conhecimento de uso de plantas?
() Aprendeu com a família (pai, mãe, avós, tias...)
() Aprendeu com vizinhos
() Aprendeu na Escola
() Aprendeu em livros, revistas, programas de TV
13. Quais os animais (bichos) você conhece? _____

14. Quem você acha que deve cuidar do meio ambiente aqui em Mimoso?
() A escola
() A igreja
() As instituições ambientais
() As pessoas que moram aqui
() O governo (presidente, governador, prefeito, vereadores...)
() Os cientistas e pesquisadores
() Todos
15. O que é mais representativo em Mimoso para você?

16. O que você acha da sua escola? _____

17. Qual a disciplina que você mais gosta? Por que? _____

18. Algum professor leva vocês para terem aula (aula de campo) fora da escola? () sim () não

19. Que local vocês já foram com a turma da escola fora do ambiente escolar? _____

20. Como você acha que devem ser ensinados na escola os assuntos sobre meio ambiente?

- () Deveria existir uma matéria só para falar sobre meio ambiente nas escolas
- () Os professores de todas as matérias deveriam falar sobre meio ambiente
- () Os professores deveriam falar sobre meio ambiente só nas aulas de Ciências, Biologia e Geografia
- () Não sei

21. De onde você recebe informações sobre o meio ambiente?

- () Aprendo em casa
- () Aprendo na escola
- () Assisto na televisão
- () Converso com as pessoas
- () Escuto no rádio
- () Leio nos jornais, livros, revistas
- () Participo de reuniões, palestras
- () Pesquiso na Internet
- () Todos

22. O que faz parte do meio ambiente?

- () Ar, céu
- () Casas, prédios, fábricas
- () Carros, ônibus, aviões
- () Chuvas, ventos
- () Lixo, poluição
- () Rios, cachoeiras, mares
- () O ser humano
- () Os animais
- () Plantas, montanhas, terra
- () Praças, parques
- () Ruas, calçadas, estradas
- () Sítios, chácaras, fazendas
- () Tudo o que nos cerca, incluindo nós mesmos

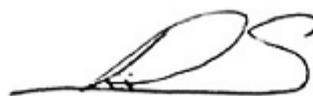
Carta de Aceite

O trabalho intitulado "Estudo comparativo sobre o conhecimento e uso da biodiversidade de plantas no Distrito de Mimoso (Santo Antônio de Leverger), Mato Grosso, Brasil - Reserva da Biosfera do Pantanal", submetido em "05/07/2022" foi aceito para publicação e será publicado em até 30 dias na Revista Research, Society and Development - ISSN 2525-3409.

O trabalho é de autoria de:

Margô de David, Joari Costa de Arruda e Carolina Joana da Silva.

São Paulo, 17 de julho de 2022.



Dr. Ricardo Shitsuka
Editor

Aracaju, 19/07/2022

A quem for destinatário,

Declaramos que **Margô de David, Carolina Joana da Silva**, tiveram o artigo “A COMUNIDADE TRADICIONAL PANTANEIRA DE MIMOSO NA RESERVA DA BIOSFERA DO PANTANAL” aceito para publicação no periódico Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais, volume 13, número 6, em 2022.

Os dados do artigo, em PRELO, estarão disponibilizados em:
<https://www.sustenere.co/index.php/rica>

É a declaração de aceite.

Atenciosamente,



Carlos Eduardo Silva

CEO

Companhia Brasileira de Produção Científica

CNPJ: 11.221.422/0001-03



SEDE

Rua Aloísio Braga, 181, SL 402

Bairro Suíça, 49050-050

Aracaju, Sergipe, Brasil

CONTATO

www.cbpciencia.com.br

contato@cbpciencia.com.br

(79) 3021-3279

Estudo comparativo sobre o conhecimento e uso da biodiversidade de plantas no Distrito de Mimoso (Santo Antônio de Leverger), Mato Grosso, Brasil - Reserva da Biosfera do Pantanal

Comparative study on the knowledge and use of plant biodiversity in the District of Mimoso (Santo Antônio de Leverger), Mato Grosso, Brazil - Pantanal Biosphere Reserve

Estudio comparativo sobre el conocimiento y uso de la biodiversidad vegetal en el Distrito de Mimoso (Santo Antônio de Leverger), Mato Grosso, Brasil - Reserva de la Biosfera Pantanal

Recebido: 05/07/2022 | Revisado: 15/07/2022 | Aceito: 17/07/2022 | Publicado: 25/07/2022

Margô De David

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8610-4465>
Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
E-mail: margodedavid@hotmail.com.br

Joari Costa de Arruda

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8813-983X>
Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
E-mail: arruda.joari@unemat.br

Carolina Joana da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3875-7319>
Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
E-mail: ecopanta@terra.com.br

Resumo

O estudo foi realizado com moradores da Comunidade Mimoso, no município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, com o objetivo de investigar o conhecimento etnobotânico e comparar uso das plantas do macrohabitat morraria entre os anos de 2000 e 2020. Em 2000 foram entrevistadas 30 pessoas, escolhidas ao acaso e em 2020 participaram 29 pessoas, selecionadas por meio do método bola de neve. As informações foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas. Em 2000, os interlocutores citaram 91 etnoespécies e em 2020, citaram 83, das quais 56 são compartilhadas nos dois estudos. As categorias de usos com maior número de citações foram, respectivamente, em 2000 e 2020 assim distribuídas: medicinal 49 e 42, construção 41 e 46 e utensílio 36 e 26. Ainda que a diferença numérica, entre os dois períodos, não tenha sido expressiva a similaridade no uso das etnoespécies foi baixa (4%). Tal resultado pode ser explicado pela substituição de produtos encontrados no atual comércio local para as plantas alimentícias e medicinais, pela diminuição de alguns indivíduos na flora da morraria e pela proibição da sua exploração para espécies madeireiras. Os saberes tradicionais a respeito do uso das plantas estão em risco devido a diminuição do seu uso, pois o que era comumente utilizado pode deixar de ser nas gerações vindouras, e para que ocorra a transmissão do conhecimento é necessário práticas de usos no cotidiano.

Palavras-chave: Saberes tradicionais; Usos; Plantas; Morraria.

Abstract

The study was carried out with residents of the Mimoso Community, in the municipality of Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, with the objective of investigating ethnobotanical knowledge and comparing the use of plants from the morraria macrohabitat between the years 2000 and 2020. In 2000, they were interviewed 30 people, chosen at random and in 2020 29 people participated, selected through the snowball method. Information was collected through semi-structured interviews. In 2000, the interlocutors cited 91 ethnospecies and in 2020, they cited 83, of which 56 are shared in the two studies. The categories of uses with the highest number of citations were, respectively, in 2000 and 2020, distributed as follows: medicinal 49 and 42, construction 41 and 46 and utensil 36 and 26. Although the numerical difference between the two periods was not significant the similarity in the use of ethnospecies was low (4%). This result can be explained by the substitution of products found in the current local commerce for food and medicinal plants, the decrease of some individuals in the flora of the hills and the prohibition of their exploitation for timber species. Traditional knowledge about the use of plants is at risk due to the decrease in its use because what was commonly used may no longer be in future generations, and for the transmission of knowledge to occur, practices of daily use are necessary.

Keywords: Traditional knowledge; Uses; Plants; Morraria.

Resumen

El estudio fue realizado con habitantes de la Comunidad Mimoso, en el municipio de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, con el objetivo de investigar conocimientos etnobotánicos y comparar el uso de plantas del macrohábitat morraria entre los años 2000 y 2020. En 2000, fueron entrevistadas 30 personas, elegidas al azar y en 2020 participaron 29 personas, seleccionadas a través del método bola de nieve. La información se recolectó a través de entrevistas semiestructuradas. En 2000, los interlocutores citaron 91 etnoespecies y en 2020 citaron 83, de las cuales 56 son compartidas en los dos estudios. Las categorías de usos con mayor número de citas fueron, respectivamente, en 2000 y 2020, distribuidas de la siguiente manera: medicinal 49 y 42, construcción 41 y 46 y utensilio 36 y 26. Aunque la diferencia numérica entre los dos períodos no fue significativa la similitud en el uso de etnoespecies fue baja (4%). Este resultado puede explicarse por la sustitución de productos que se encuentran en el comercio local actual por plantas alimenticias y medicinales, la disminución de algunos individuos en la flora de los cerros y la prohibición de su explotación para especies maderables. El conocimiento tradicional sobre el uso de las plantas está en riesgo por la disminución de su uso, porque lo que era de uso común puede dejar de serlo en futuras generaciones, y para que la transmisión de conocimientos se dé, son necesarias prácticas de uso cotidiano.

Palabras clave: Conocimiento tradicional; Usos; Plantas; Morraria.

1. Introdução

A relação existente entre homem e plantas é estudada pela Etnobotânica, uma ciência que permite compreender as formas pelas quais as populações classificam, nomeiam e utilizam as espécies. Trata-se de uma área interdisciplinar que abrange o estudo e a interpretação do saber, a significação cultural, o manejo e os usos tradicionais da flora (Caballero, 1979; Amorozo, 1996; 2008; Albuquerque & Hanazaki, 2009; Ritter et al., 2015). Conforme Gandolfo e Hanazaki (2011), cultura e paisagem são dinâmicas, bem como, as condições para produção de etnoconhecimento. As autoras acrescentam que os estudos etnobotânicos contribuem para a conservação de áreas naturais, manutenção da qualidade de vida e identificação dos diferentes grupos culturais.

As populações tradicionais, ao utilizarem a biodiversidade de plantas, desenvolveram formas próprias de manejo, priorizando um modo de exploração que permite a reprodução cultural e social de seu povo e a recuperação das espécies. O conhecimento dessas populações revela a existência de um conjunto de saberes obtidos pela tradição e transmitido ao longo das gerações (Fernandes & Fernandes, 2015; Pereira & Diegues, 2010; Diegues, 1999).

No Brasil, esses povos e comunidades tradicionais encontram reconhecimento no decreto n.º 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, Artigo 3, onde são designados como:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Brasil, 2007).

De acordo com Begossi (2004) o conhecimento tradicional é revelado no contato direto com os elementos da natureza, na observação e dependência econômica dos recursos, que representam relações ecológicas em seu sentido estrito. A autor acrescenta que o manejo desses recursos deve ser baseado tanto nas características ecológicas do sistema quanto dentro da realidade social das populações.

Pereira e Diegues (2010) descrevem que as interações dessas populações com o meio natural promovem o desenvolvimento de sistemas tradicionais de manejo, mantendo uma relação de respeito, gratidão, medo e cumplicidade com a natureza. Segundo Cunha (1992), homem e natureza são indissociáveis, visto que o meio ambiente compreende “o meio essencial de sua sobrevivência social, fonte de sua vida e de sua identidade cultural e, por conseguinte, significa a possibilidade de continuarem vivendo na história”.

No Estado de Mato Grosso convivem diversos povos detentores de conhecimento tradicional, a exemplo dos povos indígenas e das comunidades tradicionais quilombolas, ribeirinhas e pantaneiras. Segundo Da Silva (2020), nos municípios

pantaneiros da Bacia do Alto Paraguai, formados desde o período colonial, convivem povos e comunidades tradicionais, entre eles o município de Santo Antônio de Leverger onde localiza-se o Distrito de Mimoso, que abriga uma comunidade tradicional pantaneira, lócus dessa pesquisa.

No Pantanal, os macrohabitats sofrem ameaças socioambientais que atingem a flora, a fauna e a população humana. Algumas ameaças são procedentes da alteração do planalto em seu entorno, como a expansão da atividade agropecuária, a mineração e a construção e exploração de recursos hídricos para geração de energia (Calheiros et al, 2018; Ikeda Castrillon et al, 2015). Outras, porém, são internas como a modificação da hidrologia, a exploração indevida dos recursos naturais (Junk, 2017), e mais recente, no ano 2020, os incêndios florestais que atingiram cerca de 40% do bioma (Marengo et al., 2021; Garcia et al., 2021; Silgueiro et al., 2021; ICV, 2020).

As fortes pressões provocadas por grandes projetos têm provocado a perda ou a fragmentação de macro habitats, ameaçando a permanência de comunidades tradicionais e de seus saberes, já que dependem diretamente da biodiversidade para seu sustento e sua identidade cultural (Hanazaki et al., 2018). Nessa perspectiva torna-se imprescindível a implementação de ações para registrar, valorizar e apoiar a perpetuação do conhecimento tradicional relacionado, principalmente, ao uso de plantas (Oliveira-Melo et al., 2019).

Neste contexto, analisamos o conhecimento e uso da biodiversidade de plantas por moradores da comunidade tradicional Mimoso, e na perspectiva de uma abordagem de pesquisa de longa duração, comparamos com o estudo realizado por Schwenk e Da Silva (2000). Perante as mudanças socioambientais que o país e o estado enfrentaram nas últimas décadas, essa comparação é uma oportunidade para averiguar como essas alterações afetaram o conhecimento e uso das plantas, uma das condições que demonstra a transmissão do conhecimento tradicional.

2. Metodologia

2.1 Área de estudo

O estudo foi desenvolvido na Comunidade Tradicional Mimoso, no Município de Santo Antônio de Leverger, localizado a margem esquerda do rio Cuiabá, distante 27 km da capital. A localidade tem como via de acesso a Estrada Parque, rodovia MT 040, que liga Cuiabá, passando pela sede do município de Santo Antônio de Leverger, Porto de Fora, o Distrito de Mimoso, até alcançar a BR 364 perto de São Vicente. Segundo Rosseto e Girardi (2012) ocupa uma área territorial de 11.283 km² com 4.393 km² no planalto e 6.890 km² no pantanal, inserida nos biomas Cerrado e Pantanal.

O clima do município é do tipo Aw (Köppen, 1931), apresenta duas estações, uma chuvosa (outubro a março) e outra seca (abril a setembro) e as precipitações médias anuais ficam em torno de 1.500 a 1.700 mm (Alvarenga et al., 1984). A temperatura tem variado entre a máxima de 39,5°C e mínima de 7,5°C. Essa alternância de meses secos e chuvosos encontra-se atualmente em transição, pois conforme Debortoli et al. (2015), a região enfrenta deslocamento temporal das chuvas, as quais estão começando mais tarde e terminando mais cedo. Segundo Rosseto (2015) Santo Antônio de Leverger é o terceiro município mais inundável (61%) do Pantanal, no Estado de Mato Grosso, ficando depois de Poconé (80,3%) e Barão de Melgaço (99,2%).

A economia baseia-se no turismo, pesca e agropecuária com agricultura de subsistência e pecuária de cria, recria, corte e leiteira. Atualmente, o município constitui-se da sede e dos distritos de Caité, Engenho Velho, Varginha e Mimoso, local onde realizou esse estudo.

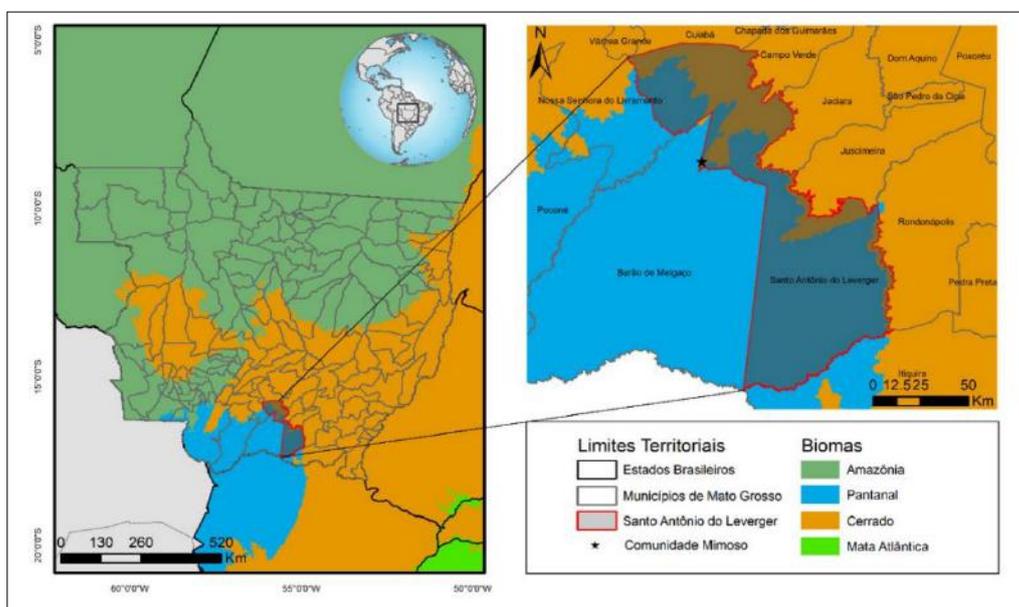
Mimoso está situado no Pantanal, às margens da área inundável pelo sistema de baías Chacororé – Sinhá Mariana, segundo Da Silva e Silva (1995), município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso (Figura 1) e área ocupacional de 13 mil hectares. A comunidade sempre coexistiu num locus dominado pela água, caracterizado pelas autoras como uma vida “no

ritmo das águas do Pantanal”. A região se destaca pela paisagem onde alternam-se a morraria e a planície alagável, habitado por uma comunidade tradicional de características econômicas e diversidade cultural, resultante da miscigenação entre os povos indígenas e não indígenas.

Os pantaneiros de Mimoso, os mimoseanos, tem suas casas construídas entre a Morraria e a Baía de Chacororé, no sopé do morro, local considerado a sede do distrito (Da Silva & Silva, 1995).

O relevo da região é formado por três macro habitats, a morraria, o sopé do morro e a área inundável da Baía de Chacororé. A morraria é constituída de cristas simétricas e assimétricas de topo contínuo predominantemente plano com alguns trechos aguçados. A altitude varia entre 280 e 360 metros, com elevações que atingem até 394 metros e caracteriza-se por ser coberta pela floresta estacional decidual submontana, com transição para os cerrados (Schwenk & Da Silva, 2000).

Figura 1- Área de estudo: Comunidade Mimoso, Santo Antônio de Leverger – MT, 2022.



Fonte: Acervo dos autores.

No sopé da morraria encontra-se a maioria das casas, rodeadas por quintais, com algumas espécies de árvores nativas da morraria e outras cultivadas pelos mimoseanos. Na área inundável da baía Chacororé, estão as pastagens naturais, predominando o capim-mimoso (*Axonopus purpusii* (Mez) Chase), planta nativa que cobre o ‘largo ou o campo’ e deu origem ao nome do lugar. No campo, criam o gado e cavalos, em convivência com anfíbios, aves, répteis e capivaras. Essa região sofre alterações anualmente de acordo com o regime das chuvas (Da Silva; Silva, 1995).

2.2 Métodos

2.2.1 Entrevista semiestruturada

Para identificar o uso da biodiversidade de plantas da morraria em Mimoso, foi realizado entrevistas semiestruturadas (Albuquerque et al., 2014; Bernard, 2006), por meio de um formulário, com questões abertas e fechadas, permitindo ao pesquisador um controle maior sobre o que pretende saber e, simultaneamente, concedendo espaço a uma reflexão livre do entrevistado sobre os temas apontados (Minayo & Costa, 2018; Viertler, 2002). As entrevistas iniciaram após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso (CEP/UNEMAT), conforme Parecer nº 2.832.217 de 20 de agosto de 2018 e mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), respeitando-se, assim,

as especificações da ética em pesquisa, como determina as exigências da resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 Conselho Nacional de Saúde (CNS). As questões abordaram características socioeconômicas (idade, sexo, escolaridade, atividade que exerce, tempo de permanência na comunidade), conhecimento e uso de plantas da morraria (finalidades de usos, partes utilizadas, manejo), modo de transmissão do etnoconhecimento e as manifestações culturais presentes na comunidade.

No estudo realizado em 2000 foram entrevistadas 30 pessoas, escolhidas ao acaso, entre elas: cinco crianças (oito a treze anos), cinco adolescentes e jovens (catorze a dezoito anos) de ambos os sexos, dez mulheres e treze homens adultos. Foram considerados os mimoseanos nascidos ou que residiam na comunidade pelo menos há 20 anos, entre eles: lavradores, donas de casa, pescadores, criadores de gado, raizeiro ou curandeiro, professores e estudantes (Schwenk & Da Silva, 2000).

No presente estudo foram entrevistadas 29 pessoas, quinze homens e quatorze mulheres com idade entre 37 e 90 anos. Dentre as atividades desenvolvidas pelos interlocutores estão donas de casa, diarista, pecuaristas, lavradores, professores, técnico em saúde, serviços gerais, marceneiro, apicultores, artesãos, comerciante e pescador.

2.2.2 Bola de neve

Para a coleta de dados utilizou-se o método snowball “bola de neve” (Vinuto, 2014; Albuquerque, 2009; Bailey, 1982) onde ao término de cada entrevista o informante indica outras pessoas, detentoras de conhecimento semelhante ou próximo ao seu, sobre o objeto do estudo, com a finalidade de participarem da pesquisa. Uma vantagem desse método é por ser mais fácil um membro da comunidade estudada conhecer outro membro do que o pesquisador descobrir os mesmos (Albuquerque, 2009). Esse método demonstrou ser eficiente nos trabalhos de Etnobiologia utilizados nos biomas amazônico (Albernaz-Silveira & Da Silva, 2020; 2018; Arruda et al., 2018; 2014), e pantanal (Arruda et al., 2020; Morais & Da Silva, 2010; Galdino & Da Silva, 2009; Morais et al., 2009).

2.3 Análise de dados

2.3.1 Escalonamento multidimensional (MDS)

Para medir a similaridade do uso da biodiversidade de plantas, foi utilizado o Escalonamento Multidimensional (MDS). Esse agrupamento é baseado na frequência (quantas vezes a categoria foi indicada) e similaridade do uso. Nessa análise, os objetos mais semelhantes ficam próximos, localizados no centro da imagem e os menos semelhantes ficam afastados, dispostos na periferia (Romney et al., 1986). Esse método proporciona uma representação gráfica dos padrões de similaridade ou dissimilaridade entre o grupo de objetos estudados. O MDS foi calculado por meio do programa estatístico PAST versão 1.79 (Hammer et al., 2001).

2.3.2 Análise de Cluster

A análise de aglomeração foi utilizada para agrupar as categorias de usos das plantas citadas pelos mimoseanos nos anos 2000 e 2020 e, assim formar conglomerados homogêneos. Consiste em uma técnica de classificação com a finalidade de agrupar dados de acordo com as similaridades, dessa maneira agrupa um conjunto de dados heterogêneos em grupos com homogeneidade (Bem et al., 2015). Segundo os autores, inicia com cada objeto em uma classe por si só e, gradativamente, os diferentes objetos se agrupam formando nós que dispõem de características semelhantes, e à medida que se agrupam em aglomerados, passam a conter elementos cada vez mais diferenciados.

3. Resultados

3.1 A etnobotânica da Morraria

Os mimoseanos mantêm estreita relação de saberes e usos sobre os recursos naturais, principalmente de sua biodiversidade de plantas, pois transformam esses recursos e utilizam em diversas categorias. Na análise dos dados obtidos nas entrevistas, verifica-se que 100% dos interlocutores utilizam as plantas em seu cotidiano.

As etnoespécies citadas foram reunidas em uma tabela (Tabela 1), conforme os dados coletados em 2000 e 2020. Dessa forma, as plantas foram organizadas por categorias de usos e assinaladas de acordo com a presença ou a ausência em cada período correspondente. Em 2000 foram citadas 91 etnoespécies e em 2020 totalizou 83, dessas 56 são compartilhadas nos dois estudos.

Tabela 1- Espécies vegetais da morraria de Mimoso utilizadas pelos moradores nos períodos 2000 e 2020 e as principais categorias de usos. Legenda: X = uso presente.

Hábito: Ab = arbustivo; Ar = arbóreo; He = herbácea; Li = liana; Pa = palmeira.

Família/Espécie	Nome popular	Hábito	Riqueza de espécie		Categorias de usos													
					Alimentar		Construção		Medicinal		Artesanato		Cobertura		Lenha		Utensílio	
			2000	2020	2000	2020	2000	2020	2000	2020	2000	2020	2000	2020	2000	2020	2000	2020
Anacardiaceae																		
<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott	Gonçaleiro	Ar	X	X			X	X										
<i>Astronium urundeuva</i> (M.Allemão)	Aroeira	Ar	X	X			X	X	X	X								
<i>Spondias lutea</i> L.	Acaiaí; cajazinho	Ab		X		X				X								
Annonaceae																		
<i>Annona squamosa</i> L.	Ateira	Ab	X	X	X	X	X	X							X	X	X	X
Apocynaceae																		
<i>Aspidosperma cylindrocarpon</i> Müll. Arg.	Peroba-rosa	Ar	X	X			X	X	X	X							X	X
<i>Aspidosperma polyneuron</i> Müll. Arg.	Peroba-branca	Ar	X	X			X	X	X	X							X	X
<i>Aspidosperma subincanum</i> Mart.	Guatambu	Ar	X	X			X	X						X		X	X	
Araceae																		
<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott ex Endl.	Banana-de-macaco	Ab		X		X												

Areaceae																
<i>Attalea barreirensis</i> Glassman	Indaiá	Pa	X	X		X					X	X	X			
<i>Attalea phalerata</i> Mart. Ex Spreng.	Acuri	Pa	X	X		X			X		X	X	X		X	X
<i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng	Babaçu	Pa	X	X	X	X			X	X	X		X	X		X
<i>Bactris setosa</i> Mart.	Tucum	Pa		X		X					X					
Aristolochiaceae																
<i>Aristolochia esperanzae</i> Kuntze	Calunga	Li	X	X					X	X		X				
<i>Aristolochia ridicula</i> N.E. Br.	Abutua	Li	X						X							
Asteraceae																
<i>Eupatorium odoratum</i> L.	Cruzeirinha	Ab	X						X							
Bignoniaceae																
<i>Cybistax antisiphilitica</i> (Mart.) Mart.	Pé-de-anta	Ar	X						X							
<i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos	Ipê-roxo	Ar	X	X		X	X	X	X						X	X
<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	Ipê rosa	Ar		X			X									
<i>Handroanthus serratifolius</i> (Vahl) S.Grose	Piúva-amarela	Ar	X	X		X	X	X	X					X	X	X
<i>Jacaranda cuspidifolia</i> Mart.	Jacarandá	Ar	X			X								X		
<i>Dolichandra quadrivalvis</i> (Jacq.) L.G.Lohmann	Unha-de-gato	Li	X	X						X	X	X				X
<i>Pleonotoma melioides</i> (S. Moore) AH Gentry	Cipó-quatro-quinás	Li		X								X				
<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	Paratudo	Ar		X			X		X							
<i>Tabebuia roseoalba</i> (Ridl.) Sandwith	Ipê-branco	Ar	X			X		X								
<i>Fridericia chica</i> (Bonpl.) L.G.Lohmann	Cipó-de-balaio-verde	Li	X	X							X	X				X
<i>Pestonia cf. Arrabidaea</i>	Cipó-de-macaco	Li	X						X		X					X
Indeterminada	Cipó-de-balaio-branco	Li	X	X							X					X
Burseraceae																
<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	Amescla	Ar	X	X	X		X	X	X	X				X	X	

Cactaceae																	
<i>Cereus peruvianus</i> (L.) Mill.	Merumbeva	He	X		X				X								X
Calophyllaceae																	
<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess.	Guanandi	Ar	X	X				X		X							X
Cannabaceae																	
<i>Celtis spinosa</i> Spreng.	Gurupia	Ab	X		X				X								
<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume	Periquiteiro	Ar	X	X			X	X			X					X	
Caryocaraceae																	
<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	Pequi	Ab		X		X											
Combretaceae																	
<i>Combretum duarceanum</i> Cambess.	Sarã-do-cerrado	Ar	X	X	X		X	X						X		X	X
<i>Combretum leprosum</i> Mart.	Carne-de-vaca	Ar	X	X			X	X									
Convolvulaceae																	
<i>Ipomoea sp.</i>	Batata-brava	Li	X		X												
Cordiaceae																	
<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arráb. ex Steud.	Louro-rajado	Ar	X	X			X		X							X	X
<i>Cordia glabrata</i> (Mart.) A.DC	Louro-branco	Ar	X	X			X	X	X	X						X	X
Costaceae																	
<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw	Cana-de-macaco	He	X	X	X				X	X							
Cucurbitaceae																	
<i>Momordica charantia</i> L.	Melão-de-são-caetano	He	X	X	X				X	X							
Euphorbiaceae																	
<i>Jatropha urens</i> L.	Cansação	He	X		X				X								
<i>Manihot utilissima</i> Pohl	Mandioca-brava	Ab	X		X				X								
Fabaceae																	
<i>Albizia niopoides</i> (Spruce ex Benth.) Burkart	Angico-branco	Ar	X	X			X	X	X	X				X	X		
<i>Anadenanthera sp.</i>	Espinheiro	Ar		X				X									

<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	Angico-vermelho	Ar	X	X			X		X					X	X		
<i>Anadenanthera peregrina</i> (L.) Speg.	Angico-amarelo	Ar	X	X			X		X					X	X		
<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Sucupira	Ar		X				X		X							
<i>Bauhinia glabra</i> Jacq.	Tripa-de-galinha	He	X	X					X	X						X	X
<i>Bauhinia forficata</i> Link	Pata-de-vaca	Ab	X	X					X	X							
<i>Bauhinia rufa</i> (Bong.) Steud.	Pé-de-boi	Ab	X	X					X							X	X
<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Copaíba; Pau d'óleo	Ar	X	X	X		X	X	X	X						X	X
<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC.	Carrapichinho	Ab	X						X								
<i>Dipteryx alata</i> Vogel	Cumbaru	Ar	X	X	X	X	X	X	X	X				X	X	X	X
<i>Diptychandra aurantiaca</i> Tul.	Carvão-vermelho	Ar	X	X			X	X							X		
<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	Ximbuva	Ar	X	X				X								X	X
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá-mirim	Ar		X				X		X					X		X
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	Jatobá	Ar		X		X		X		X							X
<i>Inga alba</i> (Sw.) Willd.	Ingá	Ar		X		X		X									
<i>Peltogyne confertiflora</i> (Mart. ex Hayne) Benth.	Coração-de-negro	Ar	X	X			X	X								X	X
<i>Piptadenia gonoacantha</i> (Mart.) J. F. Macbr.	Angico-jacaré	Ar	X	X				X						X	X		
<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.	Vinhático	Ar		X				X									
<i>Platypodium elegans</i> Vogel	Jacarandá	Ar	X				X									X	
<i>Senegalia tenuifolia</i> (L.) Britton & Rose	Angiquinho	Ab	X	X						X				X	X		
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	Ar		X						X							
Lamiaceae																	
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	Cordão-de-frade	He	X		X				X								
<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Tapera-velha	Ab	X						X								
<i>Vitex cymosa</i> Bertero ex Spreng.	Tarumeiro	Ar		X				X									
Lecythidaceae																	
<i>Cariniana rubra</i> Gardner ex	Jequitibá	Ar		X						X							

Miers																		
Lythraceae																		
<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	Mangava-brava	Ar		X						X								
<i>Physocalymma scaberrimum</i> Pohl	Aricá	Ar		X				X										
Malpighiaceae																		
<i>Dicella macroptera</i> A. Juss.	Cipó-roxo	Li	X	X							X	X						
<i>Heteropterys tomentosa</i> A. Juss.	Nó-de-cachorro	He		X						X								
Malvaceae																		
<i>Chorisia pubiflora</i> (A. St.-Hil.) G. Dawson	Paineira; maminha-de-porca	Ar		X				X										
<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam	Chico-magro	Ar	X	X	X	X			X	X					X		X	
<i>Pseudobombax tomentosum</i> (Mart.) A.Robyns	Imbiruçu	Ar	X												X		X	
<i>Sterculia striata</i> A.St.-Hil. & Naudin	Manduvi	Ar	X	X	X	X	X	X	X	X								
Meliaceae																		
<i>Cedrella fissilis</i> Vell.	Cedro-rosa	Ar	X	X				X	X	X	X						X	X
Moraceae																		
<i>Brosimum lactescens</i> (S. Moore) C.C. Berg	Leiteiro	Ab	X					X							X			
<i>Dorstenia brasilienses</i> Lam.	Caiapiá; carapiá			X		X												
<i>Ficus benjamina</i> L.	Figueira	Ar		X					X									
<i>Maclura tinctoria</i> (L.) D.Don ex Steud.	Taiuva; Moreira	Ar	X	X				X	X	X	X				X	X	X	X
Myrtaceae																		
<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	Orvalheira	Ar	X		X			X							X			
<i>Eugenia sp.</i>	Mate-bravo	Ar	X		X													
<i>Psidium sp.</i>	Araçá; Goiabinha	Ar	X		X													
Nictaginaceae																		
<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Amarra-pinto	He		X						X								
<i>Neea hermafrodita</i> S. Moore	Pau-de-sal	Ar	X					X				X			X			

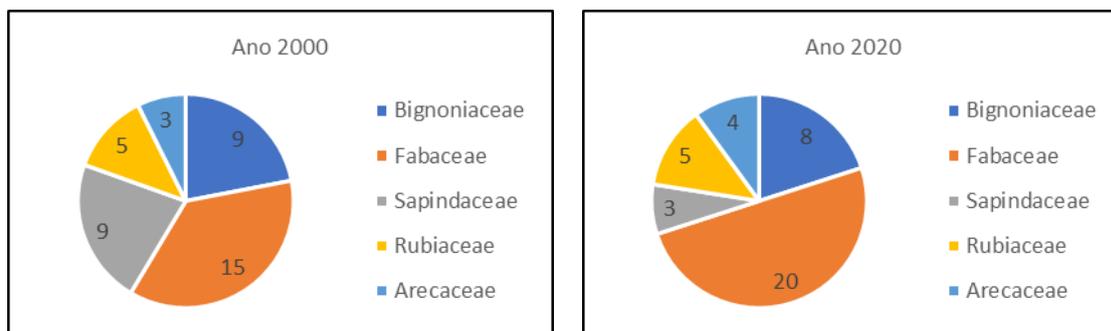
Poaceae																		
<i>Brachiaria decumbens</i> Stapf	Capim-braquiária	He	X		X													
<i>Panicum sp.</i>	Capim	He	X		X													
<i>Setaria sp.</i>	Capim	He	X		X													
Phyllanthaceae																		
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra	He	X	X					X	X								
Polygonaceae																		
<i>Triplaris americana</i> L.	Formigueiro; Novateiro	Ar	X	X			X	X										X
Rhamnaceae																		
<i>Rhamnidium elaeocarpum</i> Reissek	Cabriteiro	Ar	X	X	X		X	X	X	X				X	X			
Rubiaceae																		
<i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A. Rich.	Marmelada-bola	Ar	X	X	X	X												
<i>Alibertia sessilis</i> (Vell.) K. Schum.	Marmelada-preta	Ar	X	X	X	X												
<i>Duroia saccifera</i> (Mart.) Hook.f. ex K.Schum.	Pururuca-amarela	Ar	X	X			X							X	X			
<i>Guettarda sp.</i>	Chichica-de- galinha	Ar	X				X							X				
<i>Randia ferox</i> (Cham. & Schtdl.) DC.	Limão-do-mato	Ab		X				X										
<i>Uncaria tomentosa</i> (Willd. ex Roem. & Schult.) DC.	Unha-de-gato	Ar	X	X						X							X	X
Rutaceae																		
<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	Mamica-de-porca	Ar	X				X		X		X			X		X		
Salicaceae																		
<i>Casearia decandra</i> Jacq.	Pururuca	Ar	X	X			X	X						X	X			
<i>Casearia gossypiosperma</i> Briq.	Pururuca-branca	Ar	X	X	X		X	X						X	X	X		
Sapindaceae																		
<i>Cardiospermum grandiflorum</i> Sw.	Cinco-folhas	Li	X						X									
<i>Dilodendron bipinnatum</i> Radlk.	Mulher-pobre	Ar	X	X			X	X	X					X	X			
<i>Magonia pubescens</i> A. St.-Hil.	Timbó	Ar	X	X			X							X	X			

<i>Serjania caracasana</i> (Jacq.) Willd.	Nove-folhas	Li	X															X
<i>Serjania membranacea</i> Splitg.	Cipó-timbó; Tingui	Li	X															X
<i>Serjania grandiflora</i> Cambess.	Cinco-folhas	Li	X						X									X
<i>Serjania glabrata</i> Kunth	Cinco-folhas	Li	X						X									X
<i>Serjania</i> sp.	Cipó-três-quinas	Li	X						X									X
<i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hil.) Radlk.	Pitombeira	Ar	X	X	X	X	X	X	X	X					X	X		
Simaroubaceae																		
<i>Quassia amara</i> L.	Quina	Ab	X	X	X		X	X		X								
<i>Simaba ferruginea</i> A. St.-Hil.	Calunga	Ar		X				X		X								
Siparunaceae																		
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Negramina	Ar		X						X								
Smilacaceae																		
<i>Smilax japicanga</i> Griseb.	Salsaparrilha	Li	X						X									
Urticaceae																		
<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Embaúba	Ar	X						X									
<i>Urera aurantiaca</i> Wedd.	Urtiga-de-pacu	Ab	X						X									
Vitaceae																		
<i>Cissus gongylodes</i> (Burch. ex Baker) Planch.	Cipó-de-arraia	Li	X	X					X	X								
Vochysiaceae																		
<i>Callistene fasciculata</i> Mart.	Carvão-branco	Ar		X				X								X		X
TOTAL			91	83	28	17	41	46	49	42	9	8	3	3	27	21	36	26

Fonte: Elaborado pelos autores.

Essas etnoespécies foram distribuídas em 34 famílias botânicas, no ano 2000 e em 38 famílias, em 2020, com predominância de cinco famílias: Bignoniaceae, Sapindaceae, Rubiaceae, Arecaceae e Fabaceae. Entre os dois anos de estudos, o uso de etnoespécies das famílias Sapindaceae e Bignoniaceae reduziu, da família Rubiaceae, permaneceu estável, das famílias Arecacea e Fabaceae, aumentou (Figura 2).

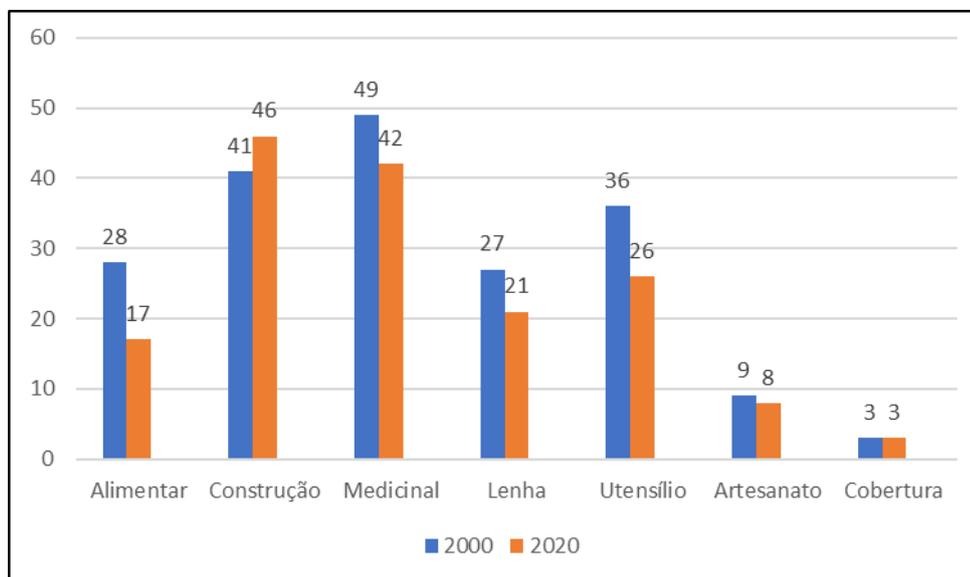
Figura 2- Principais famílias botânicas das etnoespécies utilizadas da morraria de Mimoso.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Quanto as categorias de usos as etnoespécies foram classificadas nos anos 2000 e 2020 em sete: medicinal, construção, utensílio, alimentar, lenha, artesanato e cobertura. Nestes anos foi verificado a diminuição no uso de etnoespécies em cinco categorias, aumento na categoria de construção e sem alteração na categoria cobertura (Figura 3).

Figura 3- Categorias de usos de etnoespécies entre os anos 2000 e 2020.

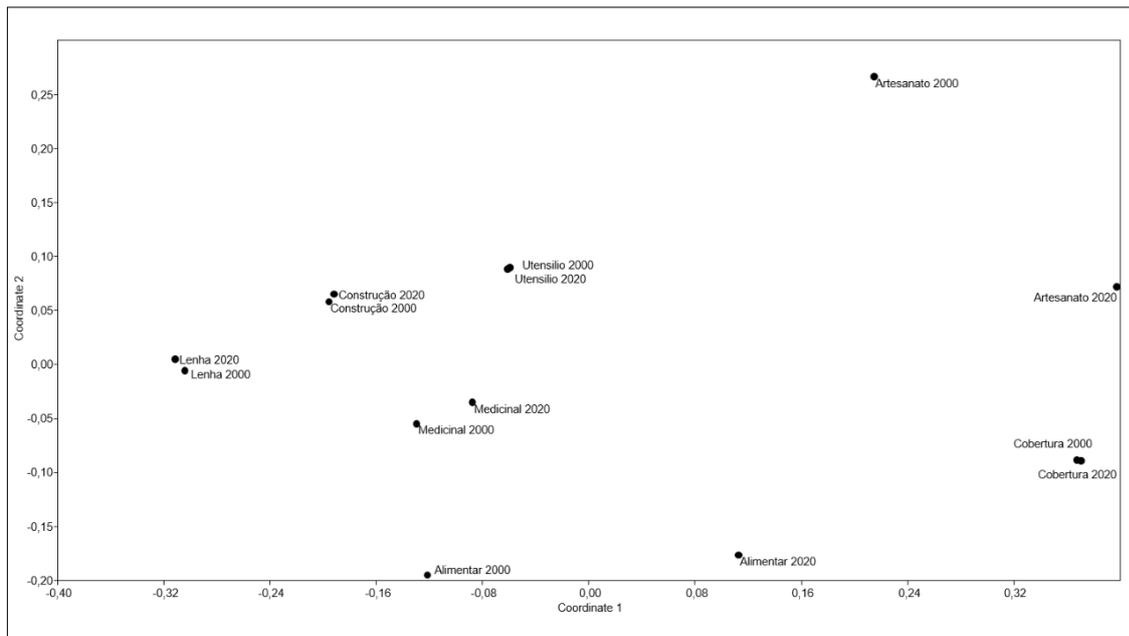


Fonte: Elaborado pelos autores.

A maioria das etnoespécies utilizadas apresentam hábito arbóreo, contudo também são encontradas plantas arbustivas, herbáceas, lianas e palmeiras. As partes das plantas utilizadas variam conforme a espécie, algumas madeiras empregadas na construção, também possuem uso atribuído como medicinal, além de suas cascas, folhas e raízes, e alguns frutos servem de alimento para pessoas e animais.

Com o método Escalonamento Multidimensional - MDS (Figura 4), foi possível analisar a posição e a proximidade das etnoespécies. As categorias que apresentam maior índice de semelhança estão no centro da figura. Dessa forma, observa-se as categorias utensílio, construção e medicinal, localizadas na região central; lenha, na região intermediária; alimentar, artesanato e cobertura, na periferia. As maiores proximidades encontram-se nas categorias cobertura, utensílios, construção, lenha e medicinal, enquanto as menores estão no artesanato e alimentar.

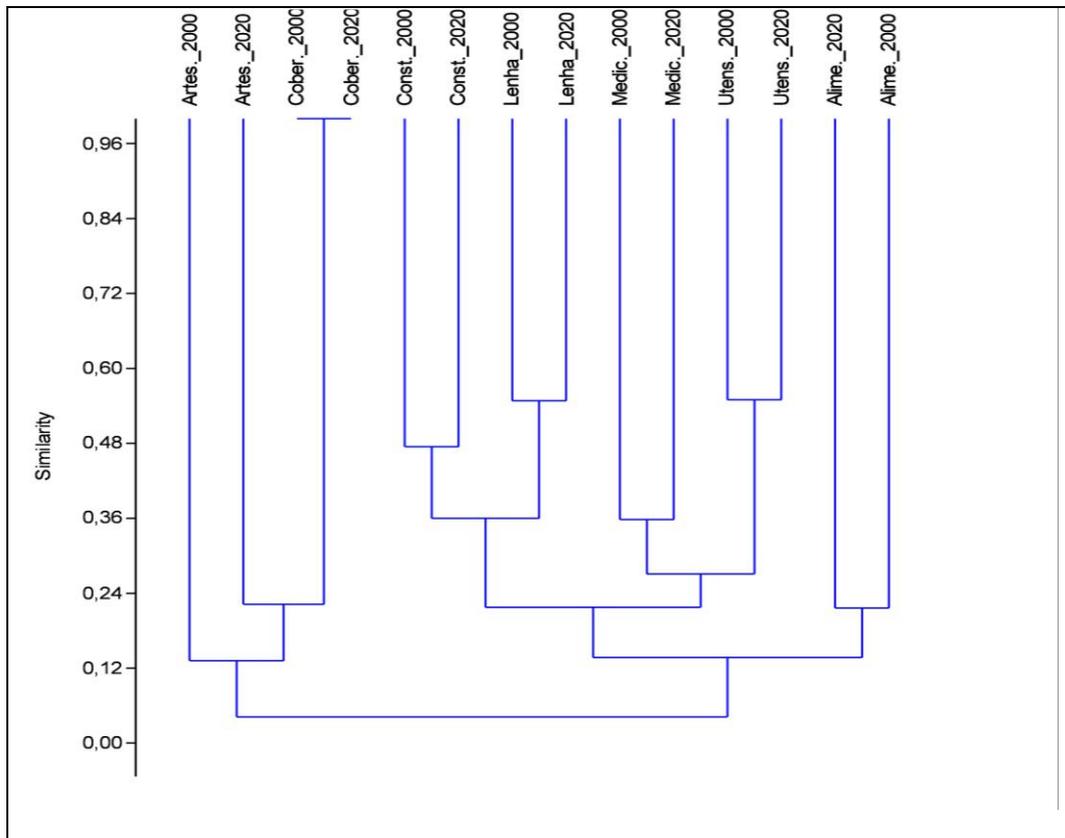
Figura 4- Diagrama de Escalonamento Multidimensional - MDS, agrupamento de categorias de uso das plantas em estudos realizados em 2000 e 2020.



Fonte: Elaborado pelos autores.

A aplicação da Análise de Cluster ou agrupamentos por similaridades das categorias derivou o resultado na forma gráfica de dendrograma. Nesta estão contidas as diversas categorias de usos, mostrando a maior similaridade na categoria cobertura. Contudo, a análise de cluster indicou a existência de similaridade geral baixa na comparação entre os usos das plantas em 2000 e 2020 (Figura 5).

Figura 5- Cluster de similaridade de categorias de uso das plantas da morraria Mimoso em 2000 e 2020. Legenda: Artes: artesanato; Cober: cobertura; Const: construção; Lenha: lenha; Medic: medicinal; Utens: utensílio; Alime: alimentar.



Fonte: Elaborado pelos autores.

4. Discussão

A origem dos mimosoanos provém dos povos indígenas e não indígenas, que no decorrer da história da ocupação do interior do Brasil fixaram-se e adaptaram-se no ambiente pantaneiro. Mimoso é considerado a terra natal do “Patrono das Comunicações”, Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, do qual muitos moradores afirmam seu parentesco. Segundo Da Silva e Silva (1995) são as famílias de grande prestígio político que reivindicam essa descendência.

A população é constituída, principalmente, de pessoas adultas e com idade mais avançada, adolescentes e crianças, pois grande parte dos jovens vive em Cuiabá, em busca de novas oportunidades de estudo e trabalho. A ligação dos mimosoanos com a capital vem de décadas passadas, vale lembrar a trajetória de Marechal Rondon, quando saiu de Mimoso por um desejo de seu pai, para que tivesse um futuro melhor (Da Silva & Silva, 1995).

De acordo com os relatos dos interlocutores o conhecimento que possuem sobre as plantas da morraria foi transmitido de forma oral e gestual, principalmente, por meio da vivência com seus pais e avós. Isso demonstra a importância das pessoas mais velhas na transmissão do conhecimento (Giraldi & Hanazaki, 2010), sendo fortalecido pelo contato com os elementos da natureza como no exemplo descrito por Srithi et al. (2009) onde os mais jovens aprendem sobre plantas medicinais ao acompanharem seus pais e avós na coleta destes recursos.

As cinco famílias botânicas com maior representatividade nos anos 2000 e 2020 foram Fabaceae, Bignoniaceae, Sapindaceae, Rubiaceae e Arecaceae. Essas famílias também foram encontradas em estudos de fragmentos florestais do

cerrado (Pereira et al, 2021. A família Fabaceae obteve uma alteração positiva no estudo do ano 2020 gerando benefícios em diversas categorias, representada por *Senegalia tenuifolia* (L.) Britton e Rose (Angiquinho) no uso medicinal; *Anadenanthera sp* (Espinheiro) na construção; *Bowdichia virgilioides* Kunth (Sucupira) nos usos construção e medicinal; *Diptychandra aurantiaca* Tul. (Carvão-vermelho) para lenha; *Enterolobium contortilisiquum* (Vell.) Morong (Ximbuva) na construção; *Hymenaea courbaril* L. (Jatobá-mirim) com usos na construção, medicinal, lenha e utensílio; *Hymenaea stigonocarpa* Mart. ex Hayne (Jatobá) com usos alimentar, construção, medicinal e utensílio; *Inga alba* (Sw.) Willd. (Ingá) para uso alimentar e construção; *Piptadenia gonoacantha* (Mart.) J. F. Macbr. (Angico-jacaré) na construção; *Plathymenia reticulata* Benth (Vinhático) na construção; *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville (Barbatimão) para uso medicinal.

Outros estudos destacam os usos de espécies da família Fabaceae, a exemplo de Souza et al (2018) com espécies do cerrado para uso medicinal, econômico, alimentar; Gonçalves et al. (2018) com espécies medicinais utilizadas pelos moradores do povoado Ferro Velho, Maranhão; Zepeda Gómez et al. (2017) com espécies nativas da Reserva Natural Sierra de Nanchititla, México para uso alimentar, construção, forrageira, lenha, medicinal, ornamental, produtora de tinta e sombra; Megersa et al. (2013) com espécies da vegetação natural e dos quintais do distrito de Wayu Tuka, oeste da Etiópia, com uso medicinal.

Essa família abrange várias etnoespécies de plantas de hábito herbáceo, arbustivo, arbóreo e trepadeira. Considerada a família mais expressiva da flora brasileira, corresponde a um importante componente de todos os tipos de vegetação (Souza et al., 2018). Segundo os autores, algumas espécies se destacam por apresentarem presença dominante na paisagem, ampla distribuição e uso econômico, como o caso da *Copaifera langsdorffii* (Copaíba), ocorrente tanto no cerrado como no cerradão. Outro exemplo referido pelos autores e típico dessa vegetação é a *Hymenaea stigonocarpa* (Jatobá), essas espécies, presentes na morraria Mimoso, estão descritas mais a frente neste trabalho.

A família Arecaceae apresentou aumento de uso em 2020, nas categorias alimentar e artesanato, representadas pelas palmeiras *Attalea barreirensis* Glassman (Idaiá), *Attalea phalerata* Mart. Ex Spreng. (Acuri) e *Bactris setosa* Mart. (Tucum) e medicinal (Acuri). As palmeiras são etnoespécies amplamente utilizadas por diversas culturas no Brasil, principalmente, na alimentação, cobertura de casas, confecção de biojoias e ornamentação, impactando positivamente a economia e geração de renda dessas populações (Albernaz-Silveira & Da Silva, 2018; Galdino & Da Silva, 2009). Estudos visando os aspectos ecológicos e socioculturais dessa família botânica também foram desenvolvidos no bioma amazônico por diversos pesquisadores (Sander et al., 2018; Da Silva et al., 2018; Arruda et al., 2014).

A família Rubiaceae, constituída por ervas, subarbustos, arbustos e árvores, permaneceu com uso estável nos dois períodos do estudo para as categorias alimentar, representada pelas etnoespécies *Alibertia edulis* (Rich.) A. Rich. (Marmeladabola) e *Alibertia sessilis* (Vell.) K. Schum. (Marmelada-preta); lenha, representada por *Duroia saccifera* (Mart.) Hook.f. ex K. Schum. (Pururuca-amarela) e utensílio, representada por *Uncaria tomentosa* (Willd. ex Roem. & Schult.) DC. (Unha-de-gato). Outros autores fazem referência à *Alibertia sp*, como fruteira usada para pesca em comunidade ribeirinha (Morais & Da Silva, 2010) e como medicinal em comunidade rural (Mamede & Pasa, 2019).

Na família Bignoniaceae, uma das principais famílias do cerrado, houve redução do uso de etnoespécies, afetando as categorias construção, medicinal, lenha, artesanato e utensílio. Essa família abrange cerca de 33 gêneros e 417 espécies (Flora do Brasil, 2020). Compreende árvores, arbustos e lianas, essa última mais conhecida na comunidade por cipó. As etnoespécies *Cybastax antisiphilitica* (Mart.) Mart. (Pé-de-anta) para uso medicinal; *Jacaranda cuspidifolia* Mart. (Jacarandá) para construção e lenha; *Tabebuia roseoalba* (Ridl.) Sandwith (Ipê-branco) com uso na construção e medicinal; *Pestonia cf. Arrabidaea* (Cipó-de-macaco) usada como medicinal, artesanato e utensílio não apresentam o uso conservado em 2020.

Estudos etnobotânicos e farmacológicos destacam o gênero *Tabebuia* em países da América Latina (Jiménez-González et al., 2013).

Os ipês, *Handroanthus heptaphyllus* (Vell.) Mattos (Ipê-roxo), *Handroanthus impetiginosus* (Mart. ex DC.) Mattos (Ipê-rosa), *Tabebuia aurea* (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S. Moore (Paratudo) e *Handroanthus serratifolius* (Vahl) S. Grose (Piúva-amarela), são denominados pelos mimoseanos de piúva e paratudo. São utilizados na arborização urbana, principalmente pela beleza de sua floração. Essas plantas possuem folhagem decídua na época da floração, geralmente no período de estiagem, quando a maioria das outras árvores está com suas folhas secas, o que dá um aspecto arroxeadado na morraria, contrastando com as demais árvores. Segundo Souza et al. (2018) as espécies *Anemopaegma arvense* (Vell.) Stelfeld ex de Souza (Catuaba), utilizada como afrodisíaca, e os ipês, com ação anti-inflamatória, encontram-se ameaçadas devido a extração e comercialização de suas partes, raiz e casca, respectivamente. As etnoespécies *Fridericia chica* (Bonpl.) L.G. Lohmann (Cipó-de-balaio-verde) e *Dolichandra quadrivalvis* (Jacq.) L.G. Lohmann (Unha-de-gato) mantem o uso para o artesanato na confecção de balaios, peneiras e para amarração.

A família Sapindaceae sofreu redução no uso, impactando as categorias medicinal e utensílio. Constituída, principalmente, de arbustos, árvores e trepadeiras, é a terceira família botânica mais expressiva do estudo realizado no ano 2000. Alguns de seus representantes são *Serjania glabrata* Kunth (Cinco-folhas), *Serjania grandiflora* Cambess. (Cinco-folhas), *Serjania caracasana* (Jacq.) Willd. (Nove-folhas), *Serjania membranacea* Splitg. (Cipó-timbó), utilizados para amarrar cerca, confecção de artesanato, utensílios e como remédio. O gênero de trepadeiras (*Serjania*) exibe diversas espécies e ocorre, especialmente, na borda de regiões florestais (Souza et al., 2018).

Nas entrevistas recentes os interlocutores relataram que algumas etnoespécies foram utilizadas intensamente no passado, quando não havia disponibilidade de outros materiais que fizessem a função de amarração. Atualmente, essa família não apresenta a mesma expressividade, porém o uso da etnoespécie *Dilodendron bipinnatum* Radlk. (Mulher-pobre) para as categorias construção e lenha, e *Talisia esculenta* (A. St.-Hil.) Radlk. (Pitomba) como alimentar, construção, medicinal e lenha estão presentes nos anos 2000 e 2020.

A categoria medicinal apresentou redução no número de etnoespécies utilizadas, de 49 (2000) para 42 (2020). Dessas, 23 são comuns aos dois períodos, entre elas a *Astronium urundeuva* (M. Allemão) Engl. (Aroeira), *Aristolochia esperanzae* Kuntze (Calunga), *Protium heptaphyllum* (Aubl.) Marchand (Amescla), *Costus spicatus* (Jacq.) Sw (Cana-de-macaco) e *Momordica charantia* L. (Melão-de-são-caetano). Essas plantas estão presentes na flora local e são utilizadas de modo variado, a exemplo do melote, chá, xarope, compressa e garrafada. Espécies semelhantes foram encontradas por Bieski e Guarim Neto (2020) em comunidade quilombola de Mato Grosso.

O uso de plantas medicinais permanece na comunidade ao mesmo tempo que os moradores têm acesso a medicamentos industrializados, adquiridos no posto médico ou na farmácia, constituindo uma possível causa para a redução no uso de algumas etnoespécies. Na localidade há um posto de saúde com atendimento médico, porém alguns interlocutores relataram que dependendo da enfermidade, buscam tratamento na capital. Gandolfo e Hanazaki (2011), em estudo etnobotânico com nativos do Distrito de Campeche (SC) descrevem a persistência do uso de plantas medicinais paralelamente aos medicamentos convencionais, e ressaltam a inserção dessas plantas e a presença de um horto no posto de saúde local.

A etnoespécie *Astronium urundeuva* possui ampla utilização. Sua casca é utilizada para fazer uma pasta, denominada pelos mimoseanos de melote, indicada para o tratamento de machucadura e quebraadura, tanto para pessoas quanto para animais, além disso, é indicada como anti-inflamatório e utilizada junto com outras plantas no preparo de garrafada, e recomendada no tratamento de diversos tipos de enfermidades.

Algumas narrativas expressam a importância dessa planta para a comunidade:

Mamãe fazia o melado da casca de aroeira pra quebradura. Colocava ripa de taquara, o melado, enfaixava o braço quebrado. Só tá bom quando descola, quando o melado desprega. (Dona D., 70 anos)

A garrafada faz com vinho branco, raiz e casca... cura até cisto no ovário. A pasta de aroeira é pra colá quebradura... Faz a pasta, enrola e cicatriza. (Dona G., 52 anos)

Fazia o melado de aroeira... Cozinhava a casca até engrossar, coava e colocava num pano e pregava onde a rês tava machucada... ficava até sarar. Faz chá e melado pra machucadura, é cicatrizante e pra inflamação. (Dona T., 90 anos)

Ferve a casca de aroeira até virá melado... enfaixa... quando froxa fica sãozinho... é pro gado e pra gente... coloca a tala de taquara pra firmá. (Seu V., 85 anos)

A etnoespécie *Aristolochia esperanzae* é preparada deixando a casca de molho na água, na pinga ou no vinho branco, com indicação de uso para problemas estomacais, mordedura de cobra e diabete. A casca da *Protium heptaphyllum* é utilizada para fazer o chá, indicado para dor e para fazer o melote, utilizado em casos de quebradura. *Costus spicatus* é uma planta muito usada para tratar as enfermidades do sistema urinário. O chá feito com folhas e raiz, é usado como diurético e no tratamento de cálculo renal. As folhas da etnoespécie *Momordica charantia* são utilizadas no preparo de chá, banho e na extração do sumo, indicados no tratamento de dengue, gripe e outras viroses, bem como, seus sinais e sintomas, a exemplo de dor de cabeça, febre, dor de estômago, diarreia, além de ser um excelente vermífugo.

A etnoespécie *Hymenaea stigonocarpa* não teve seu uso citado no ano 2000, porém, atualmente, é utilizada pelos mimoseanos na produção de xarope e licor. Esses produtos são feitos com a casca do jatobá e comercializados na comunidade, tanto para pessoas que passam pela região quanto para turistas vindos de diversas localidades. Assim, a etnoespécie se destaca no aspecto socioeconômico contribuindo no empoderamento das mulheres e no incremento da geração de renda. O xarope é indicado como anti-inflamatório, no tratamento de tosse e problemas pulmonares. O licor é uma bebida típica consumida nas festas tradicionais da comunidade. Estudos em diferentes áreas evidenciam a importância do jatobá, como exemplo, o uso do fruto por mulheres na produção de alimentos (Bortolotto et al., 2021), a ação antioxidante do fruto (Araki et al., 2016), os efeitos anti-inflamatório e antioxidante do fruto e da casca do caule (Orsi et al., 2014).

A categoria construção obteve 41 etnoespécies no ano 2000 e 46 em 2020. Dentre essas plantas, 28 são comuns aos dois períodos, como exemplo a *Astronium fraxinifolium* Schott (Gonçaleiro), *Annona squamosa* L. (Ateira), *Aspidosperma cylindrocarpon* Müll.Arg. (Peroba-rosa), *Handroanthus heptaphyllus*, *Protium heptaphyllum*, *Cordia glabrata* (Mart.) A.DC (Louro-branco) e *Albizia niopoides* (Spruce ex Benth.) Burkart (Angico-branco).

A madeira proveniente da murraria é utilizada, principalmente, na construção e empregada na edificação de casas, fabricação de móveis e em benfeitorias como currais, cercas, postes, mourões e palanques. Outra utilidade da madeira é como lenha para fogão, tacuru, forno e churrasqueira, onde são preparados os alimentos para as festas tradicionais da comunidade e no uso cotidiano e familiar. A maioria dos moradores usa lenha diariamente, e afirmam que aproveitam, principalmente, os “paus” e galhos que já estão secos.

A etnoespécie *Astronium urundeuva* obteve várias citações em 2000 e 2020, tanto para construção quanto na medicina tradicional, no entanto, os interlocutores relatam que por ter sido amplamente explorada e utilizada no passado, atualmente é mais difícil encontrar árvores dessa espécie na murraria, além do mais, não é permitida a sua retirada. Essa espécie tem o corte e exploração proibidos em florestas primárias desde o ano 1991, conforme Portaria do Ibama nº 83 (Arruda, 2018) regida pela Lei n.º 7.735, de 22 de fevereiro de 1989.

Algumas árvores são encontradas no sopé da murraria, macro habitat em que estão as moradias, quintais, criação de animais e pequenas roças. Esses exemplares germinaram das sementes que foram transportadas pelas águas e que são conservadas e protegidas por moradores (Schwenk & Da Silva, 2000).

As pessoas se referem a *Astronium urundeuva* como uma madeira nobre e de qualidade, algumas mostram as benfeitorias em sua propriedade feitas com essa etnoespécie. Dentre os principais usos da aroeira está a construção, a exemplo do mourão, esteio, poste, cerca, palanque, verga de casa, mesa e banco. Esses usos são atribuídos por se tratar de uma madeira muito resistente e de grande durabilidade, conforme narrativas dos interlocutores:

A aroeira é mais durável, mas hoje não pode mais tirá... Está acabando. (Seu. M., 37 anos)

Fazia cerca, mourão, madeira pra casa... Agora é proibido... É a madeira mais resistente. Antigamente tirava do morro. (Dona J., 65 anos)

Aqui a cerca e o curral é de aroeira... até a lenha usava de aroeira. (Dona T., 90 anos)

A aroeira era a melhor madeira, hoje é proibido tirá... é madeira de lei. (Dona C., 51 anos)

Com a aroeira faz verga de casa, esteio, fiz mourão pra cerca, banco, mesa... ela é madeira de lei. (Seu A., 83 anos)

Algumas etnoespécies possuem uma multiplicidade de usos, entre elas, *Copaifera langsdorffii* (Copaíba), *Dipteryx alata* Vogel (Cumbaru), *Sterculia striata* A.St.-Hil. & Naudin (Manduvi), *Protium heptaphyllum* (Amescla), e *Talisia esculenta*, utilizadas como alimentar, construção e medicinal. Segundo Schwenk e Da Silva (2000) quando uma espécie pertence a diversas categorias, a comunidade beneficia-se, gratuitamente, dos recursos oferecidos pela natureza.

Um exemplo é a *Copaifera langsdorffii*, utilizada nos anos 2000 e 2020 nas categorias construção, medicinal e utensílio. Dentre as partes utilizadas dessa espécie está a madeira proveniente do caule, um valioso recurso e importante matéria-prima empregada para prover as necessidades dos mimoseanos na construção de casas, currais, cercas, bancos, mesas e artefatos como a canoa, a viola de cocho e o pilão. Dela é extraído o óleo-de-copaíba com ampla aplicação na medicina popular (Pasa, 2007; 2010), combustível para lamparina e calafetação de embarcações ribeirinhas (Cavalcante et al., 2017). As copaibeiras podem atingir de 10 a 40 metros de altura (Lorenzi, 2002), em regiões mais abertas a espécie é encontrada na forma de arbusto ou pequena árvore e em áreas mais fechadas compõe um dos elementos dominantes do dossel (Souza et al., 2018).

Outro exemplo de etnoespécie com multiplicidade de uso em 2000 e 2020 é a *Dipteryx alata*, utilizada nas categorias alimentar (humana e animal), construção (casa, viga, mourão, poste, cerca), medicinal (inflamação de garganta, ferida, diabete e colesterol), lenha e utensílio (pilão). As narrativas a seguir confirmam a importância dessa planta na comunidade:

Aqui faz o pilão de cumbaru. Usava muito o pilão... colocava o arroz... nós plantava arroz, colhia e depois pilava, assim tirava a casca. O milho também pilava prá tirá o fubá... molhava e depois ia pro pilão. (Seu B., 61 anos)

A casca do cumbaru é remédio, faz chá prá muita coisa... dele também faz pilão... meu filho faz pilão... usa prá socá pra fazê paçoca, fubá pra bolo, bolo de arroz. (Seu. A., 83 anos)

A árvore do cumbaru produz frutos contendo amêndoas comestíveis e com alto valor nutricional. A extração dos frutos possibilita o aproveitamento da castanha e a fabricação de subprodutos como farinha, pães, doces, geleias e licores, e na produção de óleos (Candil, 2004). Assim, a coleta, o manejo e a utilização dos frutos contribuem para a subsistência de populações tradicionais. O extrativismo dos frutos do cumbaru pode responder às demandas atuais de conservação, uma vez que, quem utiliza esses recursos, geralmente, evita a derrubada das árvores (Silva & Jesus, 2010).

A categoria utensílio apresentou redução no número de etnoespécies. Em 2000 foram citadas 36 etnoespécies e em 2020 foram 26, com 22 etnoespécies utilizadas nos dois períodos. Os utensílios confeccionados com a flora da morraria estão

presentes nas moradias dos mimoseanos, entretanto alguns podem ser adquiridos no comércio da comunidade ou substituídos por outros, motivo que provocou a redução do uso de algumas plantas.

Algumas etnoespécies utilizadas na confecção de utensílios em 2000 e 2020 são *Aspidosperma cylindrocarpon* para cabo de ferramentas, *Aspidosperma subincanum* Mart. (Guatambu) para cabo de ferramentas e canoa, *Handroanthus serratifolius* para colher de pau e cabo de ferramentas, *Handroanthus heptaphyllus* para canoa e cocho, e *Maclura tinctoria* (L.) D. Don ex Steud. (Taiuva) para pilão e canoa. Dentre as etnoespécies que foram citadas em 2000 e não foram em 2020 estão *Pseudobombax tomentosum* (Mart.) A. Robyns (Imbiruçu) para fazer travesseiro e corda, *Guazuma ulmifolia* Lam (Chico-magro) para corda, *Dolichandra quadrivalvis* para amarração de cerca e *Fridericia chica* para amarração de cerca, pá e peneira.

Na categoria lenha também ocorreu uma redução no uso de plantas, provavelmente motivado pela aquisição de outro tipo de fogão e disponibilidade de gás no comércio local. No ano 2000 foram citadas 27 etnoespécies e no ano 2020 foram 21, dessas 17 etnoespécies têm o uso atribuído nos dois períodos. Dentre as plantas citadas estão *Annona squamosa*, *Senegalia tenuifolia* (L.) Britton e Rose (Angiquinho), *Anadenanthera colubrina*, *Dipteryx alata*, *Rhamnidium elaeocarpum* Reissek (Cabriteiro) e *Casearia decandra* Jacq. (Pururuca). Espécies semelhantes foram encontradas por Moraes e Da Silva (2011) na comunidade ribeirinha Estirão Comprido.

Nessa categoria o conhecimento se refere às espécies que possuem as melhores características para o uso em fogões, tacurus, fornos e churrasqueiras, onde são preparados os alimentos no cotidiano da comunidade e nas festas tradicionais. Apesar da redução do número de etnoespécies, os moradores usam lenha diariamente, e afirmam que aproveitam, principalmente, os “paus” e galhos que já estão secos. Gandolfo e Hanazaki (2011) citam o uso de madeira seca, restos de poda e gravetos para combustível de fogão à lenha.

A categoria alimentar sofreu redução do uso, das 28 etnoespécies citadas em 2000 diminuiu para 17 em 2020, dessas oito etnoespécies apresentam o uso comum nos dois períodos. Os frutos são utilizados na alimentação humana e animal complementando a nutrição, além de servir de isca para pesca, entretanto a principal fonte nutricional dos mimoseanos provém do cultivo das roças, hortas e quintais. Os frutos da *Annona squamosa* e *Talisia esculenta* são utilizadas *in natura* e da *Attalea speciosa* Mart. Ex Spreng. (Babaçu) são usados na produção de doces, na extração do óleo e na alimentação animal em períodos de escassez, do caule é utilizado o palmito. Arruda et al. (2014) descrevem a importância do babaçu para comunidade quilombola, e citam como subprodutos a farinha, o leite de coco e o óleo.

A categoria cobertura permaneceu com uso de três etnoespécies em 2000 e 2020. Essas plantas são denominadas pelos mimoseanos de palhas e compreendem as etnoespécies *Attalea speciosa*, *Attalea phalerata* e *Attalea barreirensis*. Atualmente, a maioria das residências da comunidade é coberta de telhas, porém o uso dessas plantas é conservado e pode ser verificado na cobertura de algumas casas, varandas que servem de cozinhas e espaço para dança nas festas de santo e chapéus de palha (quiosques). Esse tipo de edificação utilizado nas festas é denominado pelos mimoseanos de empalizado, é construído com esteios de madeira e coberto com palha de babaçu (Da Silva & Silva, 1995).

Na categoria artesanato houve redução do uso, no ano 2000 foram citadas nove etnoespécies e em 2020 foram oito, dessas citações duas etnoespécies são comuns aos dois períodos, *Dolichandra quadrivalvis* e *Fridericia chica*. As palmeiras *Attalea barreirensis*, *Attalea phalerata*, *Attalea speciosa* e *Bactris setosa* também são utilizadas nessa categoria, porém não foram citadas concomitantemente nos dois períodos. O artesanato produzido na comunidade compreende balaios (cestos) e abanos (uma espécie de leque) utilizados, respectivamente, para carregar e guardar mantimentos e para amenizar o calor. Arruda et al. (2014) descrevem o uso do babaçu na fabricação de esteira, abano, muamba e sucuri em comunidades

quilombolas de Mato Grosso. Da Silva e Silva (1995) relatam a herança indígena nos trançados em cestaria para a confecção da jaca (grandes cestas), utilizado na conservação de peixes dentro do rio e no transporte de produtos agrícolas.

O diagrama de Escalonamento Multidimensional (MDS) mostra a frequência de citação das categorias e a similaridade de uso nos anos 2000 e 2020. As categorias dispostas na região central da figura apresentam maior número de citações e compreendem as categorias medicinal, construção e utensílio.

Houve uma similaridade geral, considerada baixa, entre as categorias dos dois estudos em 4%; no entanto teve variação na similaridade na dependência das diferentes categorias de uso das etnoespécies.

Em relação a categoria cobertura ocorreu 100% de similaridade das etnoespécies; utensílio obteve 57% e lenha apresenta similaridade de 54% e sua posição, entre a periferia e a região central da figura, está de acordo com o número de etnoespécies utilizadas. As categorias que apresentaram menor similaridade foram construção (48%), medicinal (36%), alimentar (24%) e artesanato (15%).

A redução no uso de algumas etnoespécies se deve a substituição de produtos encontrados no comércio local e o deslocamento dos moradores para o centro urbano, para as plantas alimentícias e medicinais; pela diminuição de alguns indivíduos na flora da morraria e pela proibição da sua exploração para etnoespécies madeireiras. Alguns estudos expõem os motivos da redução de usos: a) a falta da transmissão do conhecimento das pessoas mais idosas para as mais jovens (Teklehaymanot, 2009); b) a ausência de interesse dos mais jovens, afetados, principalmente, por influência de outras culturas, modernização dos serviços de saúde e por descrenças nos efeitos das plantas medicinais (Silva et al., 2018; Baptistel et al., 2014); c) maior contato das comunidades tradicionais à culturas externas (Amorozo, 2002; Amorozo & Gély, 1988); d) a maior facilidade de acesso à medicina moderna (Amorozo, 2002; Nolan, 1999); e) deslocamento das pessoas de seu ambiente natural para a área urbana (Valle, 2002).

O método de escalonamento multidimensional foi utilizado em estudos etnobiológicos por Arruda et al. (2020) para agrupar espécies usadas por pescadores; Arruda et al. (2014) para conhecimento do uso do babaçu por quilombolas; Ortega-Meza et al. (2019) para usos do *Litsea glaucescens* (Louro mexicano).

A análise de cluster indicou a existência de similaridade geral baixa na comparação sobre uso das plantas em 2000 e 2020. Pasa et al. (2019) utilizaram o método de agrupamentos por similaridades para determinar o consenso do uso de plantas medicinais em comunidades afrodescendentes do Brasil, Europa e África.

A presença de estabelecimentos comerciais e unidade de saúde na comunidade, além do contato dos mimoseanos com o meio urbano são fatores que interferem na dinâmica do uso das plantas. Os saberes tradicionais presentes na comunidade a respeito do uso das plantas estão em risco devido à diminuição do seu uso, pois o que era comumente utilizado pode deixar de ser nas gerações vindouras.

5. Conclusão

A análise dos dados resultou em diferenças quanto ao número de etnoespécies e famílias botânicas em cada período. No ano 2000 foram citadas 91 etnoespécies, distribuídas em 34 famílias e, no ano 2020 foram 83 etnoespécies, distribuídas em 38 famílias.

Com relação às categorias, a maior diversidade de etnoespécies está nos usos medicinal e construção, seguidas de utensílios, alimentar, lenha, artesanato e cobertura.

Somente as plantas utilizadas na cobertura compartilharam 100% o uso das etnoespécies. As demais categorias de usos apresentaram diferenças maiores ou menores. Na categoria utensílio 57% das etnoespécies foram compartilhadas e na

categoria lenha há o compartilhamento de 54%; na construção 48% das etnoespécies apresentam uso comum; medicinal 36% das etnoespécies; alimentar 24%; e artesanato 15%.

Embora, a análise de cluster tenha revelado uma similaridade geral baixa na comparação sobre o conhecimento e uso das plantas nos dois períodos do estudo, observa-se a ocorrência da transmissão de saberes tradicionais na comunidade, evidenciado nas rodas de conversa e no uso da flora. Contudo, a diminuição do uso de algumas etnoespécies pode afetar o etnoconhecimento das gerações vindouras e provocar uma erosão cultural, pois para que ocorra a transmissão do conhecimento é necessário práticas de usos no cotidiano.

Nessa perspectiva, sugere-se a realização de novos estudos que possam investigar a ocorrência da transmissão do etnoconhecimento e, dessa forma ampliar a valorização e a divulgação dos saberes presentes nas comunidades tradicionais.

Agradecimentos

Agradecemos aos moradores da comunidade tradicional Mimoso localizada no município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, pela generosidade, receptividade e por fornecer informações para a construção desse trabalho.

Referências

- Albernaz-Silveira, R., & Da Silva, C. J. (2020). Conexões etno ornitológicas na comunidade Cuiabá Mirim. Pantanal de Mato Grosso. In: Da Silva, C. J., & Guarim Neto, G. (Orgs.). *Comunidades tradicionais do pantanal*. Cuiabá: Entrelinhas; Cáceres: Editora Unemat. 1, 129-137.
- Albernaz-Silveira, R., & Da Silva, C. J. (2018). Palmeira tucum (*Astrocarium Huaimi* Mart.): espécie-chave cultural entre os povos da fronteira amazônica. In: Da Silva, C. J.; Sousa, K. N. S.; Silveira, M.; Pierangeli, M. A. P., & Sander, N. L. (Orgs.). *ABC do Guaporé: água, biodiversidade, biotecnologia e cultura*. Cuiabá: Entrelinhas; Cáceres: Editora Unemat. 1, 149-153.
- Albuquerque, E. M. *Avaliação da técnica de amostragem "Respondent-driven Sampling" na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas*. (2009). 99 f. Dissertação (Mestrado em Ciências em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP; Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz.
- Albuquerque, U. P., Cunha, L. V. F. C., Lucena, R. F. P., & Alves, R. R. N. (2014). *Methods and Techniques in Ethnobiology and Ethnoecology*. Springer, New York.
- Albuquerque, U. P., & Hanazaki, N. (2009). Five problems in current ethnobotanical research and some suggestions for strengthening them. *Human Ecology*. 37(5), 653-661. <https://springer.com/article/10.1007/s10745-009-9259-9>.
- Alvarenga, S. M. M., Brasil, A. E., Pinheiro, R., & Kux, H. J. H. (1984). Estudo geomorfológico aplicado à Bacia do Alto Paraguai e Pantanaís Mato-grossenses. *Boletim Técnico do Projeto Radambrasil*. 90-183. (Série Geomorfologia,1)
- Amorozo, M. C. M. (1996). A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: Distasi, L. C. (Org.). *Plantas medicinais: arte e ciência, um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo: EDUSP. 47-68.
- Amorozo, M. C. M. (2008). Os quintais – funções, importância e futuro. In: Guarim Neto, G.; Carniello, M. A. (Org.). *Quintais mato-grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes*. Cáceres: Editora Unemat.
- Amorozo, M. C. M. (2002). Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. *Acta Botânica Brasileira*. 16(2), 189-203. <https://doi.org/10.1590/S0102-33062002000200006>
- Amorozo, M. C. M., & Gély, A. L. (1988). Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. *Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi*, Série Botânica. 4(1), 47-131.
- Arakaki, D. G., Candido, C. J., & Silva, A. Fernandes; Guimarães, R. C. A. & Hiane, P. A. (2016). In vitro and in vivo antioxidant activity of the pulp of Jatobá-do-cerrado. *Ciência e Tecnologia de Alimentos*, Campinas. 36 (1), 166-170. <https://doi.org/10.1590/1678-457X.0084>
- Arruda, J. C. *Conhecimento ecológico de comunidades tradicionais rurais e de pescadores profissionais urbanos no entorno de Unidades de Conservação nos biomas Amazônia, Cerrado e Pantanal, Mato Grosso*. (2018). 160 f. Tese (Doutorado em Biodiversidade e Biotecnologia) - Universidade do Estado de Mato Grosso.
- Arruda, J. C., Da Silva, C. J., Sander, N. L., & Pulido, M. T. (2018). Conhecimento ecológico tradicional da ictiofauna pelos quilombolas no Alto Guaporé, Mato Grosso, Amazônia meridional, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi*. Cienc. Hum. 13, 315-329. <https://doi.org/10.1590/1981.81222018000200004>
- Arruda, J. C., Da Silva, C. J., Sander, N. S., & Barros, F. B. (2014). Traditional ecological knowledge of palms by quilombolas communities on the Brazil-Bolivia border, Meridional Amazon. *Novos Cadernos NAEA*, Belém. 17 (2), 123-140. <https://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2018.001.0004>

- Arruda, J. C., Da Silva, C. J., Silva, M. T. P., & Sander, N. L. (2020). Conhecimento ecológico de pescadores no entorno da estação Ecológica de Taiamã, rio Paraguai (Pantanal de Mato Grosso). In: Da Silva, C. J., & Guarim Neto, G. (Orgs.). *Comunidades tradicionais do pantanal*. Cuiabá: Entrelinhas; Cáceres: Editora Unemat. 1, 121-128.
- Baptistel, A. C., Coutinho, J. M. C. P., Lins Neto, E. M. F., & Monteiro, J. M. (2014). Plantas medicinais utilizadas na Comunidade Santo Antônio, Currais, Sul do Piauí: um enfoque etnobotânico. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*. 16, 406-25. https://doi.org/10.1590/1983-084X/12_137
- Bayley, K. D. (1982). *Methods of social research*. New York: Free Press, 553 p.
- Begossi, A. (2004). Ecologia humana. In: Begossi, A. (Org.). *Ecologia de pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia*. São Paulo: Hucitec/Nepan-Unicamp/Nupaub-USP. 13-36.
- Bem, J. S., Giacomini, N. M. R., & Waismann, M. (2015). Utilização da técnica da análise de clusters ao emprego da indústria criativa entre 2000 e 2010: estudo da Região do Consinos, RS. *Interações*, Campo Grande. 16 (1), 27-41. <https://doi.org/10.20435/interacoes.v16i1.48>
- Bernard, H. R. (2006). *Research Methods in Anthropology*. Qualitative and Quantitative Approaches. Altamira Press, Lanham.
- Bieski, I. G. C., & Guarim Neto, G. (2020). Uma quilombola e suas plantas: Pantanal de Poconé, MT, Quilombo de Mata Cavalão. In: Da Silva, C. J., & Guarim Neto, G. (Orgs.). *Comunidades tradicionais do pantanal*. Cuiabá: Entrelinhas; Cáceres: Editora Unemat. 1, 83-97.
- Bortolotto, I. M., Ziolkowski, N. E., Gomes, R. J. B., Almeida, F. S. D., Campos, R. P., & Aoki, C. (2021). Mulheres em rede: conectando saberes sobre plantas alimentícias do cerrado e pantanal. *Ethnoscintia*, 6 (2), 198-232. <http://10.18542/ethnoscintia.v6i2.10374>
- Brasil. Decreto N. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm
- Caballero, J. (1979). La Etnobotânica. In: Barrera, A. (Ed.). *La Etnobotânica: três pontos de vista y uma perspectiva*. INIREB, Xalapa. 27-30.
- Calheiros, D. F., Castrillon S. K. I., & Bampi, A. C. (2018). Hidrelétricas nos rios formadores do pantanal: ameaças à conservação e às relações socioambientais e econômicas pantaneiras tradicionais. *Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais*. 9 (1), 119-139. <http://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2018.001.0009>
- Candil, R. F. M. (2004). *A capacitação construtiva local e o estímulo ao uso do cumbaru (Dipterix alata vog.) no incremento de renda em assentamento rural: o caso do Assentamento Andalucia, Nioaque/MS*. 161 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande-MS.
- Cavalcante, J. W., Cavalcante, V. M. G., & Bieski, I. G. C. (2017). Conhecimento tradicional e etnofarmacológico da planta medicinal copaíba (*Copaifera langsdorffii* Desf.). *Biodiversidade*. 16 (2), 123-132. <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/biodiversidade/article/view/5607>
- Cunha, L. H. O. (1992). *Reserva extrativista para regiões de mangue: uma proposta preliminar para o estuário de Mamanguape, Paraíba*. São Paulo, Programa de Pesquisa e Conservação de Áreas Úmidas no Brasil. Pró-Reitoria/USP, 84 p.
- Da Silva, C. J., & Silva, J. A. F. (1995). *No ritmo das águas do Pantanal*. NUPAUB, São Paulo.
- Da Silva, C. J. (2020). Povos e comunidades tradicionais e locais no pantanal. In: Da Silva, C. J., & Guarim Neto, G. (Orgs.). *Comunidades tradicionais do pantanal*. Cuiabá: Entrelinhas; Cáceres: Editora Unemat. 21-37.
- Da Silva, C. J., Nunes, J. R. S., Santos-Filho, M., Sander, N. L., Cruz, E. L., Zago, B. W., & Oliveira, R. F. (2018). Área úmida Guaporé: unidade de paisagem macrohabitat buritizal. In: Da Silva, C. J.; Sousa, K. N. S.; Silveira, M.; Pierangeli, M. A. P. & Sander, N. L. (Orgs.). *ABC do Guaporé: água, biodiversidade, biotecnologia e cultura*. Cuiabá – MT: Entrelinhas; Cáceres – MT: Editora Unemat. 97-104.
- Debortoli, N. S., Camarinha, P. I. M., Marengo, J. A., & Rodrigues, R. R. (2017). An index of Brazil's vulnerability to expected increases in natural flash flooding and landslide disasters in the context of climate change. *Natural Hazards*. 86, 557–582. <http://dx.doi.org/10.1007/s11069-016-2705-2>
- Diegues, A. C. (1999). *Biodiversidade e Comunidades Tradicionais no Brasil*. NUPAUB-USP – PROBIO-MMA-CNPQ, São Paulo.
- Fernandes, D., & Fernandes, J. G. (2015). A 'experiência próxima': saber e conhecimento em povos tradicionais. *Espaço Ameríndio*. 9 (1), 127-150. <https://doi.org/10.22456/1982-6524.53593>
- Flora do Brasil. (2020). *Jardim Botânico do Rio de Janeiro*. <http://floradobrasil.jbrj.gov.br>
- Galdino, Y. S. N., & Da Silva, C. J. (2009). *Casa e Paisagem pantaneira: conhecimento e práticas tradicionais*. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato.
- Gandolfo, E. S., & Hanazaki, N. (2011). Etnobotânica e urbanização: conhecimento e utilização de plantas de restinga pela comunidade nativa do distrito do Campeche (Florianópolis, SC). *Acta Bot. Bras.* 25 (1), 168-177. <https://doi.org/10.1590/s0102-33062011000100020>
- Garcia, L. C., Szabo, J. K., de Oliveira Roque, F., de Matos Martins Pereira, A., Nunes da Cunha, C., Damasceno-Júnior, G. A., Morato, R. G., Tomas, W. M., Libonati, R., & Ribeiro, D. B. (2021). Record-breaking wildfires in the world's largest continuous tropical wetland: Integrative fire management is urgently needed for both biodiversity and humans. *Journal of environmental management*. 293. <https://doi.org/10.1016/j.jenvman.2021.112870>
- Giraldi, M., & Hanazaki, N. (2010). Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. *Acta Bot. Bras.* 24(2), 395-406. <https://doi.org/10.1590/S0102-33062010000200010>

- Gonçalves, M. M. M., Cajaiba, R. L., Santos, W. B., Sousa, E. S., Martins, J. S. C., Pereira, K. S., & Sousa, V. A. (2018). Estudo etnobotânico do conhecimento e uso de plantas medicinais em Santa Luzia, Maranhão, Brasil. *Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais*. 9 (5), 12-21. <http://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2018.005.0002>
- Hammer, Ø., Harper, D. A. T., & Ryan, P. D. (2001). Paleontological statistics software: Package for education and data analysis. *Palaeontologia Electronica*. 4.
- Hanazaki, N., Zank, S., Fonseca-Kruel, V. S., & Schmidt, I. B. (2018). Indigenous and traditional knowledge, sustainable harvest, and the long road ahead to reach the 2020 Global Strategy for Plant Conservation objectives. *Rodriguésia*, Rio de Janeiro. 69 (4), 1587-1601. <https://doi.org/10.1590/2175-7860201869409>
- ICV. Instituto Centro de Vida. (2020). *Balanço dos incêndios em Mato Grosso em 2020*. Nota técnica. Instituto Centro de Vida: ICV. 1-9. <https://www.icv.org.br/tag/queimadas-no-pantanal>.
- Ikeda Castrillon, S., Puhl, J. I., Fernandes, J. R. C., Morais, F. F., & Leão, D. S. (2015). Envolvimento da comunidade em recuperação de nascentes no Assentamento Laranjeiras, Cáceres, Pantanal Mato-grossense. *Cadernos de Agroecologia*. 10 (3). <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/cad/article/view/19324>
- Jiménez-González, F., Veloza, L. A., & Seúlver-Arias, J. C. (2013). Anti-infectious activity in plants of the genus *Tabebuia*. *Universitas Scientiarum*. 18 (3), 257-267. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.SC18-3.aapg>
- Junk, W. J. (2017). Ecoturismo: uma opção de manejo sustentável para o Pantanal? In: Irigaray, C. T. J. H.; Braun, A., & Irigaray, M. (Orgs.). *Pantanal Legal: A tutela jurídica das áreas úmidas e do Pantanal Mato-grossense*. Cuiabá-MT: EdUFMT. Carlini & Caniato Editorial.
- Köppen, W. (1931). *Grundriss der Klimakunde: Outline of climate science*. Berlin: Walter de Gruyter.
- Lorenzi, H. (2002). *Árvores Brasileiras: manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil*. Nova Odessa: Instituto Plantarum. 368p.
- Mamede, J. S. S., & Pasa, M. C. (2019). Diversidade e uso de plantas do Cerrado na comunidade São Miguel, Várzea Grande, MT, Brasil. *Interações*, Campo Grande, 20(4), 1087-1098. <https://doi.org/10.20435/inter.v20i4.2064>
- Marengo, J. A., Cunha, A. P., Cuartas, L. A., Deusdará Leal, K. R., Broedel, E., Seluchi, M. E., Michelin, C. M., De Praga Baião, C. F., Chuchón Ângulo, E., Almeida, E. K., Kazmierczak, M. L., Mateus, N. P. A., Silva, R. C., & Bender, F. (2022). Extreme Drought in the Brazilian Pantanal in 2019–2020: Characterization, Causes, and Impacts. *Frontiers in Water*. 3. <http://doi.org/10.3389/frwa.2021.639204>
- Megersa, M., Asfaw, Z., Kelbessa, E., Beyene, A., & Woldeab, B. (2013). An ethnobotanical study of medicinal plants in Wayu Tuka District, East Welega Zone of Oromia Regional State, West Ethiopia. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*. 9 (1), 1-18. <https://doi.org/10.1186/1746-4269-9-68>
- Minayo, M. C. S., & Costa, A. P. (2018). Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*. 40, 139-153. <https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle40.01>
- Morais, F. F., & Da Silva, C. J. (2011). Etnoecologia de plantas nativas na comunidade de Estirão Comprido, Pantanal Mato-grossense – Brasil. *Revista de Ciências Agroambientais*, Alta Floresta. 9 (1), 13- 30. <http://www.unemat.br/revistas/rcaa/>
- Morais, F. F., & Da Silva, C. J. (2010). Conhecimento ecológico tradicional sobre fruteiras para pesca na Comunidade de Estirão Comprido, Barão de Melgaço - Pantanal Mato-grossense. *Biota Neotrop*. 10 (3), 197-203. <https://doi.org/10.1590/S1676-06032010000300023>
- Morais, F. F., Morais, R. F., & Da Silva, C. J. (2009). Conhecimento ecológico tradicional sobre plantas cultivadas pelos pescadores da comunidade Estirão Comprido, Pantanal Mato-grossense, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. 4 (2), 277-294. <https://doi.org/10.1590/S1981-81222009000200005>
- Nolan, J. M., & Robbins, M. C. (1999). Cultural conservation of medicinal plant use in the Ozarks. *Human Organization*. 58(1), 67-72. <https://doi.org/10.17730/humo.58.1.k1854516076003p6>
- Oliveira-Melo, P. M. C., Fonseca-Kruel, V. S., Lucas, F. C. A., & Coelho-Ferreira, M. (2019). Coleções etnobotânicas no Brasil frente à estratégia global para a conservação de plantas. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém. 14 (2), 665-676. <https://doi.org/10.1590/1981.81222019000200020>
- Orsi, P. R., Seito, L. N., & Di Stasi, L. C. (2014). *Hymenaea stigonocarpa* Mart. ex Hayne: a tropical medicinal plant with intestinal anti-inflammatory activity in TNBS model of intestinal inflammation in rats. *Journal of Ethnopharmacology*, 151(1), 380-385. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jep.2013.10.056> PMID:24211392.
- Ortega-Meza, D., Pulido-Silva, M. T., Arruda, J. C., & Da Silva, C. J. (2019). Ethnobotanical Study of the Mexican Laurel in El Chico National Park, Mexico: A Quantitative Perspective. *Ethnobiology Letters*. 10(1), 1–13. <https://doi.org/10.14237/ebl.10.1.2019.1427>
- Pasa, M. C. (2010). *Copaifera langsdorffii* Desf: Aspectos ecológicos e silviculturais na comunidade Santa Teresa. Cuiabá, MT, Brasil. *Biodiversidade*. 1 (2). <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/biodiversidade/article/view/702>
- Pasa, M. C. (2007). *Um olhar etnobotânico sobre as comunidades do Bambá*. Cuiabá: Entrelinhas: EdUFMT, 143 p.
- Pasa, M. C., Hanazaki, N., Silva, O. M. D., Agostinho, A. B., Zank, A., & Esteves, M. I. P. N. (2019). Medicinal plants in cultures of afro-descendant communities in Brazil, Europe and Africa. *Acta Botanica Brasilica*. 33(2), 340-349. <https://doi.org/10.1590/0102-33062019abb0163>
- Pereira, B. E., & Diegues, A. C. (2010). Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. *Desenvolvimento e Meio ambiente*. 37-50. <https://doi.org/10.5380/dma.v22i0.16054>

- Pereira F. C., Guilherme, F. A. G., & Marimon, B. S. (2021). Edge Effects on Successional Dynamics of Forest Fragments in the Brazilian Cerrado. *Floresta e Ambiente*, 28(2), 1-8. <https://doi.org/10.1590/2179-8087>
- Ritter, M. R., Silva, T. C. D., Araújo, E. D. L., & Albuquerque, U. P. (2015). Bibliometric analysis of ethnobotanical research in Brazil (1988-2013). *Acta Botanica Brasilica*. 29 (1), 113-119. <https://doi: 10.1590/0102-33062014abb3524>
- Romney, A. K., Weller, S. C., & Batchelder, W. H. (1986). Culture as consensus: A theory of culture and informant accuracy. *American anthropologist*. 88 (2), p. 313-338. <https://www.jstor.org/stable/677564>
- Rossetto, O. C. (2015). Produção do Espaço Agrário no Estado de Mato Grosso e o Processo de Concentração de Terras no Pantanal Norte Mato-grossense. In: Rossetto, O. C & Tocantins, N. (Orgs.). *Ambiente Agrário do Pantanal Brasileiro: Socioeconomia e Conservação da Biodiversidade*. Porto Alegre: Imprensa Livre, Compasso Lugar Cultura. 25-76.
- Rossetto, O. C., & Girardi, E. P. (2012). Dinâmica agrária e sustentabilidade socioambiental no Pantanal brasileiro. São Paulo: *Revista NERA* (Unesp). 1, 135-161. <https://doi:10.47946/nera.v0i21.2115>
- Sander, N. L., Arruda, J. C., Aires, S., & Da Silva, C. J. (2018). Etnoecologia de um buritizal na fronteira biológica Amazônia-Cerrado. In: Da Silva, C. J., Sousa, K. N. S., Silveira, M., Pierangeli, M. A. P., & Sander, N. L. (Orgs.). *ABC do Guaporé: água, biodiversidade, biotecnologia e cultura*. Cuiabá – MT: Entrelinhas; Cáceres – MT: Editora Unemat. 119-123.
- Schwenk, L. M., & Da Silva, C. J. (2000). *A Etnobotânica da Morrharia Mimosa no Pantanal de Mato Grosso*. III Simpósio sobre Recursos Naturais e Socioeconômicos do Pantanal – Os Desafios do Novo Milênio. Corumbá-MS.
- Silgueiro, V. F., Souza, C. O. C. F., Muller, E. O., & Da Silva, C. J. (2021). Dimensions of the 2020 wildfire catastrophe in the Pantanal wetland: the case of the municipality of Poconé, Mato Grosso, Brazil. *Research, Society and Development*. 1-10. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i15.22619>
- Silva, J. R., & Jesus, P. (2010). *Juventude rural e agricultura familiar: os determinantes dos processos migratórios e desafios para a preservação da agricultura familiar*. In: VIII Congresso latino-americano de sociologia rural, 2010, Porto de Galinhas. Anais... Porto de Galinhas, v. II.
- Silva, W., Cajaiba, R., & Parry, M. (2018). Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do município de Uruará, estado do Pará, Brasil. *Revista Cubana de Plantas Medicinales*. <http://www.revplantasmedicinales.sld.cu/index.php/pla/article/view/696>
- Souza, V. C., Flores, T. B., Colletta, G. D., & Coelho, L. R. G. (2018). *Guia das Plantas do Cerrado*. Piracicaba, SP: Taxon Brasil Editora e Livraria.
- Srithi, K., Balslev, H., Wangpakapattanawong, P., Srisangac, P., & Trisonth, C. (2009). Medicinal plant knowledge and its erosion among the Mien (Yao) in northern Thailand. *Journal of Ethnopharmacology*. 123, 335–342. <https://doi: 10.1016/j.jep.2009.02.035>
- Teklehaymanot, T. (2009). Ethnobotanical study of knowledge and medicinal plants use by the people in Dek Island in Ethiopia. *Journal of Ethnopharmacology*. 124 (1), 69-78. <https://doi: 10.1016/j.jep.2009.04.005>
- Valle, T. L. (2002). Coleta de germoplasma de plantas cultivadas. In: Amorozo, M. C. M.; Ming, L. C. & Silva, S. P. (Orgs.). *Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas*. 129-154. In: Anais do I Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste. Rio Claro, Coordenadoria de Área de Ciências Biológicas, Gabinete do Reitor, UNESP/CNPq.
- Viertler, R. B. (2002). Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em Etnobiologia e Etnoecologia. In: Amorozo, M. C.; Ming, L. C. & Silva, S. P. (Orgs.). *Seminário de etnologia e etnoecologia do Sudeste*, 2001. Rio Claro: UNESP/CNPQ. 11-29.
- Vinuto, J. (2014). Amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas. 22 (44), 203-220. <https://doi:10.20396/tematicas.v22i44.10977>
- Zepeda Gomez, C., Burrola Aguilar, C., White Olascoaga, L., & Rodriguez Soto, C. (2017). Especies leñosas útiles de la selva baja caducifolia en la Sierra de Nanchititla, México. *Madera y bosques*. 23 (3), 101-119. <https://doi.org/10.21829/myb.2017.2331426>